1952

AGOSTO - N.423

EU SEI TUDO

5 CRUZEIROS



NESTE NÚMERO: — Polícia Sideral para garantir a paz. + O submarino atômico terá a velocidade do torpedo. + O Egito pode temer um segundo Canal de Suez. + Seja polido sem ser ridículo.

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

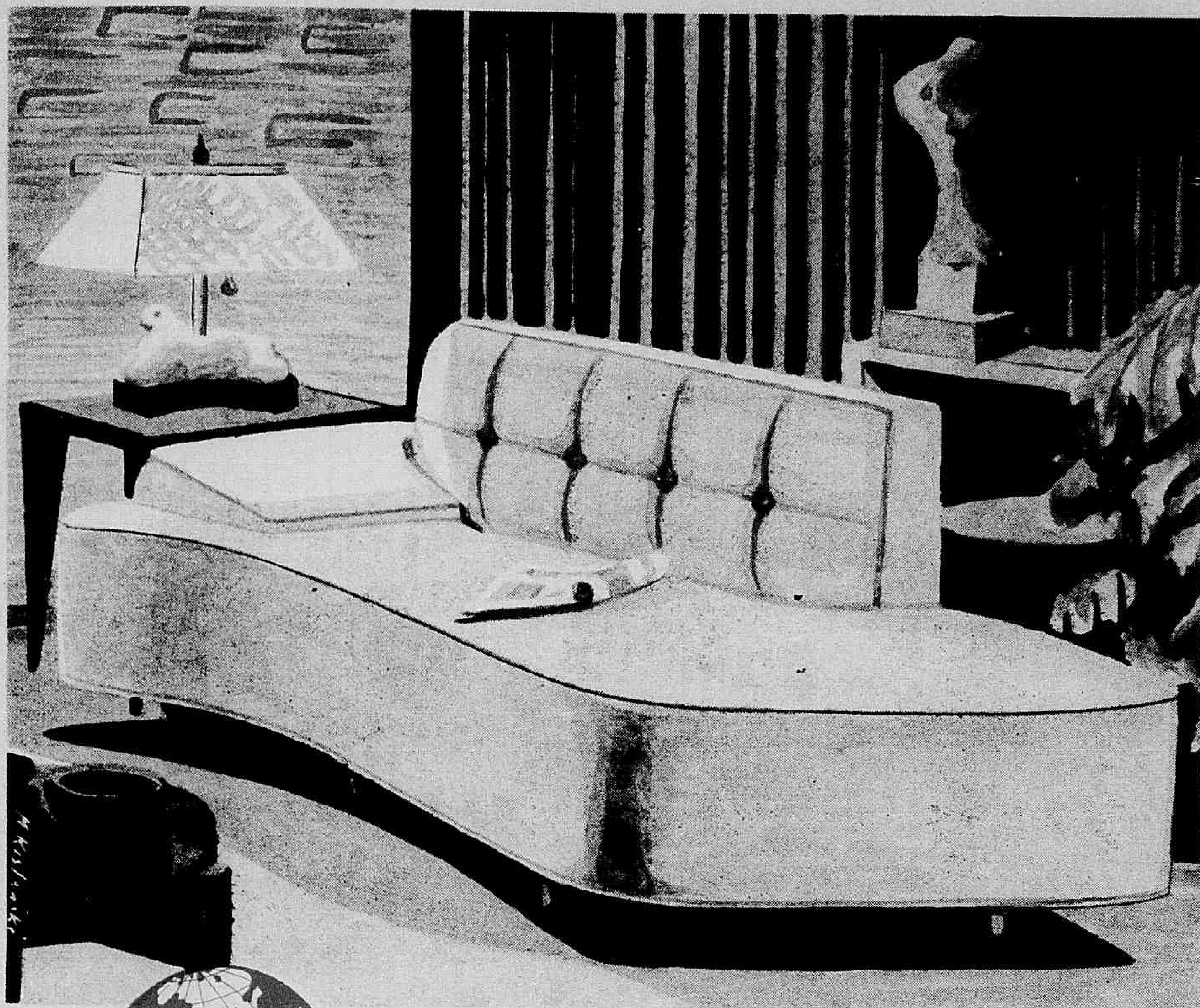
Sociedade Anônima

DEPÓSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES

RUA DA ALFÂNDEGA N. 50

RIO DE JANEIRO

MÓVEIS E DECORAÇÕES





Orçamentos executados por técnicos-decoradores

TAPETES FEITOS À MÃO

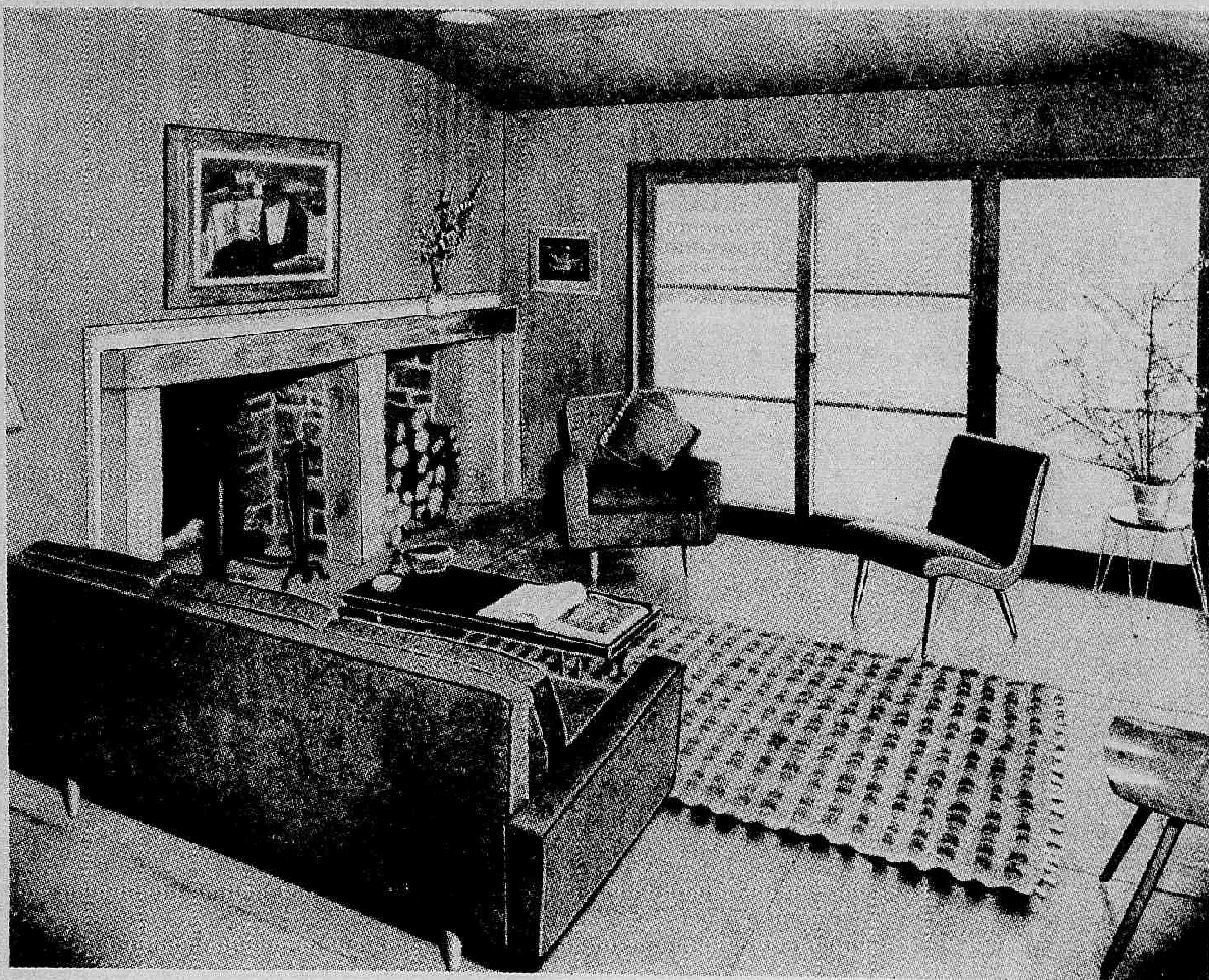
TAPETES E PASSADEIRAS
de farração, em côres lisas e com flores

GRUPOS ESTOFADOS
especialidade de nossas oficinas

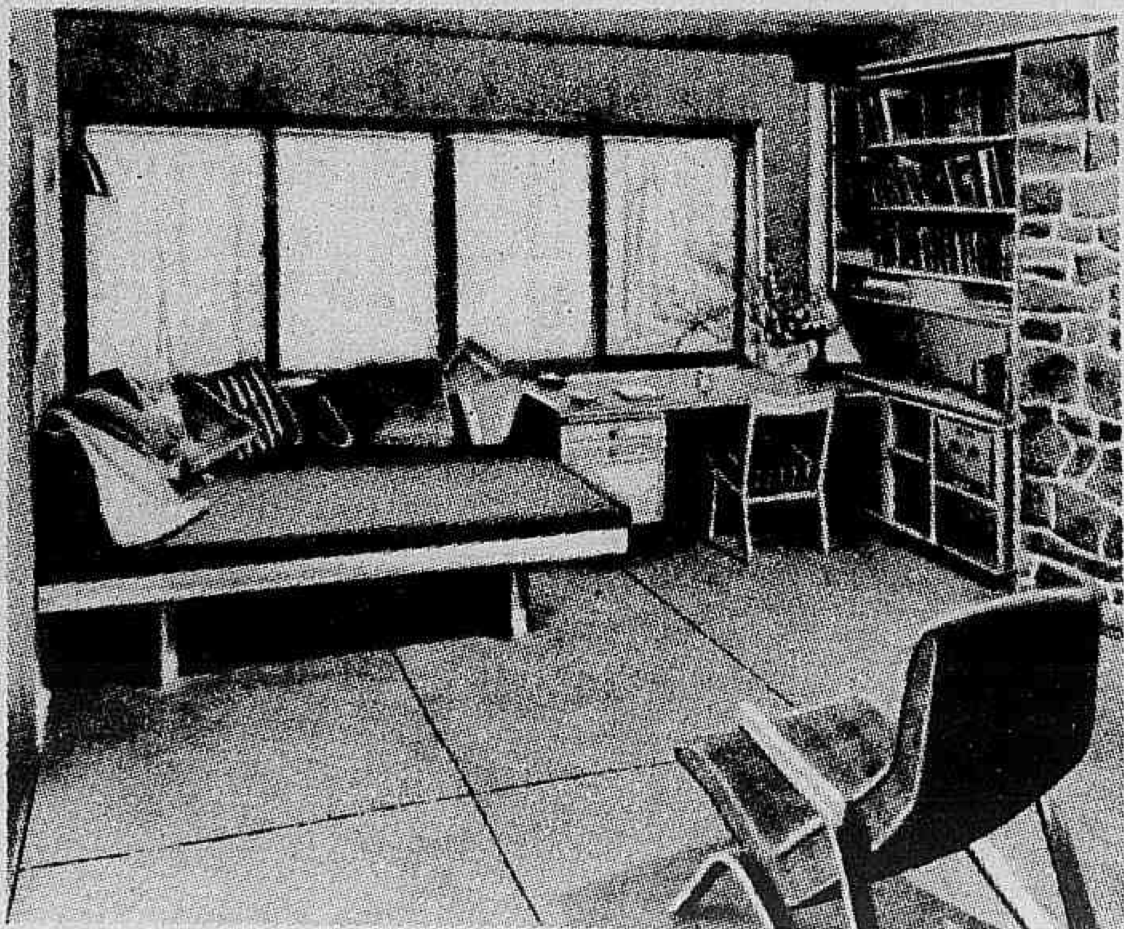


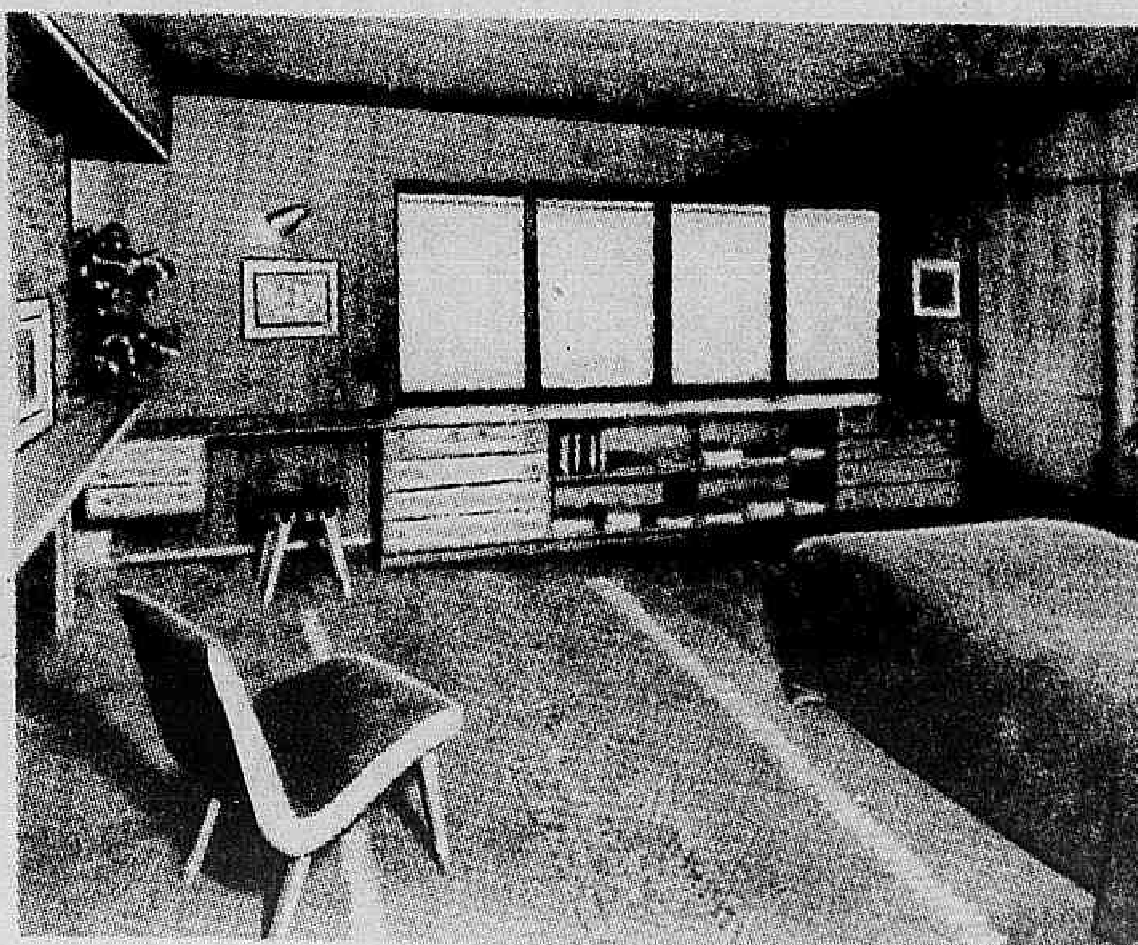
65, Rua da Carioca, 67 — Rio

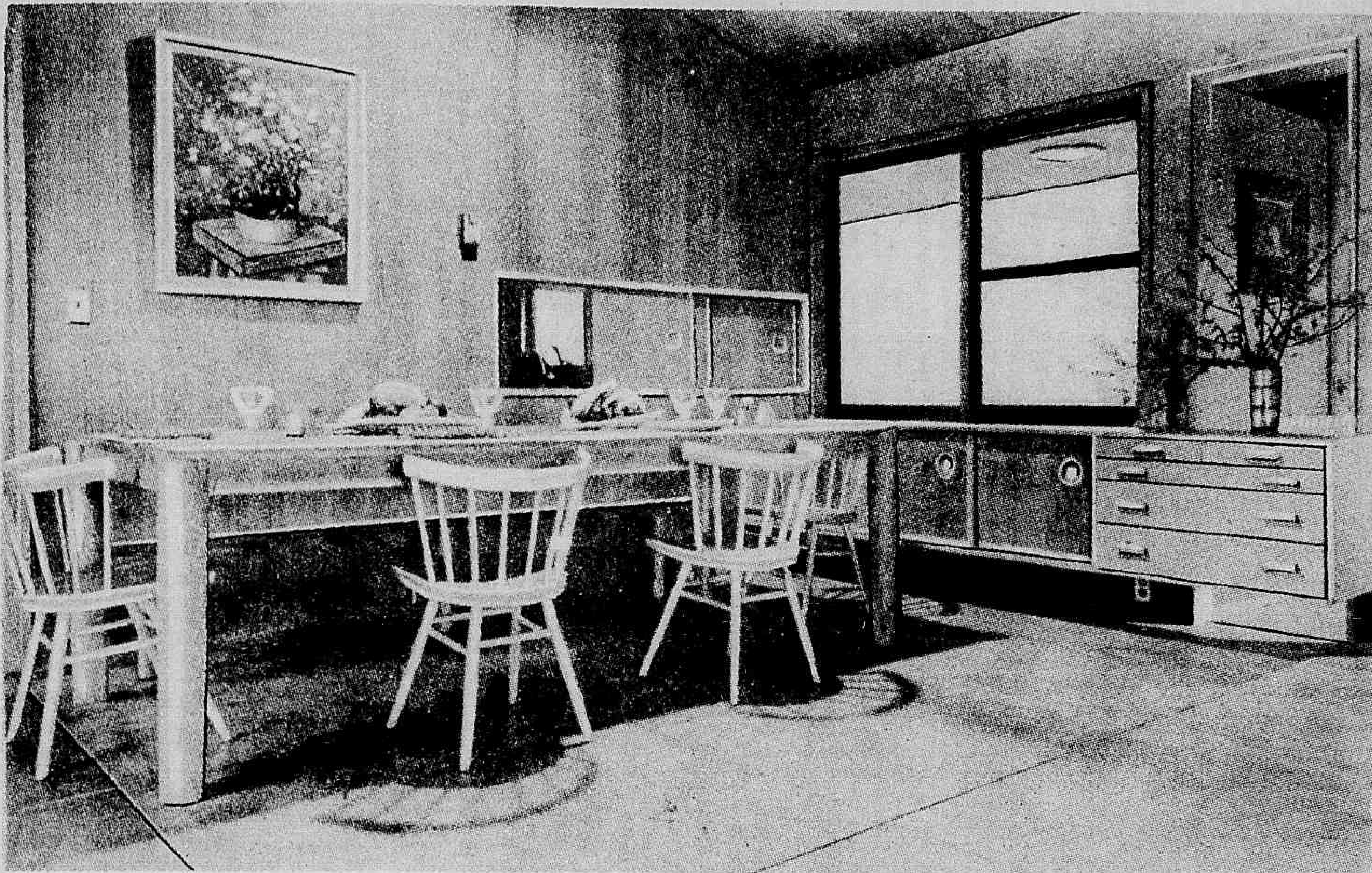
A casa ideal para a mulher que trabalha



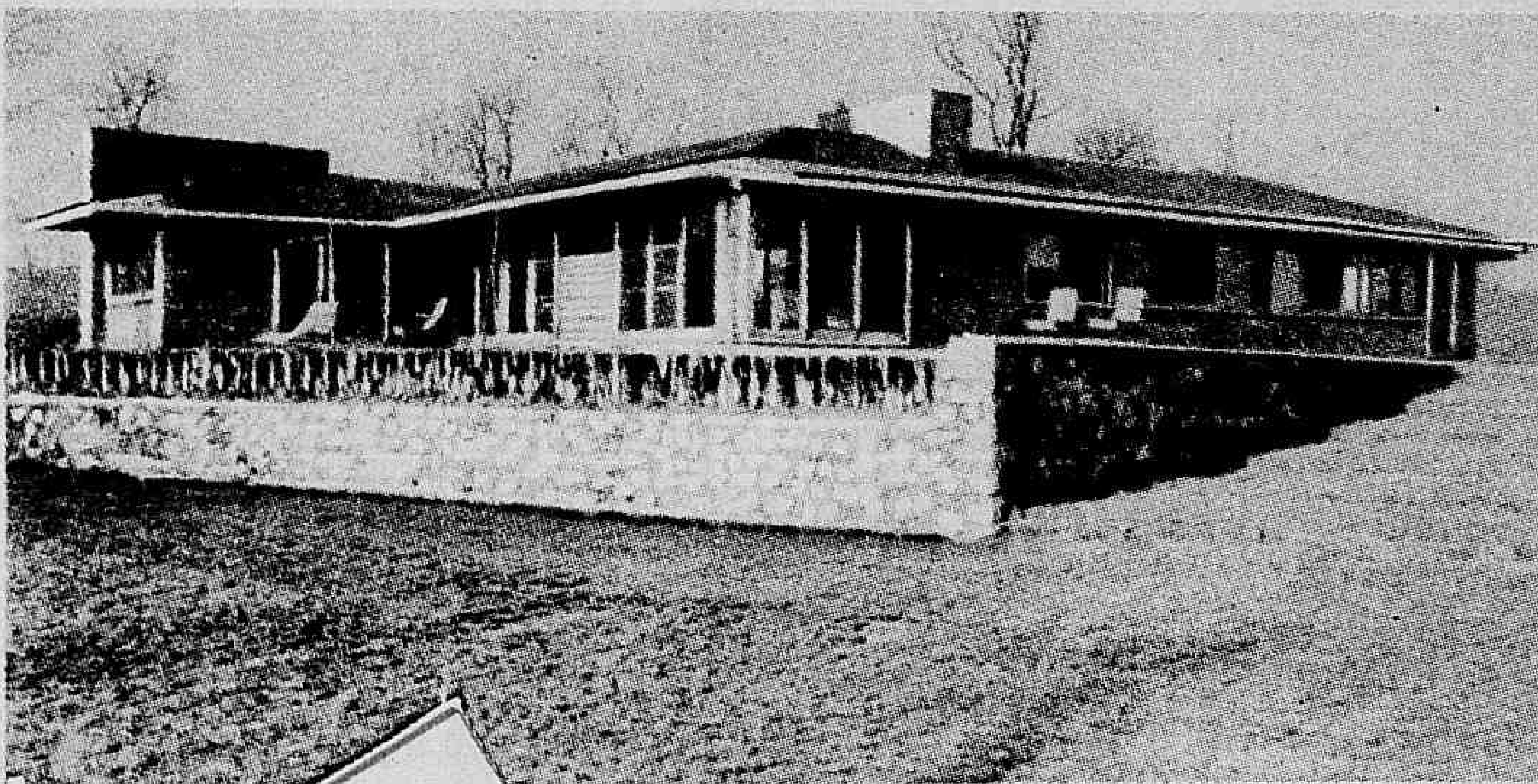
*Living room com cadeiras e sofá cobertos por tecido durável (twees escuro) para fácil manutenção. Ta-
pête de fibras, feito a mão, muito leve e fácil de transportar para limpeza. Chão de concreto, que se mantém
limpo e brilhante. Um bom jôgo de quadros completa o bom conjunto. — (Em baixo, à esquerda): Pequeno
estúdio, com estantes e prateleiras corridas e pequeno leito para hóspedes. Tapête de fibra de côres bri-
lhantes. (À direita): A pedra natural deve ser preferida para as muralhas, chaminé de inverno e fachada
principal. Aí está um bom exemplo da casa ideal para a mulher que trabalha. A planta, com três quartos,
fica num terreno elevado e tem luz e panorama à vontade.*





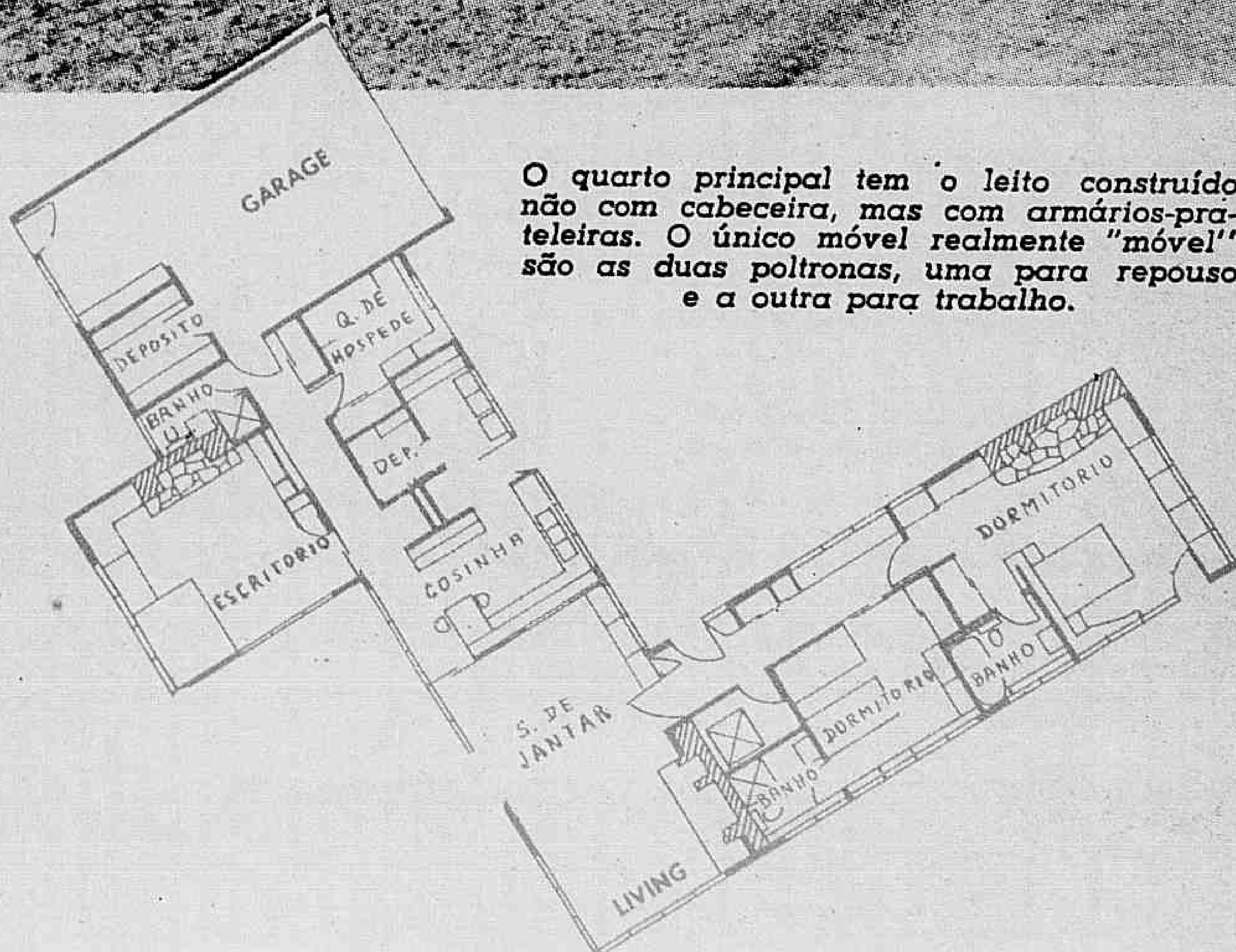


Sala de jantar incorporada à parte livre do living tem ligação à cozinha por meio de um guichet largo, com portas de correr, o que permite a falta das criadas. A mesa é fixada à parede, assim como o único móvel, que é armário, toalheiro e faqueiro ao mesmo tempo.



★

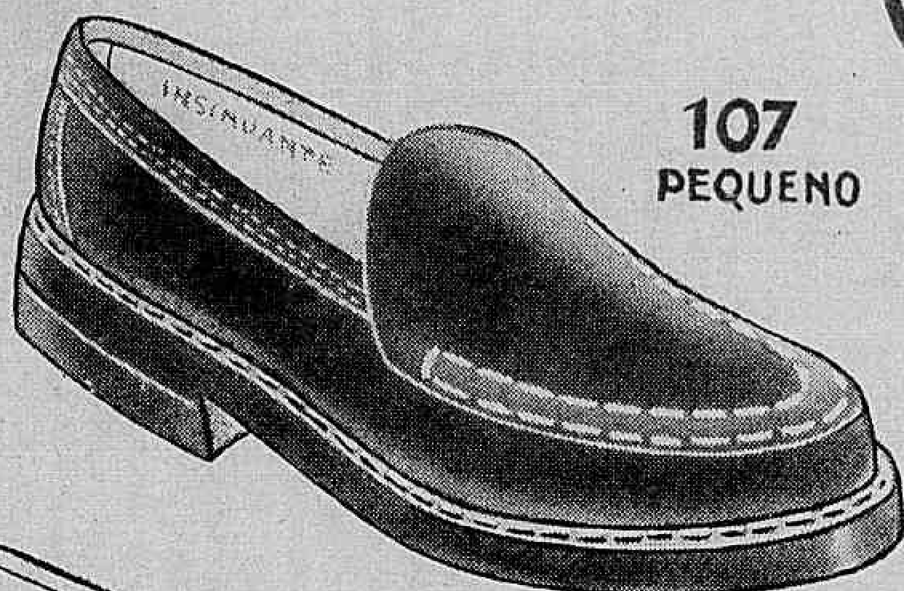
Com cêrca de 3 e meio milhões de mulheres dividindo hoje, no Brasil, os deveres domésticos com as obrigações dos empregos fora de casa, o lar, o seu confôrto e boa aparência se tornam dia a dia mais difíceis. Por isso o arquiteto Antonin Raymond, de Nova York, desenhou a casa ideal para a mulher que trabalha e na qual a poeira é removida com mais facilidade e também mais rápida e menos cansativa é a arrumação. Móveis lisos, sem torneados, salas bem iluminadas por janelas amplas, porém defendidas contra a invasão da poeira; pisos de concreto, exigindo burnimentos mais espaçados e dos quais a poeira e a terra são removidas com facilidade. Os tapêtes, de fibra, lavam-se mais econômicamente, os papéis para as paredes também duram mais e sofrem menos arranhões. Imaginem uma casa assim, no terreno de que disponham e adotem a idéia quanto antes.



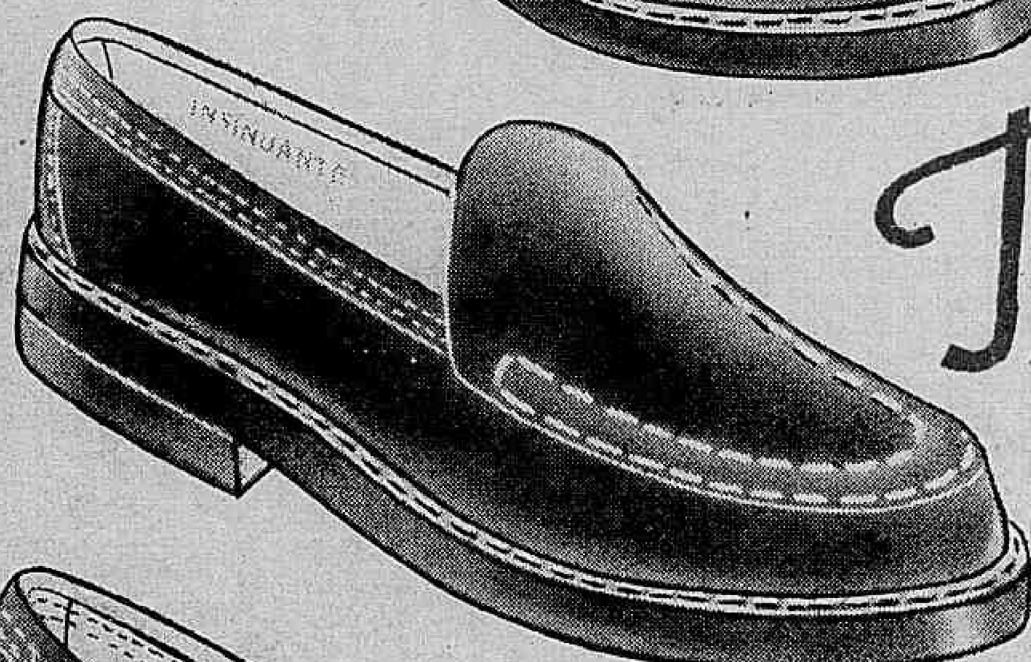
O quarto principal tem o leito construído não com cabeceira, mas com armários-prateleiras. O único móvel realmente "móvel" são as duas poltronas, uma para repouso e a outra para trabalho.

BEM SERVIR

CARACTERISTICO INCONFUNDIVEL DA SAPATARIA MAIS QUERIDA DA CIDADE!

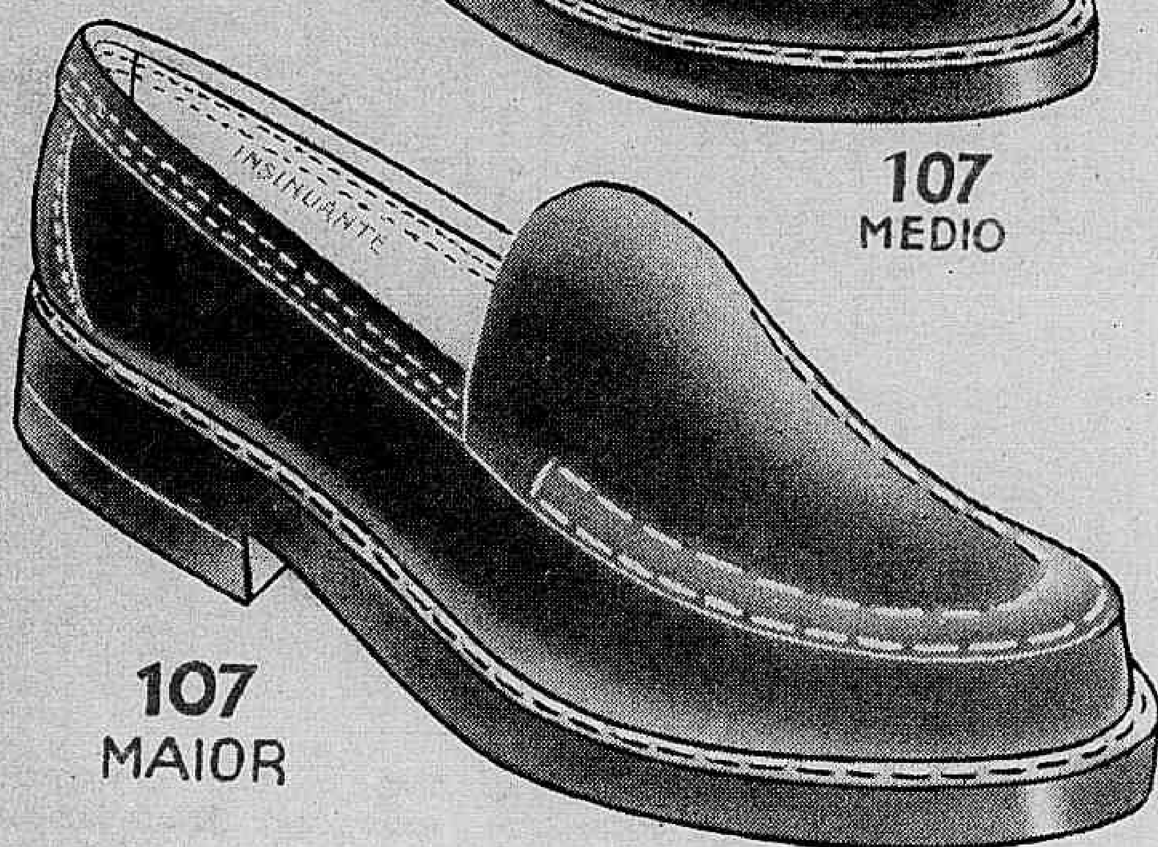


107
PEQUENO



Trampolim do Diabo!

UM SAPATO PARA SI
PARA O SEU FILHO
E PARA O SEU NETO



107
MEDIO

107
MAIOR

PREÇO:

Pequeno	28	a	33	CrS	150.00
Médio	34	a	37	CrS	195.00
Maior	38	a	44	CrS	200.00

Remetemos para todo o Brasil. Porte por par 5 cruzeiros

Não fazemos reembôlso postal

insinuante

Devolve a importancia com o mesmo sorriso com que lhe vende!

UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO COM AGUA GELADINHA SEMPRE AS SUAS ORDENS.

CARIOCA, 46-48 - 7 de SETEMBRO, 199-201

AT. SEMOG.



Diretor: GRATULIANO BRITO

.Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA.

Redator-chefe: M. R. de Castro

Redação: Rua Visc. de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Tel.: "Revista". Tels.: Redação — 22-4447; Admi
nistração e Publicidade — 22-2550. Chefe de Publicidade: Severino Lopes Guimarães. Distribuição e Publici-
dade em São Paulo: Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69, telefone: 34-1569. Representantes: — nos
Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West, 44th. Street, New York City, N. Y. Em Portugal:
Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Pos-
tal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-
Prensa, Florida, 29, tel. 33, Avenida 9109, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 5,00. Número
atrasado — Cr$ 6,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 60,00; para o estrangeiro: Cr$ 100,00.

MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, HISTÓRICO E LITERÁRIO (FUNDADO EM 1917)

DINHEIRO CONGELADO

ELLERY QUEEN

Tradução de
SYLVIA JAMBEIRO

Apenas um homem conhecia o esconderijo e êste homem estava morto. Restava a Ellery descobrir o dinheiro e o assassino

O "Hotel Chancellor", em Nova York, jamais poderá esquecer as duas visitas de Philly Mullane.

Da primeira vez, Mullane, registrado sob o nome de Winston F. Parker, foi marcado pelo detective da casa e, sob a direção pessoal do Inspetor Richard Queen, foi arrancado do quarto 913, debatendo-se, algemado, para ser julgado e cumprir uma pena de dez anos pelo roubo de vultosa quantia em Manhattan. Da segunda vez, dez anos mais tarde, êle saiu carregado, *pois estava morto!*

O caso começou realmente numa estradinha escura a oeste da estrada 7, ao pé das montanhas de Berkshire, quando Mullane golpeou na têmpora esquerda o companheiro Milkie-o-Olheiro, atirando-o fora do carro em que fugiam e dêste modo aumentando a sua parte de um têrço para metade. Porém Mullane era capaz de melhores operações matemáticas do que esta...

Cinco milhas adiante êle concedeu igual tratamento a Patience Pittsburgh o que o fêz proprietário único da quantia de 62 mil dólares. Milkie e Patience foram mais tarde socorridos por um carro da



Todos viram a abertura cuidadosamente feita sob o tapête.

polícia de Connecticut. O "Olheiro" estava sem fala e roxo de raiva, o que já não se pode dizer de Patience que fêz uso de seu vasto vocabulário.

Três semanas mais tarde Philly Mullane foi retirado do "Hotel Chancellor" onde estivera escondido. O dinheiro não estava com êle! Naquelas três semanas a quantia havia desaparecido. Êle não o gastara pois o registro revelava que êle se refugiara no hotel, em Nova York, logo após golpear os companheiros.

Agora a pergunta: onde havia Mullane escondido a "gaita"?

Todo mundo queria saber. No caso de Patience Pittsburgh e Milkie, o Olheiro, a curiosidade ficou insatisfeita pois também êles pegaram a pena de dez anos. Quanto à polícia, apesar de todos os esforços e da perícia em localizar notas roubadas, continuava no ponto de partida sabendo tanto quanto os ex-sócios de Philly.

Tentaram todos os meios com Mullane, inclusive um companheiro de cela, disfarçado, porém Mullane não contaria nem em sonhos!

O máximo que conseguiram foi no sexto ano de pena de Philly. Em julho daquele ano, Philly Mullane estava no pátio da prisão e, de repente soltou um grito dizendo-se apunhalado e tombou. A arma que o apunhalara era a mais perigosa de tôdas e, quando voltou a si, na enfermaria, o médico revelou-a: *doença cardíaca.*

— Minha máquina vai mal? — indagou êle surpreendido e alarmado; depois, com voz fraca, pediu: — Quero ver o Inspetor.

O Inspetor veio rápido. Era um homem bom e que queria ver o seu rebanho de condenados *na linha* e esperara por momento durante mais de cinco anos.

— Fale, Mullane — disse o Inspetor.

— E' sôbre a "bolada", a "gaita", sabe? — balbuciou Mullane.

— Continue, Mullane — encorajou o Inspetor.

— E' sôbre isto que eu estive pensando, Inspetor, quero dizer, eu não posso levar a "gaita" comigo, no caixão, e, talvez, se eu disser onde escondi, *Êle* desconte um pouco nos meus pecados. O doutor disse que eu vou morrer...

Mas o doutorzinho era novo e amigo da verdade e, antes de tudo, um idealista e interrompeu indignado:

— Eu disse *eventualmente.* Não já. Você pode durar, talvez, muitos anos.

— Oh! — disse Mullane em voz forte e aliviada — Então para que me preocupar?

E fazendo uma careta para o inspetor virou-se para a parede tranqüilizado.

O Inspetor teve vontade de bater nos dois. E assim voltaram-se todos para nova e prolongada espera. Tinham apenas que esperar até Mullane ficar em liberdade, e havia, portanto, tempo de sobra, a lei, Patience, Milkie e o próprio Mullane, todos!

Como recompensa por bom comportamento Patience e Milkie foram postos em liberdade ao completarem sete anos de reclusão e seguiram seus respectivos caminhos. E quanto a Philly Mullane manteve o seu silêncio até ao fim. No dia em que Philly foi libertado o Inspetor disse:

— Mullane, você não conseguirá fugir com êste dinheiro; e, mesmo que consiga, nada adiantará; não é possível ser feliz com o que não lhe pertence!



— Eu creio que o ganhei, Inspetor — disse Mullane, com um sorriso zombeteiro, — em dez anos de prisão, à razão de 6.200 por ano.

— E o coração?

— Ah! aquêle doutor é um tolo!

Naturalmente, o ex-sentenciado foi seguido por um detective por vinte e quatro horas, até que o perderam de vista. E dois "tiras" foram rebaixados por isto. Quando o encontraram, dez dias mais tarde, Philly Mullane havia sido assassinado quinze minutos antes!

A boa memória e o raciocínio de um dos servidores do "Hotel Chancellor", chamado Blauvelt, facilitaram a rápida descoberta do corpo. Blauvelt havia estado de férias por duas semanas e ao voltar ao serviço ouviu comentários acêrca de um hóspede, de nome Worth, que tomara um quarto nove dias atrás e, desde então, não saíra de lá, sendo visto apenas pelo pessoal de serviço interno, limpeza, etc., e tinha tôdas as refeições servidas no quarto, pela arrumadeira e alguns *boys.* Êstes informaram que o hóspede não apenas conservava o quarto fechado mas trancado a chave, todo tempo. Era o Quarto 913 e o rapaz do balcão lembrou que êle insistira neste e não aceitando nenhum outro.

Mullane não tinha intenção de repartir o seu bocado com Patience Pittsburgh; esperou uma curva da estrada e...



— Só voltei ao serviço esta manhã e por isto nem cheguei a vê-lo — explicou Blauvelt pelo telefone, falando para a polícia — Mas, pelo que me descreveram, a não ser uma leve diferença na côr do cabelo e alguns centímetros na altura, o que pode ser um truque, êle é o homem que procuram, Inspetor. Se êste Worth não é o mesmo Philly Mullane, disfarçado, então vou me transferir para um hospício!

— Belo trabalho, Blauvelt. Não tardaremos a chegar aí — disse o Inspetor, desligando e voltando-se para os auxiliares — O mesmo hotel, o mesmo quarto. Agora pusemos as mãos nêle!

— Exatamente! — disse Ellery, que estava ouvindo na extensão — Dá para desconfiar; a não ser que o dinheiro esteja escondido lá.

Ellery lembra-se do caso como um dos que mais haviam intrigado a seu pai, que acrescentou:

— Mas, Ellery, se o quarto foi rebuscado e virado pelo avêsso quando Mullane foi prêso!

— Mas não foi uma busca das que eu chamo de... *super luxo* e a indicada para tais casos — comentou Ellery — Lembrem-se de como Philly hàbilmente os levou a acreditar que havia escondido o dinheiro no caminho, enquanto fugia. E fêz vocês escavarem quase a estrada tôda, em Connecticut. Pois, papai, acho que a "bolada" estêve sempre no quarto do hotel, todo êsse tempo!

E assim foram para o "Hotel Chancellor", com o sargento Velie, e alguns peritos. Blauvelt abriu a porta do quarto 913 com a sua chave-duplicata. O trinco de dentro não estava passado do que deduziram imediatamente que Mullane tinha sido assassinado.

Os peritos começaram a trabalhar e o Vellie foi para o telefone. Mullane estava sentado em frente a uma mesinha num canto do quarto, o rosto e os braços sôbre a mesa. Fôra golpeado na base do crâneo por algum objeto pesado que não mais estava por ali. Pelo aspecto do ferimento o Inspetor deduziu ter sido feito com um martelo.

— Êste ferimento não me parece ter sido desferido com violência suficiente para provocar a morte dêle — falou Ellery.

— O coraçãode Mullane fraquejou na prisão. Coração fraco, qualquer golpezi-

nho... e tudo acabado! — comentou o pai.

Ellery olhou ao redor. O quarto ainda não fôra arrumado naquele dia e estava em completa desordem; começou a esmiuçar enquanto resmungava consigo mesmo: "Não estaria escondido em alguma peça de mobiliário, pois são revesados em certos hotéis, de vez em quando. Em nada *removível*, portanto! Paredes e teto pintados, o que deixaria marcas; muito arriscado..." E caindo sôbre as palmas das mãos começou uma busca minuciosa.

O Inspetor, perto da mesa, disse:

— Blauvelt, ajude-me a fazer sentar o morto.

O corpo ainda estava quente e o detective do hotel teve de segurá-lo para que não caísse. A manga do *robe* de Mullane e a gola estavam molhados de tinta azul. Êle estivera escrevendo qualquer coisa e, ao cair para a frente, derramara o vidro da tinta.

O Inspetor empertigou-se, procurou uma toalha mas não havia por ali nenhuma.

— Vellie, arranje uma toalha usada, no banheiro. Talvez possamos secar um pouco desta tinta e descobrir o que Mullane estava escrevendo.

— Não há toalhas usadas por aqui, Inspetor! — gritou Vellie do banheiro.

— Traga uma limpa, então! — disse o Inspetor.

Vellie voltou com algumas toalhas limpas e o Inspetor Queen começou a trabalhar sôbre a mesa. Trabalhou durante cinco minutos, delicadamente. Porém tudo o que pôde ler foram três palavras trêmulas: *"Dinheiro escondido em..."* O resto estava num borrão ilegível.

— Por que haveria êle de escrever onde estava o dinheiro? — perguntou Blauvelt, ainda segurando o corpo de Philly.

— Porque, certamente, ao despertar, hoje, sentiu-se ameaçado de um ataque cardíaco — explicou o Inspetor — Êle deve ter pressentido um colapso ou algo assim. Na prisão, ao sentir-se mal êle quase contou tudo. Desta vez, por certo, êle ficou tão assustado que sentou-se imediatamente para escrever indicando o esconderijo, e foi quando tombou inconsciente ou moribundo talvez.

— O assasino entrou, pensou que êle estava dormindo, abateu-o, leu o que escrevera antes de que a tinta inutilizasse e...

— E achou a "bolada" — falou Ellery saindo de sob a cama — Foi-se!

Nesse instante Blauvelt largou o corpo e virou-se para olhar; todos viram, desapontados, uma abertura feita sob o tapête, no soalho, com um taco removível, artìsticamente disfarçado e onde a quantia havia estado durante dez anos; agora o esconderijo estava vazio.

Quando todos se ergueram viram Ellery, inclinado sôbre o cadáver de Mullane.

— Ellery! O que está você fazendo? — indagou o Inspetor Queen.

O próprio sargento Vellie arrepiou-se ao ver Ellery passar as mãos pelo rosto do morto lentamente.

— Macio! — disse êle

— Macio?! — exclamaram todos.

— Sim; macio e bem barbeado, esta manhã; ainda tem restos de talco...

Blauvelt olhava boquiaberto.

— Se quer aprender — disse o sargento Vellie — preste atenção e veja como êle tira deduções!

Ellery sorriu, antes de dizer:

Vamos dizer quem foi o assassino!

— O assasino de Philly Mullane!

Emudeceu, por uns instantes, depois prosseguiu:

— Sim. Vejamos: Mullane fêz a barba esta manhã... onde, sargento?

— Não sei, onde?

— Onde todo homem se barbeia: no banheiro! Mas, barbear-se sem usar toalha? E' simples; vocês pensam que eu limpo meu rosto no lençol?

— Está bem, Ellery. Mullane usou uma toalha, e daí? — perguntou o Inspetor impaciente — E daí?

— E daí... Onde está a toalha? Quando você pediu uma toalha usada a Vellie, êle disse não encontrar uma sequer, e trouxe uma toalha limça. Daí, em outras palavras: depois que Mulane se barbeou, esta manhã, *alguém* trocou as toalhas usadas por outras, *limpas*. E isto é um hotel! E Mullane, que se mantinha trancado a chave, no quarto, só deixaria entrar algum servidor *do hotel*...

— ...A arrumadeira!

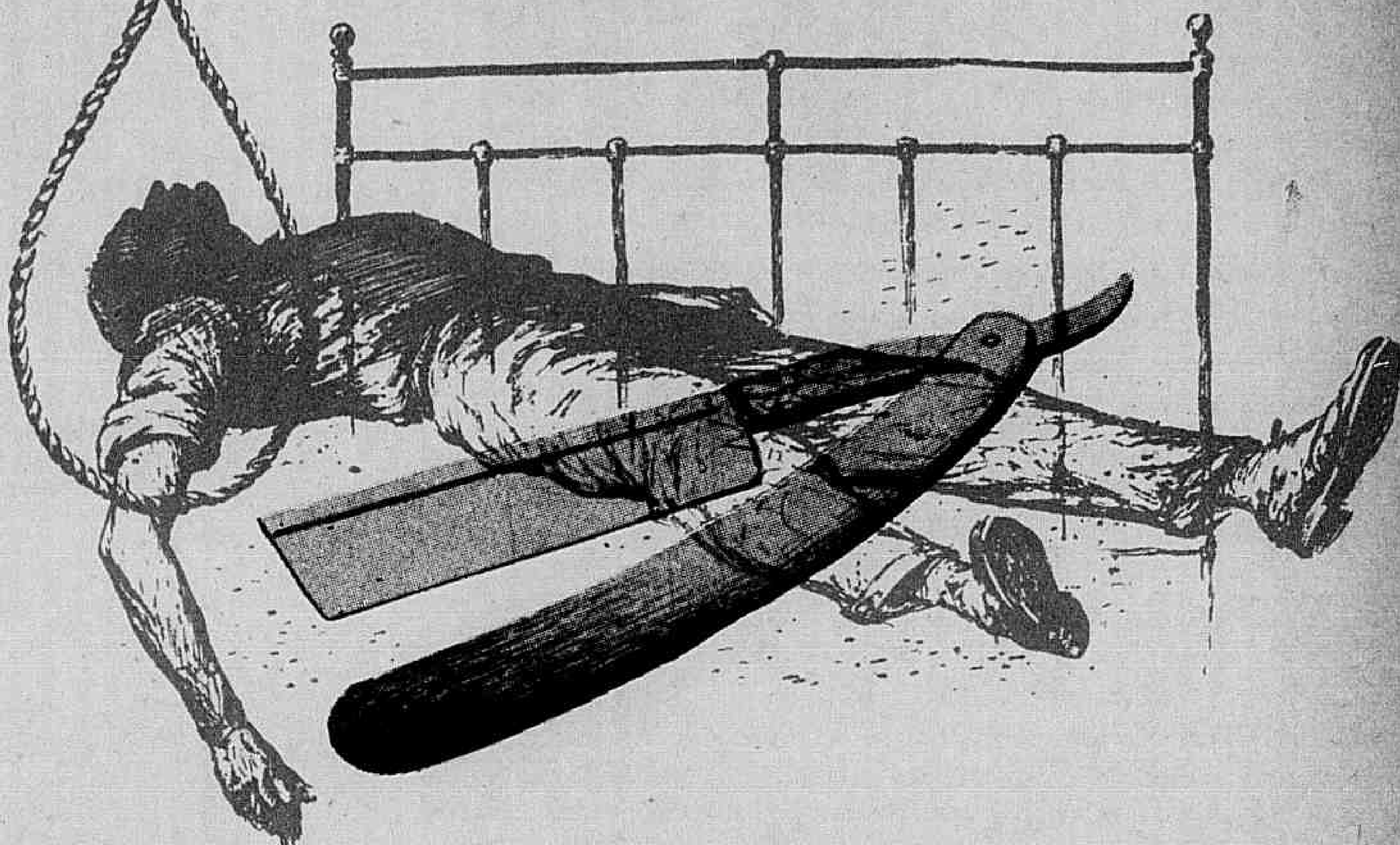
— Tinha que ser! Mullane deixou a arrumadeira entrar esta manhã, como habitualmente, e ela foi fazer a limpeza no banheiro; foi então que Mùllane, no quarto, sofreu o ataque cardíaco e ela, ao voltar, julgando-o adormecido, atacou-o com o martelo que trazia consigo, esperando a oportunidade de usar a arma; esperando, talvez, há muitos dias. Foi ela quem leu a mensagem de Philly e tirou o dinheiro do esconderijo, sob o tapête.

— Mas para agir assim ela deve ter premeditado, e devia saber quem êle era — retrucou o Inspetor Queen.

— Certo, papai — disse Ellery — E quando a pegarmos, verificaremos que a arrumadeira é a nossa velha conhecida, Patience Pittsburgh, com ligeiros disfarces na aparência.

Patience suspeitou todo o tempo de que Philly Mullane havia escondido o dinheiro por aqui, e assim que ficou em liberdade, Há três anos, tratou de empregar-se no "Hotel Chancellor" e esperou que seu antigo parceiro aparecesse...

A Mão de Deus



ERAM 3,30 hs. de uma bela tarde, justamente o 3 de abril de 1951, e o gerente do hotel, estranhando não ter visto, ainda, o hóspede do quarto n. 207 descer as escadas, à hora habitual, resolveu subir, a fim de investigar a causa dessa anomalia.

Bateu discretamente. Repetiu o gesto, com mais vigor e, não tendo obtido resposta, resolveu usar a sua "chave-geral". Poucos segundos depois, penetrava no quarto. Então de seu peito subiu um grande grito que alarmou todo o edifício. Na pequenina cama de ferro jazia, imóvel, um homem. Estava morto e, aparentemente, o desenlace fatal havia ocorrido algumas horas antes. Serenados os nervos de todos os que haviam corrido ao ouvir o desesperado apêlo do gerente, êste resolveu agir como era devido. Chamou por telefone a Polícia de Miami, Flórida, a qual não tardou a comparecer ao hotel da North-East Second Avenue. O detective John Cannon, que chefiava a caravana policial, do Departamento de Homicídios, começou a decifrar um dos mais estranhos casos dos anais do seu departamento.

Cannon se curvou sôbre o cadáver. O exame não revelou qualquer marca sôbre o corpo. Nem sequer o menor arranhão ou equimose. Aparentemente, aquêle era mais um caso banal de suicídio. Sem dúvida não se tratava de assassinato. Repentinamente, Cannon teve a sua atenção despertada para a mão direita do morto. Nela havia uma navalha aberta e segura com firmeza pelos dedos já rígidos. A lâmina era nova, brilhante, afiada...

Qual fôra a intenção do morto? Planejara, talvez, cortar o próprio pescoço? Se assim fôra, positivamente não pudera realizar o seu gesto, segundo revelava o mais elementar exame do busto nu. Cannon voltou a examinar o pescoço. De fato, nenhuma marca, nenhum corte.

— "Êle deixou um bilhete sôbre a mesa" — avisou o gerente.

Cannon imediatamente apanhou o papel e leu:

— *"Aos meus amigos: Por favor, perdoem-me e procurem compreender o meu gesto. Para a imprensa: Nasci em Key West, em 1900 e cheguei a Miami em 1915. Saudações e votos de felicidade para todos.* (Assinado) *Joseph Tritt."*

A seguir, Cannon examinou o pequeno quarto. O que nêle encontrou serviu apenas para aumentar o mistério daquele caso.

Pendente do alto travessão de madeira do "roupeiro", no armário embutido, havia uma corda com o laço próprio para enforcamento, balançando sinistramente.

— "Está parecendo que o pobre homem não chegou a decidir sôbre qual meio devia preferir para praticar o suicídio. Segundo pude verificar, êle não chegou a usar nem a navalha nem êste laço" — comentou Cannon com seus auxiliares.

Voltando-se então para o gerente, perguntou:

— "Recebeu êle alguma visita, nestes últimos dias?"

— "Nenhuma, que eu saiba. Era homem tranqüilo, afável e que levava uma vida absolutamente normal. Nunca o interroguei, é claro, sôbre os seus negócios, nem êle se lembrou de contar qualquer coisa a êsse respeito. Estava residindo neste hotel há cêrca de duas semanas."

Tritt, aparentemente, não possuía amigos, nem inimigos. Além do mais, o bilhete deixado sôbre a mesa, indicava claramente que o infeliz planejava matar-se. E não se tratava de um bilhete forjado, porque a letra do mesmo, comparada com a de outros exemplares de sua escrita e mesmo a sua assinatura, no livro de registro do hotel, provavam ser absolutamente autêntico.

Mas, nesse caso, não sendo assassinato nem suicídio, que era enfim?

Cannon ordenou a autópsia e esta revelou, finalmente, o grande segrêdo.

Joseph Tritt, no instante mesmo em que se preparava para passar a navalha já espalmada contra o próprio pescoço, havia sucumbido, vitimado por um repentino ataque do coração. *Finalmente pudera escolher entre cortar o pescoço e passá-lo no laço da forca.*

O detective Cannon, no seu relatório oficial, concluiu: *"Sou de opinião que a misericórdia de Deus entrou em ação no instante supremo, para impedir que o desgraçado cometesse o grande pecado de acabar com a própria vida e, ao contrário, concedeu-lhe passagem tranqüila para o Além."*

A PEDRA

FIGURA muito simpática era a de *Bisikéeli*, o novo guia-caçador nativo. Apareceu êle, certa manhã, em meu acampamento da planície de Sanganini, no Kenya, pedindo emprêgo. Eu estava mesmo precisando de braços e simpatizei com o candidato. Foi imediatamente aceito, depois de combinado o salário. O primeiro dia de caçada veio provar ser êle diligente e esperto como poucos — porém saindo do seio da mata, havia em sua atitude qualquer coisa de misterioso.

Nessa mesma noite, no acampamento protegido por boa fogueira, chamei-o:

— Diga-me, "Bisikéeli" — disse eu — De onde você veio?

— De Gura-Gura, Bwana. Fica longe... — A voz e o gesto do nativo sugeriam uma grande, grande distância.

— Muito longe, hein? — disse eu — E que foi que trouxe você, de tão longe, para cá?

"Bisikéeli" fêz uma careta que tanto podia ser riso ou expressão de mêdo.

— Essa é uma história muito comprida, Bwana. — respondeu.

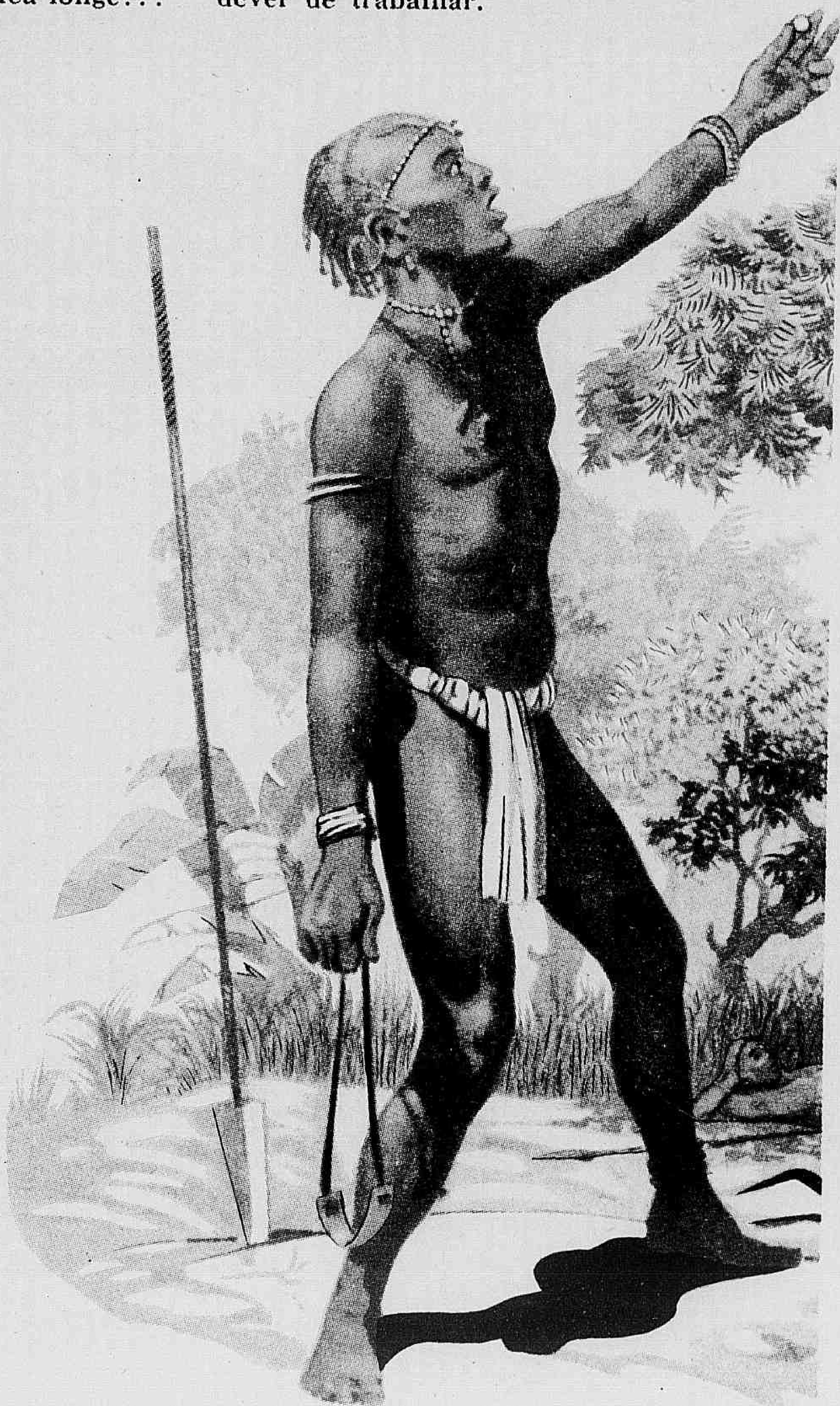
Dei-lhe uma mão cheia de fumo, para o encorajar. Êle se acocorou, estêve algum tempo ocupado com o longo e negro cachimbo, que depois acendeu e chupou repetidas vêzes...

— "Bwana — disse êle finalmente — A razão de estar eu aqui, hoje, como trabalhador, em vez de ser homem rico em minha terra, com muitas espôsas e gado gordo, é porque quando eu era um *piccanin* atirei pedras... Não quer isso dizer que não esteja satisfeito com o emprêgo que tenho, Bwana, porque tenho um bom patrão e gosto do trabalho...

— "Mas é muito mau atirar pedras, Bwana! Muita coisa ruim pode acontecer. Pior ainda é atirar pedras mágicas — pedras que podem transformar aldeias inteiras e arrancar os homens das suas caçadas e suas casas e mandá-los para trabalhar como formigas negras, na escuridão das entranhas da terra.

"Bwana... Pertenço ao povo Bemba e nossas terras ficam lá para o sul. Quando eu era *piccanin*, aquilo ficava muito distante de qualquer cidade de homem branco. Nossas plantações eram viçosas e os pastos ricos e por isso tínhamos muito alimento e muito gado.

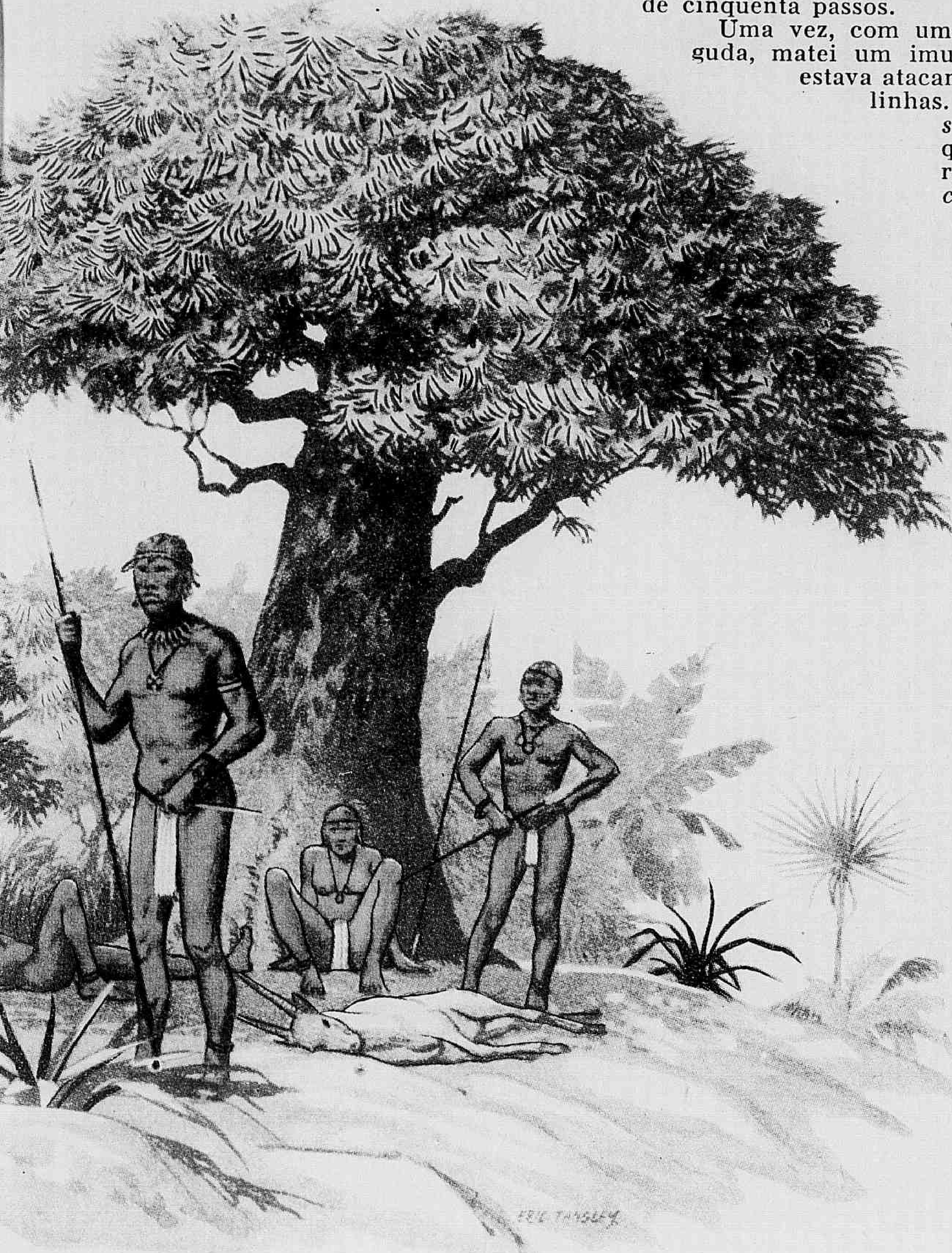
"Nosso chefe e condutor era inteligente e justo e os homens da aldeia podiam sentar-se por longas horas ao sol, ouvindo as suas palavras de ensinamento. Também podiam estar sentados, tranqüilamente, com seus cachimbos e seus potes de cerveja, enquanto as mulheres cozinhavam, carregavam lenha e água ou cuidavam do campo — pois só as mulheres tinham o dever de trabalhar.



MÁGICA

Conto de
DONALD SWANSON

"Os homens eram caçadores — e algumas vêzes gostavam de ir caçar. Depois, quando regressavam, sempre havia grandes festas, com muita comida, danças que duravam horas, e cantorias que entravam pela noite. Então, até que tivessem vontade de caçar outra vez, podiam ficar sentados, preparando as armas e olhando as crianças.



"E nós, *piccanin*, gostávemos de ouvir o que êles contavam, para repetir seus gestos e façanhas, quando brincávamos de caçadas com nossos pequeninos arcos e flechas ou com as lanças de bambu... Também gostávamos de praticar, lançando pedras com os estilingues... E eu era o melhor atirador de pedras entre todos os *piccanins*. Podia acertar um pássaro ou outro pequeno animal a uma distância de cinqüenta passos.

Uma vez, com uma pedra ponteaguda, matei um imundo chacal que estava atacando as nossas galinhas. *"Muito bem, Bisikéeli!"* — foi o que todos disseram. *"Quando você fôr um homem por certo será um grande caçador!"*

"Talvez, Bwana, eu possa explicar por que êles me chamavam assim, *Bisikéeli*. Foi porque eu sempre sonhava ter uma *bisikéeli* e estava sempre a falar sôbre o que faria quando pudesse andar montado em uma que fôsse só minha. Uma *bisikéeli* naquele tempo, era coisa estranha e maravilhosa para se pensar, pois não havia estradas por onde andar em alguma delas, na nossa aldeia. Mas o *Bwana* Comissário do Distrito quando apareceu para cobrar os impostos e ter uma *indaba* com o nosso chefe chegou montado numa bonita

bisikéeli, que dirigia com alguma dificuldade pelas trilhas mal entretidas.

Atrás dêle corria um dos seus *askari*, empunhando uma vara com forquilha, que encaixava sob o selim da *bisikéeli* e, empurrando-a, ajudava o *Bwana* a galgar as ladeiras.

"Êle era um homem muito bom, que deixava todos nós, *piccanins*, tocarmos na sua *bisikéeli* e tilintar a pequena campainha, e também mostrava como era possível dar impulso às rodas.

"Um dia, êle apareceu para falar com o nosso chefe e com êle chegou também um gordo *Bwana* que nunca tinha aparecido, até então, na nossa aldeia. Fomos logo correndo, todos, formando uma grande roda, para ver o estranho. Foi então, *Bwana*, que eu fiz o gesto mau. Atirei a pedra!

"Não havia nenhuma razão para eu odiar aquêle homem, que era bom e amável. Porém quando êle desceu da *bisikéeli* e parou para retirar as alianças de metal, que prendiam as suas calças contra os tornozelos, ficou bem de costas para mim... Êle era *muito* gordo, *Bwana*, e eu era apenas um *piccanin*, e os outros estavam a me encorajar... E então, *Bwana*, eu me lembrei da minha fama de bom atirador de pedras...

"Foi só uma pedrinha, pequenina assim, que eu atirei; porém o gordo *Bwana* deu um pulo terrível como se tivesse sido picado por uma cobra. Os outros *piccanins* riram e correram, mas eu não! Tive mêdo que não achei as pernas quando os homens da aldeia correram, zangados, contra mim. Foi então que eu vi o gordo *Bwana* se coçando com cara muito zangada. Porém logo apanhou a pedrinha que tombara a seus pés.

"Pediu, então, aos homens que me segurassem, mas não me batessem.

"— Onde você apanhou essa bonita pedrinha, pequeno guerreiro? — perguntou.

"Disse-lhe que tinha sido num *donga*, que ficava por trás da lavoura de meu pai, fora da aldeia.

"— E há mais dessas pedrinhas por lá? — insistiu o gordo *Bwana*.

"— Sim, *Bwana* — respondi — Há uma grande quantidade. Sempre vou lá apanhá-las, porque são boas para a atiradeira.

"— Muito boas mesmo, pequeno guerreiro — disse o *Bwana*. Vem comigo... Quero ir ver essa pedrinhas...

"Foi assim que levei o gordo *Bwana* para o local onde estavam as pedrinhas e todo o povo da aldeia nos acompanhou, para ver o que faria o gordo *Bwana* e de que forma me castigaria.

"Ficaram todos muito surpreendidos quando êle não me bateu como esperavam. Mais surpreendidos ficaram quando o *Bwana* entrou no *donga* e, curvado, arranhando o fundo como fazem os cães, remexeu o lôdo e o cascalho em busca das pedrinhas.

"Com ar satisfeito, o gordo *Bwana* ficou muito tempo no *donga*, indo de um lado para outro, gritando que aquilo era muito rico e que um telegrama tinha que ser passado imediatamente para outro *Bwana* a quem chamava de Comissário das Minas. Depois, suado e bufando tornou a subir e declarou-me que eu fazia muito mal atirando aquelas pedras, mas que não me castigaria. Primeiro porque eu o havia conduzido até o *donga* e depois porque eu não sabia o que estava fazendo. Perguntou-me a seguir, o que eu queria como presente.

"Eu só podia pensar numa coisa, uma só: pedi que me desse uma *bisikéeli*.

"— Pois você terá uma bicicleta — disse o *Bwana*, que, pouco depois, deixava a aldeia, enquanto o povo todo movia a cabeça, com ar assustado, perguntando os mais velhos, uns aos outros — *"Que nova loucura de Branco será essa? Por que o gordo "Bwana" estêve remexendo como um hipopótamo no "donga" e por que as pedrinhas o tinham alegrado tanto?"*

"Talvez — disse o velho Kafupi — sejam pedras mágicas... De qualquer maneira, ai de nós... pois bem sabemos que os *Bwanas* brancos são loucos! Já os vi trabalhando em suas cidades, nunca parando nem mesmo sob o sol mais quente! E têm só uma espôsa, além de uma ou duas vacas.

"O gordo *Bwana* podia ser maluco, mas cumpriu sua promessa. Ganhei a minha *bisikéeli* e fiquei muito feliz. Porém o meu povo, ao contrário, passou a ser muito infeliz, porque estranhos fatos aconteceram.

"Passada uma lua o gordo *Bwana* retornou à aldeia. Com êle chegaram outros muitos trabalhadores negros, de cidades que não pertenciam à nossa gente e que vestiam roupas de branco, comiam sal e tinham fumo à vontade e outras facilidades. Casas eram construídas, casas bem melhores que as nossas. E os homens brancos e os homens prêtos, vestidos como os brancos, trabalhavam o dia todo, mesmo sob o sol e, muitas vêzes, também à noite. E solicitavam a nossa ajuda, numa e noutra coisinha. Abriam grandes buracos e construíam pontes. E ofereciam-nos moedinhas, *Bwana!* Dinheiro e alimento! A princípio, os homens da nossa aldeias riam e perguntavam *"Que faremos com isso? Não queremos trabalhar como ratos nesses buracos, nem ao sol, como formigas.* Temos boa cerveja, alimento e nossos cachimbos e nossas espôsas que trabalham muito bem para nós. E, se não trabalham como devem... arranjamos outras..."

"Porém então chegou novo *Bwana*, com nome estranho e nariz comprido e logo construiu uma casa que encheu com roupas, sal e fumo além de outros estranhos objetos até muitas *bisikéelis* e máquinas para costurar. E nossas mulheres começaram a se mostrar invejosas. Também elas queriam ter roupas e sapatos e pentes, e camas como as que usavam as espôsas dos

homens prêtos que tinham chegado das cidades dos brancos.

"Houve muita briga e muita pancada, pois os homens ficaram muito zangados. Mas nada adiantou, porque as mulheres tinham paciência e resistência. Já os homens estavam alarmados, porque as plantações se atrasavam e agora já sentiam fome, porque as carnes não eram assadas, nem o milho triturado. Nenhuma cerveja fôra feita e os homens se mostravam envergonhados por ter que carregar a lenha para a fogueira e a água do rio distante. Também sentiam frio, à noite... E, pouco a pouco, primeiro um, depois outro, foi retirado de casa pelo *Bwana*, para trabalhar. Davam-lhe uma pá e diziam-lhe como devia fazer. E gritava quando não trabalhavam depressa como êle queria.

"Ao fim de cada lua estavam ganhando muito dinheiro com que podiam comprar coisas na grande casa que êles chamavam de *Bemba Diamond Mine Stores*. E quando recebiam o salário, as mulheres iam correndo tomar o dinheiro dos homens e o deixavam, todo, na loja. E era uma tristeza, Bwana, ver como elas lutavam para conquistar as coisas mais brilhantes e caras com que cobriam o corpo.

"Oh, a aldeia mudou muito! Passou a ser uma aldeia de mulheres. Todo o dia ficavam sentadas ao sol, papagueando e fazendo chá de um pó que compravam em latas dêste tamanho; também usavam chapéus coloridos e compravam muitas roupas para os *piccanins*, que choram, preferindo andar nus.

"E os homens, o dia todo, abrindo buracos na terra e manejando ferramentas pesadas. E não encontravam boa comida para jantar. Só coisas frias, dentro de latas compradas na loja. As mulheres, a esta hora, já estavam fora, bebendo cerveja.

"Os velhos pareciam mais velhos e já nem falavam. Um dia, os *Bwanas* das minas ficaram muito zangados porque apesar de sair sempre muita terra dos buracos, não achavam tantas pedrinhas como desejavam. Depois veio a ordem. Os homens tinham que restituir as ferramentas. As grandes máquinas pararam de trabalhar e foram levadas pela estrada larga, que tinham aberto na mata. A loja foi fechada, as grandes casas desmontadas e os *Bwanas* e os homens prêtos que haviam chegados com êles, da cidade, voltaram para suas terras.

"As mulheres da nossa aldeia ficaram muito zangadas. Muitas fugiram quando os *Bwanas* partiram. E os homens tornaram a conhecer as delícias de estar sentado, fumando, no terreiro. As mulheres não tendo mais dinheiro nem roupas para comprar, nem outras maluquices, ficaram quietas e mais dóceis. Algumas voltaram a cozinhar. A maioria, porém, mostrava-se revoltada pela ausência das minas e do dinheiro e da loja.

"Então os homens se reuniram no centro da aldeia e concluíram que tinham sido loucos deixando que as mulheres esquecessem seus deveres nos campos e que, não havendo mais *Bwanas* das cidades em sua aldeia, era tempo de que elas voltassem a obedecer e a respeitar. Aquelas que se negassem a trabalhar seriam surradas sem piedade.

"Isso levou muitas luas, antes de que a aldeia voltasse a ser como antes. Então os homens puderam voltar a caçar e a conversar — e algumas vêzes caçavam mesmo. Então tínhamos festas e banquetes e cantigas. Eu não era mais um *piccanin* e também ia caçar, Um dia, Bwana, aconteceu uma coisa estranha. Havíamos matado um grande porco do mato — que por certo daria uma boa festa. Porém o animal correra muito e tivemos que ir muito longe, atrás dêle. Estávamos cansados e deitamo-nos à sombra de uma árvore à margem de um *donga*. Enquanto decansava, apanhei uma pedra, que coloquei no meu estilingue. Estava já para atirá-la num grande pássaro prêto, pousado num galho alto, quando notei que a pedra era bonita e brilhante *como a que tinha lançado contra o gordo "Bwana"* — igualzinha às que haviam cavado na mina...

"Não sei que má idéia encheu a minha cabeça. Levantei-me, gritando para outros:

"— Vejam! Vejam o que achei! uma pedrinha que vale dinheiro! Pela outra, que achei, o gordo *Bwana* me deu uma *bisikéeli*. Poresta, certamente, dará uma com motor!

"Foi o velho Kafupi quem se aproximou para ver a pedra. Rolou-a, por algum tempo, com o polegar, na palma da mão; depois disse:

"— Tem razão, "Bisikéeli". Esta é uma pedra mágica... Uma pedra que enlouquece. — E ao falar apertava-a com furor.

"— Vai, "Bisikéeli"... — disse êle — Deixa a nossa aldeia e não diga a ninguém o que acaba de encontrar, neste *donga*. Se falar...

"— Minha pedra, Kafupi! — gritei — Quero a minha pedra!

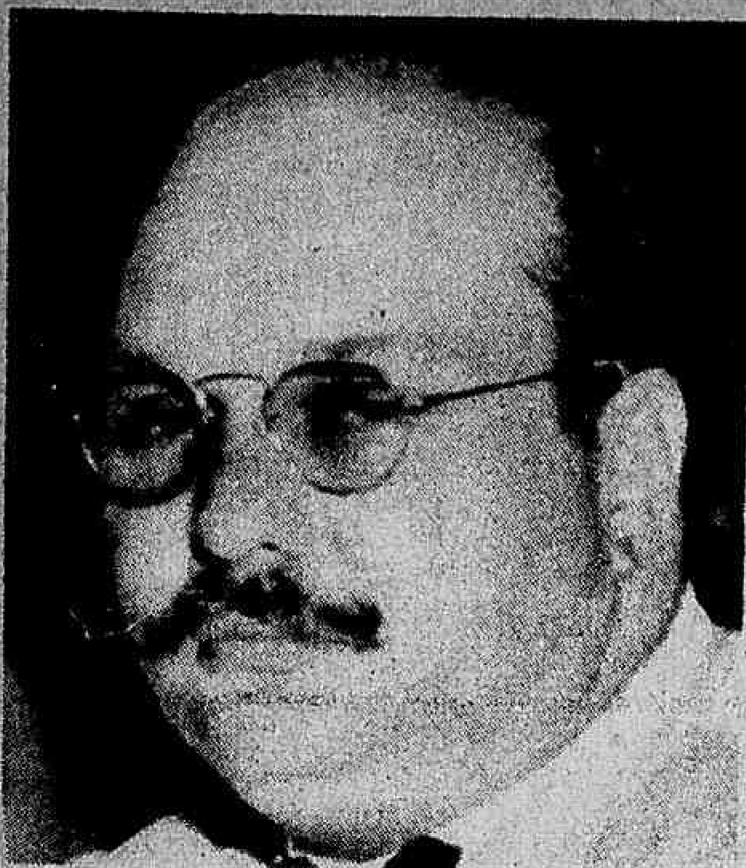
"— Não. Darei, ao contrário, muita cacetada, "Bisikéeli". Não a pedra!

E, tendo falado, avançou com gesto de ameaça contra mim! Os outros homens me cercavam, todos agora de pé e avançando, avançando...

"— Mata! — gritou um dos homens — Êle nos forçará, outra vez, a trabalhar para nossas mulheres!

"Bwana... Não sou medroso. Mas êles eram seis contra mim, e estavam loucos de raiva! Fugi, Bwana, e êles correram atrás de mim, e Kafupi ainda atirou a pedra contra as minhas costas. Mas não parei! Nem olhei para trás. Nunca mais voltei, Bwana! Não tenho coragem... E por isso aqui estou — pobre, sem mulheres e sem gado. Ah! Bwana! E' ruim atirar pedras."

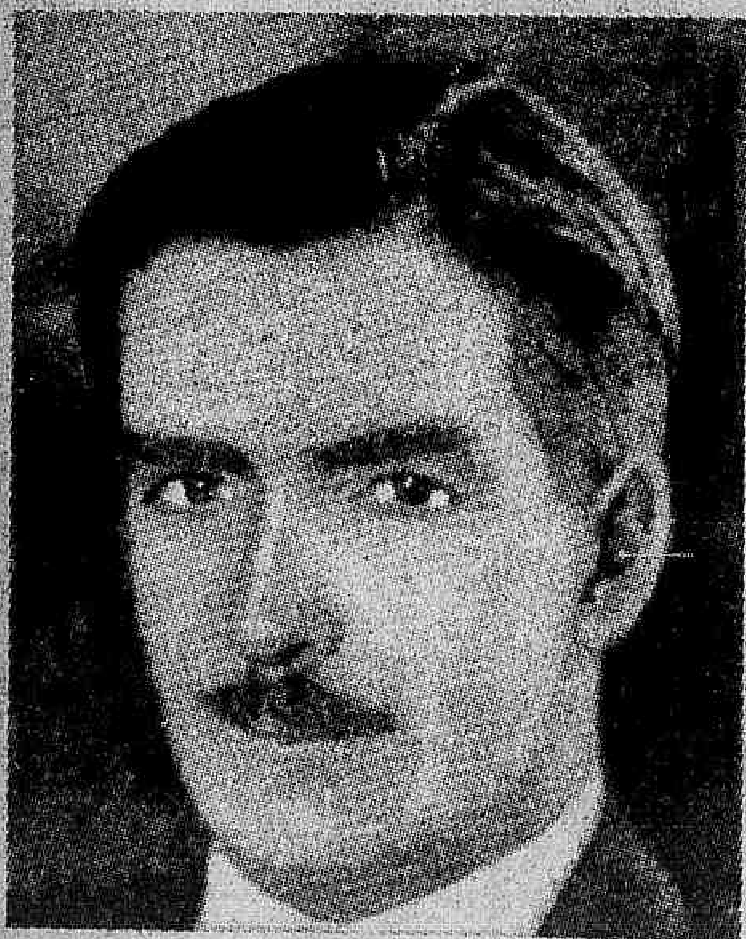
O EGITO PODE TEMER



Rei Faruk, do Egito, que tendo apoiado a nacionalização de Suez, vê-se agora ameaçado de isolamento econômico, militar e político, em conseqüência do projeto do Govêrno de Israel de construir um novo e maior Canal de Suez.



Winston Churchill foi o mais destacado trabalhador entre os criadores do moderno Oriente Próximo.



Anthony Eden, considerado o verdadeiro artífice da unidade árabe, em 1941, conforme já fôra feito em 1917, por outro inglês, o coronel Lawrence.

NO momento em que o ministro egípcio dos Negócios Exteriores enviava às missões diplomáticas uma nova nota, para anunciar que o rei Faruk seria, a partir de então, rei do Egito e do Sudão, ocorriam, justamente no Sudão, manifestações a favor da Inglaterra e que merecem um breve comentário.

DESACÔRDO NO PARLAMENTO SUDANÊS — Dezessete membros da Assembléia Legislativa sudanesa, que representam cinco milhões e setecentos e oito mil sudaneses (a população total do território é de oito milhões e quinhentos mil habitantes), celebraram em Karthum uma conferência com os representantes da imprensa, na qual se declararam partidários da continuação do governador geral britânico. Nisso vêem — e assim o afirmaram — a *"única esperança de progresso contínuo e ordenado* até ao instante em que o Sudão possa decidir o seu futuro".

Segundo êsses representantes da assembléia, o govêrno atual do Sudão *"demonstrou que sua política é ajudar os sudaneses a adquirir a autonomia com a execução de um vasto plano econômico e político."*

As declarações dos representantes da maioria da assembléia sudanesa mostraram, dessa forma, estar em completa contradição com os *slogans* de propaganda do govêrno egípcio e com a maior parte das manifestações organizadas oficialmente nos últimos tempos no Cairo e em outros lugares do Egito.

Meio milhão de egípcios percorreram as ruas, durante a jornada de "campanha anti-britânica". À frente dos manifestantes, apesar dos seus setenta e dois anos, ia o primeiro ministro, Nahas Pachá, acompanhado de outros membros do govêrno.

Antes dos homens, desfilaram pelas ruas umas cinco mil mulheres, pertencentes ao movimento "Filhas do Nilo", quase tôdas vestidas à européia. A presidente dessa associação feminina é uma mulher muito bonita, Sra. Doria Shafik, espôsa de um advogado egípcio. À frente do grupo iam doze mulheres, envôltas nas dobras da bandeira nacional e conduzindo um gigantesco cartaz que dizia: *"A Liberdade do Egito ou a Morte!"*

A manifestação feminina desfilou em destacamento separado, pois que os costumes religiosos se opõem a que homens e mulheres se misturem no mesmo desfile.

Os manifestantes masculinos também conduziram seus cartazes correspondentes, com *slogans* tais como: *"Abaixo Churchill! Abaixo Eden! Fora com os piratas! Antes a morte que a escravidão!"* E outros no mesmo estilo.

O REGIME EGÍPCIO, FEUDALISMO LIBERAL? — Também os representantes do povo sudanês poderiam manifestar-se pela liberdade do Sudão. O povo sudanês não foi consultado sôbre as modificações dos artigos 159 e 160 da Constituição egípcia, que dá o título de *rei do Sudão* ao soberano do Egito.

E' muito possível que os sudaneses decidam, afinal, que um governador geral egípcio é ainda menos desejável que um governador geral britânico.

O govêrno de Nahas Pachá evoca ruidosamente, na questão do Sudão, o famoso direito dos povos de dispor de si mesmos. Porém, uma vez lavrada a autonomia, é o povo sudanês quem terá que escolher por si mesmo seu próprio regime e a índole de suas relações com o Reino Unido e com o Egito.

UM SEGUNDO CANAL DE SUEZ

No próprio Egito, a política do govêrno com relação ao Suez e à "libertação nacional" não foi acompanhada unânimemente, como quis aparentar a imprensa oficial.

Ao cabo de doze anos, os povos aprenderam a desconfiar de certas palavras. O exame objetivo do regime interno egípcio permite descobrir a existência de um verdadeiro regime feudal. Êsse feudalismo de terratenentes, cujos beneficiários são justamente alguns membros do govêrno — e da mesma forma o primeiro ministro Nahas Pachá, está completado e sustentado por certas oligarquias financeiras, nas quais o govêrno atual de Sua Majestade, o Rei Faruk, se encontra sòlidamente representado.

Nesse sistema não há nem sombra dêsse liberalismo, nem dessa liberdade absoluta, cujo advento deseja o primeiro ministro egípcio em seus discursos, muito eloqüentes, aliás, e nas manifestações em massa.

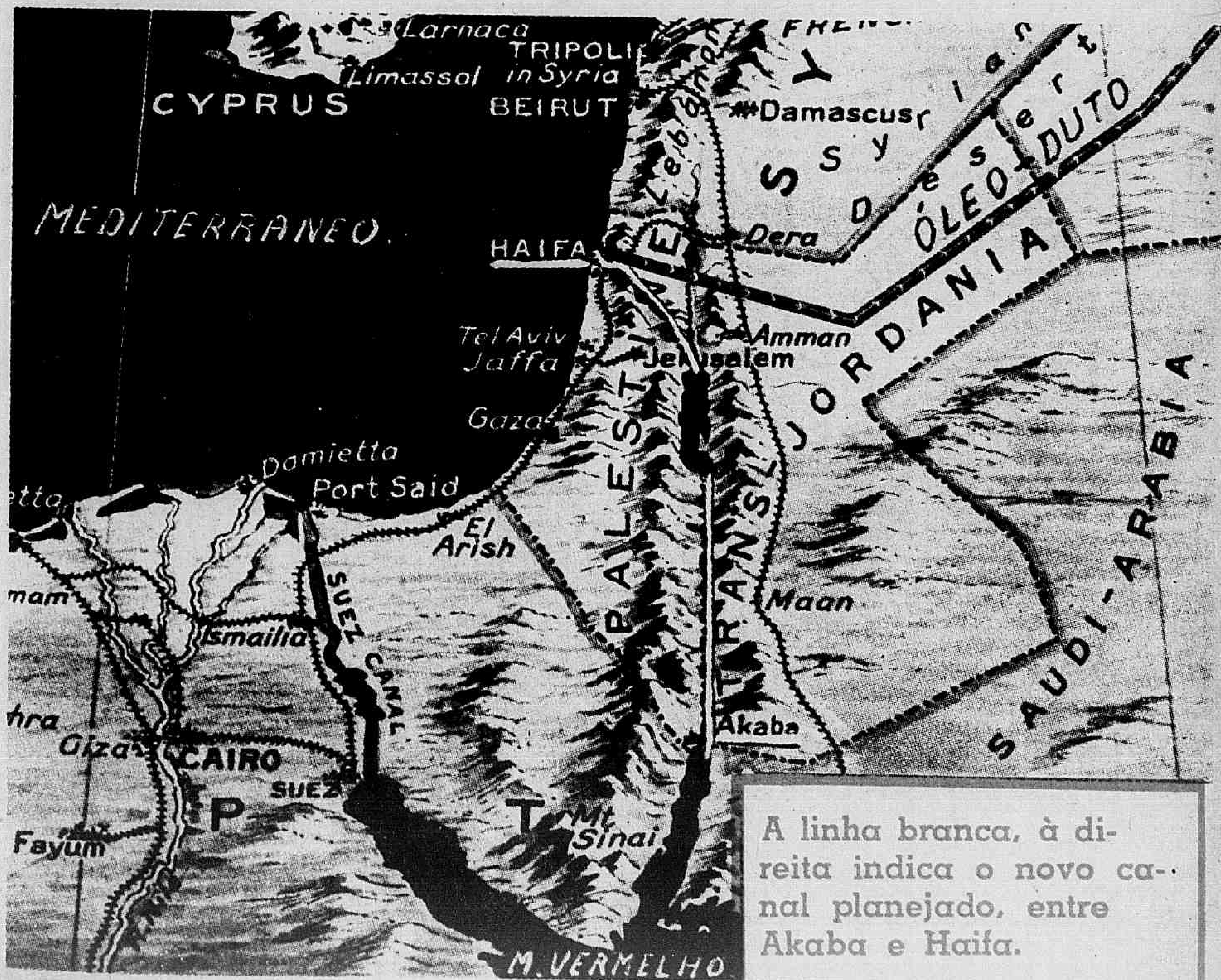
De onde se segue que a observação imparcial deve ditsinguir entre os interêsses presentes e futuros do Egito, do Sudão e também dos atuais membros do govêrno.

Também é confundida muito freqüentemente a política puramente egípcia e a da Liga Árabe.

Porque no coração do Cairo se eleve uma velha casa, que é o "quartel general" da Liga Árabe, não devemos deduzir que a política egípcia obedeça às diretrizes de todos os membros dessa Liga. Azzam Pachá, que é egípcio, acredita que o problema egípcio é o mais importante para o Egito, para a Liga Árabe e para o mundo muçulmano. Porém é provável que alguns chefes múçulmanos não pensem do mesmo modo.

MR. EDEN, CRIADOR DA UNIDADE ÁRABE — "*A Liga Árabe* — declarou recentemente Azzam Pachá — *não poderá jamais aceitar o comunismo nem sequer o capitalismo*".

Cada povo é, na verdade, "livre de acei-



A linha branca, à direita indica o novo canal planejado, entre Akaba e Haifa.

tar" o regime que deseje, mesmo quando êsse regime tenha uma grande analogia com o sistema feudal medieval, como no caso do Egito. Porém nem o Egito, nem as potências da Liga Árabe são capazes de defender o Suez contra o comunsmo indesejável. O Egito não pode prescindir de alianças políticas e militares.

O Sr. Eden, justamente um inglês, foi o verdadeiro artífice da unidade árabe, em 1941, em plena sublevação do Iraque. O mesmo fôra feito, em 1917, por outro personagem inglês, o famoso coronel Lawrence. E Churchill, também inglês, foi o mais destacado trabalhador entre os criadores do moderno Próximo Oriente. Os sangrentos incidentes de Ismailia não podem fazer esquecer essas realidades...

Mais estranha é a declaração do próprio Azzam Pachá, ao jornal francês "Le Monde" (4 de novembro de 1951), órgão oficioso do Quai d'Orsay:

"— A Rússia — disse então o secretário da Liga Árabe — como Estado, pode ser para os árabes um govêrno amigo, e por isso mesmo não pouparemos nenhum esfôrço para tratá-la como tal. Bem sei que no Ocidente há muita preocupação pela defesa do Próximo Oriente. Se nossas aspirações se realizarem de maneira satisfatória, talvez então possamos pensar em estudar com as potências do Ocidente os planos de defesa eventuais. Porém enquanto tal não ocorre, só nos interessam os problemas de independência."

Êsse conceito político é evidentemente perigoso, pois o secretário da Liga Árabe *não pode ignorar* que à Rússia atual (à U.R.S.S.), ao Estado Soviético, em suma, e ao comunismo, não é possível considerar-se separadamente, pois que têm o mesmo chefe *e o mesmo objetivo final.*

Os interêsses do Egito estiveram unidos aos do império otomano, aos da França, que abriu o Canal de Suez, e aos da Grã Bretanha. E hoje estão unidos de maneira mais lógica *e mais imperiosa,* ainda, com os das nações ocidentais.

Há algum tempo, um jornal egípcio, "O Progresso", oferecia uma solução para o intrincado problema do Suez, solução que o "Foreign Office" tratou de examinar detidamente.

Propunha "O Progresso" que a guarnição inglêsa fôsse transportada da zona do Canal, pròpriamente, para a banda de território ao sul de Gaza, onde construiria uma primeira linha de defesa do Suez — ficando a segunda linha constituída pelo Exército egípcio.

*

Tal solução, como se verifica fàcilmente, teria — além de tudo — a vantagem de estabelecer um "tampão" entre Israel e Egito, numa região onde as agressões por parte do primeiro são muito freqüentes.

A faixa de território de Gaza está administrada pelo Egito, que ali tem tropas de ocupação perfeitamente aparelhadas; *porém não faz parte do território egípcio!* E' um pedaço da Palestina árabe, livre de conquista judia. E é, por isso mesmo, uma região superpovoada, onde vivem dezenas de milhares de refugiados Árabes, expulsos de suas antigas terras pelos judeus!

Finalmente — e aí está a grave ameaça que pesa sôbre o Egito — muito se fala de uma recente proposta, feita pelo Estado de Israel, cujos engenheiros estão dispostos a construir um... *segundo Canal de Suez,* ou melhor, um canal mais profundo e mais largo que aquêle, e que, partindo do golfo de Akabah siga até Jafa (numa extensão de aproximadamente duzentos quilômetros) em cuja construção gastariam entre três e meio a quatro anos!

Êsse projeto já deve estar dando matéria para pensar aos Estados Árabes e, principalmente, ao Egito.

Porque não mais estamos nos tempos de Palmerston, que considerava Fernando de Lesseps um impostor (isso em plena Câmara dos Comuns!). Se Israel dispusesse de outro canal de Suez, o Egito e os Estados Árabes teriam que lutar contra um tríplice isolamento: econômico, militar e político.

E não parece ser isto o que se busca no Cairo.

J. MIRANDA

*

NENHUM incêndio dos tempos modernos foi tão cruel no ceifar vidas como o que destruiu a Igreja de *La Companhia*, em Santiago, Chile, em 8 de dezembro de 1863. Para uma grande comemoração religiosa a igreja estava decorada com milhares de metros de ricos tecidos e 20 mil lampiões a querosene. O fogo teve início e em três minutos o interior do templo foi transformado num verdadeiro inferno, tombando os lampiões e lançando o líquido e os tecidos incendiados sôbre a multidão. Das três mil pessoas ali reunidas, em sua maioria mulheres, 2.500 morreram.

*

Quando a "Câmara dos Príncipes" se reúne, em Delhi, cada um dos seus 121 membros é saudado, por ocasião de sua chegada, por um número de tiros de canhão equivalente ao seu título, sendo o total aproximadamente de 1.500 tiros, sendo necessário tôda uma semana para que as salvas sejam completadas.

ESTEJA EM DIA COM O MUNDO

DURANTE os quatro anos em que *Fala* foi o querido e dedicado companheiro do falecido Presidente Roosevelt, o cãozinho da raça Scottie recebeu milhares de cartas por ocasião de seus aniversários, e também cartões de "Boas Festas", que eram infalìvelmente respondidos pela Casa Branca. Por ocasião do falecimento de *Fala* novo aluvião chegou à residência da família Roosevelt. Tôdas essas cartas e telegramas, como os demais papéis privados de seu dono, o Presidente Roosevelt, estão conservados na "Roosevelt Memorial Library", em Hyde Park, N. York.

A mais longa e difícil corrida de patins sôbre gêlo, em todo o mundo é a que se realiza anualmente na Holanda, cujo percurso cobre 130 milhas e passa através de 11 cidades. Foi realizada, êste ano, em fevereiro, sob uma temperatura de cinco graus abaixo de zero. Apenas 218 dos 1.740 concorrentes, conseguiram terminá-la, gastando o vencedor, 10 horas e 36 minutos.

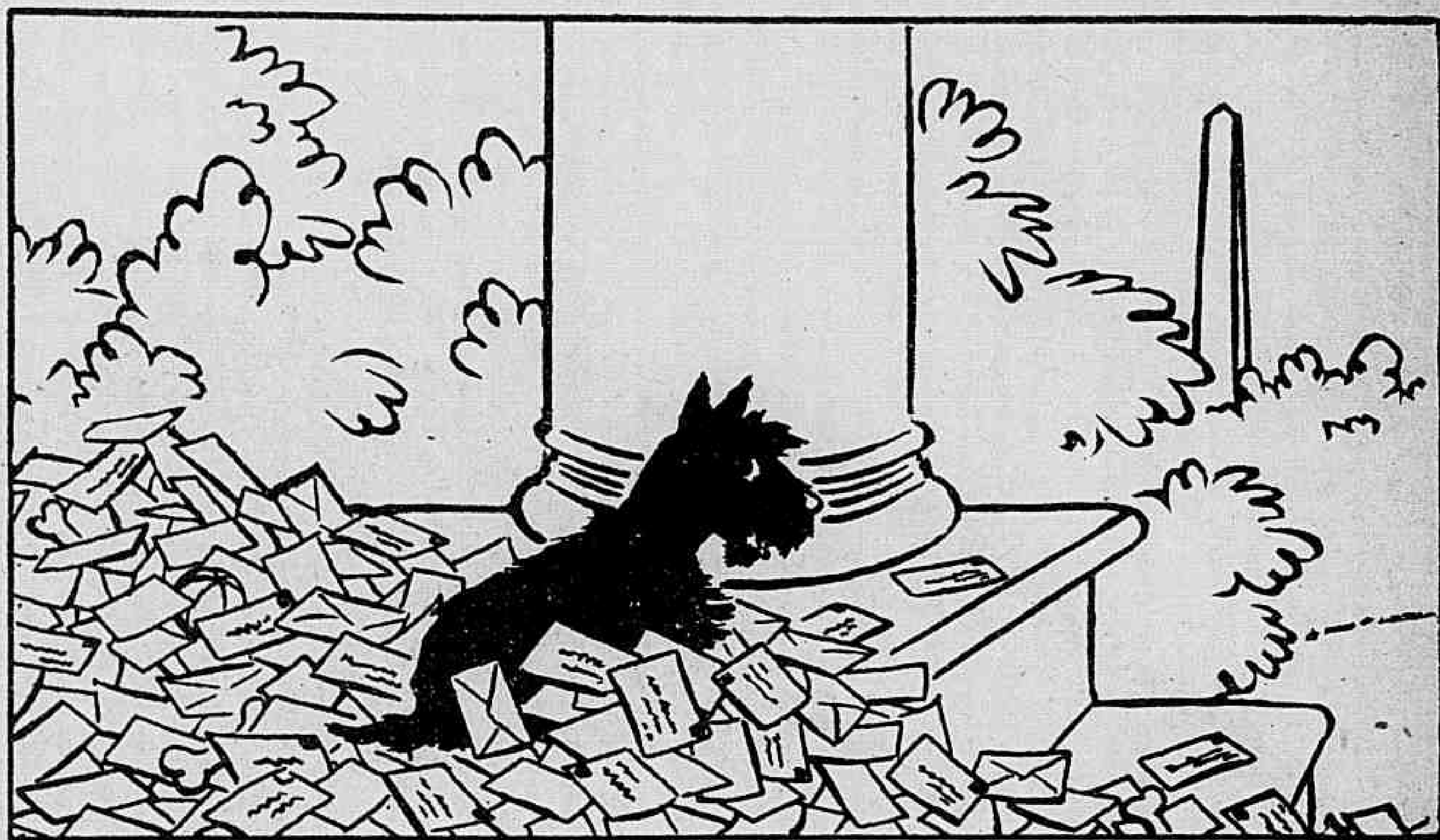
Entre 1865 e 1900, os fabricantes de brinquedos, nos Estados Unidos produziram 200 tipos de cofres mecânicos, com figuras realizando algum gesto quando a moeda é insertada na fenda. Os mais engenhosos foram os que possuiam figuras que agradeciam quando qualquer níquel era depositado. Em outro, um manejador de bastão, do jôgo de *baseball* se encarregava, com segura bastonada, de lançar a bola (o níquel) que desaparecia na "liva" do defensor! Outro, apresentava um negro, encostado à porta da sua cabana, e que chutava o níquel para dentro de um poço.

O mais antigo bar de Nova York é a *Old Ale House*, de McSorley, na East 7th Street, que abriu suas portas pela primeira vez em 1854 e permanece com o mesmo aspecto de então, possuindo ainda muitos dos seus lampiões a gás funcionando. Entre outras homenagens, Mr. McSorley foi assunto para um livro e ganhou para ornar suas velhas paredes nada menos de dez óleos de autores célebres, um dos quais se encontra hoje, por deferência do proprietário do bar, no "Detroit Institute of Arts".

Para a recuperação de objetos em profundidades marítimas até 150 metros, é usado atualmente um sino-mergulhador que não apenas está equipado com braços mecânicos de mais de 20 metros de comprimento, como os mesmos estão providos de "dedos" que, manipulados por técnicos, podem colher uma simples moeda, levantar objetos com pêso até quinhentos quilos ou dar um nó num cabo de aço!

A linha fronteiriça entre os Estados Unidos e o Canadá, corre através de 77 milhas de água para cada 100 milhas de terra.

Nenhum animal selvagem é mais difícil de capturar e transportar para um distante jardim zoológico do que a girafa com o seu longo pescoço e as suas pernas frágeis, que podem quebrar fàcilmente. De fato, graves luxações podem ser provocadas por quedas, mesmo ligeiras, ou até mesmo repentinos saltos, por sustos causados por alguma luz mais forte ou som inesperado. Por isso, quando são transportadas em jaulas especiais, as girafas seguem amarradas a troncos de árvores ou qualquer recurso similar, para que se mantenham imobilizadas.

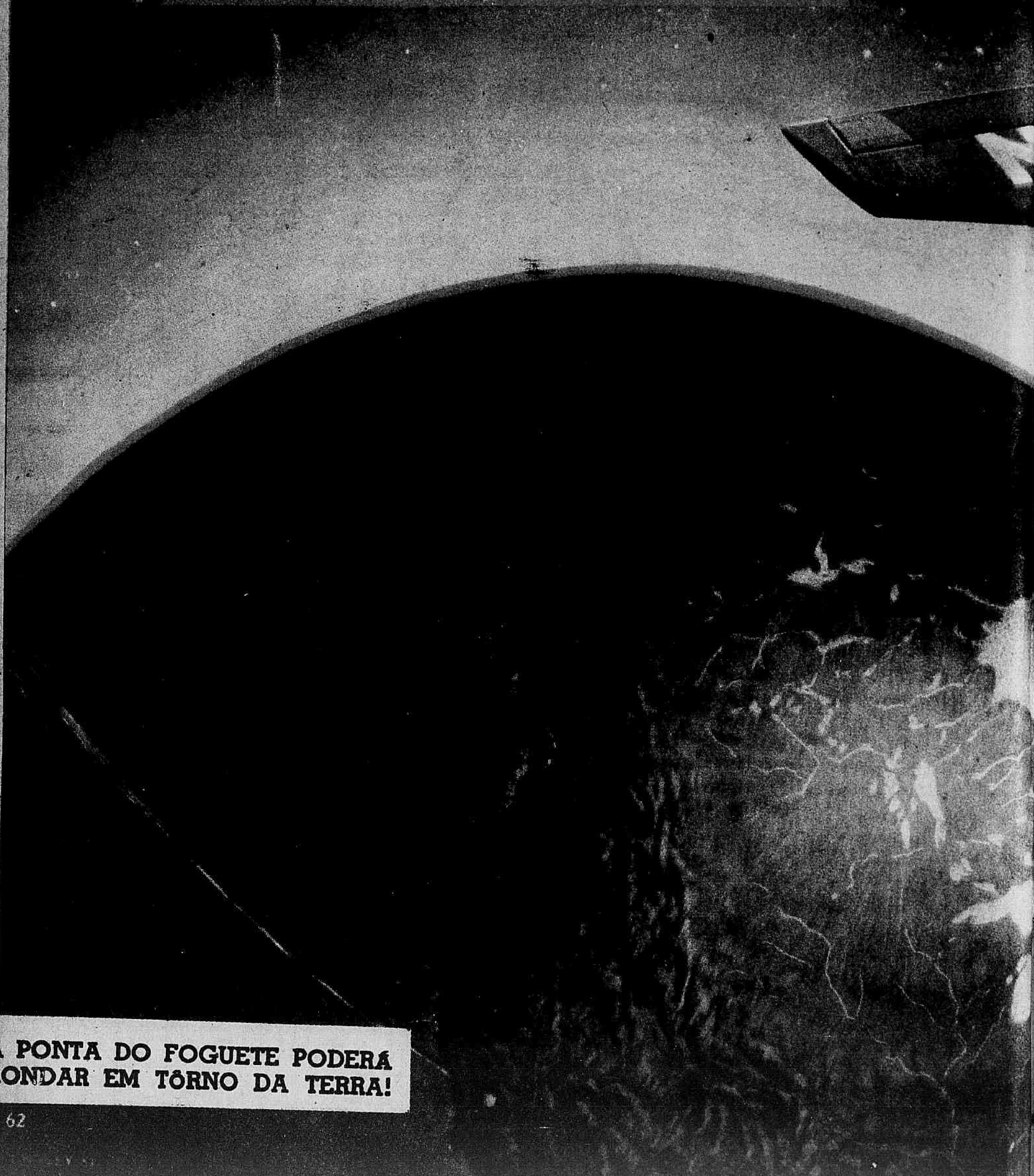


Uma singular série de selos dos correios, num total de dez foi editada na Espanha, em 1905, por ocasião do 300º aniversário da publicação do "Don Quixote", de Cervantes, sendo que tais selos descrevem sucessivamente dez importantes episódios da célebre novela.

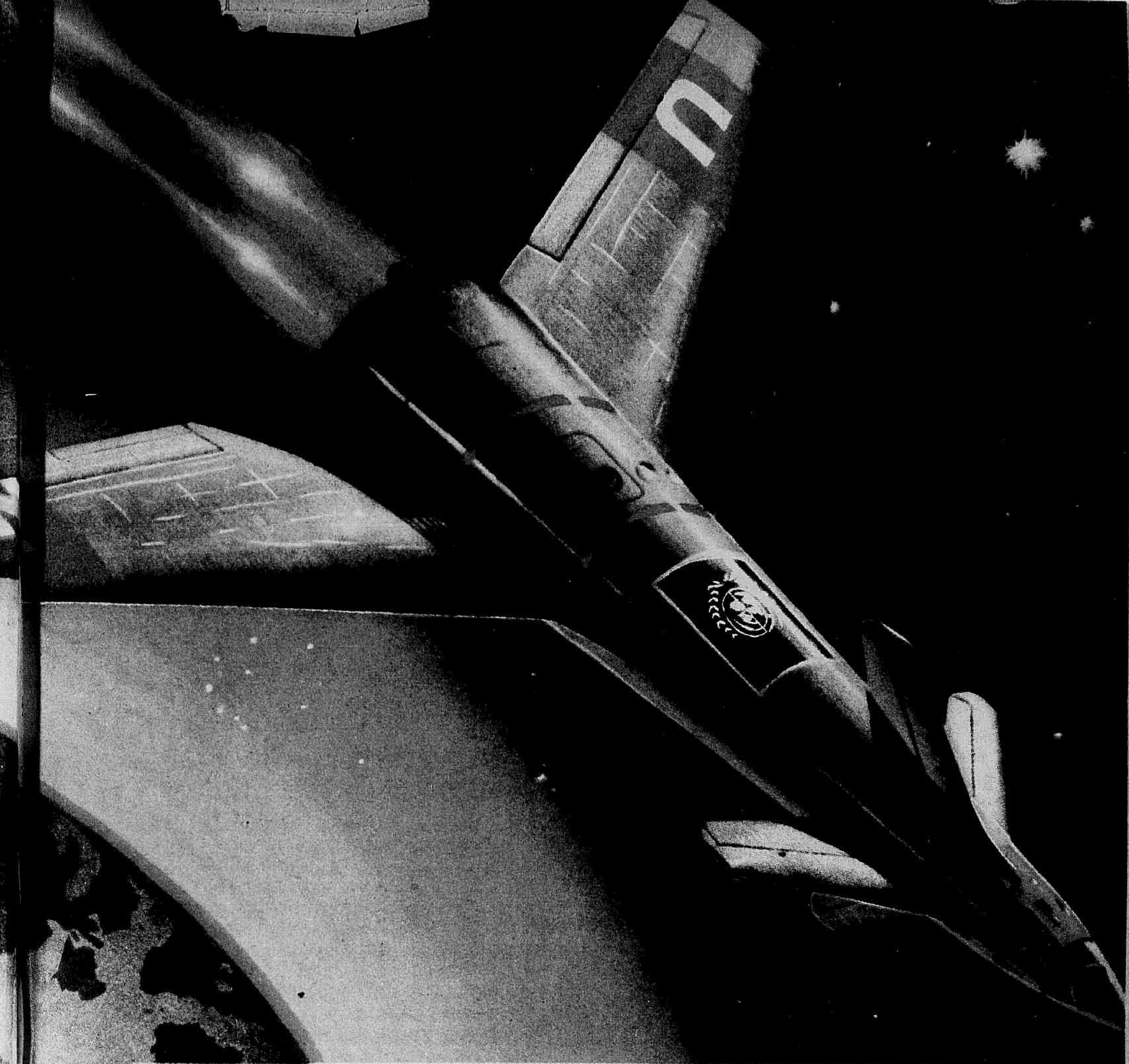
Começando pela Exibição do Palácio de Cristal, em Nova York, em 1853, os Estados Unidos já realizaram 20 Feiras Internacionais, em 15 cidades de 13 Estados, com um total de 45 milhões de visitantes, ou seja, pouco menos que a população do Brasil.

Cinco países Europeus, com língua oficial diferente, possuem cêrca de 50 rios chamados *Aa*.

POLÍCIA SIDERAL PARA REFORÇAR A PAZ MUNDIAL



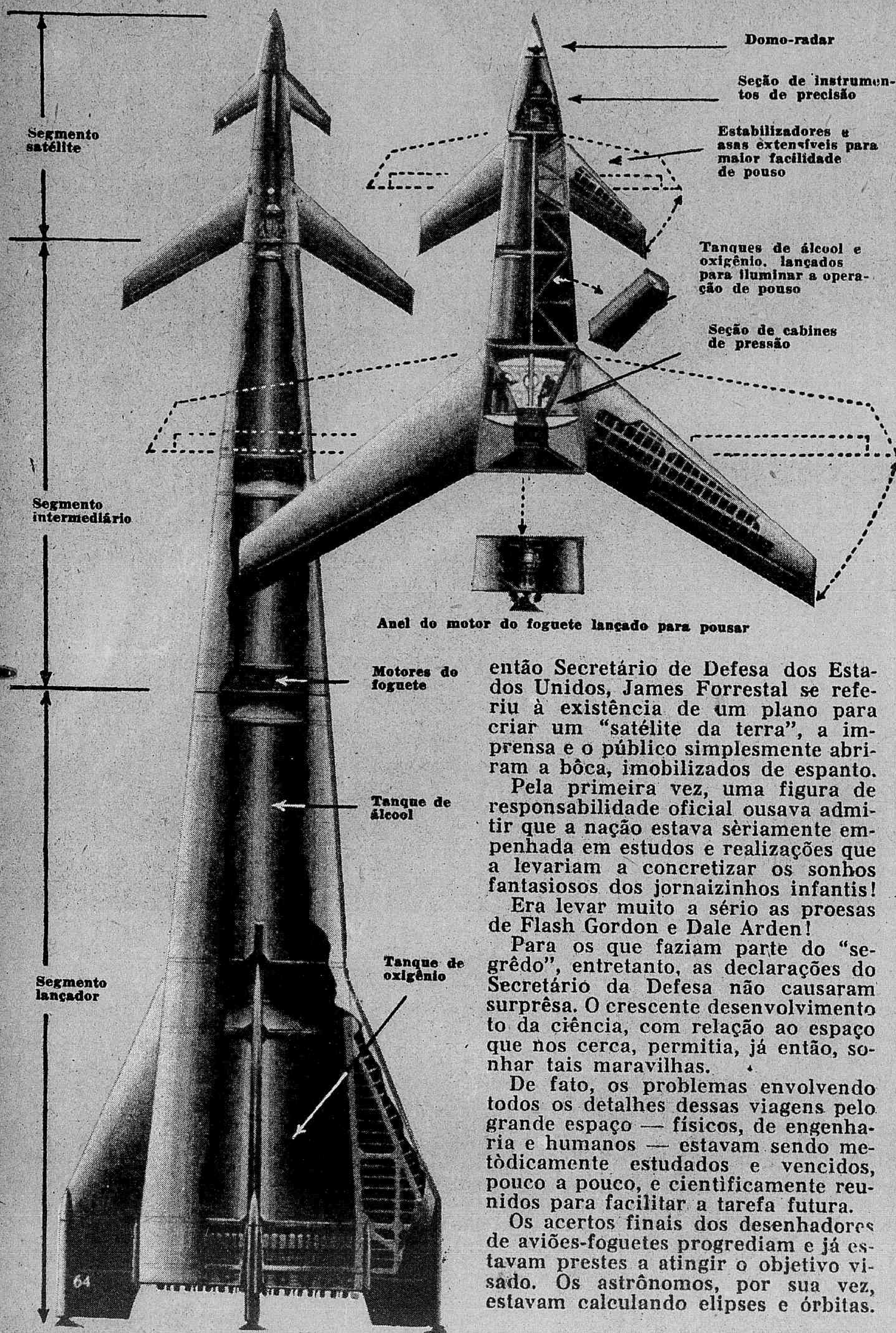
A PONTA DO FOGUETE PODERÁ RONDAR EM TÔRNO DA TERRA!



SATÉLITES-FOGUETES NÃO TARDARÃO A RONDAR EM TÔRNO DA TERRA, POLICIANDO A NOSSA CIVILIZAÇÃO!

Por FRANK TINSLEY

HOJE as principais nações do mundo estão disputando uma corrida para ver qual delas é a primeira a enviar um satélite — feito pela mão do homem — revolver numa órbita sem fim em redor da terra. Nas mãos de um país agressor, tal máquina poderá constituir verdadeira arma escravizadora para tôda a humanidade, mas como uma unidade de policiamento, das Nações Unidas, por exemplo, passará a constituir uma sólida promessa em favor da paz mundial. Quando, em 1948, o



Anel do motor do foguete lançado para pousar

então Secretário de Defesa dos Estados Unidos, James Forrestal se referiu à existência de um plano para criar um "satélite da terra", a imprensa e o público simplesmente abriram a bôca, imobilizados de espanto.

Pela primeira vez, uma figura de responsabilidade oficial ousava admitir que a nação estava sèriamente empenhada em estudos e realizações que a levariam a concretizar os sonhos fantasiosos dos jornaizinhos infantis! Era levar muito a sério as proesas de Flash Gordon e Dale Arden!

Para os que faziam parte do "segrêdo", entretanto, as declarações do Secretário da Defesa não causaram surprêsa. O crescente desenvolvimento to da ciência, com relação ao espaço que nos cerca, permitia, já então, sonhar tais maravilhas.

De fato, os problemas envolvendo todos os detalhes dessas viagens pelo grande espaço — físicos, de engenharia e humanos — estavam sendo metòdicamente estudados e vencidos, pouco a pouco, e cientificamente reunidos para facilitar a tarefa futura.

Os acertos finais dos desenhadores de aviões-foguetes progrediam e já estavam prestes a atingir o objetivo visado. Os astrônomos, por sua vez, estavam calculando elipses e órbitas.

Os físicos, por seu turno, criavam figuras no interior de vastos cérebros mecânicos, enquanto médicos especializados se debruçavam em redor de *mesas-redondas*, a fim de debater o ângulo humano da questão.

A seguir, sob a pressão das crises políticas, a notícia sensacional foi esquecida. Nenhuma linha mais surgiu nos jornais, sôbre o assunto, e o *Inventor Nº Um*, o "espírito público", voltou as costas aos problemas dos espaços que nos cercam e foi dormir.

Porém, depois de curto sono foi o despertar.

De fato, o povo despertou novamente, voltando sua atenção para o espaço que nos cerca, compreendendo que, afinal, o assunto era mais que um mero entretenimento.

Isso ocorreu quando ouviu acatados técnicos como William B. Bergen, vice-presidente e engenheiro-chefe da Glen L. Martin, companhia produtora de aviões, declarar muito a sério que "a nossa Terra teria novos satélites dentro de dez anos".

Não mais tarde que em setembro de 1951, ainda um livro, "Space Medicine", editado pelo Professor John P. Marbarger, Diretor de Pesquisas, no "Aeromedical and Physical Enveronment Laboratory", foi publicado e causou violenta emoção.

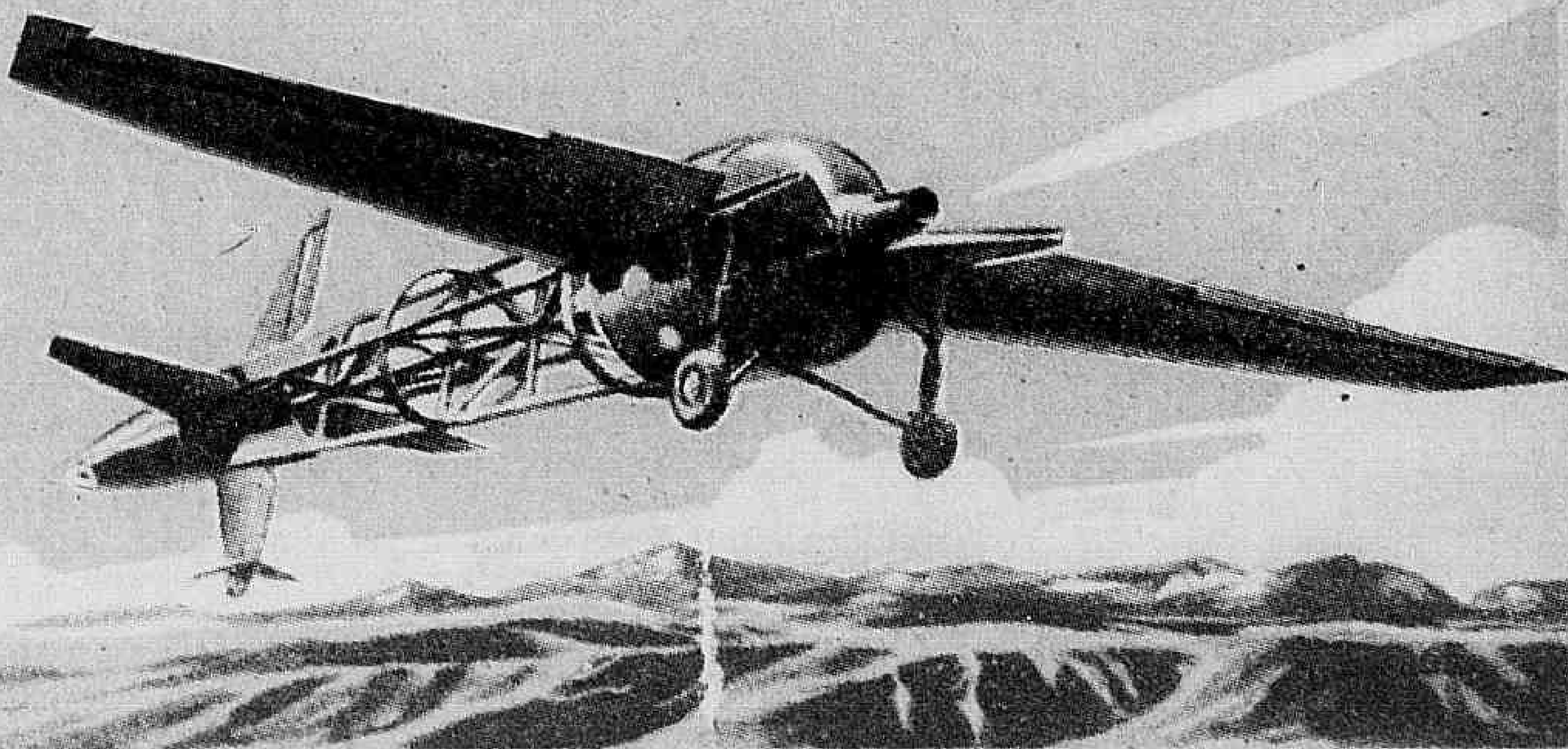
O livro, tratando dos aspectos médicos dessas viagens pelo espaço, é um *symposium* de eminentes especialistas no assunto, inclusive o Cirurgião Geral da Fôrça Aérea Norte-americana. Refere-se aos acasos físicos de uma viagem interplanetária, aos efeitos da rápida aceleração e perda da gravidade, bioclimatologia e possibilidade de vida em outros planêtas, tudo com recursos científicos que não deixam dúvida quanto à seriedade do livro e ao empenho em se atingir o objetivo visado.

Foi na mesma ocasião que se realizou, em Londres, o "Congresso Internacional de Astronáutica", promovido pela "British Interplanetary Society". Lá estiveram, trabalhando, os principais engenheiros especializados em foguetes, físicos, astrônomos e cientistas dos espaços siderais.

E que resultou dêsse Congresso? A opinião unânime dos congressistas foi uma só: *um satélite da terra, com o pêso de cinqüenta toneladas, poderia ser lançado ao espaço, até trinta milhas acima do solo terrestre, com uma velocidade de* 10.000 *milhas horárias... dentro de dez anos! Dentro de* 25 *anos serão possíveis as viagens* (ida e volta) *à Lua!*

Já o desenho de um foguete interplanetário bastante prático foi desenhado pelo Dr. Wernher von Braun. Mais prático e mais específico.

Diretor técnico, na Alemanha, durante a última guerra, das pesquisas com os foguetes, na estação de Peenmunde, o Dr. Braun é o desenhista da



A extremidade satélite pousa com tanque de gasolina e motor de foguete, tendo as asas já abertas! A tripulação excessiva e bagagens já saltaram em pàra-quedas. Com o motor-foguete trabalhando e as rodas arriadas poderá pousar normalmente como qualquer avião ligeiro de transporte.

famosa "V-2" e atualmente dirige, por conta de Tio Sam, o centro de pesquisas secretas de Fort Bliss, no Texas, onde são fabricados e ensaiados os modernos foguetes. Acredita êsse cientista que todos os requisitos básicos para que os engenheiros possam construir um satélite para o nosso planêta, *já estão à mão!* Desde que haja o dinheiro suficiente, êsse satélite poderá estar inteiramente acabado em cinco anos!

Mais ainda! Já tem êle um desenho preliminar, na forma de um longo foguete formado por três seções.

Essas três seções (de fôrça própria, cada uma), se auxiliarão, em sucessivos impulsos, que serão suficientes para vencer as garras da fôrça de gravitação terrestre. Sua velocidade de escape será aproximadamente 6.900 metros por segundo!

Essa teoria é bastante simples. Um foguete *de três saídas* e um foguete formado por *três-em-um,* ligados entre si. A unidade frontal — o veículo satélite — transporta a tripulação, os instrumentos de navegação, observação, etc. Os dois, sucessivos, são simplesmente foguetes de impulsão, a fim de manter e desenvolver a velocidade.

Tendo atingido uma suficiente velocidade de escape, a fim de fugir ao envólucro atmosférico que nos cerca, êsse impulso é cortado e o satélite entra a descrever uma grande curva através do espaço sideral.

Não haverá, porém, perda de velocidade para o veículo dado que já está o mesmo operando no vácuo, sem qualquer fricção que atrase a sua marcha.

Quando a curva da sua trajetória igualar a curvatura do globo terrestre e o deslocamento impulsivo do seu pêso puder contrabalançar exatamente a fôrça de atração da gravidade terrestre, êsse veículo aéreo revolverá indefinidamente em redor da terra — *como uma nova lua, fabricada pela mão do homem.*

Um foguete-satélite, dêsse tipo é apresentado nas ilustrações que acompanham o presente artigo. Difere realmente do que foi imaginado por von Braun, destacando-se entre outros detalhes, o fato dessa unidade satélite poder retornar à terra, quando o seu suprimento de ar se aproxima da exaustão.

Para êsse fim, possui êle asas e estabilizadores, montados na forma escamoteável, ao longo do corpo principal. Como no caso do avião supersônico "X-5", de características principais ainda secretas, tem um reator na cauda, de velocidade ajustável, que vai desde 40 graus, para arranco de foguete, até 10 graus, próprios para pouso, como qualquer avião.

Estendidas e em posição, as asas ganham maior área, permitindo uma aterrissagem em velocidade normal. E funcionarão com maior facilidade de sustentação, quando se sabe que para diminuir o pêso do aparelho, os tanques de combustíveis dêsse satélite, asim como os seus motores são lançados do corpo do aparelho momentos antes do contato dêste com a terra.

Aparelhos de observação, filmes e também três dos quatro homens também são lançados em pára-quedas, a fim de deixar movimentos livres e menor pêso para o pilôto manobrar com felicidade.

Um motor a jato, com seus respectivos tanques de combustível, montados na parte central, por trás da cabine do tripulante, fica a descoberto, quando os demais são lançados fora do aparelho. Isso permite ao único pilôto restante, absoluto contrôle durante a aproximação final. Ficam igualmente livres para ação as rodas de pouso. Têm elas a forma de triciclo, com a roda do nariz montada na travessa inferior do estabilizador vertical.

Ar, alimento, roupas e demais equipamentos já estão sendo estudados nos *Space Medicine Labs.*, da Fôrça Aérea. Os corretos ângulos para a descida, órbita e tomada de elipses, através da atmosfera, para ser efetuada uma descida vagarosa, na viagem de retôrno, devem estar, a esta hora, ainda em processo de evolução no intrincado de tubos e válvulas dos *cérebros mecânicos.* Porque, na verdade, resta ainda muito o que fazer, antes de que êsses Colombos dos espaços siderais, possam realizar a sua missão.

Porém a verdade já assombra. Podemos dizer que *foi dada a saída* para essa realização. Resta, agora, ter um pouco de paciência. Enquanto isso, o público poderá simplesmente esperar que tal satélite, forjado pela mão do homem, venha a ser, realmente, o veículo de uma polícia, agindo por conta das Nações Unidas, para reforçar a paz mundial.

★

NOTÍCIAS DIGNAS DE MEDITAÇÃO

Num jornal de Londres, êste anúncio: "Diretor de banco, recém-saído da prisão, procura emprêgo."

De um jornal de Milão: "Um médico foi prêso numa estrada próxima desta cidade, por um bandido que lhe roubou as roupas e a motocicleta. Na manhã seguinte foi encontrar roupa e máquina diante de sua porta com um bilhetinho de desculpas: o ladrão tinha que assistir a um baile na região e quis obter um meio rápido de condução, além de um terno de roupa decente.

Na Holanda, os fabricantes de charutos, afim de diminuir suas despesas de produção e poder, assim conservar os antigos preços, decidiram simplificar o envoltório dos charutos, substituindo o "anel" de papel dourado, por outro de papel prateado. Resolveram também diminuir o comprimento dos charutos.

O ministro da Agricultura dos Estados Unidos acaba de descobrir que, pela primeira vez na história, as fazendas norte-americanas possuem mais veículos motorizados que cavalos ou seja: 5.800.000 dos primeiros contra apenas 5.310.000 dos segundos.

O SUBMARINO ATÔMICO TERÁ A VELOCIDADE DO TORPEDO!

Seu raio de ação será, pràticamente, ilimitado

HÁ muito tempo que os especialistas vinham assegurando que o homem da era-atômica — a nossa — poderia dispor de uma energia pràticamente ilimitada. Porém, essas profecias, um tanto fortes, acabaram por ser consideradas *fantasias* e provocaram no público certo ceticismo. Entretanto, o submarino a propulsão nuclear já foi construído nos Estados Unidos, estando, na ocasião em que escrevemos, com a data do seu lançamento ao mar devidamente marcada. Revistas especializadas e conferências públicas forneceram naquele país e no resto do mundo, detalhes precisos sôbre a construção do submarino atômico e, nessas condições, não violamos nenhum segrêdo com o presente artigo e ao acrescentar — e isto também foi publicado — que os Estados Unidos construíram dois aparelhos de propulsão por energia atômica, destinados a equipar os submarinos. A General Electric terminaria seu aparelho neste ano de 1952 e o primeiro submarino atômico entraria em serviço em 1955 ou talvez antes.

Foi antes, muito antes, mesmo!

DECLARAÇÕES DO ALMIRANTE MOMSEN — E' fácil de explicar a escolha do submarino *como primeira máquina de propulsão atômica,* principalmente do ponto de vista científico.

O propulsor atômico é pesado e continuará sendo por maiores que tenham sido os progressos realizados nesse domínio.

A pilha atômica deve estar isolada por poderosas blindagens. Por êsse motivo, o avião atômico, se algum dia vier a existir, será relativamente lento. Não nos referimos, naturalmente, ao foguete interplanetário, cuja construção apresenta problemas que não vamos mais uma vez discutir.

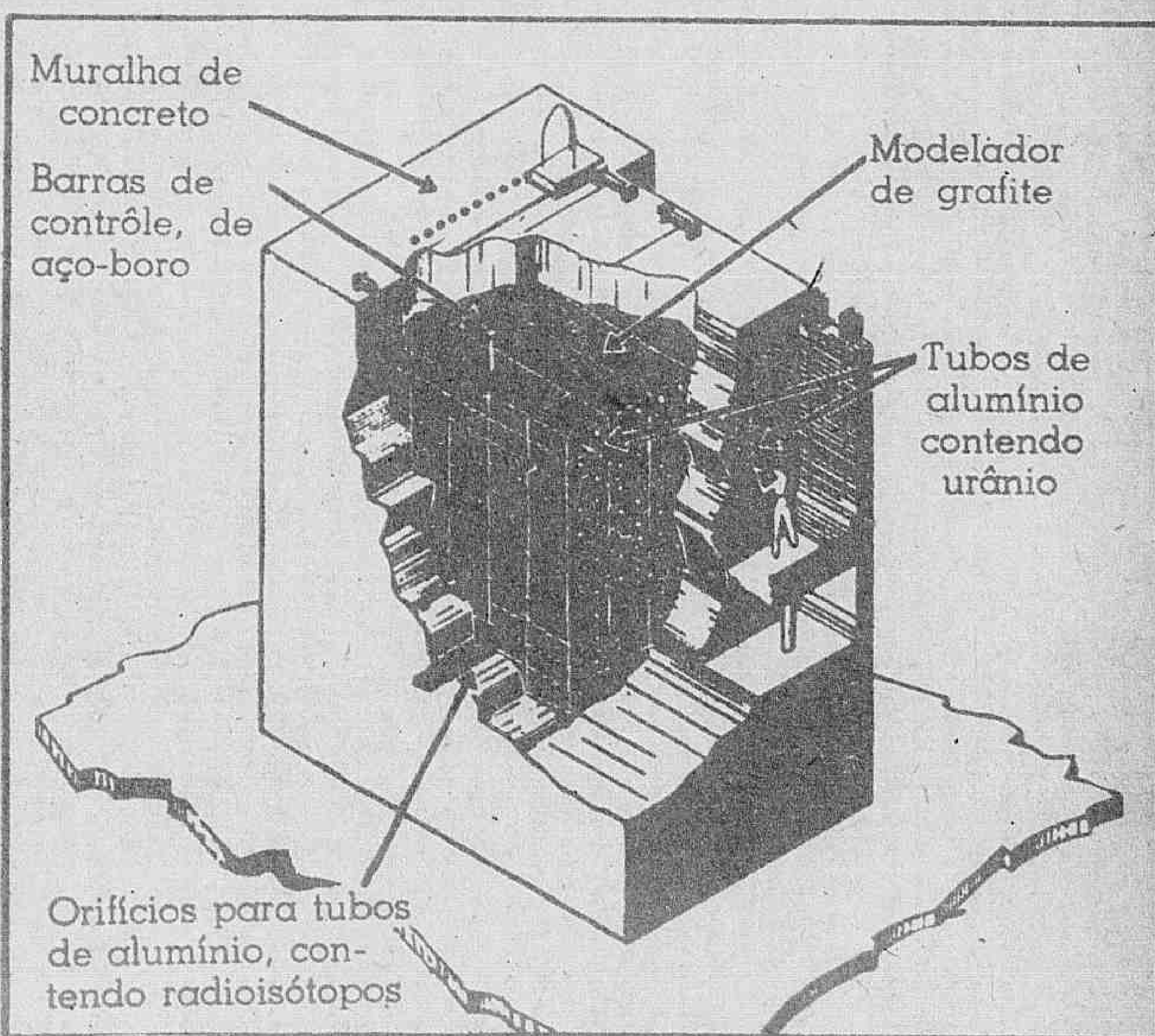
★

O esfôrço realizado pelos Estados Unidos é bem compreensível, depois da ruidosa propaganda feita pela Rússia relativamente aos seus próprios avanços no campo atômico, citando inclusive, indiretamente embora, o submarino atômico, feito em seus estaleiros secretos.

A êste respeito foram publicadas as notícias mais fantásticas. Foi dito, por exemplo, que a Rússia possuia cêrca de seiscentos submarinos, a maior parte dos quais do "tipo 21", dotado de "schnorkel" alemão. Uma recente declaração do vice-almirante Charles B. Momsen, chefe adjunto das operações navais dos Estados Unidos, acaba de pôr as coisas no seu devido lugar. Entre setenta e cem submarinos soviéticos foram vistos no Pacífico e, segundo outras informações, calcula-se que sejam êles a têrça parte — no máximo — da frota submarina da Rússia.

Dêsses trezentos submarinos, um têrço, pelo menos, forma o grupo do "tipo de treinamento", de duzentos e cinqüenta toneladas, com uma capacidade de cruzeiro de cinco mil milhas, quando os modernos submarinos de combate têm uma autonomia de doze mil e quinhentas a dezesseis mil milhas!

E' exato que a Rússia — à qual, depois



Desenho (corte) do Reator Nuclear, do Brookharen National Laboratory. Captar o calor dêsse reator é o primeiro passo para a obtenção da fôrça atômica.

da guerra, foram entregues imprudentemente os últimos tipos de submarinos alemães — realizou um grande esfôrço de construção; porém as notícias publicadas, revelando que os Russos disporão de mil submarinos dêsse tipo em 1953, são como declara o vice-almirante Momsen — *"absolutamente fantásticas, pois que nenhuma potência em todo o mundo pode realizar semelhante programa em tão curto tempo"*.

Os Estados Unidos receberam, ao terminar a Segunda Guerra Mundial, dois submarinos alemães do tipo 21. Outros seis da mesma classe, já foram terminados. E, além do mais, estão em construção vários submarinos... *anti-submarinos*. Segundo parece, o submarino atômico corresponde a êste último tipo.

ENORMES VANTAGENS DA PROPULSÃO ATÔMICA

O novo tipo de motor terá a vantagem de substituir a um só tempo ao motor Diesel, de superfície, e ao motor elétrico, de imersão, além de aumentar a velocidade e o raio de ação sob a água.

Como o indica o grande especialista de armamento, C. Rougemon, a pilha atômica é a base da produção de energia mecânica, porém sob uma forma que poderá ser muito diferente da que serviu para a produção do plutônio.

Quando só se pretende a fabricação de bombas, o sistema é simplificado com uma abundante circulação de água ou de ar, que mantém a pilha entre cem e cento e cinqüenta graus centígrados, reduzindo ao mínimo a oxidação, a corrosão e as violências térmicas nos elementos de resistência mecânica (bastante débil) que entram na construção.

Quando, ao contrário, procuram produzir primeiro energia, impõem-se as temperaturas de várias centenas de graus, se se quer transformar com rendimento aceitável a energia atômica mecânica; são pelo menos, necessários trezentos a quatrocentos graus centígrados, se se utiliza a pilha como caldeira de uma turbina a vapor, e de seiscentos a oitocentos graus centígrados se fôr necessário aquecer o ar de uma turbina a gás.

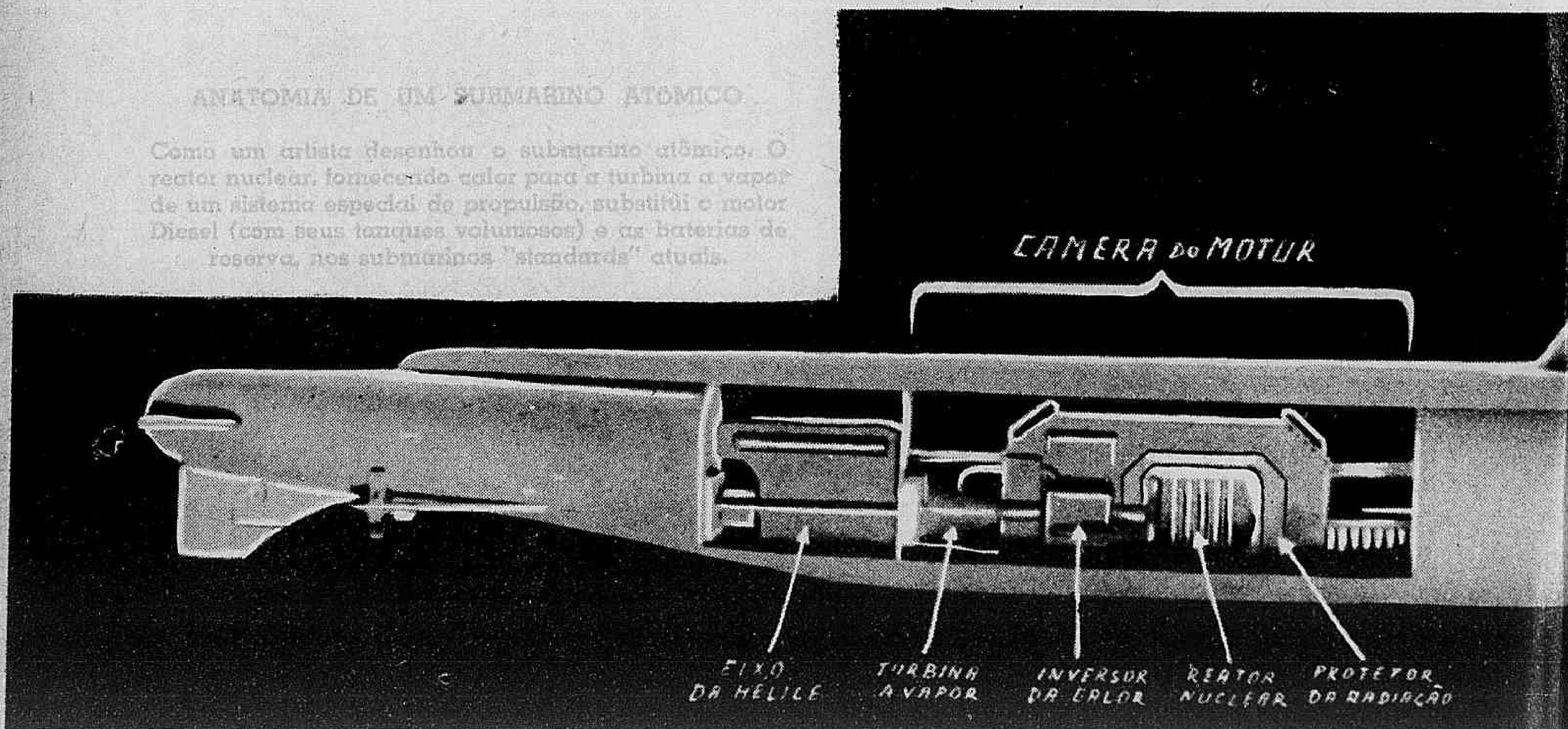
PROTEÇÃO DOS TRIPULANTES E ORIENTAÇÃO TÉCNICA

A proteção pessoal contra raios gama, emitidos pela pilha é, evidentemente, muito mais difícil a bordo de um submarino do que em terra.

Será necessário substituir o "macadame" por chumbo ou, melhor ainda, por "tungstênio"; êsse é um metal, cuja densidade, como se sabe, é extremamente elevada. A proteção, por essa forma, é perfeitamente possível.

Se a pilha atômica aciona uma turbina de vapor ou uma de gás, será necessário inspirar-se nas experiências realizadas com os turbopropulsores Allison, de cinco mil e quinhentos cavalos.

Segundo parece, todos os esforços dos técnicos se voltam para o condensador e para o redutor. Que seria, então, uma instalação de energia atômica a bordo de um submarino? Na realidade, trata-se de cons-



ANATOMIA DE UM SUBMARINO ATÔMICO

Como um artista desenhou o submarino atômico. O reator nuclear, fornecendo calor para a turbina a vapor de um sistema especial de propulsão, substitui o motor Diesel (com seus tanques volumosos) e as baterias de reserva, nos submarinos "standards" atuais.

truir uma nova "fábrica atômica" em miniatura.

Quando a Marinha de Guerra dos Estados Unidos anunciou que fôra assinado o contrato para a construção dêsse primeiro submarino atômico a maior emoção se desprendeu do fato porque com essa notícia todo o mundo entendeu que estava aberto o caminho para o primeiro uso "prático" da fôrça atômica.

De fato, a real importância da notícia estava na revelação de que os problemas de captação de energia atômica para fins industriais tinham sido finalmente vencidos. E' claro, tanto as autoridades navais quanto os membros da Comissão de Energia Atômica a ela ligados e, ainda, os poucos Congressistas implicados mais direta e profundamente com o desenvolvimento dêsses estudos, pouca coisa mais revelaram, lançando apenas ligeiríssima luz sôbre os detalhes dos planos autorizados. Sabia-se, apenas que os problemas tinham sido galgados. Só isso. E já era saber muito!

Mas, no ar, ficou a pergunta sem resposta. A mesma energia, que podera torrar uma grande cidade, poderia da mesma forma assar um pão ou fazer girar uma roda.

Essa pergunta é muito familiar para todo aquêle que desenvolva qualquer atividade no campo da energia atômica. E, ao lado dessa pergunta, sempre surgiram outras, entre as quais, destacamos mais duas: *"Não estarão caminhando com exagerada lentidão no sentido de desenvolver qualquer coisa de prático com a fôrça atômica?"* e *"Não haverá risco sério para o indivíduo que manejar qualquer dêsses aparelhos ou máquinas de movimentos atômicos?"*

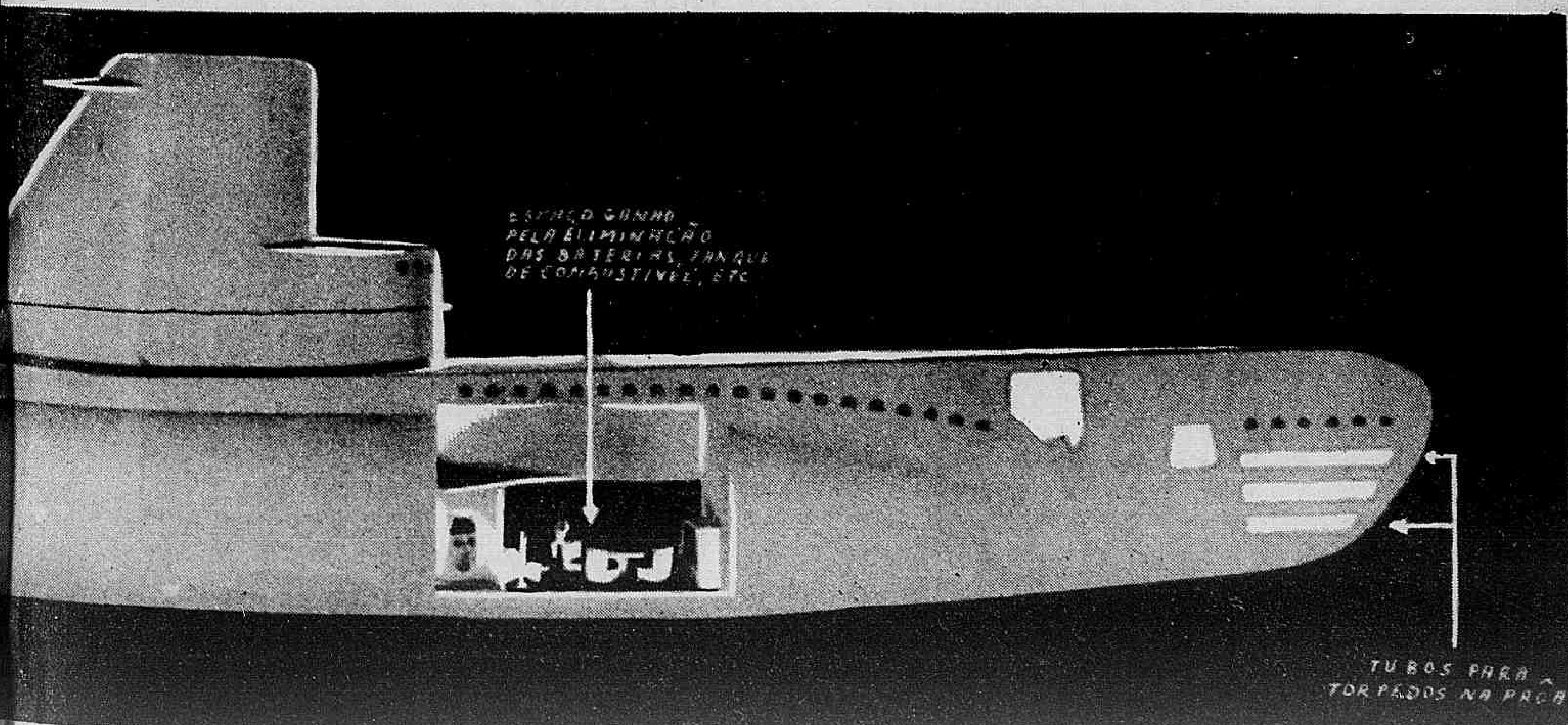
A primeira resposta, naturalmente, está prejudicada... pela nossa própria ignorância, esta submetida, diretamente, à necessidade de ser mantidos em segrêdo todos os ensaios feitos e tôdas as realizações já alcançadas. Quanto à segunda podemos ter a certeza de que nada será feito, para *uso geral*, no caso de haver qualquer risco para quem tenha que lidar com tais maquinismos. Esta, aliás, tem sido a causa principal do atraso nesse desenvolvimento — atraso *real* ou *simulado*...

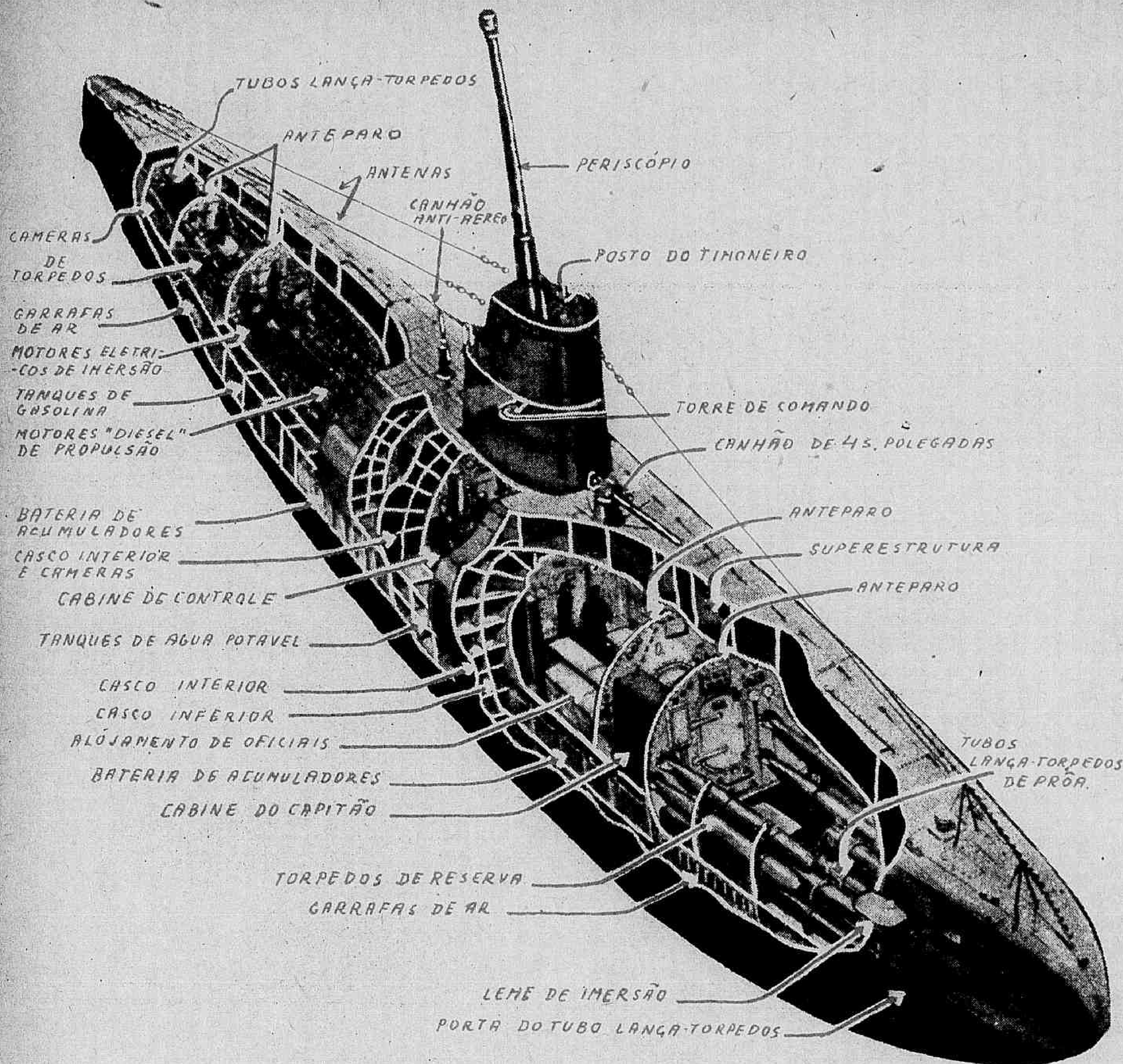
Talvez o meio mais aconselhável para se ter uma idéia da fôrça atômica e das dificuldades de sua obtenção deva começar com umas gramas de urânio e imaginar os obstáculos que têm de ser vencidos para a obtenção dessa imensa reserva de energia.

Eis o pequenino bloco de metal, não maior que o volume formado por uma pequena caixa de fósforos.

Essas poucas gramas de urânio-natural não poderiam mesmo ser de maiores dimensões, porque trata-se de um corpo 40 por cento mais pesado do que o chumbo! Há ainda a salientar que a refinação do urânio é um dos processos mais árduos que se praticam e, podemos acrescentar: a maior parte do urânio, em todo o mundo, não pode ser considerada "econômicamente recuperável".

E, justamente, por tôdas essas dificuldades, desde a mineração até a refinação,





As complicadíssimas entranhas de um atual submarino.

uma simples lasca de metal reluzente, custa 50 dólares a libra, comparado com o aço, de preço quase irrisório e o ouro que custa algumas centenas de dólares.

Os geólogos, entretanto, vivem afirmando que *existe um "lote" de urânio no mundo* e que, por isso, o preço deverá baixar. Mas, perguntamos: Que vem a ser *um "lote"*?

Os dados reais sôbre a produção do urânio constituem um segrêdo, porém um dos membros da Comissão da Energia Atômica calculou que, relativamente às reservas de energia, as reservas *recuperáveis* de urânio é dez vêzes maior que a de petróleo e cem vêzes menor que a de carvão. Essa, naturalmente, é uma estimativa teórica; não é possível afirmar, hoje, que o urânio seja um grande recurso natural.

Entretanto, supondo-se que o seja e que não possa êle ser todo pôsto em bombas, como poderá ser aproveitado como energia para as fábricas?

Não estamos, já hoje, muito distantes de resultados positivos que permitirão falar em "queimar" urânio, sabendo-se que a reação *em cadeia*, atualmente uma reação no núcleo do átomo, é uma transformação nuclear muito diferente da reação química dos fogos ordinários.

Em ambos os casos, o combustível é transformado — *e aparentemente "consumido"*.

Na produção de fôrça "em cadeia", desde o material ordinário até à fôrça atômica utilizável, o combustível causador do calor, na caldeira, terá que ser diferente *muito embora após essa etapa as turbinas, os geradores e as correntes elétricas possam ser como os atuais*. Tal corrente poderá ser enviada para fornecer fôrça a uma fábrica ou aquecer uma caldeira. E,

se assim fôr feito, *no caso de uma fábrica acionada por fôrça atômica*, a fim de assar um bôlo, êsse bôlo *não será radioativo*. Isto porque, o forno não será "atômico" e sim elétrico como os atuais.

O submarino atômico, que — podemos dizer — já é uma realidade, oferece grandes perspectivas.

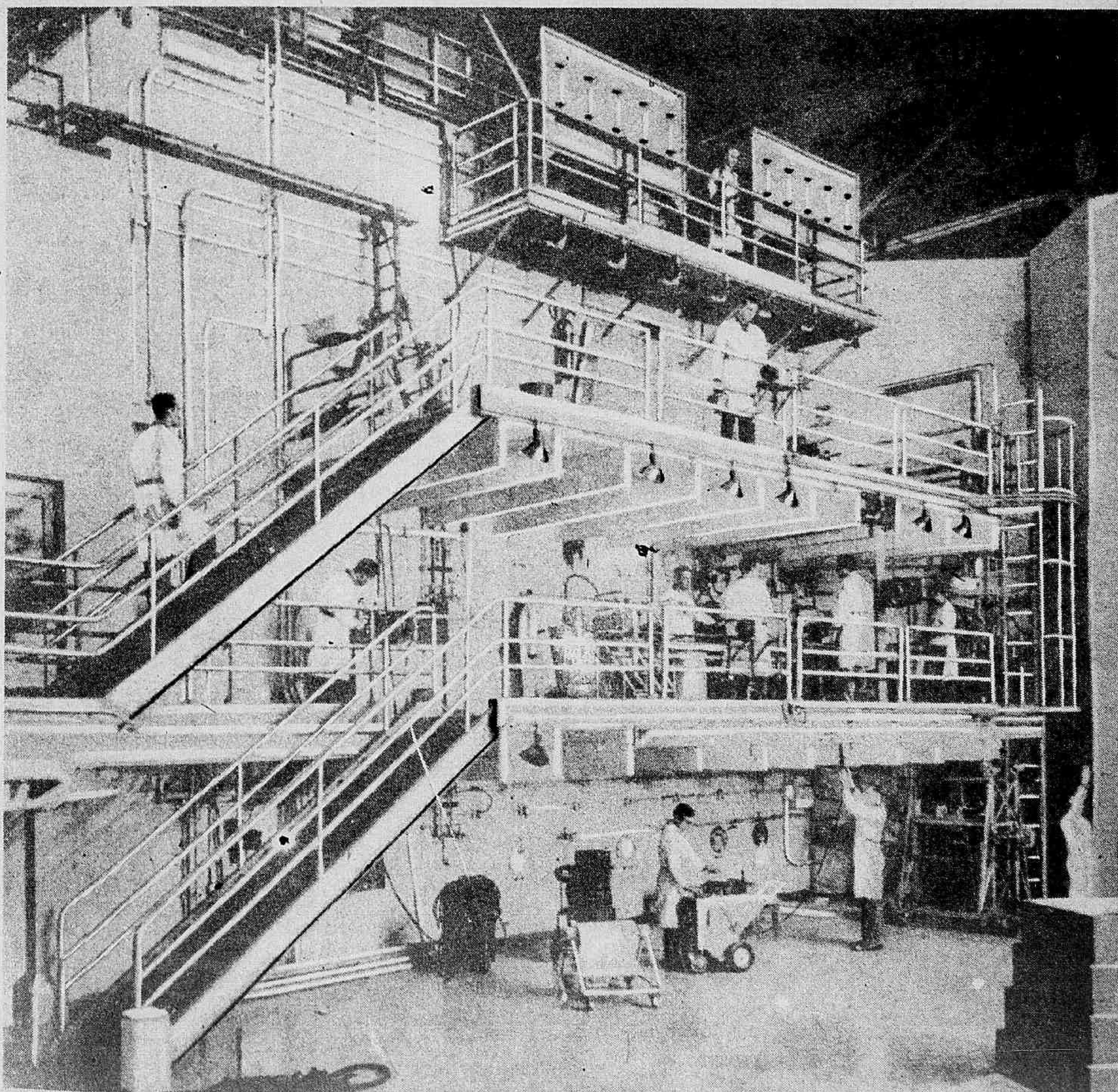
A aparição de um navio semelhante poderá revolucionar a estratégia. A propulsão atômica permitirá ao novo submarino alcançar a velocidade do torpedo e sobrepujar à dos navios de superfície mais rápidos, torpedeiros ou lanchas.

Além do mais, enquanto estas embarcações de guerra só podem ser utilizadas eficientemente durante um tempo relativamente curto — e não distantes de suas bases — o submarino atômico estará dotado de um raio de ação práticamente ilimitado, podendo ainda manter sua velocidade tanto tempo quanto o exija a sua missão.

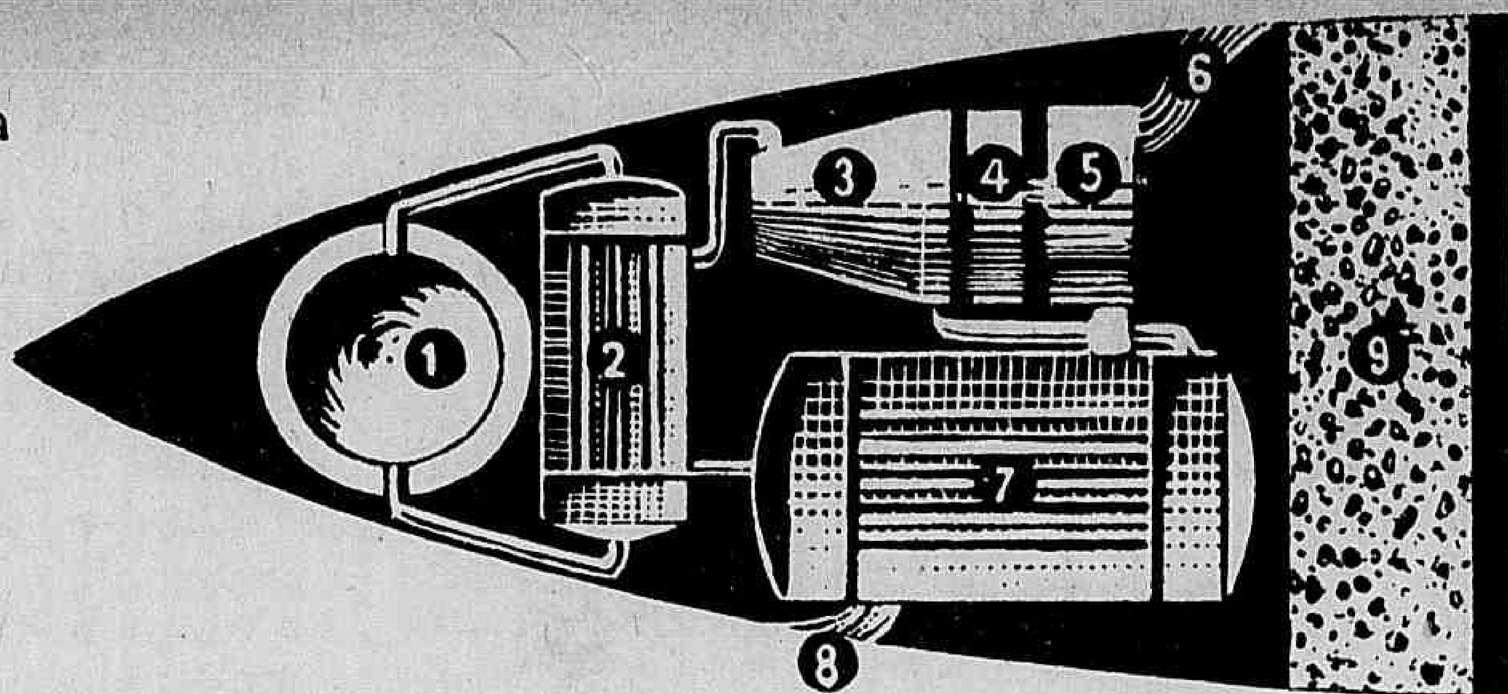
MAIS DE CEM QUILÔMETROS POR HORA

Esta velocidade poderá ser de ordem superior a cinqüenta ou sessenta nós marítimos o que significa mais de cem quilômetros por hora. Uma embarcação semelhante seria dificilmente vulnerável e poderia, ao contrário, causar num comboio estragos aterradores. Além do mais poderia lançar, mesmo estando submergido, "V-2" do tipo atômico!

No correr da última guerra, a luta contra os submarinos alemães exigiu um esfôrço enorme por parte dos Aliados. Só



1 Pilha atômica
2 Transformador de temperatura
3 Turbina
4 Redutor planetário
5 Bomba propulsora
6 Entrada de água
7 Condensador
8 Saída de água
9 Macadame protetor



no que diz respeito ao Atlântico, a defesa exigiu cento e vinte mil saídas de aviões aliados, muitos dos quais decolavam de porta-aviões, o que representa oitocentas e cinqüenta mil horas de vôo e um percurso vencido igual a uma superfície de cem milhões de milhas!

O domínio do mar na guerra passada — como na guerra futura — se a tivermos — é de importância capital.

O contra-almirante francês P. Barjot ("Revue de la Defense Nationale" — fevereiro de 1949) não hesita em atribuir a derrota de Rommel, no verão de 1943, à perda dos dois petroleiros que não puderam chegar a Derna ou a Tobruk por falta de escolta suficiente.

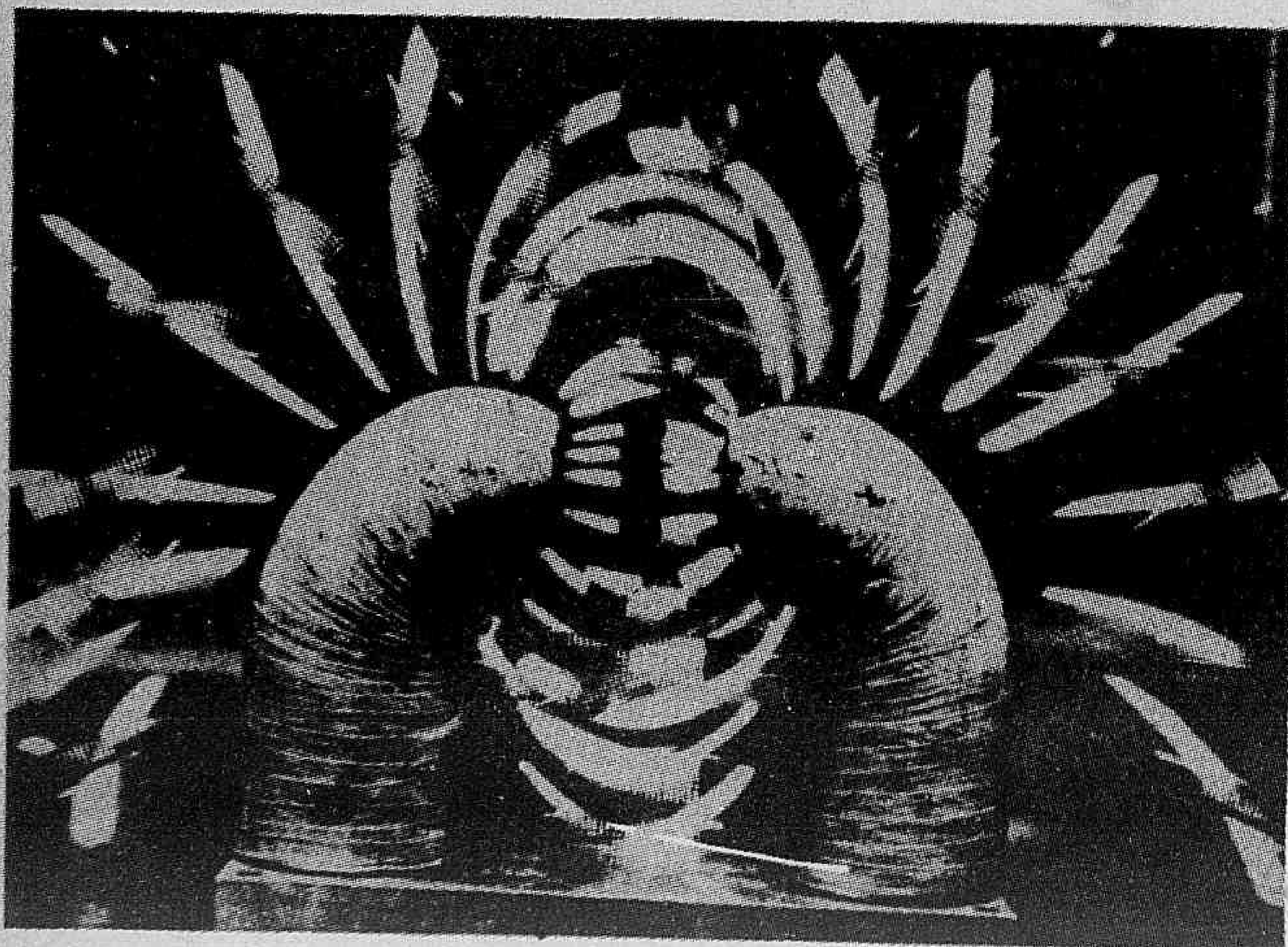
A batalha de El Alamein teria tido — segundo êsse técnico — outro resultado, caso Rommel tivesse podido dispor de carburante. Essa é, também a opinião do famoso crítico inglês Liddel Hart.

O submarino atômico fará variar não apenas a tática e a estratégia da Marinha, mas também tôda a tática e a estratégia da guerra em geral.

★

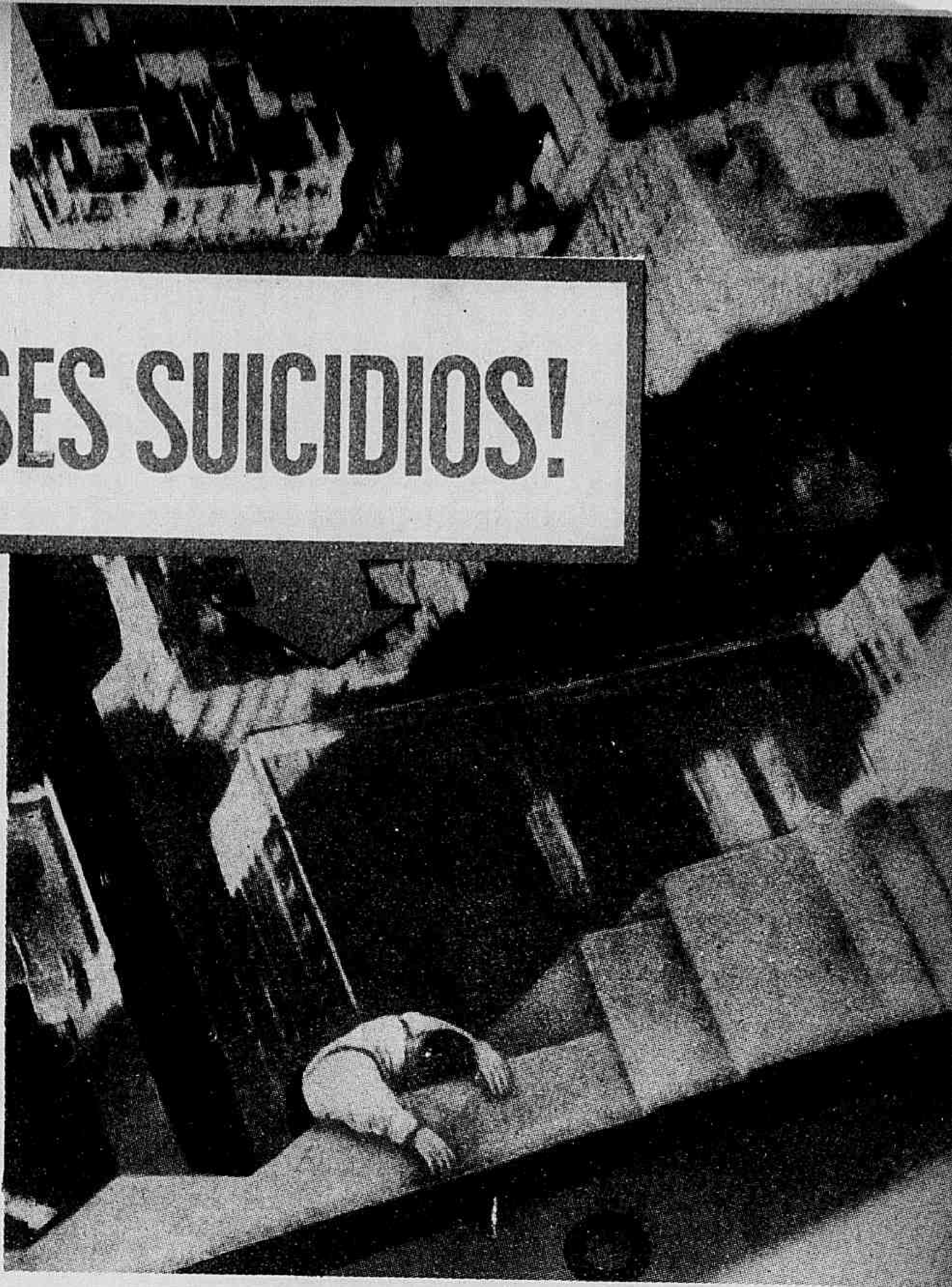
VEJA O LEITOR A FOTOGRAFIA DO MAGNETISMO!

QUANDO a arte — sublimação do real — se torna abstrata, a ciência — busca e expressão de fôrças ocultas, principalmente em física — corre em busca do concreto. Aí temos as fôrças magnéticas. Todos nós as conhecemos, com maior ou menos abundância de dados; porém ninguém até hoje as havia visto. Agora se conseguiu a visibilidade do magnetismo, ao ponto de poder ser fotografado. E, agora, sem a duvidosa veracidade com que o filho de Conan Doyle pretendeu haver fotografado um espírito, mas por meios rigorosamente científicos.



Para conseguir a prova que oferecemos aos nossos leitores, foi utilizado na Escola de Engenharia da Universidade de Nova York, um novo tubo eletrônico. Êste dispara electrões e êstes emitem um resplandor azul que desenha as linhas da fôrça magnética posta em ação. A fotografia foi obtida em uma câmara escura, mediante uma série de sucessivas exposições sôbre a mesma película. O resultado dessa fotografia do magnetismo é quase surpreendente como o de uma vista de caleidoscópio infantil.

EVITEM ESSES SUICIDIOS!



Balanço do último ano, só nos Estados Unidos: 16.000 mortos, 100.000 aleijados ou mal feridos. A próxima tragédia pode não estar distante do leitor — a não ser que o leitor se previna

Pelo DR. V. C. BRANHAM

A linda e jovem mulher estava estirada no chão da cozinha. As bôcas do fogão estavam já agora bem fechadas, porém o gás continuava a encher pesadamente o compartimento. Desanimado, observei como um colega retirava o *pulmotor* e anotava no seu caderno de algibeira: *"Morta ao chegar o socorro. Suicídio"*.

A infeliz criatura era um ex-sargento do Corpo Feminino Auxiliar, que tantos serviços prestou na última guerra. Era, entretanto, inteiramente desconhecida na Clínica de Higiene Mental para Veteranos, que se incumbe de amparar por todos os meios os seus filiados. Ninguém, assim, estava em condições de explicar porque se matara.

Outras investigações, entretanto, revelaram que a suicida vivera sempre cercada de dificuldades. Mais ainda: a pobre moça sofria de um severo ataque de melancolia, surgido após uma série de infortunados incidentes. Seu noivo morrera tràgicamente, atropelado por um automóvel. O descontrôle nervoso, provocado por êsse infortúnio, fizera-a perder o emprêgo. Surgiram mil e uma dificuldades e, ainda, uma dor de cabeça constante e terrível, impedindo-a de dormir...

NO ENTANTO... PODIA SER SALVA! — Uma vez ingerira uma super-dose de pílulas para dormir, e foi parar num hospital. Quando dêle saiu, sua família foi a primeira a pilheriar, escarnecendo mesmo, ao ouvir alguém lembrar que um psiquiatra pudia ser útil para o seu caso.

Uma noite, um policial conseguiu afastá-la da amurada de uma elevada ponte, sôbre a qual ficara debruçada, olhando o abismo, horas a fio... Porém logo que a levou para longe da ponte, rodou nos calcanhares, deixando-a só e livre — *para procurar morrer por outro qualquer meio!*

Casos similares são conhecidos diàriamente. No último ano, sòmente nos Estados Unidos, 16.000 pessoas buscaram a morte por suas próprias mãos. Êsse total representa mais mortes do que tôdas as fatalidades somadas nos três últimos anos por conta da malária, difteria, febre tifóide, paralisia infantil, coqueluche ou escarlatina.

Cêrca de 100.000 outros indivíduos realizaram tentativas de suicídio, muitos ficando aleijados, após vários meses de hospital, sofrendo horrores.

O número dêsses suicídios, entretanto, pode diminuir consideràvelmente. Muitos dêsses 16.000 suicidas, que morreram de

fato em 1951, poderiam estar vivos ainda, se os seus amigos e familiares tivessem observado atentamente os sinais de perigo e agissem como era devido, em vez de procurar, deliberadamente, ignorar verdades desagradáveis.

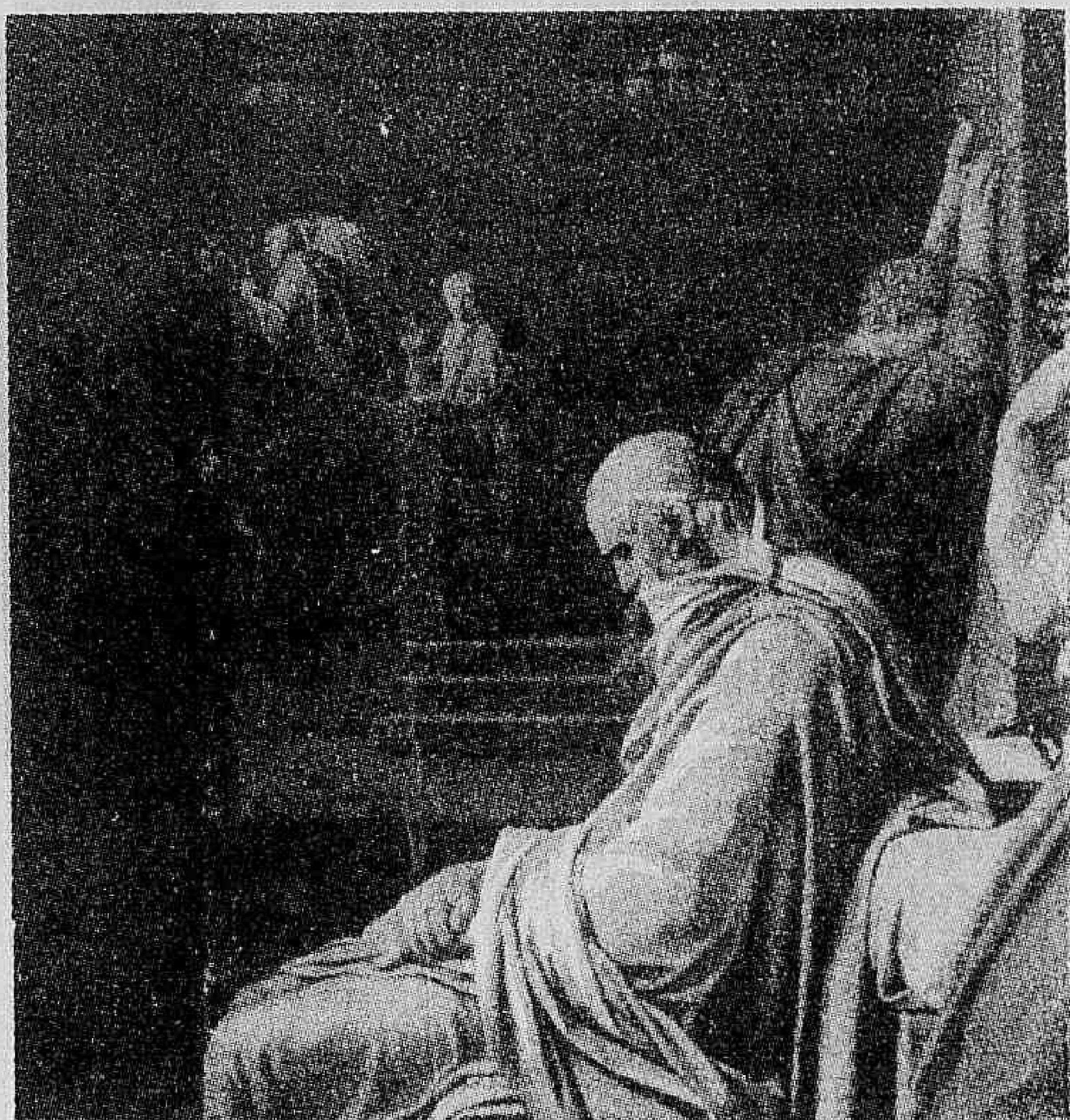
Na administração da Clínica de Higiene Mental para veteranos, o suicídio é tratado com a mesma objetividade dada a outros

ríodo do após-guerra, tendo até agora, todavia, permanecido estável. Êsse feliz resultado, obtido até o presente — é devido, em boa parte, ao trabalho das clínicas especiais para os veteranos desajustados.

Infelizmente, nem todos podem encontrar tratamento na Clínica de Higiene Mental para Veteranos, que se ocupa apenas com veteranos enfermos. Porém o senso

Ἠδε ἡ τελευτή, ὦ Ἐχέκρατες, ἑταίρου ἡμῖν ἐγένετ

A morte de Sócrates não foi, pròpriamente, um suicídio; pôsto que, condenado à morte pelos onze magistrados superiores de Atenas, foi por ordem dos mesmos que bebeu a cicuta. Mas, recusando obedecer aos magistrados que lhe ordenavam que cessasse com um ensino considerado subversivo, êle sabia que incorria na pena de morte. Sua morte, portanto, foi voluntária: Sócrates sacrificou a vida à sua fé filosófica. Platão, no «Phedon» descreve-nos a cena. Sócrates, na prisão, recebe a visita dos seus. A seguir manda que se retirem as mulheres e as crianças e fica só com seus discípulos. Quando o carcereiro lhe traz a cicuta, Sócrates conversa cortêsmente com êle. Depois, começou a passear de um lado para outro, até que o veneno tornou pesadas as suas pernas. Então, deitou-se, recomendou que sacrificassem um galo a Esculápio e expirou.



ἐπειράθημεν ἀρίστου κιλλως φρονιμωτάτ

tipos de enfermidades. Pedem a todos os veteranos, que ali se recolhem para tratamento, que os ajudem a observar e estar atento aos primeiros sinais alarmantes em seus antigos companheiros de luta... *e nêles próprios!* E tratam de enviar os "suspeitos" para o consultório de competentes psiquiatras que se tornem mais evidentes e poderosos.

O número de suicídios na América do Norte tem revelado algumas interessantes flutuações. Durante as duas Guerras Mundiais a média declinou; ao contrário, no correr da grande depressão econômica (1929-39) aumentou.

Havia sérias razões para acreditar que voltasse a se elevar mais ainda, neste pe-

comum e os métodos que usam ali podem ser observados e praticados por todos, em geral. Para os leigos aqui estão duas regras básicas:

1 — Não ignore as tendências suicidas de um indivíduo — *até você mesmo!* — Considere-as como sintomas de enfermidade mental *e encare-as sèriamente.*

2 — Não procure tratar pessoalmente de alguém que tenha tal tendência. *Conduza o enfêrmo a um psiquiatra.*

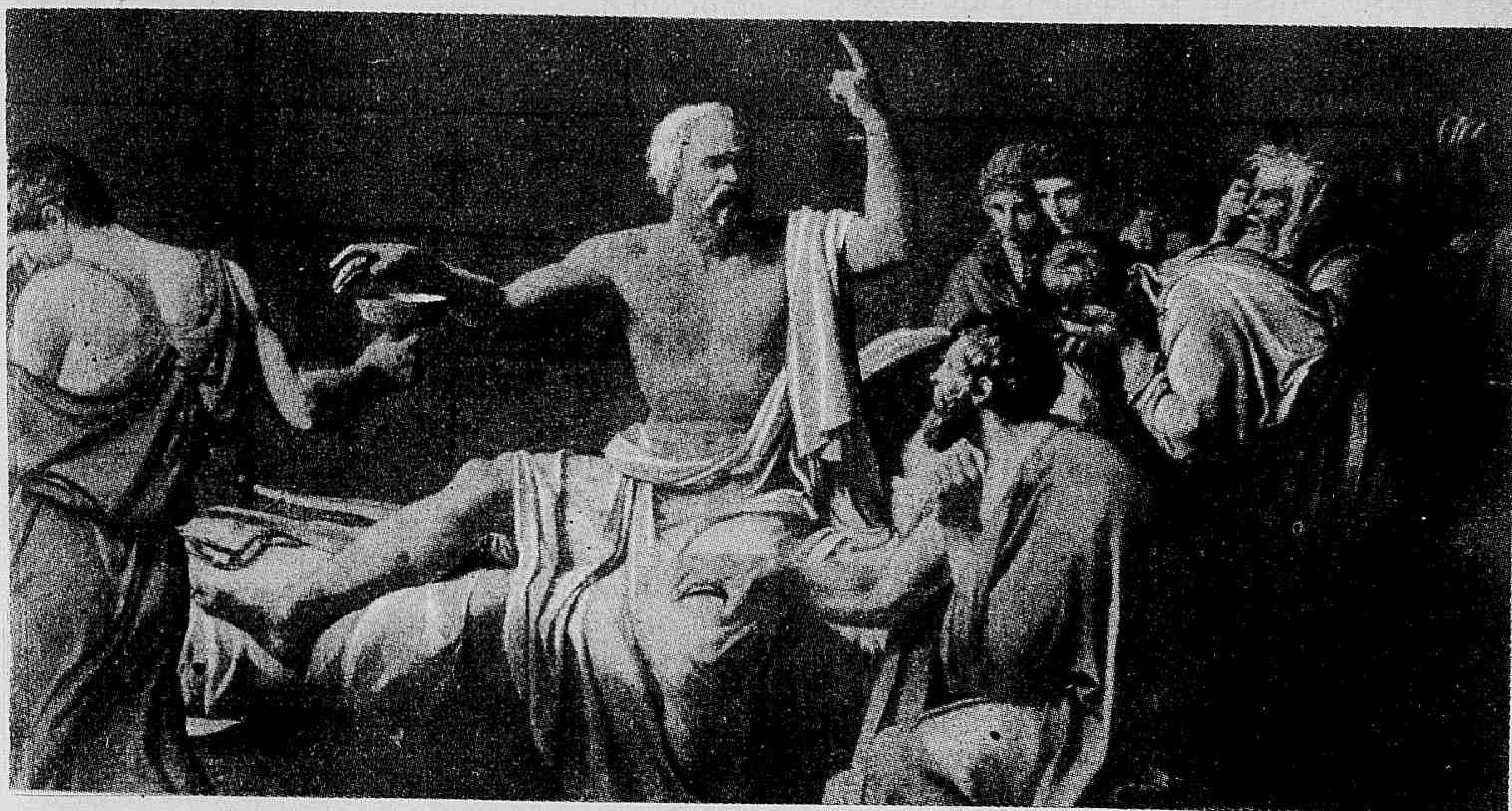
A linda e jovem veterano encontrada estirada na cozinha, envenenada por gás, poderia ser salva, se seus amigos e parentes tivessem observado a regra n. 1.

Também ocorre, muitas vêzes, que os

familiares preferem não comentar qualquer sintoma de enfermidade mental. Essa atitude é um grave êrro. As pessoas sob forte depressão não podem desta forma ser arrancadas do desespêro ou desânimo em que mergulharam.

As viagens terapêuticas, enviando o paciente para longe do meio em que vive, numa viagem de férias ou mesmo num cru-

ο, ἀνδρός, ὡς ἡμεῖς φαῖμεν ἄν, τῶν τότε ὧν



του καὶ δικαιοτάτου (1)

zeiro marítimo, simplesmente o deixará ainda mais isolado, *longe de qualquer contrôle salvador*.

UM QUE PERDEU CINCO EMPREGOS — Recentemente uma jovem mulher chamou um psiquiatra numa das pequeninas clínicas da Associação dos Veteranos, localizada na Califórnia. O marido — segundo relatou — havia perdido o quinto emprêgo em poucos meses. E estava constantemente falando que o melhor que poderia ter acontecido era êle ter morrido na guerra.

O psiquiatra enviou um membro da associação, a fim de convencer o veterano a comparecer à clínica. Isto foi um trabalho difícil. O homem estava convencido de que a clínica era destinada aos loucos sòmente. Declarou ao visitante que estava "liquidado" e que o mundo passaria muito melhor sem a sua presença.

Afinal, porém, o visitador pôde convencer o pobre homem. Os seus "testes" de aptidão e vocação revelaram elevado grau de destreza manual. Seus antigos empregadores declararam que seu trabalho era satisfatório, mas que *era homem difícil de aturar*. O veterano, por sua vez, afirmava ser pessoa incapaz e imprestável fôsse para o que fôsse.

Seu tratamento durou várias semanas, tendo sido atentamente observado e tratado, em vista de suas tendências suicidas.

Finalmente, a verdadeira história começou a surgir. O psiquiatra obteve a confissão do rapaz e veio a saber que durante a guerra, êle conhecera certa moça, além-mar. Poucos meses depois de seu regresso aos Estados Unidos recebera uma carta da mesma criatura, afirmando ser mãe de um filho... dêle! E pedia dinheiro para sustentar a criança.

Êle conseguira esconder essa carta da própria espôsa, mas agora vivia sob mêdo mortal, receando que a sua infidelidade do tempo da guerra fôsse finalmente descoberta.

O psiquiatra procurou a espôsa do enfêrmo e contou-lhe tôda a história. Logo que soube dos fatos, ela aceitou a situação e até mesmo insistiu com o marido para que enviasse dinheiro e roupas para a criança. O veterano perdeu imediatamente seu complexo de culpa e as idéias de suicídio desapareceram!

Outro caso interessante é o do jovem soldado, ferido na Segunda Guerra Mundial. Dois meses antes de ser dispensado do serviço, queixava-se de cruciantes dores em ambas as pernas. Como se aproximasse o seu dia de dispensa, confessou aos seus companheiros que as dores eram terríveis, mais do que poderia suportar. O remédio já sabia qual era... *Acabaria com a vida!*

Felizmente, seus amigos encararam o fato muito sèriamente, levando-o ao conhecimento dos diretores do hospital.

Os médicos ficaram assombrados. Inúmeros e cuidadosos exames tinham revelado a ausência de qualquer lesão na perna do paciente. Por isso levaram adiante o processo de "alta" para o mesmo. Porém o rapaz continuou a falar em suicídio, até que o caso chegou aos ouvidos do psiquiatra. Êste interrogou o moço, que confirmou o seu desejo de acabar com a vida tão logo deixasse o hospital a fim de evitar ter que enfrentar uma vida de sofrimento e desespêro. Embora o psiquiatra não pudesse encontrar alguma coisa de errado no rapaz, ordenou que a sua "baixa" do hospital fôsse adiada.

Finalmente descobriu que o rapaz tinha verdadeiro horror à idéia de retornar ao lar, onde tivera uma infância extremamente infeliz. Quando lhe foram arranjados um emprêgo e um lugar onde viver, em outra cidade, suas dores logo desapareceram — e também a idéia do suicídio.

Um dos curiosos aspectos dêsse caso foi que êsse rapaz foi um dos mais queridos pacientes do hospital antes da sua repentina mania de suicídio. Porém os psiquiatras sabem que um suicida potencial pode ser superficialmente alegre — até mesmo na própria manhã do seu gesto final, porque toma a sua resolução de um momento para outro.

Outro detalhe que conhecem é que quem fala em suicídio por certo tentará êsse gesto trágico mais cedo ou mais tarde. Raramente escondem êsse seu plano; ao contrário, desejam que todos saibam. E' essa a sua maneira de protestar contra um mundo com o qual não simpatizam.

Todo indivíduo profundamente deprimido é suicida potencial. Nunca demonstra por tiques ou gestos o seu mal. Porém o indivíduo que vive repetindo que se considera um "imprestável" ou constantemente se queixa de não ser estimado ou se considera um indivíduo desprezado, sem amigos e sem amor, é um candidato à tentativa do suicídio.

NÃO SE TRATA DE UMA ENFERMIDADE — O suicídio não é uma enfermidade ou um mal físico realmente. Porém assim como o espirro é sinal de resfriado, a tendência suicida pode indicar a presença de uma enfermidade mental ou emocional.

A causa real da tendência suicida está em geral enterrada tão profundamente no subconsciente da vítima que sòmente um competente psiquiatra poderá encontrá-lo. Um diagnóstico superficial, pronunciado por um leigo poderá ser altamente perigoso.

Os bilhetes deixados pelos suicidas, por isso mesmo, nada significam. A razão de uma pessoa deprimida é freqüentemente apenas um pretexto. Não se encontra, em geral, perfeitamente libertado dos secretos impulsos que o levam, de fato, à própria destruição.

Um rico negociante tentou recentemente o suicídio, deixando um bilhete em que dizia que o seu ato era o resultado de pesados prejuízos. Porém uma rápida investigação provou que, ao contrário, tinha uma fortuna livre superior a um milhão e meio de dólares.

O psiquiatra tudo entendeu porque a espôsa do quase suicida descobriu que o mesmo sofria de forte complexo de culpabilidade num desastre de automóvel em que a filha sofrera ferimentos mais ou menos graves.

Se o leitor não puder diagnosticar ou tratar de um amigo com tendências ao suicídio, que poderá fazer? O que os amigos e os familiares dêsse indivíduo devem fazer é confiar o infeliz às mãos de uma autoridade em enfermidades mentais, da mesma forma que o conduziria ao dentista caso sofresse de dores de dente.

Isso não será fácil, realmente. Muitos recusam o tratamento psiquiátrico, sentindo que alguma infelicidade surgirá com êsse tratamento mental. Porém ao paciente deve ser explicado que não há nisso maior perigo e muito menos vergonha que no tratamento de perturbações do coração ou pneumonia e que, ao contrário, como outra qualquer perturbação orgânica, exige cuidado profissional.

Centenas de pessoas foram literalmente condenadas à morte por não encontrar algum amigo que procurasse combater eficientemente a sua tendência suicida. Infelizmente, muitas publicações têm dirigido êsse apêlo, inùtilmente, a um público descrente. Entretanto o público pode ajudar — e muito. Num país como o nosso, com verdadeira carência de psiquiatras e outros especialistas de higiene mental, êsse tratamento é ainda caro e longo, o que o coloca fora do alcance da maior parte das pessoas que realmente estão necessitadas dêle.

O tempo, porém, fará com que tudo melhore nesse sentido. Já hoje inúmeros hospitais têm pelo menos um psiquiatra e seus assistentes.

Verdadeiramente, nem todo paciente com tendência ao suicídio é um caso sério. Muitos são indivíduos normais que se mantém temporàriamente "fora dos eixos" em razão de algum incidente específico. Êsses, de fato, podem ser tratados por psicologistas, trabalhadores sociais, religiosos ou simples indivíduos com natural vocação.

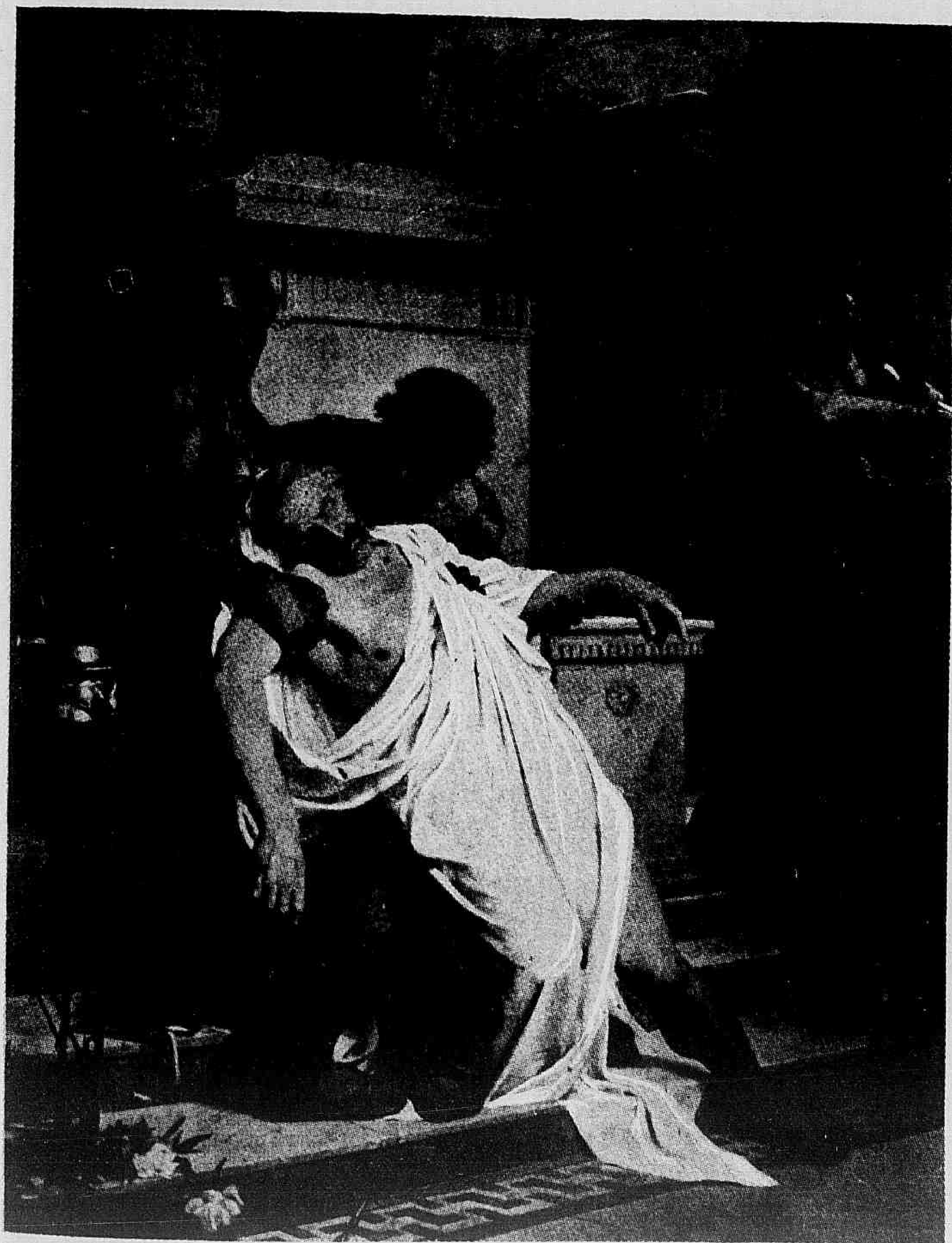
E', porém, importante que o psiquiatra faça o diagnóstico e indique o tratamento. Em nossa tumultuosa civilização e supercarregada sociedade, milhões de indivíduos são mais ou menos neuróticos. Todos nós temos um ponto fraco. Enfermidades, insegurança financeira, distúrbios domésticos ou amôres fracassados podem lançar um indivíduo à perda do contrôle. No adulto bem equilibrado, tais infortúnios não passam de ligeiros incidentes; logo após o primeiro choque cessam de causar perturbação.

CONSULTE O PSIQUIATRA — Porém num indivíduo com um conflito emocional básico, o incidente é apenas um pretexto e não a verdadeira razão, para que recorra ao suicídio. Caso êsse pretexto seja removido, a mesma pessoa procurará outro e outro mais. Só um psiquiatra bem treinado poderá lidar com o paciente a fim de descobrir o secreto motivo de sua tendência suicida.

Caso possamos enfrentar êsses fatos com inteligência, então sim, estaremos em condições de evitar êsses suicídios. O suicida é um assassino que não precisa de outro remédio além do senso comum.

Vamos ajudá-los?





MORTE DE DEMÓSTENES (ano 323 A. C.) — Demóstenes, o protótipo do orador, patriota e estadista, predisse a rendição da Macedônia e apontou o perigo que esta representaria para Atenas. Seus compatriotas não lhe deram atenção, permanecendo surdos a seus avisos até que o desastre de Quersoneso os convenceu. Outra derrota confirmou a supremacia macedônica. Demóstenes fugiu para Calaureya, onde, sendo prêso pelos macedônios, suicidou-se com veneno.

SEJA DELICADO SEM SER RIDÍCULO!



O DUQUE DE LÉVIS MIREPOIX, ESPECIALISTA DO SAVOIR FAIRE, RESPONDE ÀS MAIS DIFÍCEIS PERGUNTAS

MONSIEUR de Charlus, o célebre personagem de Proust, passeando a pé, cruzou com a duquesa de Guermants, que passava em carruagem; imediatamente lançou fora o charuto de alto preço do qual acabara de sugar a primeira fumarada. Se jantava na residência da duquesa, não deixava de a visitar, dois ou três dias depois, logo às primeiras horas da tarde, de sobrecasaca e cártola de sêda. Êsse ritual, que as antigas leis da polidez tornavam obrigatório fôra chamado por um humorista: *a visita de digestão.*

Em 1952, o sacrifício do charuto mal consumido e, mais ainda, a *visita de digestão* desapareceram de nossos usos. A polidez tipo 1952 não é a mesma de antes da primeira Guerra Mundial; nem mesmo a de antes da segunda. E tudo porque, afinal, as suas leis não estão codificadas. Evoluem com as condições de existência, com a estrutura social das nações. Num mundo de vida difícil e laboriosa, a polidez das épocas fáceis e despreocupadas não têm mais razão de ser.

Monsieur de Charlus tinha muito tempo diante de si. Orgulhava-se da própria ociosidade e, para êle, a pior das indelicadezas era aparentar pressa. Só podia ser apressado com as pessoas cuja presença lhe fôsse insuportável — e essa era a sua maneira de lhes significar o seu desagrado.

Ao contrário, o segundo meio-século, que se inicia é a idade dos homens de negócios e, portanto, dos homens apressados. Dos *hommes d'affaires*, isto é, dos homens *affairés* como diriam os franceses com a maior propriedade. À hora das *visitas de digestão, Monsieur de Charlus* discute dividendos ou maioria de ações. Sua polidez tem que prestar a necessária atenção aos



"engarrafamentos", nas vias difíceis como no seu caderninho de visitas a fazer.

Se, por milagre, o leitor não estiver apressado, deverá agir como se o estivesse pois que todo o mundo está em seu redor. Se, por excesso de atenções, obrigar um amigo a perder cinco preciosos minutos do seu dia de homem de negócios, o leitor provocará um sério aborrecimento. E, a partir de então, a sua polidez atingiu um alvo contrário ao que se fixara.

DA INSOLÊNCIA — Porque a lei fundamental e eterna da polidez é esta: *"Poupai-vos uns aos outros."*

A polidez é, antes de mais nada, uma alma, um estado de espírito, e tem por missão deitar óleo nas engrenagens dêsse mecanismo tão complexo que é a vida social. Quanto mais completo, mais óleo necessitará. E nunca foi necessário tanto quanto hoje. *Mas não abusemos dêsse lubrificante!*

E, para começar, se alguém nos trata grosseiramente, não lhe respondamos, principalmente: *"Seja polido!"* Mostremos-lhe, antes, como sabemos ser polidos, *mesmo com insolência!* A insolência não é uma impolidez. Durante muito tempo, a resposta suprema à grosseria, consistiu em encontrar-se com o grosseiro sôbre um relvado e perfurá-lo com a espada.

DA PRIMAZIA — Diante de uma porta, não devemos passar espontâneamente primeiro. Mas não devemos discutir igualmente para ser, aboslutamente, o último a passar. Se temos várias portas por onde passar, perdemos preciosos minutos e as hesitações, os vai-vem diante de cada uma que apareça, transformar-se-ão num ridículo "ballet".

Conta Saint-Simon que Luís XIV, preparando-se para subir em carruagem com um embaixador, indicou-lhe com gesto imperativo, que fôsse o primeiro a subir. O embaixador não hesitou um só instante. Obedeceu. E Luís XIV declarou: — *"Eis um homem que sabe viver"*. Façamos também como êle.



Tornou-se, ùltimamente um "leitmotiv", na conversação de certos indivíduos pessimistas, afirmar que "a polidez perde terreno". Outros observadores, ao contrário, afirmam que os tempos difíceis provocaram uma reação salutar e que a jovem geração procura restaurar a polidez tradicional. Mas, muitas vêzes, essa boa vontade é prejudicada pela inabilidade.

Ninguém pode imaginar sem sorrir um comandante de uma companhia de tanques dirigir a seus homens, antes do combate, esta ordem de um oficial da guerra em vestuário rendado, aos seus cavaleiros: *"Dignai-vos, senhores, ajustar bem os vossos chapéus, pois vamos ter a honra de carregar contra o inimigo."* A polidez anacrônica causa riso. Devemos evitá-la.

DO APÊRTO DE MÃOS — Sôbre êsse ponto, um dos problemas mais delicados e mais discutidos se refere às luvas.

. Duas pessoas se encontram na rua. Uma delas estende a mão; a outra, antes de estender a sua, tenta retirar a luva. Esta resiste. O botão que a fecha recusa ceder. A pessoa faz fôrça. A luva desabotoa mas não quer sair, tanto mais que a mão esquerda, também enluvada, é menos ágil. A mão está libertada. Os dedos, porém, continuam prisioneiros. A pessoa consegue retirar o polegar, depois o dedo mínimo. A luva acaba por ceder totalmente, a operação durou cinco minutos. Durante todo êsse tempo a outra pessoa, se está sem luvas, conservou a mão estendida, o que é um tanto incômodo e, se também está com as mãos inluvadas, não quis ficar "para trás" e, por sua vez, empreendeu a mesma operação. E' possível que tenha, além das luvas, um cigarro entre os lábios, um chapéu na cabeça e dois ou três embrulhos sob os braços. Quer retirar o chapéu, sustentar o cigarro, reter os embrulhos, enquanto luta com as luvas. Salvo sólidas qualidades de equilibrista, terá tôdas as probabilidades de não sair jamais dessa situação inextricável... e inteiramente estúpida. Ora, a verdadeira polidez quer que evitemos aos outros essas situações ridículas. A fôrça de resistência das luvas e sua má vontade, em tais casos, impõem que sejam conservadas. A menos que o nosso interlocutor retire as suas. Assim, *será êle o errado.*

Quanto ao apêrto de mãos entre os homens — e que os Inglêses têm o bom gôsto de não praticar — evitemos que êle não se reproduza dez vêzes por dia com a mesma pessoa.

DO USO DAS LUVAS — Êsse costume de retirar a luva tem uma dupla origem: era costume, quando o rei recebia um cortezão em audiência, que êste comparecesse com a mão esquerda enluvada e a mão direita sem luva. Por outro lado, quando os primeiros automóveis surgiram nas ruas e estradas, os desarranjos eram freqüentes e os condutores dêsses veículos, protegidos por óculos escuros e peliças de pêlos longos, remexiam nos motores com as luvas. Quando deviam apertar a mão de algum amigo, eram obrigados, por isso, a retirar as luvas.

Ao contrário, há trinta anos, conservavam as luvas... para dançar. E ainda em 1950 o conde Etienne de Beaumont, que oferecia um baile, frizou, nos próprios convites, que os convidados deveriam comparecer com as mãos enluvadas.

A luva, no entanto, não faz parte dos acessórios indispensáveis do saber-viver. Seu papel consiste ùnicamente em proteger as mãos do frio e, quando não são usadas, fora da estação fria, não há nisso nenhuma infração a qualquer regra do bom-tom.

DO ENCONTRO COM UMA DAMA — O homem que tem a cabeça protegida por



um chapéu deverá tirá-lo diante de uma senhora. Um homem não deve, jamais, ser o primeiro a estender a mão a uma mulher. E' grave indelicadeza.

Antes da última guerra, era prova de cortezia, quando um homem se encontrava com uma conhecida, esperar, para a saudar, que ela fizesse um sinal qualquer autorizando essa saudação. Êsse hábito, que proibia aos míopes tôda espécie de encontro possível, tende a cair em desuso. Mas, para travar conversação com uma dama, é indispensável esperar que ela se detenha.

DO BEIJA-MÃO — A luva, que, decididamente, parece complicar voluntàriamente as leis referentes às boas maneiras, é encontrada na base de outro problema próprio para provocar intermináveis polêmicas.

Devemos beijar a mão enluvada? Êsse problema foi discutido mais que nunca quando, recentemente, um jornal de Paris publicou uma fotografia do general Mac Arthur beijando a mão enluvada da Sra. Tchang Kai Shek. Êsse jornal (Paris Match), recebeu um aluvião de cartas de seus leitores, concedendo ao general um conhecimento muito vago dos princípios de civilidade. Devemos acrescentar que, na mesma ocasião, Mac Arthur tinha o quepe na cabeça e o cachimbo na outra mão!



Eis o que podemos responder: nenhuma regra interdita que se beije a mão enluvada de alguma senhora.

Entretanto, o beija-mão deve ser praticado com circunspecção. Há duas classes de beija-mão: o beija-mão familiar destinado a uma parenta ou a uma amiga íntima (que não obedece a qualquer regra) e o beija-mão de cerimônia, que certos países, a antiga Rússia, a antiga Polônia e a Áustria consideravam obrigatório, que os países anglo-saxônicos proscriviam e que, em França, foi sempre considerado como facultativo, salvo com referência às princesas reais. Obedece à moda. E acontece que, hoje, está em moda.

Quer o costume que os homens que o praticam não levantem até êles a mão oferecida, mas se curvem sôbre ela, mal tocando-a com os lábios. E' sinal de respeito que só pode ser dirigido às senhoras casadas, muito difícil de executar e não é recomendado na rua. Num salão, é aconselhado reservar o beija-mão sòmente para a dona da casa. Porque o beija-mão *a repetição,* se o seu autor não é um virtuoso, torna-se depressa assaz cômico.

DAS APRESENTAÇÕES — Numa recepção, um convidado deseja apresentar seus amigos uns aos outros. Na maioria dos casos, esqueceu um dos nomes, senão dois. Se não os esqueceu, pronuncia mal ou correrá o risco de apresentar um por outro. O que é certo, o que em geral acontece, é que duas pessoas assim apresentadas não compreendem jamais, perfeitamente, o nome da outra, o que complica singularmente as coisas, quando, por sua vez, uma delas quer apresentar o novo conhecido a um quarto convidado. Foi, felizmente, encontrado um remédio para êsse mal. Está hoje perfeitamente admitido que, numa recepção, os homens se apresentem, êles próprios, entre si.

Nos outros casos, a velha regra é sempre valiosa. Apresenta-se um homem a uma mulher, citando-se o nome dêle em primeiro lugar. A única exceção à regra é quando se apresenta uma mulher a um soberano, a um príncipe real ou a um dignitário da Igreja.

Nas recepções, admite-te, hoje, que os convidados apresentem uns aos outros suas próprias relações, sem recorrer, para tanto, à dona da casa.

DOS COSTUMES À MESA — Se alguém tem o hábito, num jantar, de firmar a cadeira da sua vizinha, enquanto ela se acomoda, realiza um gesto que nenhuma regra obriga, mas que não poderá, em nenhum caso, passar por descortezia. E', mesmo, provável que essa pessoa esteja na vanguarda da polidez... O gesto, de fato, é obrigatório nos países escandinavos, e lá, não fazê-lo, seria uma impolidez gravíssima. Isto, porque na França, por exemplo, país que ditou tais regras ao mundo durante muitos anos, a tradição impunha êsse cuidado aos criados e, na Escandinávia, desde há muito, a aristocracia dispensa quase inteiramente a criadagem. Da maneira em que vamos, também estaremos, muito breve, na contingência de dispensar mais e mais os empregados domésticos e, por isso mesmo, êsse gesto ganhará adeptos entre nós.

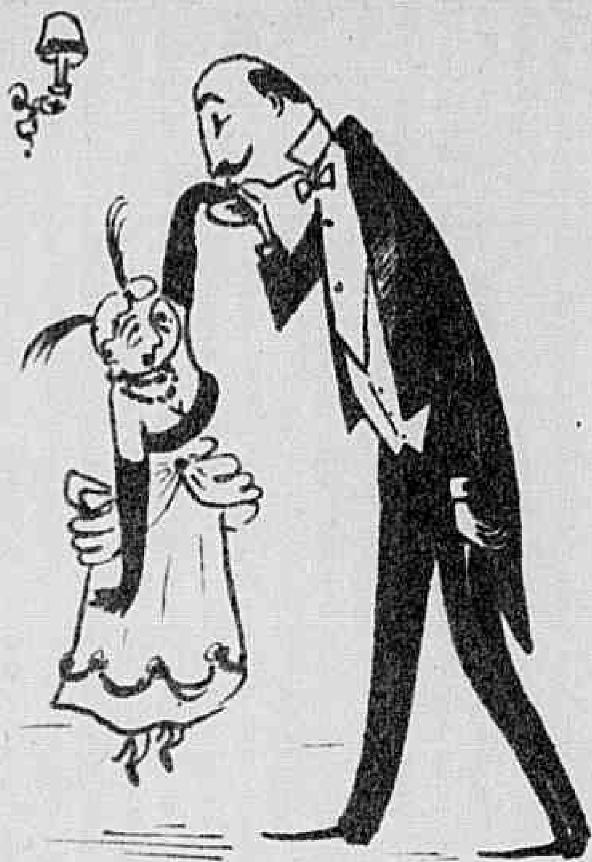
DA APARÊNCIA PESSOAL — A roupa é mais uma questão de moda que de "savoir-vivre". Aqui estão, apesar disso, algumas regras, às quais é difícil não se curvar.

Para os homens, os sapatos prêtos são recomendados para a cidade e obrigatórios para a *soirée.* E' um velho costume, que data da época em que se usava cartola. Se um indivíduo calça sapatos amarelos, o mais simples é fingir que regressa de uma viagem e que *acaba de chegar.*

O chapéu cessou de ser a marca distintiva dos homens de qualidade. Para um

entêrro, deve ser usada a gravata preta, o que não quer dizer que um indivíduo prefira uma gravata vermelha para um casamento. Ao contrário, é até desaconselhado.

O relógio pulseira deve ser banido, caso o indivíduo use camisa de punhos engomados. Mas, se vestir *smoking* com uma camisa de punhos moles, naturais, poderá conservar o relógio de pulso. Jamais o relógio pulseira com a casaca! O paletó prêto e as calças raiadas, anteriores à guerra, poderão, em todo caso, ser substituídas por um terno completo, de côr escura, raiada.



Para as mulheres: não entrar jamais numa igreja sem chapéu. Não usar côres vivas para um entêrro. Não usar, jamais, calças para a cidade. Estas devem ser reservadas para o campo.

DO CIGARRO — O hábito de fumar é atualmente tão intenso, entre os homens como entre as mulheres, que o código da polidez-1952, se fôsse publicado, deveria ter um capítulo: *Do Cigarro*.

Quando é permitido fumar?

Os Norte-americanos fumam à mesa. Admite-se, na França, que o cigarro seja aceso pouco antes da sobremesa. Na França, entretanto, não é bem o "savoir-vivre" que proibe fumar nos cinemas, são as ordens da Prefeitura, como também ocorre entre nós. Porém a civilidade interdita às mulheres fumar nas ruas.

Aqui temos uma regra formal: nenhum homem — ou mulher — pode, sob qualquer pretexto, entabolar ou continuar uma discussão... com o cigarro entre os lábios.

DO TELEFONE — Não é de bom-tom chegar de improviso à casa dos amigos. Isso era possível outrora, quando êsses amigos se protegiam atrás de um criado importante. Hoje, o visitante poderá ser muitíssimo incômodo. E' tão simples telefonar primeiro...

Êsse é um dos raros casos em que o telefone protege a liberdade individual do assinante. Portanto, sejamos polidos.

Cada vez que uma pessoa telefona, realiza um ato muito grave e que se chama, em direito: *uma violação de domicílio*. O telefone só deve ser utilizado para anunciar um fato e não para o discutir. Sejamos breves. O indivíduo que se encontra do outro lado da linha talvez tenha acabado de sair do banho para atender ao chamado, ou interrompido o seu barbear.

Quando o chamamos por telefone, em seu escritório, talvez forcemos a interrupção de uma discussão importante. O telefone, nessas condições, foi *uma imposição* de nossa presença. E', portanto, falta de polidez!

DA CORRESPONDÊNCIA — Não escrever nos próprios envelopes *Senhora e Senhor* mas sim *Senhor e Senhora*.

Imprimir o próprio endereço no envelope. Com isso se evita ao correspondente uma perda de tempo, quando desejar responder.

Convém ser sempre mais respeitoso escrevendo do que falando. A uma senhora, não esquecer jamais de apresentar *suas homenagens*, coisa que pode ser dispensada, quando pessoalmente.

Variar as fórmulas de polidez, procurando adaptá-las aos correspondentes. Para uma senhora, por exemplo, preferir "*digne-se*" em vez de "*queira*".

Finalmente, não devemos ter remorsos, se não foi possível, conforme era de rigor até antes da guerra, enviar cartões de visita aos amigos por ocasião do 1º de janeiro. Êsse costume está caído em desuso.

DA EXATIDÃO — Muitas pessoas consideram muito elegante e prova de *bom-tom* fazer-se esperar. Nada mais falso! Não se sabe ainda se as boas-maneiras-1960 aceitarão ou mesmo valorizarão os atrasos aos encontros e às recepções. Porém, hoje, só os médicos têm êsse direito — e a título excepcional. Além dêles, também as pessoas cujas ocupações sejam de molde a justificar tais inexatidões. Mesmo assim, deverão dar aviso dêsse atraso por telefone às pessoas que esperam.

Para todos os demais casos, 1952 continua a ter para a exatidão os mesmos princípios do chamado *Grande Século*: é ainda e sempre a polidez dos reis.





O LAÇO da JUSTIÇA



NUM dia de temperatura abrazadora, em 1893, grande multidão foi postar-se diante do tribunal de Marion County, no Mississippi, onde se realizaria um enforcamento. Will Purvis, um rapaz de vinte e três anos, com o rosto pálido ornado com um fino bigode, estava de pé sôbre o estrado de madeira. Desde o momento da sua prisão e até ao final do seu longo julgamento havia protestado contra o que faziam, afirmando a sua inocência relativamente ao assassinato de William Buckley. De nada lhe valeram, entretanto, êsses protestos. O verdugo já preparava o laço que seria passado no seu pescoço.

Minutos depois a multidão estremeceu quando o executor moveu uma alavanca, abrindo um alçapão sob os pés do condenado. Purvis logo desapareceu pela abertura. Entretanto, não ficou *dançando*, no ar. Continuou descendo até ao solo. O laço do carrasco, por uma razão desconhecida, se desfizera em redor do seu pescoço... No último décimo de segundo!

Foi êsse, sem dúvida, um dos mais bizarros acidentes registrados na história da pena capital — mas não tão bizarro como a história desenrolada vinte anos mais tarde.

O *sheriff* estava decidido a reiniciar os preparativos a fim de consumar o enforcamento do condenado. Isso, porém, não era do agrado da multidão presente ao ato. Para ela, o desatamento do laço, em redor do pescoço de Purvis, era um sinal do Céu, que assim desejara indicar não ser êle o assassino. Para a mentalidade legal do juiz, que havia sentenciado Purvis — e que também estava presente — uma vez que o condenado tivera a vida posta em risco mortal pelo Estado, não podia mais ser levado de volta à fôrca. E isso foi o que declarou, num longo e vociferado discurso para ser ouvido por tôda a multidão — e acalmar os mais indignados.

O caso foi levado para a Suprema Côrte, que decidiu contrariando o pensamento do juiz. Ficou decidido que a sentença contra Purvis não podia ser considerada como cumprida e, por isso, tinha êle que voltar ao estrado e ser devidamente enforcado, até que a sua morte fôsse reconhecida pelo médico da prisão.

Mas a verdade é que o "caso Purvis", tanto por motivos legais quanto políticos, passara a ser um Caso Sensacional. Um dos candidatos a Governador bateu-se ardorosamente em favor da decisão da Suprema Côrte, afirmando que o pequeno lavrador de M. County devia ser enforcado. Seu oponente, porém, iniciou uma forte campanha no sentido da pena ser comutada para a de prisão perpétua. Êste candidato, que era simpatizante de Purvis, venceu por larga margem de votos, o que revelava para que lado pendiam as simpatias do eleitorado.

Infelizmente, para Purvis, poucos dias antes do novo governador ser empossado, foi dada ordem para o seu enforcamento. Então ocorreu o que poderíamos chamar de "um linchamento ao reverso". Um grupo de homens atacou a prisão de Marion County e raptou Purvis. Quando o novo governador assumiu o pôsto, Purvis se apresentou espontâneamente às autoridades e, com o novo regime, a sua sentença foi, de fato, comutada para a de prisão perpétua.

Assim foi êle levado para a prisão, apesar de continuar afirmando não ser o assassino de Buckley. Admitia haver pertencido ao grupo dos "Capas Brancas", uma ramificação da famosa "Ku-Klux-Klan" e que resolvera, segundo fôra devidamente apurado, "executar" Buckley pelo fato do mesmo haver deixado a organização e andar ameaçando denunciar todos os seus membros. Purvis, entretanto, afirmava não ter comparecido à reunião em que seria escolhido o "executor" de Buckley, pois temia que a sorte o indicasse, justamente, para consumar a sentença da sanguinária organização.

Contra Purvis havia o testemunho do próprio irmão de Buckley, que estava ao lado do culpado, ambos encapuzados e vira Purvis sair da sala com outro indivíduo, armados ambos. Como pudera saber que o encapuzado era Purvis? Isto não ficou bem explicado. Mas alguns cães policiais, levados até à cena da execução, depois de farejar o solo, tinham ido parar na pequena plantação de Purvis, onde o mesmo trabalhava tranqüilamente no campo.

Entretanto, apesar dessa evidência discutível, muita gente, na região, como haviam indicado os votos nas eleições para Governador, considerava que o fato do nó se desfazer era um ato da Providência, indicando a inocência de Purvis. Quando, cinco anos depois, o lavrador de Marion County foi pôsto em liberdade, por ato especial do Governador, todos se mostraram satisfeitos, afirmando que, finalmente, tinha sido feita justiça!

*

Mas foi sòmente em 1917 que, afinal, a cortina desceu, desvendando totalmente êsse drama. Desfecho que fêz parecer ainda mais fantástico o caso do laço vinte anos antes.

No seu leito de morte, outro cidadão, Joe Beard, residente em Marion County, confessou ter sido o "executor" de William Buckley!

Para "atenuar" a sorte do desgraçado que fôra mandado para o cárcere, vinte anos antes, o Estado do Mississippi pagou a Will Purvis a quantia de cinco mil dólares.

DO PRETENDIDO MEIO CLÍNICO PARA ACABAR COM AS GUERRAS

EM 28 de março último, o Prof. Erwin Strausky, da velha Universidade de Viena, propôs à Sociedade de Psicologia Aplicada a criação de um conselho internacional de psiquiatras que examinarão a todos os grandes homens de destaque e a todos os homens de Estado da Europa (só se referiu aos da Europa!) a fim de impedir as crises sociais e as guerras! Em seu comunicado, o Professor Strausky cita vários casos de homens célebres, que, se, por um lado, eram verdadeiros gênios, por outro lado estavam completamente loucos. Êste *meio clínico* de evitar as guerras é muitíssimo original. Admitindo que pudesse ser empregado, seria porém, ao nosso modo de ver, ineficiente por várias razões.

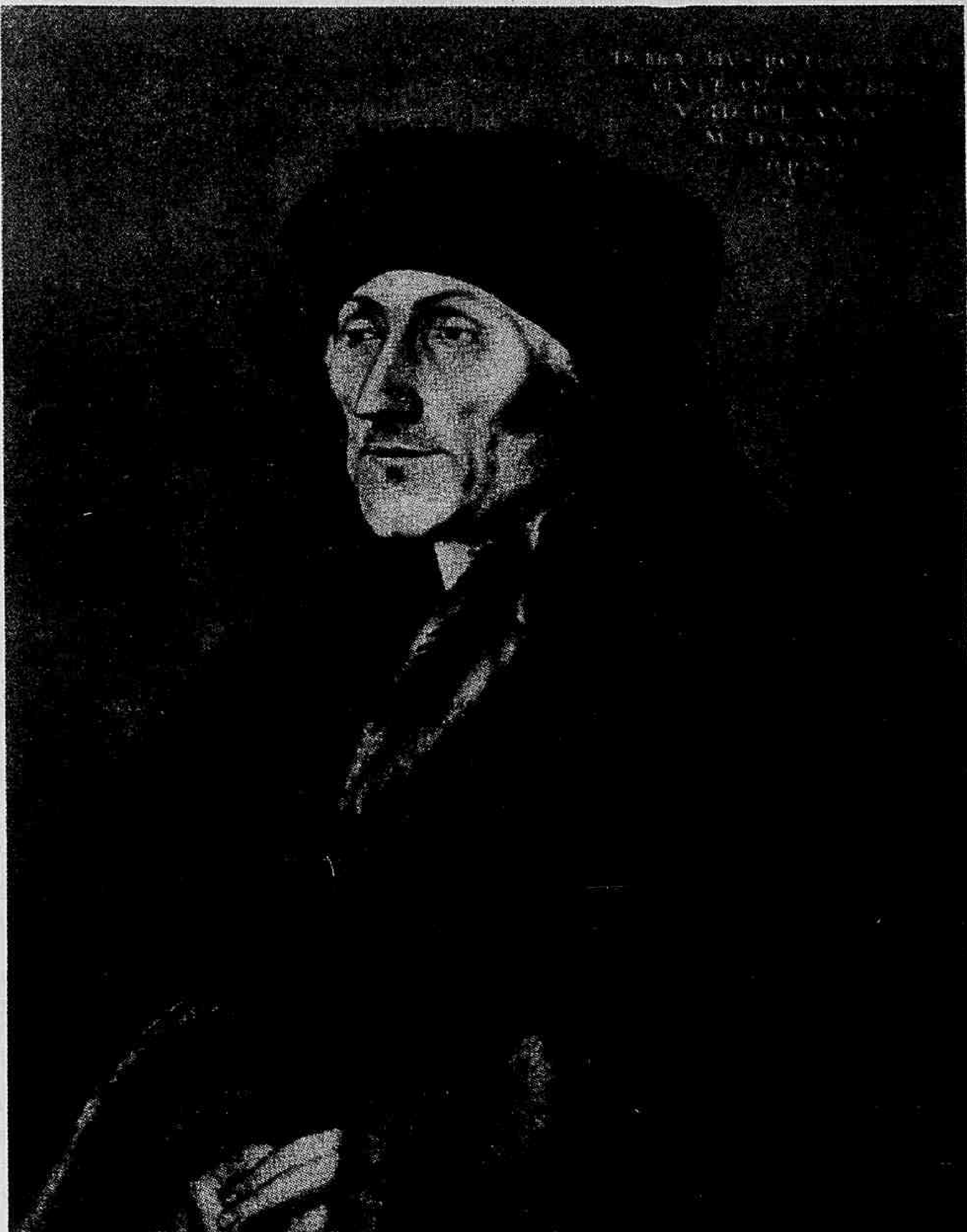
Em primeiro lugar porque o conselho internacional, proposto pelo Professor Strausky, deveria ser formado por homens experientes, cujas teses sôbre a demência fôssem realmente idênticas. Entretanto...

Em psiquiatria, os incessantes descobrimentos modificam consideràvelmente as teses, mesmo aquelas que pareciam muito bem estabelecidas. Em outros problemas, jamais houve uma só tese, porém várias — e quase sempre contraditórias, de tal maneira, que o mesmo homem podia e pode estar louco para um psiquiatra... e muito sensato para outro.

GARANTIAS QUE DEVERIAM OFERECER OS PERITOS SÔBRE A SUA PRÓPRIA PERSONALIDADE — Num assunto tão sério, é evidente que os membros do conselho internacional deveriam oferecer tôdas as classes de garantias, relativamente à sua imparcialidade política, étnica e científica. Seu equilíbrio mental teria que ser coisa realmente indiscutível. E, bem sabemos — infelizmente — que tais qualidades reunidas não se encontram com facilidade.

Os maiores especialistas, para ilustrar suas próprias teses, têm às vêzes, a mania de equiparar todos os casos àqueles que descreveram em suas obras. Alguns vêem masoquistas por tôda parte, ou misantropos ou, ainda, casos de delírio de grandeza.

Na Rússia temos visto biólogos que provaram cientìficamente que os caracteres



Desde aquêle «Elogio da Loucura», de Desidério Erasmo (1510), muitos indivíduos e coletividades fizeram os pais praticar atos, que não poderiam parecer nem lógicos nem normais aos especialistas da Sociedade de Psicologia Aplicada, de Viena.

adquiridos são intransmissíveis e, ao fim de dezesseis meses reconheceriam, *por ordem do Comité do Partido,* a transmissibilidade dos mesmíssimos caracteres.

Por tais razões devemos recear que, se um ou vários "especialistas" da comissão examinassem, entre os "grandes homens" alguns que tivessem idéias políticas opostas às suas, seu diagnóstico não estaria isento de paixão partidária.

E há mais... Há, por exemplo, o se-

guinte e que não pode ser contestado: *as formas clínicas da loucura são numerosas*. Ainda não foram estudadas a fundo, e os especialistas costumam entrar em choque sôbre as suas características, as suas conseqüências e a sua evolução.

Em criminologia, por exemplo, os técnicos e os juristas do mundo inteiro não chegaram a um acôrdo sôbre os graus de irresponsabilidade de alguns criminosos. O *louco moral*, descrito por Ferri, é considerado um irresponsável. Porém a teoria da semi-irresponsabilidade ainda não está reconhecida como *cientìficamente provada* por Lograin e Voisin. Ao contrário, Hamel e von Listz — com os seus discípulos — defendem tenazmente o que alguns peritos chamam "a irresponsabilidade atenuada".

Algumas pessoas podem encontrar-se num estado de inconsciência provisória. Êsse estado, extremamente singular não impede que o indivíduo tenha um grande número de complexos normais, além de outros que não o são. Entretanto, mesmo êstes, poderão ser normais ao cabo de um tempo indeterminado.

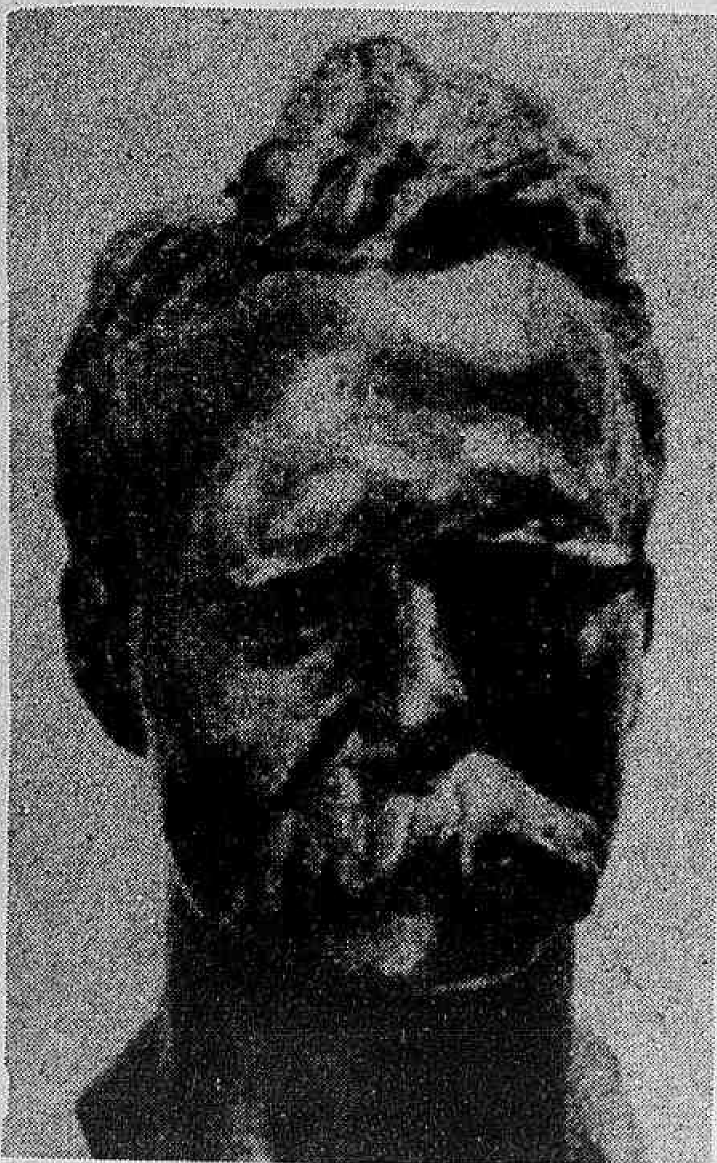
Mais ainda: se acreditarmos em alguns especialistas da psicanálise, que decompõem e aprofundam em seus elementos a vida psicológica do homem, há poucos sêres perfeitamente equilibrados e absolutamente sensatos. Se o psicanalista tropeça com êles, em geral são sêres de inteligência mediana, de imaginação apagada. Teriam muita sorte os "grandes homens" que, examinados atentamente por psicanalistas, não acabassem convencidos de ter "complexos" e de necessitar de tratamento especial.

Da mesma forma que alguns reis tinham os seus astrólogos, podemos imaginar os homens modernos, grandes estadistas, com o seu médico psicanalista, ao qual fizessem, tôdas as manhãs, a descrição de seus sonhos.

Por que — é bom que saibam! — os psicanalistas também têm a sua "Chave dos Sonhos", cuja significação é, segundo dizem, *muito clara*. Por exemplo, em sonhos, as casas com paredes lisas representam homens: as que tenham saliências ou balcões, são mulheres. O fato de cruzar ante uma série de residências é o símbolo do matrimônio, etc., etc.



O CASO DA PASTÔRA JOANA D'ARC — O conselho internacional, imaginado pelo Prof. Strausky, teria que agir com *pés de chumbo*, como se diz, e suas conclusões teriam que ser sumamente prudentes.



Nietzsche ficou louco aos trinta e dois anos de idade.

Não resta dúvida de que se, por exemplo, em 1424 ou em 1428, uma comissão de psiquiatras tivesse examinado Santa Joana d'Arc, seu primo, Baudricourt, nunca a teria levado para ver o "Delfim" de França. As "vozes" que ouvia, as "visões" que afirmava ter, enquanto guardava o seu rebanho, teriam sido consideradas, seguramente, como perturbações perceptíveis e alucinações.

As descrições de Santa Catarina de Siena e de Santa Margarida, também pastorinha, não teriam convencido aos peritos. E quando Joana afirmasse e repetisse que fôra intimada à expulsar de França os Inglêses e que as suas "vozes" lhe diziam que devia consagrar Carlos VII em Reims, não resta dúvida de que os peritos acabariam por considerá-la vítima do "delírio de grandezas", que às vêzes precede ao delírio geral e aos atos impulsivos, com tendências à destruição.

No entanto, aquela pastôra, que nada conhecia da arte militar, venceu de 12 a 19 de junho de 1429 a um dos melhores capitães inglêses, Talbot, numa campanha que foi um modêlo em seu gênero. E a 17 de julho estava ao lado do rei, em Reims, durante a cerimônia da consagração.

E' bastante ler as informações do processo de Joana, em Rouen, para qualquer pessoa se convencer do infinito bom



senso da mártir. O exemplo de Santa Joana d'Arc é notável, porém não é o único na história. A bem dizer, quase todos os santos teriam podido passar por loucos, o que não impediu a muitos dêles ter uma influência benéfica na política do seu tempo.

LIMITES DO GÊNIO E DA LOUCURA — Em seu estudo sôbre "O Demônio de Sócrates e o Amuleto de Pascal", Lélut é um dos primeiros a estabelecer uma espécie de parentesco entre o gênio e a loucura.

Evidentemente, seria um paradoxo ridículo ver um degenerado em todos os grandes homens. Porém a fecundidade genial às vêzes tem que ser paga por preço muito alto...

Em que momento, exatamente, Nietzsche foi prêsa da loucura? Tinha trinta e dois anos. Zarathustra é de 1885; teve seu primeiro acesso de loucura em 1889, depois de *Dyonisus*. Como e por quê? Ninguém sabe.

Gerard de Nerval caiu na demência aos quarenta e cinco anos, sem que nada fizes-se prever seu trágico fim, depois de haver escrito algumas das páginas mais formosas da literatura francesa.

A loucura de Holderlin é ainda mais misteriosa. Algumas destacadas personalidades acreditam que essa loucura foi, a princípio, apenas *um silêncio que o poeta se impôs, tendo a sensação*, como Rimbaud, *de haver chegado ao inacessível*. Depois, pouco a pouco, a sua razão se obscureceu. Entretanto, os "Poemas da Loucura", de Holderlin, têm grande beleza.

Todo o mundo sabe que Bruto dissimulava o sseus projetos com uma fingida imbecilidade, para livrar-se das suspeitas de Tarquíno, o Soberbo — *e que nada tinha de louco*. Ao contrário, os atos de um Nero correspondem tanto ao domínio do médico alienista quanto os do historiador.

O ELOGIO DA LOUCURA — Se Luís II, da Baviera, príncipe trágico e encantador, houvesse reinado, teríamos menos obras primas. "A Laucura" é uma mulher com grandes orelhas adornadas de cascavéis, que sobe para uma carruagem e demons-



Joana d'Arc reconhece o Delfim de França, oculto entre os cortezãos (Segundo uma gravura da época)

tra fàcilmente a seus auditores que estão todos loucos e ela é a única com juizo são.

Desde aquêle "Elogio da Loucura", de Desidério Erasmo, (1510), é verdade que muitos indivíduos e coletividades provocaram nos povos muitos atos que não poderiam parecer lógicos nem sequer normais aos especialistas da Sociedade de Psicologia Aplicada, de Viena.

E' pouco provável que *o meio clínico* proposto pelo Professor Erwin Strausky venha a ser eficaz, pela simples razão de sua difícil aplicação.

Seria assombroso, no estado atual das sociedades humanas que homens políticos importantes tivessem a sua posição dependente do diagnóstico de um psiquiatra!

Se a consulta ao psiquiatra fôsse obrigatória para chegar aos primeiros postos do Estado, no seio das nações civilizadas, não cremos que êsse progresso tivesse repercussões muito sensíveis na boa conduta das sociedades humanas. Acreditamos, mesmo, que nada fôsse alterado.

Além de que só as massas podem ser vítimas de certas loucuras ou delírios extremamente contagiosos, um "boletim" de saúde cerebral, mesmo que estivesse assinado pelos melhores especialistas do mundo, não poderia oferecer garantia suficiente. Poderia até ser perigoso, se a pessoa submetida a exame e declarada de juizo são e autênticamente genial se aproveitasse disso para cometer e fazer cometer as piores loucuras.

Não há reconhecimento médico nem certificado que possa garantir a inteligência, o bom senso e as qualidades morais indispensáveis ao homem de govêrno.

C. E. IBERA

★

A GALINHA DOS OVOS... DE PRATA!

Os vendedores de ovos de Múrcia, Espanha, se dedicam atualmente a um inquérito frenético para descobrir uma prima da célebre galinha dos ovos de ouro, segundo a fábula famosa.

Não julguem os leitores que êsses negociantes de ovos estejam loucos. São apenas lógicos. De fato, há poucas semanas, um rapazola residente na cidade preparou um ôvo para comer e ao molhar o pão na gema nela descobriu quatro pastilhas brilhantes. A análise revelou que as pastilhas eram... de prata. O ôvo fôra comprado, na véspera, no mercado local. A notícia dessa descoberta extraordinária logo se espalhou pela cidade e a partir de então foi iniciada a busca dessa galinha maravilhosa. Não com a esperança, é claro, de que viesse a deitar mais ovos recheados de prata, mas porque o fato talvez indicasse que a galinha costumava ciscar num terreno que contivesse algum rico veio de prata bem a céu aberto.

A TATUAGEM GANHA TERRENO

Por **RHODA RODER**

«Nem todos os tatuados estão no Circo. Até mesmo o amigo de quem não suspeitamos pode ter um caçador de borboletas no peito.»

EMBORA os mais conhecidos tatuados façam parte da marinha (aqui, nos Estados Unidos e em todo o mundo) acontece que os especialistas na arte da tatuagem estão agora tendo outras peles, mais delicadas, para trabalhar.

Uma das mais aristocráticas matronas de Park Avenue, que é a rua dos super-civilizados e dos super-milionários Nova York, tem delicados botões de rosa tatuados.... nos joelhos; um conhecido juiz tem o próprio nome em pulseira, em redor do punho esquerdo; um famoso desenhista tem o seu, tatuado no interior do lábio inferior; conhecido fabricante de camisas preferiu mandar tatuar o retrato dos dois filhos no próprio peito. Outra senhora, riquíssima e de grande destaque social, tem uma gigantesca "borboleta australiana" tatuada nas costas, e embora seja uma linda borboleta e o trabalho tenha sido executado por um grande mestre da tatuagem, hoje ela considera isso um embaraço pois não pode usar vestidos decotados em suas elegantíssimas reuniões sociais. E por êsse motivo vive uma vida de virtual reclusão em seu suntuoso palácio.



Hoje, os marinheiros preferem as pequenas de «sweater» às sereias...

3.000 POR MINUTO!

Mais de 200 salões de tatuagem existem atualmente nos Estados Unidos e todos dirigidos por grandes artistas. Instrumentos elétricos aperfeiçoados podem executar cêrca de 3.000 agulhada dos minuto (como se o paciente fôsse atacado por um enxame de vespas furiosas). Por apenas 25 cents norte-americanos o Camondongo Mickey, corações e flores — ou outros simples desenhos, não superiores a três polegadas de diâmetro, podem ser conquistados em menos de 10 minutos. Os desenhos maiores e mais trabalhados, como "A Ceia do Senhor" no peito de um zeloso católico, custa mais de 100 dólares.

Na pele dos homens as figuras femininas ocupam o primeiro lugar em preferência. As sereias do passado, entretanto, perderam a cotação para as pequenas de *sweater*. Os temas patrióticos seguem em popularidade e as bandeiras nacionais "ondulam" sôbre bíceps, em todo o mundo. Uma conhecida atleta norte-americana tem tôdas as bandeiras norte-americanas, da primeira até a atual, formando uma pulseira em redor do seu tornozelo. Um rapazola do Texas dedicou o couro cabeludo ao seu país. Para comemorar a data do nascimento de Lincoln, mandou raspar a cabeça... e nela tatuar o retrato do grande presidente, como uma coroa.

Lady Viola, uma artista de palco, provàvelmente, tem a maior coleção de tatuagens patrióticos. De fato, mandou tatuar no próprio peito, os retratos de seis presidentes dos Estados Unidos; às costas aparece o "Capitólio" de Washington, e ainda uma dúzia de retratos de homens célebres norte-americanos, espalhados pelos braços e pernas.

A tatuagem é uma arte muito antiga, praticada desde os homens primitivos. Tornou-se popular entre os povos da civilização ocidental desde que os cruzados medievais retornaram da Terra Santa com o peito protegido por símbolos religiosos. A moderna mania foi inspirada por Constantina, "A Maravilha Tatuada", que o famoso proprietário de circo, Bar-

num, exibiu em 1870. Cada polegada do seu corpo estava assim decorada. Suas 388 tatuagens representavam dragões, tigres, serpentes e outros animais selvagens, que surgiam através de densa folhagem, igualmente tatuada por todo o seu corpo, que assim recordava uma floresta imensa, povoada de feras.

VERDADEIRAS GALERIAS DE QUADROS

Até as suas pálpebras e o interior dos seus ouvidos estavam decorados. O seu salário de 1.000 dólares semanais animou outros a transformar o corpo em verdadeiras galerias de quadros. Gordas e magras suportaram cruéis pontilhadas de agulha para aumentar a sedução física. Famílias inteiras tatuadas eram exibidas nos circos e teatros. Uma delas chegou ao cúmulo de se exibir em companhia de uma... vaca — também inteiramente tatuada.

A sociedade iniciou essa loucura, há cêrca de 50 anos, procurando imitar a realeza européia, que ao retornar de suas visitas ao Extremo Oriente, traziam o corpo adornado com alguma recordação, tal como plantas, paisagens, etc. O rei George V, da Inglaterra; o Czar Nicolau II, da Rússia; o rei Miguel, da Rumânia; Oscar II, da Suécia e até mesmo a princesa Olga, da Grécia, desejaram, também, ser tatuados As mulheres, principalmente, sempre seduzidas com facilidade pelos adornos, passaram a procurar os mestres tatuadores. Uma borboleta, uma flor, um coração sangrando, são os temas geralmente escolhidos. Os homens mais elegantes preferem monogramas ou escudos de armas. Alguns são mais originais. Um cavalheiro mandou tatuar sôbre o peito uma movimentada cena de caçada à rapôsa; uma senhora exibia um cavalo sôbre o qual um risonho Cupido retesava a corda do seu arco.



Apenas uma mariposa social...

Grandes figuras da atualidade mandaram decorar a própria pele com reproduções de quadros de Rembrandt. O duque de Windsor, porém, foi mais simples, mandando tatuar uma âncora sôbre o ombro. Os *sportsmen* preferem mandar tatuar raquetes, par de remos ou o emblema do clube de sua predileção.

As tatuagens não servem apenas como decoração. Um marido apaixonado mandou desenhar em seus ombros... a data de nascimento de sua espôsa. Mais há coisa ainda mais edificante. Uma rica matrona, falecida em Pittsburgh, mandara tatuar o seu testamento nas próprias costas. O tribunal, entretanto, não reconheceu êsse testamento... por falta de assinatura.

Mas a parte comercial, mesmo risonha, não podia perder essa oportunidade. Assim, por ocasião da grande campanha organizada pelo presidente Roosevelt, sob o lema Nova Reconstrução da América (NRA) um alfaiate, que se especializara em consertos de roupas mandou tatuar no peito meia-dúzia de indivíduos: *"NRA — Nós cumprimos a nossa parte"*. Foi uma publicidade sensacional. Outro negociante mandou pintar às costas de um "camelot"... a fachada da sua loja, com enderêço e o elogio das suas mercadorias!

Outro indivíduo, só para divertir aos amigos, mandou pintar um macaquinho na própria cabeça, pois era completamente calvo. Então podia dizer aos conhecidos que "tinha um macaquinho no *sótão*". E o riso dos amigos era o pagamento pelo seu sacrifício. Um soldado mandou tatuar sôbre o corpo um completo uniforme de general. E afirmava que "subia de pôsto simplesmente... despindo-se"!

A famosa Jemina, uma artista circense, cobrira o corpo com letreitos tais como *"Conserve em lugar sêco"*; *"Cuidado! Muito frágil!"*; *"Segure com cautela"*; *"Estritamente privado"*; *"Êste lado para cima"*. Conta-se, também — não sabemos se verdadeira — a história do estudante muito magro, que um dia mandou pintar a famosa Mona Lisa nas próprias costas. Com o tempo engordou e o famoso sorriso da "Gioconda" se transformou numa careta ridícula.

Porém a mais espantosa prova de bom humor na hora mais trágica da vida, foi dada por um criminoso francês, que, pouco antes de ser guilhotinado, mandou tatuar em redor do pescoço: *"Carrasco, quando cortar, siga a linha pontilhada"*.

O desejo de possuir um permanente sinal de identificação tem levado muita gente para o laboratório do tatuador. Nomes, endereços, número da carteira social são sempre solicitados. O mais bizarro exemplo foi o de um caixeiro viajente, em S. Francisco, que tinha sido vítima, certa ocasião, de uma crise de amnésia.

Exigiu êle que o tatuador marcasse as suas pernas em 120 diferentes línguas, inclusive o Fenício, o Esperanto, o Código Internacional das Bandeiras, vários sistemas de estenografia e ainda o pontilhado do sistema Braile.

A tatuagem dura mais tempo que o tatuado. Sua remoção é lenta, cara e exige grande cuidado médico. Dezoito diferentes métodos de remoção são usados e todos êles sempre deixam vestígios. Para apagar um desenho os maiores mestres dessa arte aconselham... outra tatuagem. Os homens bastante tolos ao ponto de mantar tatuar o nome de uma namorada, são os clientes mais constantes.

Um rapazola mandara tatuar o nome de "Gert" no corpo de um avião, pintado às suas costas; "Millie", seu novo amor, teve que ser pintado um pouco abaixo. Porém o seu entusiasmo por "Millie" passou depressa e outros amôres surgiram em sua vida. Hoje tem às costas uma esquadrilha de nove aviões.

O CORAÇÃO DE LUÍSA

Romance de HENRY GRÉVILLE

Tradução de NICOLE PASCHIER

Depressa, depressa, para o mar! Êste não estava longe e já a elevação descia bruscamente sob os seus pés; ninguém é responsável por tais atos... Deixa-se simplesmente escorregar... E o dedo do destino que impele...

— "Será pecado morrer, meu Deus? — pensava Luísa — Será pecado morrer quando não é mais possível viver? E eu não posso... Aliette será feliz..."

A visão de Aliette, sorridente, os olhos brilhantes ou afogados de ternura nos de Richard, era a mais doce, a mais consoladora e, ao mesmo tempo, a mais favorável para destacar Luísa da vida. Elisa só amara até hoje a si mesma e não quisera ouvir fôsse quem fôsse: era uma selvagem, levada pelos instintos; ninguém poderia saber o que dali sairia; Alberto já era um homem e muito parecido com o pai. Infeliz, três vêzes infeliz seria a sua espôsa, por menos terna e delicada que fôsse a sua alma. Lúcia teria a proteção maternal de Aliette... Oh! Como Luísa repousaria quando estivesse morta! E já se sentia tão fatigada! Poderia chegar até ao mar, antes do anoitecer? E sem encontrar alguém... *alguém que a levasse de volta ao seu marido?*

O instinto feminino, delicado e cuidadoso de sua pessoa, que dominava a personalidade de Luísa Rieul, aconselhou-a a deter-se para corrigir um pouco a desordem de sua *toilette*. Endireitou os cabelos, firmou o chapéu, tirou a poeira do calçado com um ramo de árvore, limpou o rosto com um lenço ao mesmo tempo que olhava amorosamente para a marca "*L. B.*".

Segundo um costume que se conserva ainda em numerosas províncias, continuara a marcar a própria roupa com as suas iniciais de solteira: muda afirmação de sua independência.

Uma fonte cantava pouco além. Caminhou para o local e molhando o lencinho passou-o, repetidas vêzes sôbre o rosto, marcado pela fumaça do incêndio e a poeira da estrada. Quando terminou essa

(RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA)

Na velha cidadezinha de Bayeux, tranqüila e provinciana apesar dos seus ares de nobreza, que não quer abandonar, vive a Sra. Belfroy, viúva de regular fortuna, em companhia da filha, a adorável Luísa, a quem adora. Em criança, durante uma pequena excursão marítima, Luísa sofrera um grande choque. Repentinamente prêsa de incêndio, a embarcação em que viajavam estêve prestes a naufragar com todos os seus passageiros, que se salvaram por milagre, quando tudo já parecia perdido. A partir de então, com raras exceções, tôdas as noites Luísa desperta tôda a casa com os seus gritos de incêndio, fogo, etc. Porém continuava dormindo e só acalmava quando a Sra. Belfroy a cercava em seus braços, murmurando em seus ouvidos palavras carinhosas, como se faz com as crianças. O Dr. Brochaux, velho médico e amigo da família, que a vira nascer, sempre afirmara que êsse choque nervoso desapareceria quando tivesse a vida nova proporcionada pelo casamento. E agora mesmo a Sra. Belfroy teimava em arrancar da filha a decisão: aceitava ou não o jovem Jacques Rieul, empregado num banco local, para marido? E Luísa, que já tivera dez pretendentes e vira todos recusados por sua mãe, via agora esta apressada em casá-la com Rieul, menos brilhante que os anteriores, como se ela fôsse uma solteirona e não tivesse apenas dezenove anos. Luísa desposou Rieul, sendo abençoada por Monsenhor, para quem Luísa bordara uma véstia maravilhosa. No mesmo dia, no correr da festa oferecida pela viúva, Rieul revelou ser egoísta, autoritário e ciumento, conquistando assim a geral antipatia dos convidados e causando à sua noiva, à sua sogra e ao velho médico as primeiras apreensões. Rieul é sêco no falar, autoritário e vive torturando sua jovem espôsa com o seu ciúme doentio. Após a lua-de-mel vão residir com a Sra. Belfroy, mas não tarda a haver um sério choque de autoridade entre genro e sogra, com maior sofrimento para Luísa, principalmente depois que os «sonhos» voltam a perturbar o seu repouso. Êsse fato é mesmo motivo para ser maltratada pelo marido, que não hesita em declarar que aquilo pode ter um fundo de loucura. O Dr. Brochaux intervém e pede a Rieul que se mostre mais humano e carinhoso e êle próprio faz questão de atender à pobre Luísa, que esperava o primeiro filho. Dias passados Rieul lembra à sogra o pagamento do dote e esta o envia ao tabelião onde Jacques sofre uma dolorosa surprêsa. O pobre homem acabara de praticar o suicídio. Estava falido! Perdiam-se, assim, os cem mil francos de dote. Porém a Sra. Belfroy resolve vender a casa e pagar o dote ao genro, indo ela morar num apartamento acanhado, enquanto Rieul decide ir tentar a vida em Paris, separando assim mãe e filha. Oito dias depois um telegrama do médico chama Luísa e Rieul apresadamente, a Bayeux, onde a Sra. Belfroy passava muito mal. Rieul não atende ao chamado com a urgência solicitada e quando Luísa chega em sua companhia à sua cidade natal, sua mãe já estava morta. Isso pouco mais rendeu ao ambicioso Rieul e êste se queixa tanto que Luísa decide trabalhar, bordando para conseguir mais algum dinheiro para a casa, embora o médico a proíba, por enquanto, devido a estar a jovem espôsa prestes a ser mãe. No intuito de melhor proteger Luísa, o Dr. Brochaux decidira deixar-lhe todos os seus bens, porém embora conhecesse o seu mal não agiu tão depressa como a morte que o levou antes de haver assinado o testamento. Era a segunda derrota de Rieul, que via, outra fortuna fugir-lhe das mãos. Agora com três

toilette sumária sentiu sêde; bebeu àvidamente na concha da mão... Nesse instante seu olhar se fixou sôbre a aliança.

Quantas coisas tinham ocorrido depois do instante em que aquêle frágil anel de ouro fôra pôsto em seu dedo! O longo vestido de cetim branco, cuja cauda arrastava sôbre o tapête vermelho da catedral; seu véu, nuvem de alegria e de esperança que deveria levá-la até ao céu... e depois...

Com gesto de cólera desesperada, Luísa arrancou o anel e examinou seu interior. O anel maldito, aceito com alegria e logo transformado em cadeia de miséria...

Com gesto vivo, jogou a aliança na pequenina bacia formada pela fonte.

O pêso do metal e a violência do movimento precipitaram a aliança sob a mole camada de limo verde, que formava um tapête sob a pequenina fonte. Uma ou duas bôlhas de ar subiram, tremendo, para a superfície, onde se desfizeram sem ruído...

Ràpidamente, pois se sentia invadida por estranho torpor, uma angústia como jamais sentira, Luísa se ergueu, caminhou meia dúzia de passos, dobrou a estrada e se viu diante da porta de um cemitério, um dêsses cemitérios tranqüilos, onde uma velha cruz de pedra abria os seus braços para proteger os mortos que não tiveram nem parentesco nem história, onde a caridade de alguns trazia, no Dia dos Mortos, algumas flores...

Um grande torreão de pedra, sustentando um sino, muito belo e absolutamente fora de proporção com a pobre e mesquinha igreja, levantava seu vulto imponente para o céu azul. Nenhuma casa, em redor, salvo o presbitério. Oh, doçura de um trecho de terra onde se vive e se morre sem dramas!

Muito antiga, roída pelos ventos, sòlidamente guarnecida de pregos, que a ferrugem não conseguia devorar, a porta de madeira da nave se abriu lentamente, no instante em que Luísa, tendo subido a escadinha de pedra, se encaminhava para o pórtico. Uma igreja é um refúgio; em seu interior sempre é possível repousar por um instante; o que não impediria de morrer depois...

Os raios do sol levante entravam pelos vitrais da janela principal, rico em côres profundas e pondo uma auréola na cruz do tabernáculo.

Um padre surgiu na porta que acabara de ser aberta. Sempre o primeiro a chegar à igrejinha, estava sempre pronto para executar qualquer serviço. O sacristão era muito idoso, os meninos do côro vadios ou doentinhos... Que adiantaria ralhar? Trabalhava êle mesmo, e Deus, por isso, não seria menos servido. Ao contrário.

---

filhas e um filho, o casal vivia modestamente, Luísa costurando auxiliada por Aliette, a filha mais velha. O ciúme de Rieul continuava, porém, inalterável, envenenando sempre a existência de Luísa. Aliette, já mocinha, sofria com a mãe e se torturava ao ouvir o pai, por qualquer coisa, afirmar que sua mãe era doida. Com isso apenas conseguia piorar o estado da infeliz, que continuava a sofrer os sonhos terríveis, que a deixavam prostrada. Um rapaz, Richard, morador no mesmo prédio, se interessava por Aliette e num fim de tarde, quando Luísa e suas filhas arrumavam a mesa para o jantar, êle se apresenta para uma visita, anunciando que vai viajar pelo estrangeiro e vinha fazer as suas despedidas. Retira-se quando Rieul chega e êste anuncia à família que todos farão uma viagem de fim de semana, para assistir às manobras navais em Cherburgo, o que é recebido com alegria pelos filhos, mas sem grande satisfação por Luísa, que preferiria viajar até Bayeux. No dia seguinte Richard surge novamente e confessa a Luísa que ama Aliette e que vai viajar, para ganhar mais dinheiro. No regresso pretende desposá-la. Luísa pede-lhe que guarde segrêdo, por enquanto, pois seu marido jamais aceitaria um genro que ela própria escolhesse. Aliette, por sua vez, informada do pedido, recusa aceitá-lo entre lágrimas, declarando que jamais abandoria sua mãe. Luísa consola Richard afirmando que também sua filha o amava. Que esperasse até ao seu regresso, quando Aliette seria maior de idade e tudo se resolveria com ou sem a vontade do marido. Ao chegar, Rieul sabe da nova visita do rapaz e logo é assaltado pelo ciúme, acusando a espôsa de estar de namôro com o vizinho. Insultada. Luísa protesta com veemência, sem porém declarar a verdade, para não prejudicar Aliette. Depois de uma cena violenta. Luísa sofre nova crise e é consolada por Aliette, com quem dorme essa noite, para ter cuidados especiais. Ao amanhecer Rieul ordena à família que faça os preparativos para a viagem a Cherburgo. Chegados, porém, à última hora, instalam-se em lugares distantes, uns dos outros, ficando Luísa e Aliette no compartimento especial das senhoras, enquanto Lúcia e Elisa, junto de Richard, no mesmo vagão, indo Alberto e Jacques para um dos últimos carros. Pouco antes do amanhecer, em plena noite, um dos carros é prêsa de incêndio. Justamente o das senhoras. Richard, um dos primeiros a notar o sinistro, salta de carro em carro, a fim de ir até à locomotiva prevenir o maquinista, que detém o comboio. Ainda Richard, no meio do enorme brazeiro salva Luísa, Aliette e Lucia, lançando-as do vagão, pouco antes do comboio parar completamente. Depois, no meio da confusão geral, dos gritos de desespêro, os sobreviventes buscam os seus parentes e amigos. Richard, porém, tem que prosseguir imediatamente, para não perder o navio que o levará ao Prata. Antes, porém, encontrando Aliette só, volta a falar do seu amor e nessa suprema entrevista Aliette promete esperar pelo seu retôrno. Pergunta-lhe a seguir por sua mãe e Richard afirma que a vira sem qualquer ferimento, dirigindo-se, quase a correr, na direção oposta. Rieul, Alberto e as duas filhas também procuravam Luísa. O mecânico contou o que sabia e elogiou a conduta de Richard que com seu gesto ousado evitara que a catástrofe fôsse maior. Porém onde estava o herói? Ninguém mais o viu. Por isso foi êle somado entre os desaparecidos na catástrofe. Já o sol ia alto quando os trabalhadores começaram a limpar as linhas. Luísa não fôra encontrada. Já alguns passageiros, que haviam sido prêsas do pânico e fugido para o campo largo começavam a voltar. De Luísa, entretanto, nenhuma notícia. Esta, na verdade, prêsa de estranha vertigem, imaginara que a tôrre da igreja que avistava à distância era a de sua querida Bayeux e decidiu correr para ela, fugir de Rieul, da escravidão... Fugir para poder morrer e descansar para sempre...

Luísa o fitou, de pé, sob o pórtico; encontrava-se iluminada por essa claridade misteriosa e terna que se alastrava pela igreja. Seu olhar perdido, mas sempre meigo, parecia-se com o da criança prestes a adormecer. Seu vestido claro, tombando em redor do seu corpo em dobras desiguais, maculados pelas chamas e a fumarada, cercavam de tragédia seu pobre corpo...

— E' aqui — disse ela mansamente — Aqui... enfim...

O sacerdote avançou três passos em sua direção e parou, sob o pórtico, diante dela. Vivera bastante no mundo, antes de ser padre, e logo ao primeiro olhar reconhecera a classe social da desconhecida, que o visitava tão cedo.

— Que deseja, senhora? — perguntou êle com a sua voz bondosa.

Luísa se deixou cair sôbre os joelhos, ao mesmo tempo que estendia os braços para a cruz iluminada por um raio de ouro.

— Morrer! — disse ela, caindo para a frente, com o rosto contra a pedra do chão.

O sacerdote se curvou para ela.

— Minha senhora! — exclamou êle, assustado, apiedado.

Notou então quanto ela devia ter corrido pelos campos molhados pelo rócio; quanto, — antes de chegar à sua porta — devia ter sofrido!

— Minha senhora... Há de ser socorrida! — acrescentou nervosamente.

Luísa, porém, não respondeu.

Êle levantou ligeiramente o rosto môrno e examinou o fundo das pupilas já vidradas.

Como desejava, Luísa estava morta.

TERCEIRA PARTE

CAPÍTULO XV

Antes de morrer, ela havia, realmente, muito caminhado; a pobre mãezinha de Aliette caminhara sempre para a frente, teimosamente. O mar devia estar próximo, a uns dois quilômetros no máximo.

A fôrça nervosa que se desenvolve instantâneamente entre as pessoas impressionáveis, o que permite a uma menina de onze anos lutar com um cão furioso até á chegada de socorros; essa fôrça, que conhecem, principalmente, as mulheres, a ajudara a fazer, em menos de duas horas, cêrca de doze quilômetros, quase em linha reta.

O velho torreão de Louvières abrigava à sua sombra o repouso das gerações passadas, mas havia a impressão de que, pouco a pouco, os nascimentos sendo mais e mais raros, os mortos seriam, por sua vez, menos perturbados pela enxada do coveiro.

Abrigada por dois pinheiros magníficos, que eram o orgulho da região, deitaram a pobre Luísa, enquanto o sacerdote mandava prevenir às autoridades.

A história era misteriosa e tinha menos de realidade que de sonho; a polícia chegou e iniciou um inquérito que causaria riso se não se referisse ao trágico.

"— *Uma mulher decentemente vestida, não parecendo estar no gôzo do seu perfeito juízo, pois que afirmou desejar morrer, foi ajoelhar-se diante do Sr. Cura, no instante em que se preparava para dizer a missa, e morreu no mesmo instante*".

Era necessária a presença de um médico, para conhecer a causa dessa morte.

Trévières era a aldeia mais próxima a possuir um médico, porém êste não se daria o trabalho de praticar uma autópsia... E essa autópsia que teria revelado, em suma? Nada que não fôsse possível diagnosticar sem ela: perturbação cerebral e cardíaca, meningite, colapso, talvez embolia...

O relatório foi depressa redigido e assinado sem que algum dedo profano tocasse sequer o corpo delicado da pobre Luísa.

Porém agora tratava-se de saber quem era a morta.

Ninguém escolhe para morrer, assim, à porta da igrejinha de uma aldeia onde, a bem dizer, não havia habitantes, pois nem sequer a loja de um padeiro existia! Morre-se em casa, embora a loucura possa desculpar muita coisa.



— Mas como pode dizer que quer casar comigo, se ainda não sabe como eu sou?

A marca da roupa, "*L. B.*", era um indício importante: alguém lembrou, então, que uma mulher solteira e de atitudes estranhas, que residira poucas léguas distantes dali e que, cêrca de quinze anos antes, havia declarado que se aborrecia de viver só, que a aldeia era intragável e que ia partir para uma longa viagem. Possuindo fortuna, essa fantasia era aplicável.

Seus bens eram constituídos, em grande parte, de títulos ao portador. Depressa o tabelião lhe entregou o equivalente em dinheiro e ela realmente deixou a aldeia.

Desde então, jamais dera sinal de vida. Mlle. Blondois desaparecera da região e a casa, fechada, começava a dar sinais de ruína. Talvez aquela fantástica criatura tivesse voltado à terra, sentindo-se muito enfêrma...

Era necessário, nessas condições, encontrar pessoas que tivessem conhecido Mlle. Blondois, para certificar a sua identidade com a morta desconhecida.

Mas, para começar, um camponês tem certeza de alguma coisa?

E, além do mais, quando é preciso algum dêles se mexer *de graça*, logo se mostrará ainda mais hesitante sôbre o assunto apresentado.

E, se houver polícia no meio, oh! então, *ninguém viu, nem ouviu!*

Duas velhas comadres, porém, responderam ao apêlo policial. Eram pequeninas proprietárias locais, e o caso lhes pareceu bastante curioso; valia a pena fazer uma curta viagem em carriola.

Lançaram um olhar para o rosto tranqüilo e repousado da pobre Luísa.

— "Sem dúvida — disse uma delas, fazendo o sinal da cruz — Leocádia mudou bastante nestes quinze anos! Não era tão bonita, quando viva!"

— "Sim — disse a outra — Mas há gente que embeleza e mesmo remoça, quando morre. Quanto ao comprimento do corpo e a côr dos cabelos é mesmo Leocádia... A mesma que conhecemos, quando aqui viveu. Mais elegante, de fato; quando deixou esta aldeia, não tinha a pele tão fina; e bem se vê, pelas mãos, que há muito tempo deixara de cuidar das vacas. Talvez trabalhasse em algum *atelier*... e, sem ser má língua, bem pode ter ocorrido coisa ainda mais estranha nestes quinze anos...

As comadres, tendo recitado uma Ave-Maria e arranhado a reputação de Leocádia Blondois, trocaram um olhar cheio de subentendidos...

— E então? — perguntou a mais velha das duas — Com o calor que está fazendo, será que não vão enterrar a pobrezinha, agora que foi... como é que os senhores dizem...? Identificada!

Pobre mãezinha de Aliette, ultrajada até mesmo em sua morte anônima!

Fazia muito calor sob os pinheiros seculares; o carpinteiro de uma aldeia vizinha, pois não havia tal em Louvières, foi chamado e, ali mesmo, na estrada, não muito distante, ouvia-se o martelo bater sôbre os pregos, enterrando-os no pinho frágil, enquanto Luísa coberta com um lençol que uma piedosa rapariga da aldeia havia oferecido, repousava à sombra das velhas árvores, em cujos galhos os pássaros já brigavam disputando um lugar para passar a noite.

Na manhã seguinte, o bom cura disse a missa dos mortos sôbre os despojos da desconhecida que a opinião pública teimava em denominar Leocádia Blondois.

Quando ocorre alguma coisa na região — onde os acontecimentos são raros — a opinião pública se emociona de maneira extraordinária. Apodera-se do caso, como se quisesse fazer do mesmo sua propriedade pessoal e ai de quem ousasse discutir os detalhes. Era indispensável uma cruz sôbre êsse fôsso; um grupo de mulheres, que, tôdas, mais ou menos, haviam conhecido Mlle. Blondois, fizeram questão de encomendá-la, de pagá-la e de fazê-la pintar...

A essa altura o prefeito entrou em cena. Podiam colocar uma cruz sôbre o túmulo, sendo êsse ato louvável e prova de caridade; mas escrever um nome sem ter a certeza de ser de fato o da pessoa morta, era coisa mais grave. Houve verdadeira batalha; após muitas escaramuças e troca



de parlamentares, o cura propôs uma medida apaziguadora que não satisfaz a nenhuma das partes, mas que acalmava todo o mundo... custando, além de tudo, muito mais barato.

Pintaram sôbre a cruz as iniciais de Leocádia Blondois, de sorte que Luísa Rieul, outrora Luísa Belfroy, ficou enterrada sob iniciais que eram realmente as suas .

Na morte, enfim, escapava à perseguição do marido.

Porém outras mulheres, mais moças e de coração mais terno, não quiseram aceitar êsse desfecho para uma história que lhes parecia tão emocionante. O mistério fôsse êle qual fôsse, valia mais que uma problemática realidade.

Tinham visto aquêle rosto encantador, antes de ser coberto para sempre. A forma delicada e pura das feições, a expressão fatigada e resignada do semblante, tinham feito sonhar as almas jovens.

Uma, principalmente, superior pela educação, pelas maneiras e pelos gostos, se deixou tomar de amizade profunda pela morta. Foi ela a mesma criatura que ofereceu o lençol para envolver o corpo. Não se passava uma semana sem que Seraphine Laubier não fôsse levar um piedoso *bouquet* de florinhas silvestres, às vêzes, belas rosas do seu próprio jardim, para aquela morta misteriosa, que ela tinha a impressão de haver conhecido, amado e chorado.

Entre as almas moças surgem às vêzes essas afeições singulares, aparentemente sem nenhuma razão... E' o ideal encerrado num cofre muito pequenino, que se lança para o céu, com o risco de se ferir nas arestas.

Foi assim que Seraphine amou a "sua morta" com uma ternura imperecível e divina.

*

O lúgubre trabalho de remoção dos escombros já terminara; da catástrofe, restavam apenas detritos de carvão, semi-queimado, chapas retorcidas, lançadas ao acaso; nada do que tinha sido Luísa Rieul reaparecera, embora o seu chale e alguns pequeninos objetos que lhe haviam pertencido pudessem ser reconstituídos aos pedaços.

O trem que reconduzia a Paris os infelizes, feridos, atordoados, todos os que não mais pensavam em se divertir, estava pronto, e Jacques Rieul nêle se instalara com a família em lágrimas. Alberto voltava com êles, silencioso, moroso, com êsse ar das pessoas que têm um pensamento secreto e que não ousam dizê-lo, mas que bem gostariam de ser interrogadas, para poder falar livremente.

Outro trem se dirigindo para Cherburgo já havia partido; êsse, cheio de indiferentes e despreocupados, felizes e dispostos a encontrar ainda maiores divertimentos, para apagar a lembrança do susto sofrido. Se a Sra. Lambert estivesse ali, como teria ficado contente! Quanta coisa para contar, para explorar dessa lúgubre aventura! Para ela e suas semelhantes tais coisas acontecem. Mas estava em Paris, com sua gata negra, e nada conheceria antes do retôrno da família desolada.

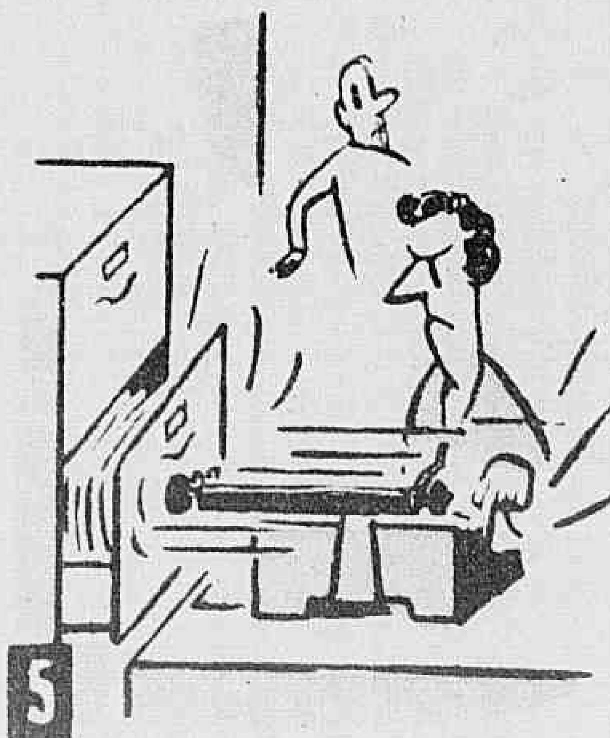
Ao contrário, êsse trem, que ia para Cherburgo colheu um pouco mais além Richard, que não queria perder o seu vapor.

Quanto esfôrço tinha feito o pobre rapaz, que estratégia sábia, para conseguir realizar o seu intento e economizar passagem nesse segundo trem e que lhe permitiria apanhar o navio alemão que o levaria ao Prata, sem nova e dispendiosa escala!

Prometera a si mesmo explicar tudo isso à família Rieul, servir-lhe de cicerone naquele grande pôrto de mar, que êle conhecia em seus menores detalhes. Tudo lhe parecera, senão absolutamente verosímil, pelo menos aceitável; e, depois, caso Jacques se mostrasse muito carrancudo, Richard ficaria afastado no meio das festas imensas onde estariam trinta mil viajantes, espalhados pela cidade, esperando alguma ocasião, a fim de trocar um olhar, uma palavra, talvez, com a sua adorada Aliette.

Mil coisas que não dissera na véspera, porque não tivera tempo, voltavam agora







à sua memória, enquanto caminhava para a estação onde alcançaria o trem e onde também — segundo esperava — a linda cabecinha de Aliette surgiria numa das portinholas. Por que não teriam êles continuado a viagem como êle mesmo fazia? A menos que Rieul, assaltado por um dêsses acessos de cólera e azedume não houvesse renunciado à viagem de recreio preferindo retornar a Paris. Também a Sra. Luísa Rieul, talvez, tão nervosa, não tivesse forçado essa desistência, obrigando a família a abandonar a excursão.

Repentinamente Richard se sentiu consolado. Escreveria à Sra. Mornand. A boa e encantadora senhora não se recusaria a se interessar pelas pretensões amorosas do jovem artista, — Dir-lhe-ia que amava Aliette, com o consentimento da mãe e, assim, muita coisa poderia ser alcançada.

Richard estava no passeio de uma pequenina estação, na grande luz dessa manhã de agôsto. O pessoal da estrada, além de inúmeras pessoas vindas do burgo vizinho, ávidos por obter detalhes que ninguém estava disposto a revelar.

Finalmente o trem foi assinalado, não tardando a parar, resfolegando. Muitas cabeças infantis que riam dizendo gracejos, já totalmente esquecidos do horror deixado para trás. Mas nada de Elisa, Lúcia ou Aliette. Nem mesmo Alberto.

— Sr. Rieul! — gritou Richard, correndo ao longo do trem.

— Suba logo, senhor! — disse-lhe um empregado, empurrando-o para um compartimento, onde êsse se encontrou só. O senhor encontrará o amigo que procura em Cherburgo, a menos que tenha regressado a Paris.

— "Rieul... — disse alguém, na gare — Ouvi êsse nome, entre os dos feridos ou mortos..."

— Por Deus! — exclamou Richard, abrindo a portinhola para descer.

Mas já o trem corria velozmente; a portinhola foi fechada com um tranco forte e Destrée se deixou cair sôbre uma poltrona, chorando como uma criança.

Rieul! Fôra o que dissera o desconhecido! — Não podia ser nenhuma das duas irmãs, que êle vira saltar; não podia ser também Jacques Rieul, na outra extremidade do trem, com Alberto; não podia ser Aliette, com a qual trocara algumas palavras que valiam por tôda uma vida. Quem, então, a não ser... a Sra. Rieul?

Sim. Todo entregue ao seu amor, depois de haver lançado Luísa fora do brazeiro, depois de cumprir o seu dever de homem corajoso, fazendo parar o trem, não havia pensado mais em Luísa, na pobre Luísa, tão impressionável, tão nervosa e inclinada a perder a cabeça; e Aliette lhe perdoaria, jamais, o não ter retido a pobre senhora junto de si... e por ter retido ela mesma, Aliette, enquanto a pobre senhora, enlouquecida, corria para algum perigo?

Qual?

Richard Destrée chegou nesse tormento a Cherburgo. Sentia-se tão desgraçado como, talvez, o mais inocente dos criminosos. Correu imediatamente para a agência do telégrafo e enviou à Sra. Mornand um telegrama, cuja resposta chegou muito tarde, ao anoitecer, poucas horas antes do navio que pretendia tomar deixar o grande pôrto.

O telegrama era lacônico, mas era suficiente para resumir desgraças incalculáveis: "Sra. Rieul não foi encontrada entre os escombros. Considerada morta."

Se não fôra encontrada viva, se nada da pobre criatura fôra encontrado entre os destroços do trem sinistrado, significava, realmente, que estava morta!

Richard hesitou um instante, sem saber se partiria ou se o seu dever não seria o de se dedicar à adorada Aliette, agora só, abandonada. Depois, recordou-se das palavras de Luísa Rieul e compreendeu que, em vez de ser um socorro para aquela que amava, iria impor-lhe, com a sua presença, um assunto perpétuo de conflitos e lágrimas.

Na manhã cinzenta, como na véspera, vinte e quatro horas depois, Richard iniciou a sua viagem. Restava-lhe agora um só recurso: esperar pacientemente que a obra do tempo e a do destino, agissem em seu favor; cumpriria o contrato assinado. Em doze meses, menos talvez, regressaria à França, mais rico, mais considerado e mais forte também, para reclamar de Aliette o cumprimento da sua promessa. Da promessa que não fôra feita, realmente, com palavras, mas que êle adivinhara no seu olhar! O coração de Richard sangrava ao pensar nos longos dias de provação que ela teria que sofrer. Que teria ocorrido, então, caso o excelente Richard tivesse suspeitado da abominável realidade?

Mas, para as grandes desgraças, como para as criancinhas, existem graças misteriosas... Richard nada adivinhou, e assim viveu numa expectativa melancólica, interrompida algumas vêzes por longos arrepios de impaciência.

Suas relações com a família Mornand, embora amistosas, não lhe permitiam entreter correspondência regular; tinha que contentar-se com ligeiras linhas, do tipo puramente informativo e de polidez, trocadas de tempos a tempos, a pretextos mais ou menos valiosos.

Assim foi que viveu Richard Destrée durante os primeiros meses. Poderia prolongar por muito tempo êsse gênero de existência? Não lhe faltaria, afinal, tudo, tudo do que tinha sido a alegria da sua vida?

Nessa cidade de costumes diferentes, de língua diferente, onde as suas ocupações enchiam apenas os seus dias, as noites lhe pareciam bem longas.

Procurou a companhia dos outros rapazes que, como êle mesmo, tinham vindo dar a êsse país novo o que lhe faltava, o que era quase forçado a pedir à velha Europa; ligou-se de amizade a algumas famílias onde o seu bom aspecto fêz pulsar mais de um coração de moça. Mas nada podia apagar em seu cérebro a visão terrível daquele dia nascente sôbre os escombros da catástrofe. O nome de Rieul surgia em seus sonhos, da mesma forma que Luísa, outrora, sonhava com o *yacht* incendiado. Há imagens que ficam gravadas no cérebro de modo indelével e que nada pode expulsar. Mesmo que Richard não amasse Aliette nestes últimos três anos, na paz da casa silenciosa, sombreada pelas velhas árvores, onde o violoncelo do professor Mornand vibrava com notas graves e apaixonadas, só aquêle adeus, no centro do desastre, teria sido suficiente para o impedir de pensar em outro amor.

XVI

No trem que o reconduzia a Paris, Jacques Rieul fazia lúgubres reflexões. Se Luísa estava morta, realmente, um remorso secreto começava a roer a sua alma, pois reconhecia que não a fizera feliz; e ela devia, sim, estar morta... Do contrário, que fôra feito dela?

Tinha ouvido falar de pessoas que enlouquecem e que fogem no meio de catástrofes como aquela; mas, ao fim de pouco tempo, voltam, como tinham voltado, já, alguns dos passageiros tomados pelo pânico... Luísa também teria voltado, a menos que...

Muitas vêzes tinha êle surpreendido no olhar da espôsa estranha inquietação, como que uma vaga aspiração, semelhante à de um ser, homem ou animal, que deseja fugir, que projetou uma fuga, que a levará a cabo na primeira oportunidade... Quem sabe se Luísa, tendo perdido totalmente a razão, não teria aproveitado essa ocasião para retornar à sua Bayeux?

Mas... impossível. Luísa tinha consigo bem pouco dinheiro. Que poderia ter feito com alguns *luíses?*

Lembrou-se, repentinamente, do bordado vendido e pago na véspera. Era uma quantia razoável aquela. Caso a tivesse levado... De fato, Luísa podia esconder-se, instalar-se em alguma parte e retomar seu ofício de bordadeira... Havia de encontrá-la! Oh! E se a encontrasse! Se ela acreditava ter fugido entre os seus dedos, estava totalmente enganada!

Distraìdamente, levantou a cabeça e notou a expressão bizarra de Alberto, que parecia olhar, por assim dizer, para dentro de si mesmo. E sua expressão era má.

— Em que você está pensando? — perguntou sêcamente o pai.

— Penso que mamãe não foi encontrada... Mas o belo Richard também não o foi!

Alberto detestava Richard, porque êsse possuía tôdas as qualidades de ordem, de trabalho, de economia, que faltavam ao filho de Rieul.

Jacques estremeceu violentamente. Estavam sós, num compartimento que lhes fôra reservado em razão da desgraça que se abatera sôbre êles.

— Você acredita que tenham... partido juntos? — exclamou, num grito de fera, esquecendo todo sentimento do dever paterno.

— Não digo isso! — replicou Alberto, erguendo os ombros com desdém — Digo apenas que não foram vistos, *nem um nem outro*...

Todo o sangue de Aliette subiu às faces.

— Eu vi o Sr. Richard — disse ela — Falei com êle.

— E então? Que foi feito dêle?

— Seguiu a pé pela estrada, na direção de Cherburgo. Ia só. A estação seguinte não ficava distante...

Rieul voltou para a filha o seu olhar agudo e terrível. Ela se sentiu perturbada até o mais íntimo do seu ser.

— Você... falou com Richard? — perguntou êle, procurando conter a voz, a mesma voz que Luísa e Aliette temiam mais que as violentas explosões de cólera.

Aliette pensou apenas em poupar a memória de sua mãe. Sem dúvida o pai não lhe perdoaria o ter ouvido palavras de Richard antes de, primeiro, consultá-lo; mas Aliette não sabia mentir; a verdade



— Policarpo, parece que estão ladrões lá em baixo!

era necessária a essa meiga criaturinha como o ar que se respira; baixou a cabeça e respondeu:

— Sim!

— Que ia viajar... que ninguém precisava mais dêle e que ainda poderia apanhar um trem para não perder o vapor, da manhã seguinte. Creio que deve ter apanhado, na estação seguinte, o trem que partiu para Cherburgo...

— E' curioso... — murmurou Rieul, voltando a mergulhar nos próprios pensamentos. Minha mulher desaparece sem deixar rastros... Não acredito que ela esteja morta! — concluiu, cruzando os braços e fitando a filha mais velha com ar de desafio.

Aliette se sentiu repentinamente impelida por uma fôrça sobre-humana.

— Pois eu, meu pai, só acreditarei que mamãe está viva no dia em que ela surgir diante de nós, para nos falar e sorrir... Oh, mãezinha adorada! Tão dedicada ao seu lar, onde foi tão pouco feliz! Tão resignada e escrava dos seus deveres, dos quais só recebia injustiça e ingratidão! Tão fiel a seu marido, a seus filhos; tão resignada com o seu triste destino! Seria ela capaz de nos abandonar? Por sentir-se esgotada de uma vida que suportou vinte e três anos, teria talvez deixado a casa, que, sem ela, não passará de uma lamentável ruína... E o senhor diz isso, meu pai! E é aos filhos da morta que quer fazer acreditar essa coisa monstruosa!

— Ela não me amava! — replicou Jacques repentinamente sombrio, em vez de se encolerizar, como receavam as filhas mais moças.

— Não o amava? Como pode saber? Se não o amasse teria suportado tantos anos essa escravidão?

— Você mesma acaba de dizer! — replicou Rieul — Para ela era a escravidão!

— Sim... Uma escravidão de amor! Pois que ela nos amava, a todos! Jamais nenhuma outra mãe foi mais terna, nem mais merecedora de ternura; e o senhor sabe muito bem, meu pai, o senhor que finge acreditar que ela nos abandonou!

Rieul não respondeu. Não estava convencido mas não achava argumentos para opor às palavras apaixonadas e veementes de Aliette. Até Paris, quebrado apenas pelos soluços abafados das moças, reinou completo silêncio no vagão.

Oh, foi um triste retôrno ao lar, agora tão vasto e tão deserto, pela ausência de uma só pessoa! Mil dificuldades surgiam de todos os lados, dificuldades materiais e mesquinhas, que roubavam tempo a Rieul e acabavam de desequilibrar o seu cérebro e os seus nervos. Não se resignava a aceitar a idéia da morte de sua espôsa; ninguém o convencia; preferia dizer que ela abandonara o lar conjugal para viver do seu trabalho.

— Um cérebro fraco! Que podemos esperar de uma criatura assim? — acrescentava.

E buscava a sua espôsa por tôda parte, em Bayeux especialmente, onde a cidade foi vasculhada inteiramente; nada foi encontrado; quem poderia imaginar que uma solteirona, morta no limiar de uma igreja, vinte e cinco quilômetros distante de Bayeux, podia ter alguma relação com uma Sra. Rieul, bem viva, chegada a Bayeux a fim de trabalhar em bordados?

Uma coisa, porém, desnorteava Jacques Rieul: Luísa não levara o dinheiro ganho com o seu soberbo bordado; encontrou-o na secretária, com pequeninas relíquias do passado, que tôda mulher conserva. Faltavam apenas cem francos... E ninguém podia ir muito longe com essa quantia...

Êsses cem francos, entretanto, se encontravam na caixa do secretário da Prefeitura le Louvières, esperando que aparecesse a família da morta.

Os banhos de mar haviam cessado, os Parisienses já se retiravam, sendo que a maior parte já deixara a costa para ir ver os festejos navais que tão caro tinham custado à família Rieul; nem um só jornal nessas pequenas localidades, salvo os jornais de Paris; as notícias não podiam viajar sòzinhas, nem havia quem as levasse de um lugar para outro.

Teria sido necessário, no entanto, pouca coisa, o acaso de um nome, de um encontro, de um tagarela desocupado... Porém êsse acaso não surgiu. Rieul não encontrou sua espôsa e a morta anônima, de Louvières, dormiu calmamente entre os dois pinheiros, sob a cruz de carvalho, que tinha as iniciais L. B., com a data do dia em que Luísa tombara, pedindo que a deixassem morrer.

O primeiro impulso de Aliette, ao chegar a Paris, foi o de correr à casa de Cecília Mornand, a linda e boa Cecília, de coração terno, e cujas lágrimas corriam fàcilmente e consolavam. A esta revelara tôda a sua dor. Seu coração de filha dedicada fôra profundamente ferido para que não sentisse a necessidade de defender sua mãe mesmo contra os que só pensavam em voltar contra a infeliz um dedo acusador.

A Sra. Mornand, imediatamente avisada, foi levar a Aliette e à sua irmã, Lúcia, o apoio maternal de sua enérgica bondade.

— Quando precisarem de mim, não hesitem em vir... Enquanto isso, minha pobre Aliette, não terei que dizer que deve assumir, quanto antes, o trabalho que sempre fazia lado a lado com sua mãe. O trabalho é o supremo recurso, o supremo consôlo; e nêle você poderá encontrar, primeiro, um sedativo; mais tarde será ainda mais útil... Você será uma pequena mãezinha, agora, Aliette!

(*Continua no próximo número*)





OS BONS VELHOS TEMPOS

Por DOROTHY VAN DOREN

"Os tempos passados tinham seus encantos, sim. Porém esquecemos depressa os seus transtornos e obstáculos".

"MUITAS formas de contentamento são erradas; uma, porém, é peculiarmente ridícula: contentamento pela época em que vivemos". — Isso foi escrito por Henry James. E, de fato, não podemos considerar o nosso como o melhor dos mundos. Parece-me que essa é mesmo uma boa resposta para os pessimistas que vivem a lamentar-se, afirmando que teriam preferido viver nos "bons velhos tempos". Tais "tempos" jamais existiram, exceto na imaginação das pessoas idosas.

A gente moça de hoje é irreverente e mesmo mal educada... Eis o que estamos ouvindo dizer. Porém os modos, as atitudes, tanto para os moços quanto para os velhos, fazem parte dos costumes correntes; uma época tem mais respeito pelas atitudes, outras o têm menos. Também se vive gritando que a criminalidade aumenta; mas já houve época em que era perigoso para uma mulher andar pelas ruas depois das seis horas da tarde.

O povo perdeu o respeito pela Igreja, pelo Estado, pelos pais, pela superior literatura e pela boa música. Mas os livreiros estão vendendo cada vez mais livros de boa literatura e também melhor música se ouve agora do que há cinqüenta, cem os mesmo quinhentos anos. No caso dos livros a explicação é fácil: mais gente sabe ler, agora! E a Igreja ou o Estado ou os pais que se lamentam da falta de respeito dos filhos, são, geralmente, os principais culpados dessa situação.

Vivemos num período de *post-guerra*, cheio de incertezas e de confusão pessoal. Porém não é êsse — infelizmente — o primeiro período de *post-guerra*, na história do mundo! Possìvelmente não será o último. Vamos olhar para trás, para as guerras intestinas, as revoluções, os conflitos religiosos e dos penosos períodos da reconstrução!

Visitando um amigo, fui encontrá-lo na velha mansão construída para uma de suas avós, ao findar o século XVIII. *Aquilo, sim, que era vida!* — comentou o meu amigo — *Vivia-se no lar e nêle era feito tudo; utensílios, roupas, etc.; também no lar a família estudava e encontrava divertimentos. Tudo se centralizava no lar.*

Suas palavras me pareceram maravilhosas. Mas logo pensei: *Quem suportaria uma vida assim, no mundo atual?*

Suspeito mesmo de que aquêles quartos imensos, na casa imensa, eram frios no inverno, exceto para aquêles que se sentassem diante da lareira; no verão, as moscas seriam insuportáveis e invencíveis; os trabalhos do dia começavam com a aurora e terminavam com o deitar do sol; trabalho pesado! Além disso, as roupas eram ásperas, a comida muito salgada e o leite intragável.

Não aprendemos tudo a respeito de como viver. Estamos ainda muito longe disso. Mas aprendemos alguma coisa. Não estamos tão desamparados pelas leis; nem somos tão tímidos e medrosos como no ano 1000 ou doutrinários como nos tempos da Inquisição; também não acreditamos mais em bruxarias, como em 1962. Os "velhos bons tempos" não foram, realmente, assim tão desejáveis como parecem, vistos à distância. O nosso tempo atual merece de nossa parte mais atenção, afeição e respeito, ao menos porque é o único em que realmente podemos viver.

"COMER CARNE HUMANA FOI UM COSTUME MUITO GENERALIZADO ENTRE VARIAS TRIBOS SELVAGENS"

A Verdade SOBRE os Canibais



Os inimigos mortos nas guerras sempre eram comidos, num festivo repasto.

O Canibalismo foi oficialmente descoberto pelos Espanhóis, que o viram ser praticado por uma tribo vivendo entre as ilhas do Mar das Caraibas.

Os Caribes ou Caribais, como foram posteriormente chamados, deram nascimento ao têrmo ainda hoje usado.

Os exploradores, regressando ao Velho mundo, descreviam os Caribes como gente quieta, calma e sedentária, que viviam uma vida preguiçosa e sonhadora — e comiam carne humana.

Segundo um dêsses relatórios, foram os missionários os que se dedicaram a arrancar os Caribes do estigma do canibalismo. Sua ação foi muito mais eficiente que a dos educadores oficiais e as leis punitivas.

A bem dizer, os Caribes foram curadts de seu apetite de carne humana... *"depois de comer um frade dominicano."*

— "Todos se sentiram doentes — relata um historiador — e decidiram nunca mais tornar a comer carne de religioso ou de leigo."

Combinando anedota e verdade, outros escritores deduziram e espalharam aos quatro ventos que canibais e canibalismo jamais existiram.

Mesmo hoje há qualquer coisa de terrível e de ridículo só no pensar em homens comendo homens. Os antigos navegadores, por sua vez, contaram histórias verdadeiramente inaceitáveis e, por isso mesmo, tornando mais forte a crença de que tudo, afinal, não passava de fantasia. A seguir outros elementos como cançonetas, lendas e historietas em quadrinhos vieram terminar a obra, dando-nos a impressão de que tais práticas foram sempre originadas no cérebro impressionável dos antigos viajantes e rabiscadores de novelas.

Entretanto, muitas dessas histórias não eram assim tão fantasiosas. Os que as narraram eram pessoas realmente dignas de consideração e falaram sèriamente. O canibalismo não apenas foi praticado, como também era hábito corrente numa larga porção da superfície do nosso globo.

Tal prática, que, pouco a pouco, foi desaparecendo, ainda existe, atualmente, entre algumas tribos da América do Sul, na África Oriental, Equatorial e Central e também no Arquipélago Malaio, nas Ilhas dos Mares do Sul e algumas partes da Austrália. Mais impressionante, talvez, do que a imensidade dessas áreas citadas, são as variedades do canibalismo.

Originário, principalmente, da fome, o canibalismo foi mais tarde adotado por razões de religião, ódio, afeição e, também pelo simples prazer de comer carne humana. O sentimento de vingança ou o ódio foram sempre os dois mais persistentes motivos para a prática do canibalismo. O canibal não podia imaginar método mais satisfatório para expressar o seu ódio do que comer um inimigo que finalmente vencera em porfiada luta.

O insulto, *"Eu ainda o assarei!"* é o mais terrível que um Samoano pode ouvir. *Assar* é sempre o mais dominador argumento, e o que um canibal pode recordar com maior prazer é o ato de assar e comer um odiado inimigo.



Os Fijianos consideravam um presente dos deuses, quando algum navio se destroçava em suas praias. Os náugrafos eram logo assados e comidos embora considerassem a carne dos brancos um tanto salgada.

Entretanto, o Canibalismo não se reduz sòmente ao comer o indivíduo vencido, membro de uma tribo rival.

Conta-nos Herodoto, o grande historiador grego, que os habitantes da Índia, impelidos pela fome, matavam e comiam os seus parentes mais idosos. E, realmente, a fome tem criado canibais entre todos os povos da terra, em determinadas circunstâncias.

Entre os mais notórios selvagens, praticantes do canibalismo, a idade tem sido observada não com o respeito que nós mesmos lhe concedemos, mas com ansiosa esperança. A família, mais cedo ou mais tarde, poderá decidir sôbre a morte de um dos seus mais velhos, que será comido num grande festim.

Os mais persuasivos do grupo poderão aproximar-se da vítima escolhida e falar-lhe durante horas, convencendo-a de como seria maravilhoso morrer e fugir da tortura de viver. Depois de matá-la, segue-se o grande festim que, às vêzes, pode durar três dias.

Mas pode haver também afeição nesse ato que consideramos bárbaro. Na verdade, o comer um dos membros da própria tribo pode significar um grande amor pelo sacrificado, embora êsse amor dificilmente possa ser compreendido por um civilizado.

Os Sardis, da Sardenha, consideravam um ato de amor para um filho matar os próprios pais. Vejamos o que nos conta a respeito um cronista. A velha mãe, "sabendo que era chegada a sua hora, tranqüilamente dirige todos os preparativos para o próprio fim".

"Depois de tudo pronto e a festa do funeral estar aprovada, ela própria convida os seus amigos e parentes e diante dêles, exorta o seu filho a que tenha coragem e braço firme, a fim de desferir um golpe só, profundo e certeiro."

Forma de canibalismo similar existiu também entre os Tibetanos, durante a Idade Média. Os corpos dos que morriam eram transformados em pasta e comidos pelos amigos e parentes.

Acreditavam êles que "era mil vêzes preferível ir parar no corpo e no sangue de um amigo do que decompor no seio da terra".

Em muitas partes do mundo há uma estranha moralidade relativamente ao comer um dos membros da própria tribo. Assim, por exemplo, um criminoso jamais será comido, pois para sua suprema vergonha é considerado indigno dêsse fim.

E entre algumas tribos há severa punição para os que violem essa lei. Um chefe canibal foi destronado por uma rebelião do seu povo por ter insistido em comer as suas espôsas, culpadas de infidelidade.

O verdadeiro canibal — segundo o têrmo realmente significa — é aquêle que

come a carne humana por simples prazer. A mesma definição exclui aquêles que comem carne humana por motivos religiosos ou para matar a fome — ou pelos dois motivos combinados.

Por exemplo, a matança das pessoas idosas só é hoje praticada quando escasseia o alimento e a tribo se vê ameaçada pela fome.

Os Tonkawas, que vivem nos Estados Unidos da América do Norte, ainda hoje têm uma forte inclinação por trincar carne humana e, por isso mesmo, durante a confissão — pois muitos são Católicos — os sacerdotes raramente deixam de perguntar a um Tonkawa convertido: *"Você tem comido carne humana"?*

Outras tribos espalhadas pelo mundo igualmente apreciam o homem como alimento, porém os dois mais famosos casos, relatados pelos exploradores, dizem respeito aos habitantes das Ilhas Fiji e aos Pangwes, da África Central.

Os últimos, por exemplo, derrubaram completamente a ortodoxa opinião sôbre a procriação. Para êles, os filhos são ótimos apenas para ser comidos.

Mesmo as tribos mais selvagens se orgulham dos seus filhos. Não os Pangwes. Deixam que os filhos cresçam, realmente, mas são as filhas as que êles realmente estimam, *pelo prêço que com elas podem alcançar, quando atinjam a idade de trabalhar e casar.*

Os Pangwes não comem os filhos... abertamente, mas adotam um curioso e bárbaro sistema.

O método é êste: uma tribo de Pangwes trata de buscar uma querela com outra tribo. Não sendo muito glutões, cada tribo seleciona pequeno grupo de homens para representá-la durante a guerra.

Os dois grupos eleitos para o combate, travam feroz luta corpo a corpo. Não é bastante que um grupo vença e mate todos os membros da tribo adversária, sendo necessário que a luta continue até que *um só* homem permaneça vivo!

Então, se cinco homens da tribo vencedora se mantêm de pé, têm que passar a lutar... *entre si,* matando-se uns aos outros até que apenas *um* dêles sobrevia!

A tribo a que pertença o sobrevivente ficará com a vitória e com o terreno em que a luta foi travada. A ela também pertencerão os corpos mutilados de todos os guerreiros mortos.

Essa lei é respeitada pela tribo vencida e o guerreiro sobrevivente, se não vier a morrer dos ferimentos que certo recebe durante o longo combate, está livre e dispensado de participar de uma segunda batalha. Para êle a melhor cabana da aldeia, as mulheres mais robustas para cuidar do seu campo e uma vida regalada.

Os Fijianos, por sua vez, são canibais muito mais espetaculares. Para êsse povo cada ser humano descuidado bastante para se aproximar dos seus domínios sem boa escolta é um bife em perspectiva.


Os despojos humanos

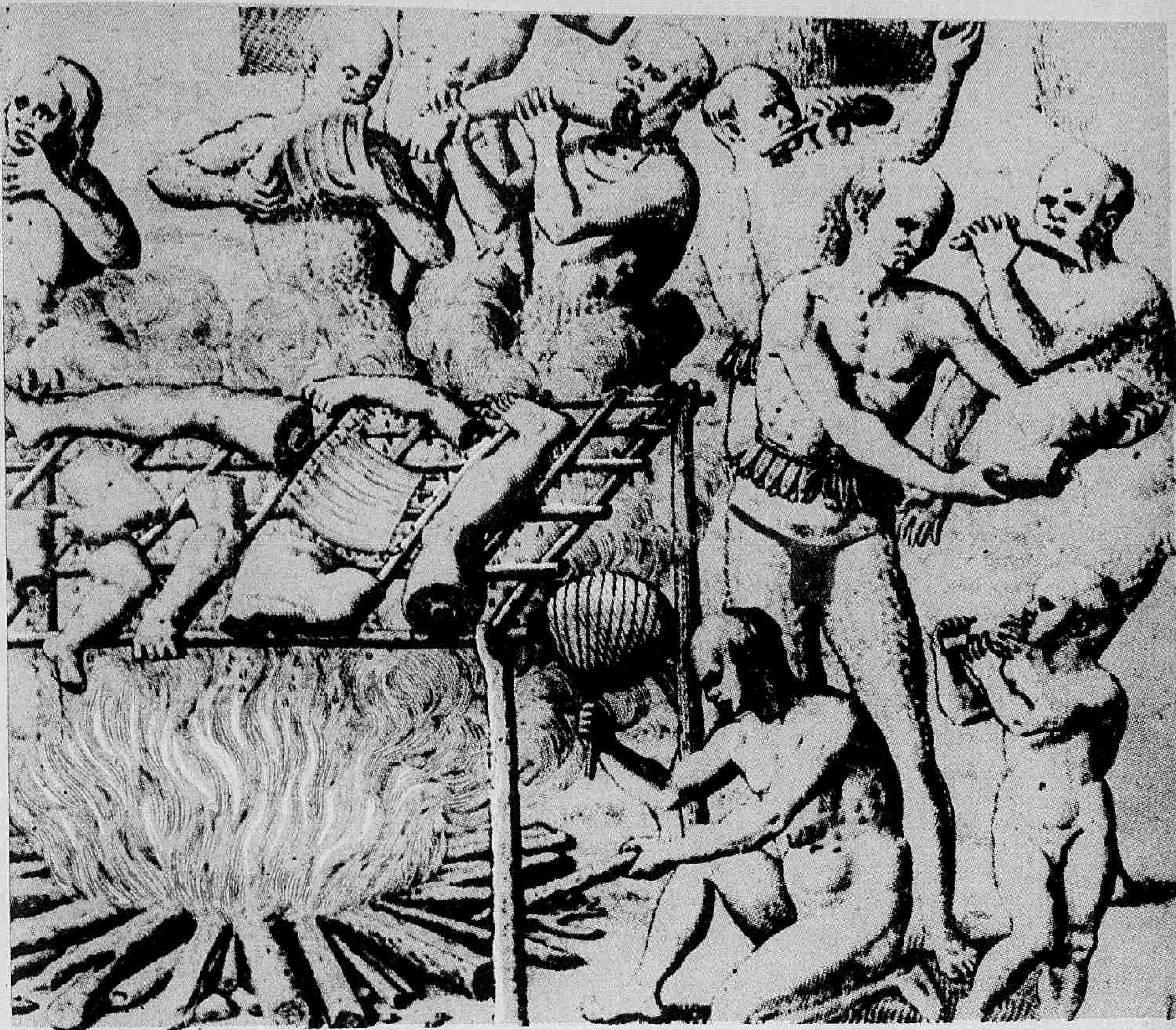
Uma vez morto um homem, não passa a ser um cadáver. Não há, entre êles, uma palavra para designar "cadáver". Para êles o indivíduo morto passa a ser simplesmente um *bakola*, que podemos comparar ao nosso *bife* ou, melhor talvez, *carne de porco*. Depois de morto, um homem passa a ser "porco".

Os Fijianos são absolutamente incorrigíveis no sentido de que não podem ser dissuadidos dêsse seu princípio dietético. Nos derradeiros decênios, com a chegada dos Europeus, amparados por armas modernas, a carne humana, como alimento, foi bastante reduzida, tornando-se por isso mesmo uma *iguaria difícil,* podendo ser comparada com o nosso caviar, a lagosta, o faizão, etc...

Para êles, um inimigo morto em batalha, deve ser comido. (*E ainda é, atualmente.*) Se não têm inimigos à vista, adotam o processo dos Pangwes. Vão arranjá-los um ptuco mais além.

Longas expedições são organizadas para capturar vítimas entre os seus vizinhos. Da mesma forma os "armazenam para os períodos de crise de carne, fazendo-os trabalhar como escravos, enquanto não chega a sua hora extrema. Quando tôdas essas "fontes" falham, os Fijianos esperam e rezam para que algum navio se destroce em suas praias.

Com referência a êsses naufrágios em geral, os homens brancos às vêzes ainda



ainda frescos eram esquartejados e algumas vêzes assados como vemos na gravura acima.

têm sorte no meio de sua desgraça. É quando, após uma tempestade, podem alcançar a costa da Austrália, onde são recebidos festivamente pelos humildes nativos.

Uma antiga narrativa assim conta: "*Os aborígenes consideram êsses náufragos brancos como os corporizados espíritos de seus próprios mortos*".

E acrescenta:

"*A razão dêsse fato está em que os corpos dos nativos mortos, cozinhados, antes de ser comidos, ficam brancos quando a cutícula escura descola com a pele.*

"Por isso, quando os primeiros Europeus ali surgiram, os nativos acreditaram tratar-se de *visões do além*, e foi com grandes reverências que receberam o que acreditavam ser o *materializado espírito de seus escaldados antepassados*".

Na história ainda recente das Ilhas Marquesas, os marinheiros ali naufragados tinham o direito de escolher entre ser tatuados e reunir-se à tribo ou... ser comido, pura e simplesmente. Para êles, os homens de pele escura são mais apetitosos do que os brancos. Êstes são considerados "salgados".

Também os Fijianos pensam da mesma forma. Consideram a carne de branco muito salgada e capaz de provocar vômitos. Entretanto, entre outras tribos o sabor salgado é até apreciado. Principalmente para as que vivem em regiões muito afastadas do mar, em lugares onde o sal é elemento por isso mesmo precioso.

Os *Booles*, da África, viajam até muito distante de suas aldeias para chegar ao oceano... e ter a possibilidade de encontrar brancos, cujas carnes sabem que contém mais sal.

Um chefe congolês declarou que preferia a carne do homem branco pelo sabor salgado que apresenta e "que se assemelha ao sabor dos bacorinhos".

Os Caribes não ligaram muito às raças. Tanto comiam Inglêses, como Holandeses, Franceses, Espanhóis e Portuguêses, assim como os homens de suas próprias tribos e

confessavam não sentir qualquer diferença de sabor nessas diferentes nacionalidades. Se tinham que escolher, porém, entre um francês e um Espanhol, preferiam o primeiro "por ter geralmente mais carnes". Pensam ainda hoje que nenhuma outra raça pode sobrepujar a francesa em sabor e digestibilidade, ao passo que os Espanhóis são considerados maus como alimento. Assim como "carne de pescoço" — diríamos nós.



O panelão de barro, tão citado nunca existiu entre as tribos antropófagas

Eram conhecidos inúmeros processos (e ainda são praticados hoje) para a preparação de alimento humano pelos canibais. As *receitas*, ao contrário das nossas, eram porém pouco complicadas.

Em geral comiam "ao natural" ou sêca, passadas em espetos de pau; mas também as assavam. Não acreditem porém que usassem os famosos caldeirões negros, segundo a caricatura sempre tem divulgado. Nunca possuíram tal utensílio culinário.

A maior parte dos humanos era assada. Os corpos eram cortados em pedaços. Grandes buracos eram feitos na terra enquanto capim sêco era usado para forrar essas covas e cobrir inteiramente os pedaços do corpo, para que assassem corretamente, em diferentes seções, separadas por capim. Uma camada de lenha cobria tôda a superfície da cova e uma grande pedra era colocada sôbre tudo isso. Novos toros de lenha eram depois introduzidos sôbre a pedra e dos lados da cova.

Uma vez atiçado o fogo, era mantido até que chegasse a uma alta temperatura. O tição era então removido, com as brasas ainda rubras, e as carnes postas sôbre êles, em novos buracos, e cobertas por pedras. A duração dessa operação, dependia da quantidade de carne para assar, da qualidade da lenha, segundo a estação do ano... *e do apetite dos que esperavam, babando de ansiedade.*

A carne era comida, a seguir, entre grunhidos de prazer, acompanhada pela beberagem particular de cada tribo. Se não fôsse bem feita essa operação, a carne ficava muito dura, mas de qualquer maneira era tragada, levando-se a culpa à qualidadede física do sacrificado e nunca à inabilidade dos cozinheiros ou à pressa dos comedores. Quando preferiam a carne apenas tostada, era ela passada em espetos sôbre brazeiros e cada um a comia quando julgava que estava no "ponto".

Muitas tribos não pensam em fazer menus complicados. Assim, se a carne humana fôr levada "*à mesa*" a dieta vegetariana é deixada para outro dia.

Outras preparam seus alimentos em forma de bolos ou picadinhos. A raiz de mandioca ou qualquer outra, comestível, é amolecida em água e depois fervida. Depois, em forma de pasta, é combinada com a caça (animal ou humana).

Punhados de arroz ou pimenta são jogados na decocção. Qualquer carne ou suco de palmeira e nozes podem ser adicionados.

Cada membro da tribo ganha um pedaço do corpo que mais lhe apeteça. Muitos lutam pelos miolos, outros pelos... intestinos. O guerreiro que derrubou a vítima tem direito aos dedos dos pés e das mãos, que trata de roer, entre grunhidos de alegria.

Nos climas tropicais, o problema de *armazenagem* é resolvido pelo processo de manter a vítima viva até o derradeiro instante. Para isso têm vasta quantidade de frutos, côcos e raízes variadas.

Os canibais da Ilha Rosell certa vez foram bastante felizes por encontrar o casco naufragado de uma velha embarcação chinesa, que o temporal acabara de lançar à costa... com 300 homens a bordo.

Procedendo com método, os canibais, cada dia escoltavam três vítimas até o interior da ilha; horas depois, atenciosos e sorridentes, levavam deliciosas iguarias ainda fumegantes, para os sobreviventes.

Um dêsses canibais ouvindo certa vez falar de nossas guerras de supercivilizados mostrou-se verdadeiramente fascinado e mesmo invejoso. E, sem conter sua curiosidade, quis saber *como os homens brancos se arranjavam para consumir uma tal quantidade de carne humana.*

Com mal disfarçado orgulho um explorador explicou ao selvagem que *o resto do mundo não praticava o canibalismo!*

Ouvindo essa resposta o pobre selvagem abanou a cabeça e indagou, assombrado:

— *Que espécie de gente é essa, então, que mata sem uma razão justa?*



BOLSO ERRADO

NA madrugada de 2 de maio de 1951, Mariano Cahal Alvarez parou num bar da Avenida das Virtudes, em Havana, tragou um "ron" e entrou a lutar contra uma tentação. Estava diante de dois fatos poderosos. Primeiro, ali mesmo, ao seu lado, estava um homem forte, espadaúdo e sem paletó, cuja carteira estava "dando sopa", ligeiramente apontando para fora do bôlso posterior da calça. Segundo, o señor Alvarez era um exímio batedor de carteiras.

Tinha 35 anos e dedicara os últimos dez anos de sua existência a praticar os seus dedos agilíssimos, para conseguir ser um dos melhores na "profissão". Entretanto, acabara de cumprir uma sentença na prisão do Estado e no momento de deixar o cárcere jurara solenemente abandonar a vida criminosa e passar a ter uma vida honesta.

Mas... a proximidade do homem robusto, com a carteira a se oferecer aos dedos de outro "colega" amoleceram depressa a boa resolução de Mariano Alvarez.

Sua mão avançou àgilmente e silenciosa como uma aranha. Com ligeiro movimento não tardou a passar a propriedade do desconhecido para o próprio bôlso de Alvarez. Depois, tranqüilamente, levou o copo aos lábios, a fim de esvaziar completamente o seu conteúdo. Nesse instante, porém, ouviu uma voz ftrte, junto da sua nuca.

— Alvarez... Estou vendo que você já esqueceu a lição que recebeu.

Voltou-se para ver o rosto sério e acusador do detective Enrique Figueroa, da Polícia Central de Havana. Alvarez, no primeiro instante perdeu a fala, piscando os olhos, porém logo a seguir o desespêro o encorajou.

Com gesto imprevisto jogou o copo e o seu conteúdo contra os olhos de Figueroa, ao mesmo tempo que desferia contra o policial violento pontapé. Depois, sem perda de tempo, correu, passando pela porta de "vai-vem", que se abria para a cozinha do bar, trepou pelos encanamentos da parede e ao fim de alguns segundos mais, saltava para um pátio e dali ganhava a rua.

Cêrca de meia-noite viajava para Santa Clara, na Província de Las Villas.

Vinte e quatro horas mais tarde, Alvarez estava sentado numa taberna, examinando a própria situação. Sem dúvida a polícia de Havana a esta hora já alertara tôda a ilha de Cuba, a fim de que o procurasse e prendesse. Figueroa o havia reconhecido e mesmo que tal não fôsse, as impressões digitais de Alvarez tinham ficado impressas no copo que jogara contra o detective.

Alvarez compreendeu que o melhor que podia fazer era trocar de nome. Isso, porém, era coisa muito simples e pouco eficiente.

Estava êle assim bebendo e meditando na taberna ainda algum tempo depois, quando surgiu uma briga.

Alvarez não estava bastante próximo para conhecer as causas do conflito. Levantou-se, aproximando-se da multidão que cercava os dois homens. Gostava até de se achar, assim, comprimido entre a multidão. Na sua profissão isso era quase imperativo. Viu-se assim bem encostado a

um dos observadores, um homem alto, com o rosto enfeitado por bigodões negros. Um leve toque com as pontas dos dedos, revelou a Alvarez que o seu vizinho trazia a carteira no bôlso posterior dacalça . Esquecido, já então, totalmente do seu sagrado juramento, Alvarez roubou a carteira do homem.

Tratou imediatamente de sair e ingressar em outra taberna, onde foi sentar num canto discreto, a fim de examinar seu conteúdo. Era coisa insignificante. Continha apenas quatro pesos em notas e um cartão de identidade, informando que seu proprietário era Raul Montdragon.

Já agora era bem tarde e Alvarez, bocejando, dirigiu-se para o Grande Hotel. Compreendendo que não podia dar o próprio nome resolveu assinar o registro com o nome do homem a quem acabara de roubar — Raul Montdragon.

Dormia pesadamente quando, repentinamente, cêrca de 4 horas da manhã, bateram autoritàriamente à sua porta. Alvarez pulou da cama indignado e abriu a porta. Logo empalideceu quando viu o uniforme de um policial.

— O senhor é Raul Montdragon?

Repentinamente alertado, Alvarez respondeu afirmativamente.

— Neste caso, queira vestir-se. O senhor está prêso!

Alvarez sentiu um frio doloroso atacar-lhe o estômago.

— Deve haver algum engano... — disse êle com voz fraca.

— Não... se o senhor é Raul Montdragon. Está prêso por tentativa de morte contra seu empregado, esta tarde...

Todos os eloqüentes protestos de Mariano Alvarez perderam a significação para o policial. Foi levado para a delegacia e ali lhe tiraram as impressões digitais e estas foram enviadas para Havana. Teve então que enfrentar a acusação de roubo e agressão a um detective. Tratou de revelar à polícia de Santa Clara a sua verdadeira identidade e como assumira o nome de Raul Montdragon.

"— E pensar — disse êle tristemente — que, entre todos os cidadãos honrados de Santa Clara, fui escolher para roubar justamente um criminoso — *um homem com culpa de crime muito maior que o meu!*

E por ter escolhido um bôlso errado, Mariano retornou à Havana para enfrentar tremendas acusações.

Quanto a Raul Montdragon não foi mais feliz que Alvarez. Foi prêso quando entrou numa delegacia de Santa Clara, indignado, para queixar-se de ter sido roubado por um "batedor de carteiras"...

★

O MÊDO, OUTRO PERSONAGEM DO DRAMA



COBERTO quase totalmente o rosto com uma máscara branca, um homem acusa a política da Rússia, na sala do Senado de Washington, onde se reúne a comissão encarregada de investigar sôbre as terríveis matanças de Katyn. O homem, antigo soldado do Exército polonês, foi testemunha daqueles crimes; seguro aos altos ramos de uma das árvores, no sinistro bosque de Katyn, viu a imolação de grande número de chefes e oficiais do seu país, aos quais enchiam a bôca de serragem, antes de disparar contra os mesmos um tiro na nuca, junto de enorme fôsso que as vítimas cavaram com as suas próprias mãos.

O antigo soldado polonês relata os detalhes do tenebroso drama que presenciara, e procura disfarçar inclusive a voz. Os olhos e os ouvidos de seus inimigos estão por tôdas as partes e o fugitivo tem parentes que ainda estão sob domínio dos russos.

O Sermão sob MIRA



ALI estavam os dois homens — ministro de Deus e o homem que vivia fora da lei divina e das leis humanas. Ali estavam, diante do altar. Contra a cabeça do reverendo John Evans Knox estava encostado o cano de um revólver, firmemente seguro pela mão grosseira do homem perseguido pela polícia.

Leonard Johnson, tendo assim apanhado o reverendo Knox como refém e escudo, no interior da igreja Episcopal da Santíssima Trindade, fôra localizado e acossado pela polícia de Findlay, Estado do Ohio.

Quando esta o interrogava a respeito do roubo de um automóvel e tentava passar-lhe uma revista, Johnson repentinamente sacou da arma e mantendo seus perseguidores sob a ameaça da mesma, gritou, anunciando que abriria passagem de qualquer maneira. De fato, pôde passar entre uma multidão amedrontada, naquela fria manhã do meio-oeste e, com a polícia em sua perseguição, Johnson correu para o interior da igreja, capturou o reverendo e, colocando-o assim sob a imediata ameaça do seu revólver 32, anunciou para o chefe de polícia, Leo Larkins e os demais policiais, que não tardaram a chegar: *"Matarei o padre, se tentarem pegar-me!"*

Larkins, depois de examinar ràpidamente a situação, ordenou aos seus homens que ficassem quietos, pois os dois homens, o sacerdote e o criminoso estavam quase colados um ao outro, sendo perigoso tentar acertar Johnson com um balaço. Em caso de ligeiro desvio, essa tentativa poderia significar a morte para o religioso, homem de 37 anos de idade e que, justamente, convalescia de séria enfermidade apanhada em conseqüência da vida difícil que tivera, recentemente, como capelão da marinha, por ocasião da última guerra. Por isso, o chefe de polícia resouvel parlamentar com Johnson.

— Rapaz — disse êle — Você, afinal, não cometeu crime importante. Desiste dessa sua atitude de agora e não tente fazer mal a êsse bondoso servo de Deus.

— Vocês pensam que sou trouxa? — replicou o criminoso — Dizem isso agora. Depois que me apanharem não me pouparão com pancadas ou tiros e tratarão de me trancafiar por muitos anos...

Isso era o que desejava, justamente, o chefe de polícia. Fazer Jahnson conversar... Por isso Larkins continuou a falar, a rogar e a prometer — enquanto novos reforços chegavam, cercando inteiramente o templo. Já agora ali estavam detectives, homens da rádio-patrulha e o próprio sheriff da cidade vizinha. Os olhos penetrantes do patrulheiro R. C. Vanderveen, um "ás" com o manejo do rifle, logo estudaram minuciosamente a situação. E achou que poderia realizar o "milagre".

Enquanto isso o chefe Larkins continuava com o seu sermão, dando tempo a que Vanderveen preparasse o seu rifle e, caminhando sôbre as pontas dos pés, passasse para o fundo do templo, de maneira a ter os dois homens na posição menos aproximada um do outro, ali mesmo, diante do altar.

Encontrou a posição desejada, que lhe revelava um tanto melhor o corpo de Johnson. Vanderveen sabia que depois de iniciada a sua ofensiva, não teria tempo senão para mais um tiro apenas, disparado imediatamente após o primeiro — *e que ambos teriam que ser bons tiros!*

A voz do chefe continuava a ecoar pelo templo, no qual não havia outro qualquer ruído.

Sùbitamente, tendo Johnson feito um ligeiro movimento, Vanderveen, que já o tinha sob mira, fêz fogo duas vêzes. Johnson, ferido, largou a arma, encolhendo-se com um grito de dor. A polícia logo o apanhou.

O criminoso, ferido sem muita gravidade, declarou ter 29 anos, ser de Detroit e que o automóvel fôra roubado na mesma cidade. Confessou, ainda, que tinha um cúmplice, Lindell Brown, também de 29 anos, residente em Granville, no Estado do Kentucky. Êste, procurado pela polícia, não ofereceu qualquer resistência.

O reverendo Knox, embora com os nervos abalados, não escondia a sua satisfação pelo êxito da polícia.

— O sermão do chefe de polícia, Larkins — disse êle — foi decididamente um dos melhores que já ouvi em tôda a minha vida!

Os grandes erros judiciários-III

OS camponeses corriam aos gritos de "fogo", com essa solidariedade total que, no campo, quase só aparece por ocasião de um incêndio. Fôra o vendeiro da pequenina aldeia de Fieu, poucos quilômetros distante de Coutras (Gironda) quem, ao deitar-se para dormir, vira as chamas *"para os lados da cabana do velho Gay"*. Imediatamente dera o alarma. Mas, quando os camponeses, a aldeia inteira, chegou enfim junto da cabana não havia grande coisa a salvar... além de um pequeno hangar, a uma dezena de metros da cabana.

"— O velho devia estar bêbedo, outra vez! — disse um dos presentes".

Um mesmo pensamento assaltou a todos os camponeses: realmente, que fôra feito do velho Gay? Outro camponês alvitrou:

"— Não teria morrido queimado, na cabana?"

A resposta a essas duas perguntas foi dada depressa: o cordo de Gay foi descoberto, todo encolhido, junto de um pequeno muro tombado. Perto dêle, estava o prato no qual se preparava para tomar a sua sopa. Como o velho lavrador se deixara assim surpreender, por mais rápido que tivesse sido o fogo? Um antigo soldado (um dos dois proprietários do albergue, de Fieu) chamado Lanture, curvara-se sôbre o cadáver e já se levantava com a fronte vincada e os olhos sombrios:

— Atenção! O velho não morreu asfixiado. Foi assassinado... Vejam aqui, na nuca...

De fato, ali estava um ferimento profundo e largo.

— Êle pode ter recebido êsse ferimento ao cair... — disse um dos assistentes.

— Não... Fui soldado quinze anos — continuou Lanture — Sei o que estou dizendo. E' bom que chamem a polícia.

O prefeito de Fieu, Sarrazin, rabiscou um bilhete apressado, que um menino levou a Coutras, seguindo por atalhos que encurtavam o caminho através do bosque. Os camponeses transportaram o corpo para o hangar, trataram de apagar completamente o incêndio, voltaram para as suas respectivas cabanas, formando várias hipóteses, verossímeis ou não.

Era zero hora do dia 15 de novembro de 1847. Ao amanhecer, policiais e guardas chegaram ao local da tragédia. Houvera crime! Gay fôra atacado, pelas costas, com um instrumento que podia ter sido um martelo ou uma das peças de lenha, amontoadas sob o hangar. Fôra assassinado diante da sua cabana e a seguir transportado pelo assassino para o local onde fôra encontrado. O criminoso, depois, deitara fogo à casa, esperando que a morte da sua vítima seria atribuída a um acidente. E por pouco deixara de conseguir o seu intento.

Devemos notar que, hoje, o caso teria sido imediatamente esclarecido. Encontraram, de fato, sôbre a lenha, a marca manual ensanguentada, do assassino. Algumas manchas de sangue sôbre os salvados de uma cadeira. Nada mais.

Último detalhe: Gay depositara na sua adega, semanas antes, três tonéis de vinho dos quais não fôra encontrado qualquer vestígio nos escombros. O roubo dêsses tonéis teria sido o móvel do crime? Os camponeses são ávidos por lucros. Apesar de tudo, matar um homem e queimar a sua casa... *por trezentos litros de vinho!*

Mas seria êsse o único móvel que podiam encontrar? Gay não era rico; os poucos haveres em roupas e peças de linho, que guardava nos armários, representavam pouco valor; não tinha economias escondidas. *Mas tinha um devedor*: dois meses e meio antes, vendera sua casa e sua terra (um hectare de terra medíocre e maltratada) a um habitante de Fieu, professor na aldeia, João Francisco Lesnier, contra pagamento de uma prestação de 6 francos e 75 por mês, enquanto vivesse. A quantia nos parece, hoje, digna de causar riso; naqueles tempos, entretanto — e na França — tinha sua importância.

ACUSAÇÃO UNÂNIME — Foi contra Lesnier, realmente, que se

O MARTÍRIO



O CORPO DO VEL
A OPINIÃO PÚBLICA,

levantou a acusação unânime de Fieu. O homem, entretanto, era pessoa de muitas qualidades; tendo nascido não distante de Coutras, em Chamadelle, de excelente família, mas arruinado por infelizes especulações. Fôra também um dos mais brilhantes alunos da Escola Normal de Bordeaux. Aos vinte anos (1843), nomeado professor em Fieu, tão bem agira que o número de seus alunos dobrara em quatro anos, tendo êle recebido, mesmo, *"dois prêmios por seu bom desempenho"*. Não se casara, vivendo em companhia de seu pai e sua mãe. Satisfeito com a própria sorte, desejoso de passar o resto de sua vida em Fieu, havia comprado a pequena propriedade de Gay para ter um teto, quando soasse a hora de descansar. Gay era idoso; um amigo de Lesnier, médico em Coutras, havia examinado o velho camponês e descoberto em seu organismo sérias lesões causadas pelo álcool, que era o seu vício de muitos anos. Por certo, o comprador não teria que pagar por muitos anos as suas prestações. O negócio era bom. Mas passaria a ser excelente, se Gay desaparecesse logo no primeiro ano do negócio! O interêsse de Lesnier era, portanto, evidente.

Para piorar a situação, o professor tinha muitos inimigos. Não era homem com a mania de conquistas; também não jogava, mas não tinha muita discrição com os seus amôres ligeirose irritava-se com facilidade quando era repelido ou perdia. Professava também idéia que, em tal época, pareciam *avançadas*, estando por isso de relações cortadas com o cura de Fieu, padre intrigante, que iria desempenhar nessa história sinistra um papel verdadeiramente odioso: o abade Delmas.

Na noite do incêndio, Lesnier correu para o local do sinistro, como todo mundo; foi êle, ainda, quem, antes de qualquer outro assinalou o desaparecimento dos três tonéis e chamou a atenção dos demais para os vestígios de rodas, ainda frescas, sôbre a estrada que, da cabana, descia para Fieu. No dia imediato, entretanto, interrogados pelo delegado, o prefeito Sarrazin, o abade Delmas e um proprietário de tasca, chamado Lespagne, personalidade influente na aldeia, o carreiro Jacques Cessac, cunhado de Lespagne, um pedreiro, Jean Pélerin, além de três ou quatro camponeses acusavam formalmente, Lesnier. O argumento era sempre o mesmo:

— *Lesnier é o único homem que tinha interêsse na morte de Gay! E' homem de moralidade duvidosa. Desviou do bom caminho várias moças e senhoras desta paróquia. E sua última amante, a espôsa do proprietário de tasca Lespagne, teve por sua culpa uma conduta tão escandalosa que o marido a expulsou do domicílio conjugal. Finalmente, Lesnier devia um pouco a todo mundo!*

O depoimento do padre foi particularmente pérfido; de tal maneira que o juiz, não

DE JOÃO FRANCISCO LESNIER



HO GAY ESTAVA CAÍDO JUNTO DO MURO... UNÂNIMEMENTE, ACUSOU O PROFESSOR LESNIER

se contendo, perguntou se não teria êle algum motivo para odiar pessoalmente o professor. E o abade teve que confessar:

— Meu irmão desposou uma irmã de Lesnier e êste, por várias vêzes me acusou de relações incestuosas com minha cunhada, acrescentando que algum dia me faria pagar por tudo!

Havia nisso suficiente razão para deixar o juiz muito cético. Um novo incidente, porém, veio forçar o magistrado a agir. Na noite de 21 de novembro, cinco dias depois do crime, um lavrador de Fieu, Daignaud, voltou para casa todo maltratado, as roupas esfarrapadas. Tinha sido assaltado a umas centenas de metros da aldeia por dois homens, que tentaram roubar todos os seus haveres. Um dêles vestia um colete de flanela azul, calças da mesma côr e um boné ornado com uma borla. Pudera escapar com vida, desferindo violento golpe com a enxada que trazia ao ombro, contra o ventre do mais jovem dos seus agressores, que, então, tinham fugido.

Na manhã seguinte, Daignaud repete suas declarações perante as autoridades, acrescentando:

— "Reconheci os assaltantes: um dêles era certamente o Lesnier, enquanto o outro (embora não possa afirmar) pareceu-me ser o pai, o velho Lesnier.

O juiz manda prender os dois Lesnier e passar uma revista na escola: ali descobre, realmente, uma calça azul, uma camisa de mulher, nova, o que surpreende por se saber que o acusado era solteiro. Na adega estão quatro tonéis de vinho. Finalmente, uma nova mancha de sangue aparece no portal da porta de entrada.

— "Jamais escondi êsse par de calças nem êsse boné — declarou Lesnier — Todo o mundo nesta aldeia sabe que os tenho e uso, há muitos anos. A camisa rasgou e ficou manchada de sangue no dia em que, trabalhando em minha casa, cortei-me com um formão. Quanto à camisa eu desejava dá-la de presente à minha amiga. Comprei o vinho a um negociante de Coutras, que pode comprovar o que digt. A porta de entrada está manchada por culpa do açougueiro que, domingo último, pela manhã, armou uma barraca diante da escola e, como tivesse chovido, guardou sua mercadoria no corredor do prédio, pendurando-a onde muito bem pôde.

Pai e filho negaram qualquer participação no crime da noite de 16 e a agressão da tarde de 21 e com tão evidente sinceridade, que já iam ser libertados, quando Maria Cessac, espôsa repudiada de Lespagne e amiga de Lesnier, pediu para fazer *revelações*. E que revelações!

— "Lesnier falava sempre em sua intenção de se *desembaraçar* de Gay. Recomendou-me que jamais pronunciasse o seu nome, se algum dia fôsse interrogada e deu-me uma peça de lã, para comprar o meu silêncio.

Afirmou ainda, que, se se tornara, um ano antes, a amante do profesor, fizera-o sob a ameaça de uma pistola e que, desde então, por três vêzes, Lesnier lhe pedira que envenenasse o próprio marido.

— "Por que não falou muito antes? perguntou o delegado, salientando que já estavam a 28.

— E' que não gosto — disse ela — de ter *embrulhos* com a polícia.

Resposta admissível.

Menos admissíveis, porém, são os *novos detalhes* que Maria revela à polícia, primeiro a 4 de janeiro e, depois, a 1 de fevereiro:

Alguns dias antes do crime, Lesnier lhe confessara que não tardaria muito a "*ficar livre da dívida por meio de boas marteladas*"; na noite do incêndio, tinha visto o professor, calçado com tamancos ensanguentados; no dia seguinte ao da agressão contra Daignaud, seu amante se queixara de sofrer muito de uma pancada que recebera no ventre; finalmente, dois dias depois do crime, ela teria ouvido uma confissão formal:

— "Fomos nós, meu pai e eu, quem "acabamos" com o velho! — confessara Lesnier.

CONDENADO À PERPETUIDADE

Em 20 de julho de 1848, o tribunal da Gironda, pronunciava uma sentença, afirmativa para o jovem Lesnier, e negativa para o velho Lesnier: Trabalhos forçados perpétuos!

Os debates não trouxeram qualquer elemento novo. Tôdas as declarações de Lesnier sôbre a sua camisa, a camisa de mulher, as marcas de sangue em sua porta, os quatro tonéis de vinho em sua adega, tudo foi confirmado, reconhecendo-se que suas declarações eram exatas; pôde êle demonstrar, ainda, que, na noite do atentado contra Daignaud, estivera jantando na residência de um lavrador, chamado Catherineau, mas seu álibi de nada serviu, pois que êsse seu amigo não pôde indicar a hora exata em que seu convidado se retirara, enquanto os testemunhos acusadores, principalmente os de Maria Lespagne-Cessac e Daignaud eram *decisivos*.

Lesnier foi enviado para as galés, primeiro em Rochefort, depois em Brest. Seu pai porém resolveu revolver terra e céu para obter a revisão dêsse processo, iníquo, certamente, mas que, conforme fôra apresentado ao júri, não poderia redundar em outra sentença. Por sorte, o pai do forçado encontrou em Libourne um jovem magistrado, o procurador Charaudeau, homem de consciência excepcional e que, com a certeza de que enfrentaria riscos e perigos sem conta, por não possuir mandato oficial, empreende por conta própria o estudo do processo, desde a *estaca zero*.

Se Lesnier era inocente, os depoimentos levantados contra êle eram falsos! Desde então, é claro que os falsos depoentes se vingavam do professor... ou serviam de instrumento para a vingança de terceiros. Quem poderia ter tal ódio contra Lesnier, senão o marido enganado e que acabara perdoando a espôsa infiel? Não teria sido por fôrça dêsses depoimentos mentirosos que obtivera ela o perdão do marido?

Foi sôbre a atitude de Daignaud e a cumplicidade de Maria Lespagne que se voltou todo o esfôrço dêsse contra-inquérito. Os habitantes de Fieu, quase todos camponeses simples, foram interrogados um por um, paternalmente, pelo hábil magistrado. Um dêles, Francisco Milon, justamente o primeiro a ser interrogado, fêz uma declaração que colocou nas mãos do procurador *"a ponta do fio de Ariana"* (segundo a sua própria declaração).

— "E' verdade — perguntou Daignaud, na manhã seguinte à sua agressão — que você viu Lesnier pai na escola, à hora em que êle me atacava na estrada?" — Respondi afirmativamente. Então êle disse, pensativo: "Neste caso direi que reconheci o filho, não o pai!"

O tumor vinha a furo... Daignaud tentou em vão manter sua posição. Foi, entretanto, dominado por três outras testemunhas às quais confessara que recebera dinheiro para "enterrar" o professor.

— "Quem pagou? — perguntou Charaudeau.

— "Lespagne! Deu-me 15 francos para eu acusar os Lesnier.

Vencida a resistência de Daignaud, Maria Cessac não resistiria por muito tempo.

— "Eu tinha — confessou ela, afinal — que salvar Lespagne ou Lesnier. Meu marido ou meu amante! Lespagne prometeu que me perdoaria e receberia outra vez em casa, se eu mentisse. E o prefeito de Fieu, como também o cura, me afirmaram que o meu dever era um só: *salvar o meu marido!*

As bôcas, por tôda parte, se abriam e as línguas se moviam com facilidade. Vinte camponeses sabiam quem era o verdadeiro culpado. Falaram tarde, mas falaram. Lespagne matara Gay para roubar os três tonéis. Praticado o crime, entrevira a possibilidade de tirar vingança contra o rival e conseguira os falsos testemunhos. Prêso, continuou negando. Passaram minuciosa revista no celeiro de seu sogro onde êle havia, segundo afirmava uma das testemunhas, escondido o martelo, arma do crime. Foram encontrados cinco. Diante dos quatro primeiros, Lespagne se contentou de dizer (não era isso uma confissão suficiente?)

— Não... Não foi *êsse!*

Ao lhe ser mostrado o quinto, êle retificou, mais explìcitamente ainda:

— *Não foi com um martelo que eu matei.*

Era o fim. Seus últimos esforços foram no sentido de afirmar que não "assassinara" Gay; que discutira com o velho lavrador e que o empurrara tão desastradamente que o desgraçado tivera a nuca partida. O incêndio fôra provocado por um lampião de resina, *esquecido* junto da porta, quando saiu, levando os tonéis em sua carriola.

★

Em 27 de agôsto, Lesnier foi libertado. Em 12 de março de 1855, Lespagne, Maria Cessac e Daignaud eram condenados a 20 anos de trabalhos forçados.

Restava harmonizar duas sentenças tão traditórias como as de 1848 e de 1855. Foi o Tribunal da Haute-Garone o encarregado. Em 25 de julho de 1855, reabilitou solenemente João-Francisco Lesnier, condenou Lespagne aos trabalhos forçados perpétuos, confirmando as sentenças contra seus cúmplices.

Com o organismo arruinado pelos sofrimentos físicos e os desgostos, Lesnier morreu três anos mais tarde, aos trinta e cinco anos; fôra nomeado comissário de vigilância administrativa para as estradas de ferro do sul da França.

★

DEFINIÇÃO DE UM BOM DISCURSO

Na Assembléia Nacional Francesa prosseguiam (e ainda prosseguem) os discursos referentes à carestia da vida. Os oradores se sucediam na tribuna e suas intervenções se prolongavam às vêzes de maneira interminável.

Nos corredores, dois contínuos conversavam e à sua passagem um repórter ouviu esta definição que o mais velho confiava ao mais moço:

— *Um bom discurso deve parecer com uma camisa de mulher, isto é, ser bastante longo para cobrir o "assunto", porém bastante curto para ser interessante...*

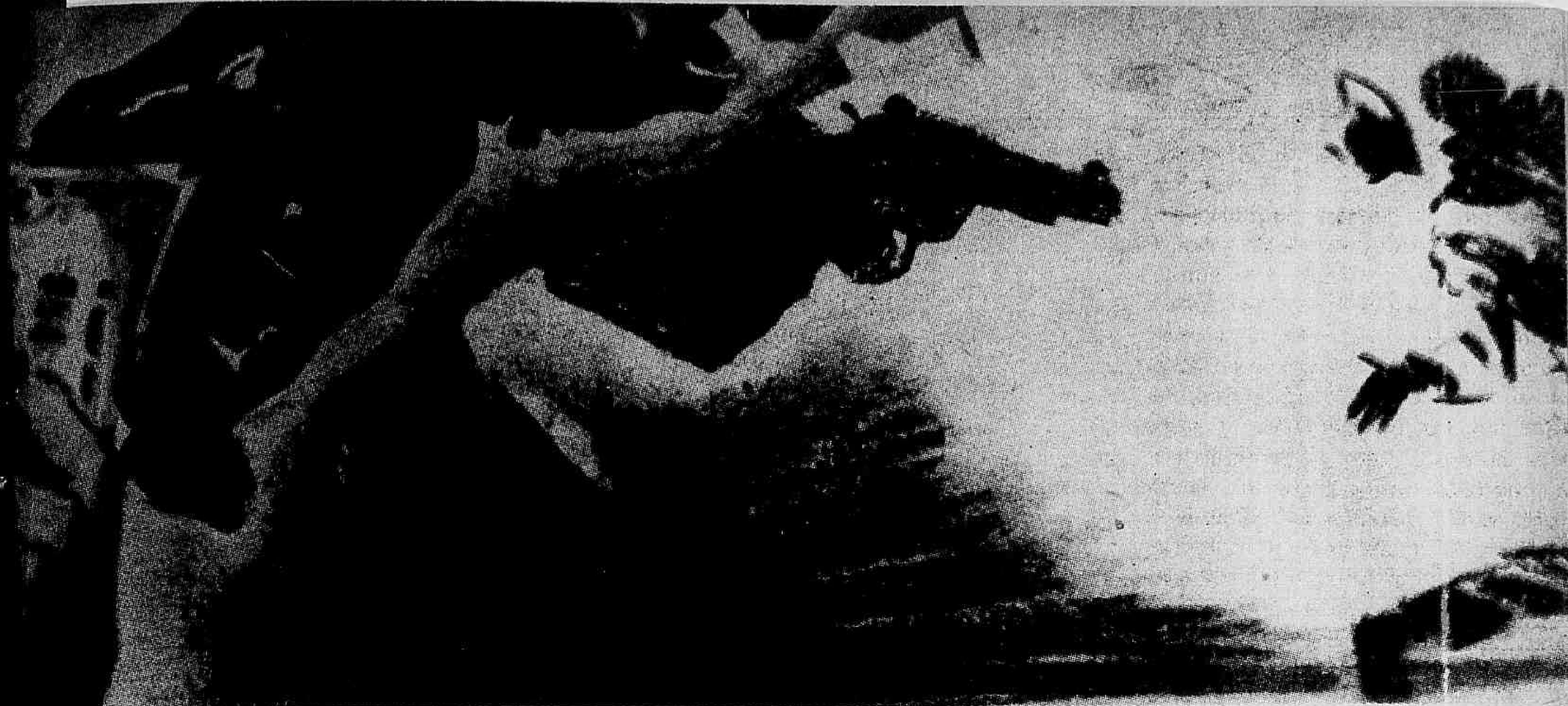
LOGO depois de terminado o meu trabalho, dez minutos antes de rodar a última edição do "Evening Herald", saí e passei pela casa de Charlier, onde combinara jogar *poker*. Finda essa distração com os amigos só queria três coisas: comer, tomar um gole e dormir. Por isso a "Brasserie da Estrada" foi a minha primeira parada. Sentei-me diante do largo balcão do bar e estava na minha terceira cerveja, quando o homem que se encarregava de contratar mortes, surgiu na *brasserie*. As cervejas deviam ter passado um pouquinho da *conta* porque eu me sentia bem disposto e desejoso de companhia.

E' um êrro que muita gente pratica, ao afirmar que um "intermediário" de assassinatos não passa de um matador profissional. Em geral, conhecem muito superficialmente quem são os verdadeiros chefes de quadrilhas, desconhecem as razões de suas guerras de extermínio e também os frios criminosos que usam suas pistolas contra êste ou aquêle em troca de dez dólares. Porém há mais: muita gente imagina que êsses homens que negociam com a vida alheia, encarregando-se de achar quem "faça o serviço", realmente não existem, sendo produtos ùnicamente da imaginação dos fazedores de historietas para os suplementos dos grandes diários ou produ-



O Intermediário

conto de HAROLD HELFER



tores de fitas cinematográficas. Jamais procurei conhecê-los de perto, porém aquêle indivíduo que o acaso colocara ao meu lado, no balcão do restaurante noturno, era um dêles. Arranjava serviço para os matadores. Podia ser considerado um indivíduo da pior espécie, e também um fracassado, pois que não era sequer o empregador do homem que matava. Não lhe podia dar ordens ou pedir fôsse o que fôsse. E, em última análise, mal podia informar sôbre o matador, embora estivesse eternamente subjugado ao mesmo, e à sua pistola. Sabia apenas que, se pudesse conseguir 1.000 dólares para o matador, recebia uma razoável comissão. O matador, por sua vez, não indagava quanto êle próprio ganhara, *por fora*. Também não indagava, jamais, o nome da vítima ou do mandante. A única informação que desejava, para bem executar o trabalho era onde e quando a vítima devia ser executada. Caso a hora e o lugar parecessem cheios de risco, ou houvesse a possibilidade de algum inocente vir a cair sob as balas do assassino, por engano, então o matador vetava a combinação e o intermediário tinha que voltar a ter contato com o mandante a fim de combinar detalhes.

Algumas vêzes o intermediário podia ganhar tanto quanto 10.000 dólares, de um só golpe. Em outras, porém, não ganhava mais que poucas centenas — pois a parte do matador nunca variava e isso não podia sofrer discussão. Em geral conseguia ganhar tanto quanto o pistoleiro. Havia meses bastante felizes em que conseguia fechar e concluir até 10 negócios. Porém, quando encontrei êsse intermediário, sua aparência não era das melhores. Passara quatro anos nas "grades", por haver tomado parte num negócio de dinheiro falso — e agora passara a beber em demasia e perdera tôda a cotação. Sempre semi-embriagado, mal vestido, sem domicílio certo, passava quase que o mês todo, saltando de um xadrez para outro, restando-lhe poucos dias e, às vêzes, apenas horas de liberdade. Foi assim que o conheci.

A polícia sabia que êle servira como "intermediário" para um matador profissional. Porém jamais pudera obter provas que justificassem um processo e uma condenação mais séria. O infeliz, entretanto, parecia orgulhar-se dos seus passados dias de influência e dinheiro farto. Tivera uma *limousine* com *chauffeur* e uma linda casa de campo, onde reunia amigos e destacadas figuras dos cabarets da cidade. Êle podia falar com certa liberdade dêsses passados dias, porque isso já fôra quase esquecido pela polícia e mesmo o que fizesse no estado de semi-inconsciência em que vivia, não podia servir de arma à polícia. Nem esta o queria prêso a vida tôda, pois esperava algum dia, por seu intermédio, pegar pássaros mais tentadores.

Êle costumava aparecer na redação, quase sempre para poder usar o telefone grátis; mais que os outros repórteres eu o notara e gostava de interrogá-lo, pois o assunto de que êle mais entendia era, justamente o que mais me fascinava: o *modus-vivendi* dos matadores profissionais. Êle, entretanto, jamais consentira em abrir a bôca. Jamais... até que, esta noite, o garçon abriu a sexta ou sétima garrafa de cerveja. Então êle foi perdendo a resistência e entrou a falar sôbre o matador.

— "Eu nunca falaria — explicou de início — se êle não estivesse agindo, agora, em outra cidade... muito distante daqui. Oh! Êle não gostaria de me ouvir falar a seu respeito! Gostava de "bico fechado", entende? E fazia muito bem, está claro. Foi o único que sempre agiu, anos a fio, sem ser jamais incomodado. Nem a própria espôsa nem os dois ou três amigos que tinha, sabiam de que êle vivia. Pensavam que êle trabalhava para as companhias de seguros. Chegou mesmo a montar um escritório, num dos melhores edifícios do centro. Era ali, naquele edifício, que eu tinha contato com êle

"Mas, pode estar certo! Fôsse lá de que tamanho fôsse o negócio, eu nunca ficava mais de três minutos de cada vez, em seu escritório. Não gostava de ter uma pessoa muito tempo ao seu lado. E, muito menos, que o olhassem mais que de relance. E ou-

tra coisa: jamais quis saber nomes! De qualquer maneira os meus clientes nunca me diziam os seus nomes verdadeiros...

"Sôbre os seus hábitos pessoais, pouco posso dizer. Nunca pude saber em que parte da cidade êle residia, de onde vinha ou para onde ia, quando saía do escritório. Também jamais pude saber o seu nome. Não havia nomes à porta do seu escritório. Apenas o nome de uma companhia de seguros, onde jamais aparecera e onde era totalmente desconhecido. Posso afirmar, porém, que era cumpridor da sua palavra. Podia-se acreditar nêle de olhos fechados. Tinha uma expressão sempre igual. Era de se jurar que nem sequer ouvia o que se lhe dizia. Nunca vi um só músculo seu estremecer. Era como se estivesse contando uma história banal ao senhor mesmo..."

Perguntei a Joe que tal era o aspecto do matador.

— "Era o tipo do rapaz simpático — disse êle — Cabelos bem aparados, boas roupas, embora sem exageros de elegância. Podia muito bem passar por um homem de negócios honestos, como tantos outros.

Perguntei-lhe ainda se o matador era exigente, e recusava aceitar esta ou aquela vítima por qualquer motivo.

— "Não. O que sempre exigia era o seu dinheiro — explicou Joe — Muitas vêzes deu-me a impressão de ser uma dessas máquinas automáticas. Punha-se mil dólares nela e logo entrava a agir. Se não fôsse, por um certo caso, jamais eu suspeitaria de que êle tivesse algum sentimento."

— Que caso foi êsse? — perguntei.

— "Bem... Para mim, a coisa parecia ser... de rotina — disse Joe — Uma mulher loura, de olhos de santa e riso diabólico entrou em contato comigo e contou-me que desejava "afastar" o marido da sua vida. Depois de ligeira discussão, chegamos a um acôrdo. 2.500 dólares pelo serviço. Perguntei-lhe onde e em que hora podia o serviço ser bem executado e ela declarou que a dificuldade estava em que o marido era um "bicho de concha" e que, pràticamente nunca ia a parte alguma. Apenas iam ao cinema, uma vez por semana, e que sempre faziam o trajeto a pé. Afirmei que estava bem, e que ela declarasse à polícia que um homem moreno, muito alto e forte, tentara assaltá-los e como o marido resistisse êle o matara. Recomendei-lhe que gritasse e se desesperasse a fim de melhorar a impressão da polícia. Ela afirmou que deixasse essa parte por sua conta, pois saberia chorar e gritar como nenhuma outra viúva desolada.

"Disse-lhe, então, que não queria me aproveitar, mas que era necessário ela dizer o seu endereço, a fim de que o matador pudesse ver quando saísse de casa, com o marido. Ela hesitou um momento depois ergueu os ombros e disse o enderêço correto — 633 *Jefferson Street*. Depois perguntei-lhe quando queria que o marido fôsse assassinado e ela disse que imediatamente, acrescentando "*Quanto mais cedo, melhor!*" Pedi-lhe que dissesse exatamente quando e ela marcou: próxima quinta-feira, que era a noite em que ia com o marido ao cinema. Pedi-lhe também que marcasse a hora em que sairia de casa e ela respondeu: 8 e 30. Disse-lhe, então, que tudo parecia estar bem combinado, mas que era preciso conversar, primeiro, com o matador e, por isso, eu desejava ter outro contato com ela, para o dia seguinte, a fim de confirmar tudo.

"A seguir corri ao escritório do matador e disse-lhe que tinha um serviço fácil para a noite de quinta-feira. Êle pareceu ligeiramente hesitante ou contrariado, como se tivesse preferido outro dia e outra hora, mas quando, apressado, lhe disse o "quantum" pago pelo serviço, êle logo declarou que estava bem. Então entrei a fornecer os detalhes. Disse-lhe que fôsse dar uma olhadela no quarteirão de Jefferson Street, uma rua pouco iluminada e aguardasse a saída de um casal do número 633.

— "Você tem certeza de que o número é êsse mesmo? — perguntou êle.

— "Tenho — respondi. — E' uma casa de um só andar, de tijolos pintados de branco, tipo *bungalow*, com janelas pintadas de verde. Não há outra, dêsse tipo, no quarteirão.

— "O. K. — disse êle — Aceito o serviço!

"Eu tinha bastante confiança nêle para saber que faria conforme o combinado, porém tratei de olhar para os jornais, no dia imediato, mais pela curiosidade de saber quem era a vítima. Foi grande o choque que senti nessa manhã de sexta-feira, ao ver a fotografia da vítima na primeira página dos jornais... Era o retrato da loura de olhos de santa e sorriso diabólico. *Não o seu marido!*

"Corri para o "escritório de seguros". Mostrei-lhe o jornal aberto.

— "Veja! — disse eu — Perdemos dinheiro, porque você errou lamentàvelmente! Agiu sem o necessário cuidado! Não estou me queixando, porque essa foi a primeira vez em que falhou... Que tem a dizer?

— "Eu devia ter dito, antes, o que pretendia fazer. Mas direi agora... — declarou êle (e pela primeira vez, desde que o vira, a voz tremeu-lhe na garganta) — Se você tem qualquer outro serviço para breve, eu farei tudo *de graça*...

— "Não me interessa isso — respondi — Quero saber por que errou o alvo, desta vez.

— "*Não errei.* — disse êle. — Trabalhei com muita atenção... Para começar tratei de arranjar um álibi para mim mesmo — disse êle, com certa amargura — Não falhei, nem poderia falhar!

Refletiu um instante, depois concluiu:

— "O homem que ela queria ver assassinado *era eu! Ela era a minha espôsa!*"

EXPLORANDO O BRASIL MERIDIONAL

À esquerda, o verdadeiro Salto roncava estrepitosamente; era por êste último canal que, pròvàvelmente, mais de um têrço da água do rio descia para o plano que ficava abaixo. A queda pròpriamente dita não era visível do ponto onde estávamos. Ficava oculta por uma ilha; mas uma tênue nuvem de vapor que subia indicava, perfeitamente, a sua situação. Fazendo um cálculo por alto, com o auxílio de um clinômetro de bôlso, estimei a queda total da catarata ou salto em cêrca de dezesseis pés. Comparada às outras que tive de subir e descer era pequena, mas muito grande se a comparássemos com qualquer uma das que ainda estávamos para encontrar.

Amarrando a canoa à margem, desembarcamos e nos preparamos para abrir caminho, pela floresta, até ao ponto final da catarata. Mal chegamos ao barranco que era aqui — como acontece geralmente com as margens das corredeiras e cachoeiras — muito abaixo, encontramo-nos num caminho já feito para nós. Meus companheiros disseram logo que era um caminho feito pelos Bugres, mostrando alguns galhos que haviam sido curvados para trás e quebrados, à altura fora do alcance de qualquer animal bravo. Não havia um único vestígio que mostrasse o emprêgo de facão, o que nesse caso demonstrava ter sido a picada feita por algum caçador brasileiro.

Seguimos por êsse caminho, com alguma cautela, até chegarmos às margens de uma barra grande, com cêrca de trinta jardas de largura, indicada nos mapas como Rio Peixe, que corria para o Ivaí, ao pé do Salto do Ubá. Depois de atravessarmos êste rio a vau e saltando de pedra em pedra, atingimos um caminho na outra margem e percorremos uma distância de mais ou menos uma milha e meia, procurando cuidadosamente descobrir vestígios recentes de índios. Meus dois companheiros, que conheciam bastante a vida agreste, chegaram à conclusão de que há muitas semanas aquêle caminho não era usado: em primeiro lugar, porque não havia galhos recentemente quebrados e, em segundo, porque havia brotos de bambu e de outras plantas nascendo em certos trechos do referido caminho. Isto provava que nenhum ser humano havia passado ali desde que germinaram. Foram êsses os sinais que levaram os meus companheiros a pensar que aquêle caminho não tivera uso recente, embora houvesse indícios em abundância, mostrando que êles, se estavam fora de uso, não era a mais de três meses.

Voltando pelo mesmo caminho, chegamos mais uma vez à parte superior do Salto, no lugar onde havíamos deixado a canoa. Sentamo-nos sôbre as rochas para comer feijão e carne de anta, regados com água e uma dose de cachaça.

O trabalho que eu havia traçado para nós ainda não estava concluído. Eu desejava, quando voltássemos ao acampamento situado rio acima, poder contar duas coisas aos nossos companheiros — uma era que não havia índios no Ubá e outra que havíamos navegado o Salto do princípio ao fim. Isto dar-lhes-ia coragem e talvez fôsse o meio de conservar muitos dêles conosco, pois já haviam participado o desejo de abandonar o trabalho no fim do mês, apenas, segundo creio, pela perspectiva do perigo iminente.

Miguel e Hipólito estavam aflitos para fazer a descida do Salto imediatamente. Tiramos meia paramos para partir. Em primeiro lugar tiramos hora para almoçar e fumar, depois do que nos pretudo da canoa e colocamos na margem do rio, com exceção, naturalmente, das varas compridas. Os homens tiraram a camisa e arregaçaram as calças. Fiz a mesma coisa mas não tirei as botas, pois não resistiria pisar nas pedras, habituado como estava a andar calçado; assim preparados, embarcamos. Eu e Miguel ficamos na proa e Hipólito ficou na pôpa para governar a canoa.

O volume total da água, que descia a catarata em que íamos entrar, era, como já foi dito, de cêrca de dezesseis pés e se estendia por um quarto de milha. Escrito não parece muita coisa. Talvez não seja de alarmar, como aconteceu nesta ocasião, quando a água do rio estava baixa e o volume, que formava a catarata, era relativamente pequeno. Para os que estão pouco familiarizados com rios cheios de corredeiras, esta queda d'água, com tal extensão, não era convidativa para se fazer uma viagem diária de recreio, por ali. A longa inclinação do leito do rio, de águas encachoeiradas, é ainda mais extensa e mais agitada, as rochas negras, sôbre as quais a espuma branca desliza impetuosamente, parecem perder algo de sua aparência pitoresca, quando são vistas de uma canoa que está quase entrando entre elas. Vi, muitas vêzes, nestas ocasiões, homens corajosos ficarem pálidos e suas pernas tremerem de mêdo.

Tínhamos de empregar, neste caso, tática diferente da que estávamos habituados a adotar, até então, na descida de corredeiras menores. Não pensávamos, desta vez, em nos atirar de encontro ao obstáculo, como o faz o touro contra uma cancela, para chegarmos ao fim da cachoeira. Se isto fizéssemos iríamos, certamente, para o fundo com canoa e tudo, além de termos, na certa, para completar, alguns membros ou costelas quebradas. Havia, de fato, um canal grande que parecia correr, pela catarata, do princípio ao fim; nêle também existiam, porém, algumas ondas elevadas, de cinco pés de altura, que alagariam qualquer uma canoa, mais alta e maior do que a nossa, que por ali passasse. Além dessas ondas, a precipitação da água através dêle era tão forte e o canal tão tortuoso que nenhum canoeiro, por mais hábil que fôsse, poderia manobrar uma embarcação ali com segurança.

Com as varas bem caídas para a frente e derreando sôbre elas o pêso do corpo, a fim de evitar que perdêssemos o contrôle sôbre a canoa na correnteza forte, entramos, vagarosamente, no princípio da catarata, espantando grande número de lontras que se aqueciam ao sol, sôbre as rochas. Os biguás também abriram as asas e voaram.

olhando, de soslaio, os intrujões que haviam penetrado nos seus domínios.

Descemos assim, cuidadosamente, alguma extensão de água tumultuosa, conservando sempre a canoa bem controlada. Entramos, em seguida, num canal reto e destituído de rochas por uma distância de cinqüenta jardas ou mais, ao longo do qual corria uma impetuosa corrente, que atirava espuma a uma altura de dois a três pés. — «Larga!» — gritou Hipólito, da pôpa, e pela primeira vez deixamos que a canoa descesse levada pela fôrça da água, onde deslizou por alguns segundos, sem ter em que esbarrar e em grande velocidade. — «Segura!» — berrou Miguel na proa, tão alto que abafou o ronco produzido pelo torvelinho das águas. — «Segura!» — novamente enfiamos as varas n'água, até tocarem o leito empedrado do rio, bem inclinados para a frente. A canoa parou instantâneamente, enquanto as varas ficaram tortas como bodoque, devido ao pêso repentino que pusemos sôbre elas. Fizemos isso na hora exata pois, se tivéssemos esperado mais um segundo, teríamos descido um salto a prumo de uns quatro pés de altura, na parte inferior do qual se encontravam um vagalhão coberto de espuma e várias rochas prontas para nos receber na descida precipitada.

Êste é o grande perigo que temos de enfrentar, quando descemos uma corredeira desconhecida: o encontro repentino e inesperado de um salto. Ao descermos uma dessas corredeiras, só notamos o salto quando a canoa já está muito perto dêle e quando, muitas vêzes, já é demais tarde para se fazer qualquer tentativa para detê-la.

Enquanto os dois homens faziam fôrça para não deixar a canoa descer, saltei para uma das rochas que havia perto e, por meio da corda da pôpa, puxei a embarcação para trás de uma delas. Os homens pularam n'água e, com os nossos esforços combinados, conseguimos descer a canoa para a parte inferior do salto. Depois, ficamos descansando um pouco sôbre umas pedras que se encontravam em um lugar raso.

Foi daí que tivemos oportunidade para olhar c ambiente que nos cercava. Estávamos quase no meio da catarata e o ruído que ela fazia era tão grande, que só podíamos ouvir um ao outro falando aos gritos. Tínhamos daí, uma vista completa do Grande Salto e a vibração que causava o volume imenso da água, que caía verticalmente de uns dez pés, chegava até nós de uma distância de cem jardas.

Mais adiante do salto o rio se alargava novamente, e apareciam ilhotas cobertas de um junco alto e gracioso chamado Ubá, que deu seu nome à cachoeira que ali havia.

Para cima, em relação ao lugar em que estávamos, o cenário era agreste e desolador. Havia apenas uma extensão caótica de rochas, espuma e troncos de árvores, que haviam sido arrastados, nas enchentes anteriores, e ficaram encalhados nas partes baixas da catarata. Êstes troncos raquíticos, que há muito haviam perdido a sua bela folhagem, seus galhos e cascas, estavam apinhados de Biguás que se aqueciam ao sol, de asas abertas, como o fazem as aves carniceiras dos prados.

Enquanto repousávamos êsses poucos instantes, vimos duas lontras nadando em direção ao saltinho que acabávamos de descer. Lá chegando, ficaram em posição vertical sob as águas que caíam com fragor, olhando firmemente para nós. Mostravam o seu descontentamento pela nossa presença bufando tão alto que, a despeito do barulho das águas, podíamos ouvir o ruído que faziam. De repente mergulharam e ficamos esperando que reaparecessem mais para baixo. Ao contrário disso, vimo-las daí a um minuto e meio, reaparecer no canal a uma distância de cêrca de vinte jardas acima do salto, pondo novamente a metade do corpo fora d'água, ficando a nos olhar, imóveis, não obstante a grande fôrça da correnteza do canal. Fizeram isto mais duas vêzes e depois desapareceram definitivamente.

A segunda parte do trajeto que tínhamos a percorrer era mais longa, embora fôsse menos arriscada do que a primeira, e em cêrca de três quartos de hora, após têrmos entrado na catarata, encontramo-nos a salvo no fim da mesma. Estava quebrado o encanto. O nome do Salto do Ubá estava perdendo a sua auréola de terror. Tínhamos agora apenas que examinar a floresta na margem esquerda do rio, para nos certificarmos completamente sôbre a questão dos índios. Concluídos êstes exames, teria eu alcançado os objetivos principais que nos levaram a empreender esta pequena expedição.

Meus companheiros voltaram, por terra, para o princípio da catarata, a fim de apanhar as coisas que lá haviam deixado. Depois que regressaram, passamos o resto do dia fazendo uma curta exploração fluvial rio-abaixo e examinando a floresta da margem esquerda. Embora encontrássemos um grande número de rastros de animais selvagens, notadamente de anta, de veado e de porco, não encontramos, entretanto, outros sinais da existência de Bugres, quer antigos ou recentes. Assim sendo, pelo que pudemos apurar com a nossa curta exploração, a única prova da existência de índios na vizinhança era a picada que encontramos, a princípio.

Com a chegada da noite acampamos ao pé do salto, numa ilha rochosa coberta de madeira levada pela água e abrigada, parcialmente, do orvalho pelas copas dos juncos Ubá, que aí tinham uma altura de quinze a dezesseis pés. Durante tôda a noite ficou um de guarda, sendo substituído de três em três horas, pois nenhum de nós queria ser devorado, dormindo, por algum jaguar errante ou por um puma esperto.

Chegamos ao acampamento no dia seguinte às duas horas. Miguel e Hipólito incumbiram-se de contar o que eu agora considerava fôsse a versão verdadeira de suas aventuras no Salto do Ubá. Posso dizer que, depois disso, não me apareceu um único homem que contasse histórias sôbre os perigos terríveis a que estava sujeito quem lá fôsse.

CAPÍTULO XII

O «CAMARADA» BRASILEIRO POR EXCELÊNCIA ★ A VOLTA DE CURLING ★ UM VISITANTE BEM RECEBIDO ★ UMA CAÇADA DE VEADOS ★ AS PULGAS NOVAMENTE ★ UM TIRO CERTEIRO.

Há, provàvelmente, muito poucos leitores de descrições de viagens ou de explorações nos países

incivilizados, como as de Livingstone e Cameron, na África do Sul e Central, e de outros exploradores menos conhecidos da civilização, pioneiros das penetrações de regiões incultas, que ainda estão para ser desbravadas, na América do Norte e do Sul, que não se familiarizaram, fartamente, com todos os aborrecimentos, privações e decepções pelos quais os viajantes, em tais países, têm de passar, devido aos caprichos extravagantes de seus companheiros contratados.

Por ter compaixão do leitor, venho, até aqui, abstendo-me de fazer comentários sôbre as atrapalhações e dificuldades que também tivemos de arrostar por êsse motivo. Pretendo apenas chamar, muito lacônicamente, a atenção para isso.

Devemos nos lembrar de que, no comêço dos trabalhos do Segundo Grupo, fôra previsto que Colônia Teresa sòmente não poderia fornecer homens em número suficiente para trabalhar conosco. Entretanto, isto seria possível nas primeiras semanas de exploração, quando as nossas necessidades, neste sentido, seriam mínimas, e a execução dos planos dependiam mais ou menos da volta do Capitão Palm, marcada para uma data determinada. Êsses planos tratavam da remessa de homens de outros centros, quando houvesse necessidade de assim fazer.

Foi algumas semanas após o início dos trabalhos, que os sertanejos começaram a mostrar os primeiros sinais de teimosia, assim como passaram a demonstrar disposição para, reunidos, nos coagir de uma forma ou de outra.

Embora, naquele tempo, conseguíssemos vencer, sem muita dificuldade, a resistência que êles ofereciam, não podíamos deixar de aceitar a advertência, como sendo um sintoma de um perigo que podia, a menos que tomássemos as devidas precauções contra êle, aparecer num futuro próximo e ocasionar um grande desastre.

Êsse perigo residia no fato de que os homens em massa, poderiam nos abandonar a qualquer hora, sem nenhum prejuízo para êles, mas sim para o progresso do trabalho das explorações.

As preocupações que tomamos contra isto foram: primeiro, a introdução de um sistema de contratos escritos, pelo qual cada homem, ao entrar para a expedição, ficava sujeito aos regulamentos de uma lei relativa ao empregador e ao empregado, conhecida como lei de 13 de setembro de 1830, que o obrigava a permanecer por um certo período na expedição; segundo, no caso daqueles a quem não conseguíssemos induzir a assinar longos contratos, mas que eram homens que desejávamos contratar para o trabalho, explicávamos-lhe, então, que não lhes seria possível abandonar o trabalho sem o aviso prévio de um mês, sob pena de perda do direito a qualquer soma de dinheiro que tivessem a receber conosco; e terceiro, o obstáculo físico de separá-los em dois ou mais grupos distintos, a fim de evitar, em tôdas as ocasiões de aborrecimentos comuns, qualquer combinação inconveniente por parte dêles, visando ameaçar a nós, os empregadores.

Sempre existiram, além disso, duas causas morais que, nas inúmeras contendas e negociações com os nossos empregados brasileiros, raramente deixavam de nos dar razão, quando esta estivesse do nosso lado. A primeira destas causas era o forte sentido dos princípios rudimentares de justiça, que os induzira a dizer na prática: — «Se eu faltar o meu compromisso com o senhor, não direi nada; mas se o senhor faltar o seu, ficaremos quites». Desta forma, se um homem rescindisse o contrato, quer escrito ou verbal, não pensaria nunca em reclamar o pagamento que lhe estivéssemos devendo pois, pelo que dizia o contrato, êle sabia perfeitamente que havia faltado ao compromisso.

A segunda causa era mais o produto de uma ignorância supersticiosa, em virtude da qual o caboclo, em média, tem um respeito quase cego a um contrato escrito. Não posso explicar, de maneira diferente, o respeito geral aos contratos, feitos entre o empregador e o empregado, que existe na classe dos trabalhadores, mesmo nas partes mais afastadas da província do Paraná, onde seria quase impossível ao braço da lei alcançar qualquer uma das partes.

Tivéssemos nós conseguido induzir cada homem que se empregara conosco a assinar um contrato, obrigando-se a permanecer conosco até ao fim dos trabalhos da expedição, não tenho dúvida de que a maioria o teria respeitado, enquanto, é claro, não quebrássemos também nenhuma das suas cláusulas e os homens não fôssem dominados pelo mêdo dos índios. Entretanto, muitos não quiseram assinar contratos e outros tantos só assinavam pelo curto espaço de dois meses, no máximo três. Apenas uns seis assinaram contratos mais longos. Só quando nós, já quase sem saber o que fazer, adotamos o expediente de oferecer uma paga maior para os que assinassem contratos maiores, foi que conseguimos homens que assinassem contratos pelo período relativamente longo de seis ou sete meses. Nenhum dêles, entretanto, aceitava, sob qualquer condição, um contrato para mais de oito meses.

Nesta ocasião, entretanto, nenhum dêstes contratos longos estava em vigor; em conseqüência disso, ao fim de cada mês um grupo de homens ficava desobrigado, muitos dos quais, antes de reingressarem, pediam uma quinzena de férias para passar em Colônia Teresa, alterando assim os planos e preparativos para o prosseguimento do trabalho da expedição. Ainda mais freqüentemente tomavam nosso precioso tempo, pedindo-nos que lhes aumentássemos o ordenado, ou desperdiçavam o dêles ante a esperança de ganhar mais dinheiro, ficando parados outro mês, entregues ao esbanjamento do que já haviam ganho, em prazeres dissolutos.

Geralmente, os homens cujos contratos estavam terminados procuravam induzir os companheiros, cujos contratos ainda faltava um mês para terminar, a unir-se a êles, para juntos tentarem, por meio de promessas persuasivas ou de mentiras engenhosas, obter férias em detrimento dos têrmos do seu contrato ou acôrdo verbal.

Tão maravilhosamente fecundos e ao mesmo tempo tão persistentes era êles para mentir, que com dificuldade podíamos resistir aos seus argumentos; muitas vêzes vi-me forçado a me refugiar na frase irrespondível, «não entendo», a fim de evitar contestação.

Êles atacavam da maneira seguinte, sendo que cada homem tinha a sua história diferente:

— «O patrão quer me deixar ir à Colônia Teresa?

— «Para quê

—«Quero ver como vão os meus negócios!

— «Não o posso dispensar antes de terminar o seu contrato.

— «Mas, patrão, a minha família está passando fome porque não há ninguém para fazer a colheita na roça.

— «Você tem dinheiro! Trate de arranjar um camarada para fazer a colheita para você.

— «Não posso; além disso, minha mãe morreu e tenho que ir lá enterrá-la!

Quando a conversa chegava a esta fase triste, era melhor recorrer-se ao expediente da ignorância, verdadeira ou fingida, do assunto sôbre o qual estávamos falando.

Na maioria dos casos, se não estivesse muito instigado pelos companheiros, o camarada, depois de uma ou duas recusas desta natureza, desistia e voltava ao trabalho. No entanto, se recusássemos de maneira rude e impaciente, ferindo-lhe o orgulho, ia embora imediatamente, preferindo deixar de receber o dinheiro a ser tratado como escravo.

O caráter geral de nossos camaradas brasileiros era igual ao de crianças briosas, daí a necessidade de se usar a política da mão de ferro com luvas de pelica.

Era necessário, acima de tudo, tratá-los com a maior justiça possível; pois, como acontece com todos os povos semi-bárbaros, esta era a virtude que chegava à sua compreensão com maior intensidade.

Como já disse antes, êles tinham o que se pode chamar dois arraigados preconceitos: primeiro, o orgulho absurdo do nascimento livre que, numa terra onde a escravatura ainda era uma instituição, os tornava exageradamente sensíveis quanto ao modo de tratamento pelo patrão; segundo, um mêdo doentio do **Bugre** bravo ou índio selvagem.

Uma boa ilustração do imenso ridículo com que um brasileiro, pertencente ao que, na Inglaterra, chamamos classe laboriosa, conserva seu orgulho de nascimento livre, encontra-se na própria palavra **camarada,** com a qual se denomina.

Êle não se importa muito de fazer certas espécies de trabalho como empregado, mas não admite que o chamem de **trabalhador,** o que considera como sendo quase sinônimo de escravo.

Nas grandes cidades, onde o trabalho é abundante mas a vida difícil, êste orgulho tolo lhe é logo destruído, embora, justiça seja feita, êle perca grande parte do encanto de maneiras que lhe é natural, na sua vida agreste, mas livre e independente.

Durante os primeiros meses da exploração, perdemos diversos homens por causa do preconceito descrito em primeiro lugar.

Na ocasião em que Messeno me deu um banho na catarata, o qual já relatei, tirei-o do serviço fluvial para trabalhar na picada. Recebendo isto como reprimenda, o seu orgulho rebelou-se contra a indignidade imaginária e, no dia seguinte, êle abandonou a expedição, levando dois parentes que ficaram solidários com êle.

Antes de partir chamei-lhe a atenção para o fato de que, assim procedendo, iria perder o direito ao ordenado que tinha a receber, isto é, quase oito libras inglêsas. A sua resposta, dada com ares de altivez e independência, foi: — «O doutor pode fazer o que quiser, pode pagar-me ou não, mas de qualquer forma, **eu vou m'embora.»**

Um mês mais tarde procurou entrar, novamente, para a turma, ficando surprêso quando lhe dissemos que tendo êle abandonado o serviço quando entendeu, teria, agora, de esperar pela nossa vontade, para readimiti-lo no serviço.

Não havia perigo em casos como êstes, enquanto se tratasse de indivíduos isoladamente, pois com tato sempre evitávamos que casos idênticos se tornassem mais freqüentes.

No que se refere ao mêdo extraordinário que os brasileiros têm dos índios selvagens, devemos dizer que o Bugre bravo é muito mais terrível na imaginação do que o é na realidade.

Deve ser, creio, uma pecualiaridade dos povos semi-selvagens ignorantes, como o sertanejo brasileiro, ter mais mêdo do perigo imaginário em perspectiva do que mesmo do perigo em si, frente a frente. O Salto do Ubá, por exemplo, perdeu o seu aspecto tenebroso, logo que dêle se aproximaram e o enfrentaram; embora fôsse a sua influência tão grande até então, que quase fêz grande número de homens desertar.

Como se verá na continuação desta narrativa, as cataratas pròpriamente ditas do Ivaí, que começavam a umas 140 milhas abaixo de Colônia Teresa e continuavam quase ininterruptamente por cinqüenta milhas, eram tão temidas, sem serem conhecidas, que houve momentos em que era bem difícil encontrar-se dez homens que quisessem descê-las conosco. Todavia, quando nos defrontamos com as referidas cataratas, os mesmos homens, que antes falavam amedrontados da sua existência, arriscavam ali a vida diàriamente e a todo instante, com a maior bravura.

Estávamos no mês de março, no fim do qual, nada menos de dois terços dos nossos homens teriam terminado o prazo de trabalho estabelecido pelos contratos e não faziam segrêdo do plano que tinham para, em ação conjunta, forçarem-me a um aumento elevado no ordenado, como prêmio pela renovação do contrato. Nosso agente falhou não enviando trabalhadores. Curling estava a umas centenas de milhas distante e eu, portanto, teria de enfrentar a luta sòzinho.

Felizmente eu soube da conspiração com alguns dias de antecedência e pude, antes do fim do mês, diminuir o mais possível o número de homens nas turmas, a fim de lhes dificultar a ação combinada.

Ainda mesmo com esta vantagem tive de arrostar com grandes sacrifícios, conseguindo, depois de dois dias de negociações cansativas e irritantes, chegar a um acôrdo satisfatório com êles, pelo qual renovaram os contratos com um aumento relativamente pequeno de doze e meio por cento no ordenado dos canoeiros experimentados, continuando os outros a receber o mesmo salário.

As pessoas que estão habituadas a trabalhar nos países civilizados, onde há muito trabalho, podem talvez, achar difícil compreender a razão por que não empregamos medidas mais decisivas nas negociações com os nossos empregados turbulentos, como as que estão acostumadas a adotar para com os seus trabalhadores impertinentes. Outros, entretanto, que têm sido obrigados a tratar com o suplício nacional que são os Sindicatos de Operá-

rios, compreenderão a impossibilidade de sempre se julgar arbitràriamente. Essas pessoas se condoerão de nós, muitas vêzes esboçando um sorriso nos lábios, ao saberem da longa série de aborrecimentos, lutas e até derrotas por que tivemos de passar nas mãos de nossos serventuários, mas outras vêzes, porém, com um coração como o de Nero, desejando que todos os nossos camaradas tivessem um só pescoço, pelo qual, torcendo-o, pudéssemos vingar, com um só golpe, de tôda a turma.

Se o pessoal efetivo do nosso grupo não estivesse tão reduzido em número, teríamos destacado, muito antes de chegarmos a esta situação, alguém para procurar gente nas regiões circunvizinhas, libertando-nos, assim, da dependência em que vivíamos de Colônia Teresa.

Leitor, ultrapassei os limites que havia traçado quando entrei neste assunto — sempre tão melindroso para os que viajam nos países bárbaros! Mas teria sido quase impossível poder dar, em menor número de palavras, uma idéia exata desta condição importante de nossa vida e de nosso trabalho. Era, como o mundo dos insetos, um osso que tínhamos sempre atravessado na garganta e, provàvelmente, tinha mais influência, direta e indireta, sôbre o destino da expedição, do que qualquer uma das inúmeras dificuldades a que tínhamos de fazer face.

No dia 4 de abril, a grande responsabilidade, que pesava sôbre os meus ombros, desde 10 de março, ia ser removida ou partilhada.

Foi, neste dia, meia hora antes do sol nascer que, de um dos pequenos alojamentos da margem do rio, observei os primeiros sinais anunciadores da aproximação de uma canoa que descia o rio. Primeiro passaram dois patos de asas largas, voando e afastando-se da margem em que estava situado o nosso acampamento, ao avistarem as canoas amarradas no pôrto. Em seguida apareceram diversos casais de marrecos, todos voando e acompanhando o curso do rio, grasnando metòdicamente a intervalos regulares. Depois de alguns minutos, apareceram um ou dois biguás voando rentes à superfície da água, silenciosa como fantasmas de ébano ou espíritos do mal. Entretanto, nesta ocasião, êles não eram profetas do mal. Eram as guardas avançadas de uma canoa que trazia Curling de volta para a expedição. Daí a pouco avistei a embarcação que descia, com os seus tripulantes gritando e dando tiros de pistola, a corredeira que ficava acima do acampamento e, dentro de minuto, não só Curling mas também meu velho amigo Edwards saltaram na margem do rio.

Alimentei, por alguns momentos, a agradável esperança de que Edwards tivesse vindo tomar o lugar vago de S..., porém esta esperança foi logo dissipada. Êle havia vindo com o único propósito de nos fazer uma visita ligeira, de dois dias. Portanto, estávamos ainda condenados a passar por um indeterminado período de sofrimento, com a falta de outro auxiliar (*)

(*) Para um homem cuja sorte é lançada no Império do Cruzeiro do Sul, a virtude mais necessária, para sua própria paz de espírito, é a Paciência. Perdemos nosso auxiliar em outubro e seu lugar foi preenchido sòmente no mês de julho do ano seguinte.

Já que o nosso amigo Edwards tinha viajado tanto para nos fazer uma visita — o seu grupo estava trabalhando num local que ficava a quatro ou cinco dias de viagem, no outro lado de Colônia Teresa — tínhamos de fazer o possível para tornar-lhe a permanência agradável, divertida e proveitosa.

Êle já havia apreciado algumas das belezas do Ivaí, durante a viagem de Colônia Teresa para o nosso acampamento, e estava tão entusiasmado com o que vira até então que nos animava a lhe mostrar mais. Havia caçado veado, codorna, narceja e saracura, mas ficou só nisso a sua experiência sôbre caçadas no Brasil.

A primeira coisa que viu, ao chegar, foi uma anta morta, dentro de uma canoa que estava amarrada no pôrto. À noite, o nosso jantar consistiu em peixe (dourado) e palmito, com postas de carne de anta e feijão prêto, iguarias a que êle estava mais ou menos desacostumado. Foi assim que começaram os seus conhecimentos sôbre a vida na floresta e a vida fluvial. Na manhã seguinte, bem cedo, partimos rio-abaixo em duas canoas, levando cachorros e espingardas, com o propósito de mostrar ao nosso visitante como matávamos a anta.

Os cães, entretanto, pelo fato de virem caçando quase diàriamente nas últimas semanas, infelizmente se achavam cansados. Assim, não pudemos fazer com que nem mesmo «Cachorrinha» seguisse o faro das antas em cujo rasto a púnhamos. Finalmente, conseguimos fazê-la apanhar o faro no rasto fresco de um veado e a música animadora do seu ladrar na floresta nos animou bastante, quando já estávamos a ponto de desistir. O veado fugiu para o rio, onde se atirou; depois de fazermos uma caçada inteligente, usando as canoas, pegamo-lo pela cauda e matamo-lo a facadas.

Mais do que nunca, convenci-me, nesta ocasião, de que não sentimos o verdadeiro prazer de uma caçada de veado ou de anta quando o animal está dentro d'água e as canoas em perseguição. Sentimo-lo sim, quando a música do ladrar dos cães é ainda ouvida aqui e acolá, no interior da floresta, para cima ou para baixo, nas capoeiras das encostas das Serras, enquanto ainda perdura a incerteza de que a caça é uma anta, ou um veado, ou animais pequenos como a paca ou cutia, e se ela vai cair no rio no lugar onde os caçadores a esperam. Devo admitir que, quando a caça está na água, a caçada torna-se pura crueldade. O animal, se fôr um veado ou uma anta, tem pouca possibilidade de escapar, mais ou menos a mesma probabilidade que tem um rato de fugir de um cachorro «fox-terrier» em campo aberto. Matei tôdas as primeiras quatorze antes que vi e se a décima quinta escapou foi porque não pude chegar a 400 jardas, antes dela sair da água e mergulhar na floresta. Lembro-me de que eu costumava dizer, freqüentemente, para comigo mesmo, depois de uma caçada, sempre que fôsse ela mais agitada do que o habitual: — «Bem, eu preferiria passar um dia caçando coelhos com sabujos, num pequeno bosque da Inglaterra, a qualquer caçada de antas no mundo». Entretanto, chegando a oportuni-

dade, eu dava tudo para tomar parte numa caçada de antas.

Depois da caçada descemos o rio um pouco mais, até o ponto onde estava trabalhando a turma que ia na frente, a qual se encontrava agora a umas sete milhas do Salto do Ubá. Passamos aí o resto do dia e, ao anoitecer, dormimos todos juntos sob uma cobertura de fôlhas de palmeira, cujas pontas tocavam ao solo dos dois lados, ficando abertas apenas as duas extremidades. Para mim, a sensação dêstes alojamentos agrestes já tinha, de há muito, desaparecido; mas para o nosso visitante, que estava habituado a dormir tôdas as noites numa tenda bem arrumada, com os luxos de uma cama confortável e de dispositivos mais ou menos organizados de toilete, tudo era novidade.

No dia seguinte fizemos tudo, mais uma vez, para mostrar uma anta viva a Edwards, mas não o conseguimos. Passamos a noite num acampamento antigo, a dezoito milhas rio-acima, o mesmo de onde eu havia sido expulso pelas pulgas e que, desde então, não mais visitara. Subimos as duas ou três últimas corredeiras com o luar, e o rio foi, por isso, visto com mais perfeição em tôda a sua beleza e sublimidade.

As pulgas não haviam abandonado o acampamento e eu, portanto, passei uma noite de tormentos, sem poder dormir, enquanto os meus companheiros ressonavam tranqüilamente, embora houvesse nada menos de umas oitenta pulgas pulando em cada rêde.

Na manhã seguinte, com grande tristeza de nossa parte, o nosso visitante partiu. Demos-lhe a melhor canoa que possuíamos e mandamos três homens, com provisões, levá-lo a Colônia Teresa. Na saída, eu e Miles, o cozinheiro e o único europeu além de mim, no acampamento, demos três vivas cordiais a Edwards.

No mesmo dia, depois de sua partida, encontrei, na floresta, uma anta com a qual passei uns momentos bem agitados. Como foi diferente da caçada ou carnificina que estávamos habituados a fazer, no rio. Talvez já esteja cansando o leitor, com êste assunto, mas, em todo o caso, vou relatá-la.

Nós, isto é, eu e a minha turma de empregados, estávamos sentados no meio da picada, onde íamos almoçar. Eu estivera trabalhando com dois instrumentos — o teodólito e o nível — e os havia deixado na picada, nos lugares onde os estivera usando. O teodólito estava a dez jardas à frente do ponto onde estávamos sentados, e o nível cêrca de cem jardas para trás. De repente «Estudante» — um dos cães de caça que estava conosco nesta ocasião — saiu correndo e latindo desesperadamente, a uma pequena distância. Logo a seguir, saiu do mato para a picada uma anta grande, que veio em galope cego na nossa direção, seguida de perto pelo cachorro.

— «Pedro, Pedro, depressa!» — «Olha os instrumentos!» — gritei. O homem correu, agarrou o teodólito tirando-o do caminho e metendo-se com êle atrás de um enorme monjolo que, neste local, ficava com um pedaço projetado para dentro da picada. A anta, louca de mêdo do cachorro, passou por ali como uma bala, sem nada ver, jogando o conteúdo de nossas sacas de almôço para todos os lados, nos ignorando, completamente. Tivemos que abrir alas e deixá-la passar.

Tinha comigo minha espingarda, com um dos canos carregado. Os homens sacaram das pistolas e prepararam-se para fazer fogo na trazeira do animal, no momento em que êste passasse. Sua intenção foi, contudo, frustrada, porque o cachorro corria bem próximo da traseira da anta. Bem na frente dêles via-se o nível, que dentro de poucos segundos receberia uma trombada do volumoso corpo do animal, com um resultado que é desnecessário descrever.

Tudo o que podíamos fazer era tentar o tiro, embora arriscando acertar no instrumento ou no cachorro. Na primeira oportunidade que «Estudante» me deu para tirar uma mira apressada da parte trazeira da anta, puxei o gatilho a uma distância de sessenta jardas. Com o estampido, a anta caiu como uma pedra. Foi só o que pude ver, porque, logo depois, subiu no ar a fumaça da pólvora queimada que me obstruiu a visão. Correndo para a frente, a fim de sair daquela nuvem de fumaça, olhei novamente, mas o cachorro e a anta haviam desaparecido da picada.

Um dos brasileiros gritou, dizendo que o tiro havia quebrado um das pernas do animal e, neste momento, ouvi «Estudante» latir na floresta, à direita da picada. Sem me incomodar com os espinho e com o mato fechado, corri em direção do latido, procurando orientar-me da melhor maneira possível pelo seu ruído, em poucos segundos chegando ao local da ação.

A anta estava parada num riacho rochoso, com água pelo joelho, conservando o seu perseguidor à distância, ameaçando-o de ataque com a cabeça e as patas dianteiras. Uma perna trazeira estava quebrada bem acima da articulação e era isto que a impedia de atacar o cachorro, embora no momento em que cheguei ao local ainda a visse fazer uma tentativa com esta intenção.

Alguns brasileiros chegaram antes de mim mas, como sabiam que eu gostava de acabar o que começava, não tentaram interferir com os animais.

A anta levantava o longo focinho, mostrando assim as gengivas vermelhas e os alvos e grandes dentes da frente. enquanto o cachorro, completamente louco de agitação, fazia arremetidas até um pé de distância do animal, livrando-se por um tris dos golpes que a anta dava com as patas dianteiras, para se defender. Um tiro na cabeça, dado de perto, pôs fim ao combate.

Foi a primeira anta que matei fora d'água, embora fôsse ela a sexta que caía sob o tiro de minha arma. Durante mais de dezoito meses, em que vivi nas florestas dêste vale, matei, em terra, apenas mais uma anta. Todavia, neste espaço de tempo, consegui matar nada menos de vinte e oito dêsses animais. A segunda que matei foi em condições muito simples. Eu subia o rio, de canoa, ao pôr do sol, quando um dos canoeiros mostrou-me uma anta parada na margem, que neste trecho era plana e coberta de capim comprido, olhando aparentemente para nós. Enquanto me voltei para apanhar a carabina, que estava atrás de mim, na canoa, o animal deu uma vira-volta e saiu a galope pela rampa de lama coberta de capim, na direção da floresta, oferecendo um alvo esplêndido.

Atirei antes que entrasse no mato e o tiro foi tão certeiro que ela caiu como uma lebre, numa distância de sete jardas.

Oportunidades como estas são raríssimas nestas regiões de florestas e quando, portanto, elas aparecem, são, como é natural, bem aproveitadas; e não é menor o prazer que sentimos em tais ocasiões, pelo espanto e admiração com que os brasileiros, que nunca sonham em atirar numa ave em vôo ou num animal correndo, recebem êstes feitos que consideramos tão simples numa caçada.

CAPÍTULO XIII

O JACARÉ ★ AVENTURA DE JOAQUIM SOEIRA ★ UM MERGULHO COM UMA ANTA ★ UM EXÉRCITO DE FORMIGAS ★ OBSERVAÇÕES SÔBRE AS FORMIGAS ★ O TAMANDUÁ BANDEIRA ★ UM VISITANTE MISTERIOSO

O Ivaí, numa distância de cêrca de nove milhas acima do Salto do Ubá, é notável pela sua grande profundidade e pela lentidão geral de sua correnteza.

Em conseqüência desta transformação, aparece, no rio, uma nova espécie de réptil, o jacaré, que atinge um comprimento de sete a oito pés.

A primeira vez que me defrontei com um dêsses repelentes animais, grande número dos quais fui encontrar, mais tarde, na zona do baixo Ivaí, foi em um dos nossos alojamentos de trabalho, situado na margem do rio, a oito milhas acima do Salto do Ubá. Via, diàriamente, um pouco abaixo do acampamento, um dêsses bichos adormecidos na lama da margem do rio.

Houve duas ocasiões em que eu fui, furtivamente, de canoa, na esperança de dar-lhe um tiro, mas tôdas as duas vêzes o bruto arrastava-se para a água, desaparecendo antes mesmo de eu o ter avistado, no seu repouso. Na segunda vez, entretanto, não voltei sem trazer caça, pois encontrei quatro jacarèzinhos, de oito polegadas cada um, aninhados perto do local em que o jacaré velho estivera deitado. Apesar de serem novinhos, tentavam morder meus dedos tôdas as vêzes que dêles aproximava as mãos. No entanto peguei-os sem dificuldade e os trouxe para o acampamento.

Cavamos um pequeno buraco e o forramos com capim molhado, arrancado da margem do rio, e aí os conservamos por alguns dias, dando-lhes para comer pequenos pedaços de carne, quando era possível obtê-la.

Êles tinham um modo muito curioso de apanhar a comida, isto é, nunca o faziam vagarosamente. Arremessavam-na para a bôca com a cauda, por meio de um movimento simultâneo do corpo inteiro, o qual curvava-se sùbitamente, em forma de semi-círculo. Depois, quando já haviam agarrado a sua prêsa, endireitavam-no bruscamente. A maneira rápida e decisiva com que êste movimento era executado parecia mais ser feita por um mecanismo do que por um animal vivo. Uma única dentada constituía o seu processo de mastigação. Êles não mastigavam, não mordiam e não roíam — engoliam simplesmente.

Não faziam diferença entre um pedaço de pau ou uma pedra que lhes déssemos para comer. A cauda a arremessava para a bôca, as mandíbulas a comprimiam, o corpo voltava à sua posição normal e os horrendos olhos verdes com suas fendas pretas verticais, voltavam a nos fitar ameaçadoramente como antes. Fiquei cansado de ver êstes répteis [illegible] interessantes e alguns dias depois resol[illegible]

Um [illegible] minha turma, chamado Joaquim So[illegible] de tornou-se herói de mais de u[illegible] a, alimentava uma vontade imen[illegible] matar o jacaré velho, porque êl[illegible] perdido um cachorro muito bom, [illegible] êstes animais e seu desejo de ving[illegible] havia sido completamente satisfeito.

Portanto, num domingo e[illegible] dia livre, disse que ia tentar aquêle fe[illegible]

Apanhou a garrucha de dois c[illegible] ou-a de balas, e partiu sòzinho numa ca[illegible] dro (a mesma em que Messeno me dera u[illegible] na catarata, alguns meses antes), com o prop[illegible] de pôr o seu plano em execução.

O jacaré estava adormecido no seu lugar favorito, na lama da margem, a cem jardas abaixo do acampamento. Joaquim aproximou-se tão sorrateiramente que o animal, habitualmente tão arisco, não foi perturbado e continuou cochilando ao sol quente, não pressentindo nem de leve a traição que lhe ia desabar em cima. Arriando o remo devagarzinho, Joaquim sacou da garrucha e, fazendo uma mira cuidadosa para a cabeça do réptil, de uma distância que não ia além de dez pés, fêz fogo. O jacaré deu um pequeno salto, ficando imóvel, logo a seguir, enquanto o sangue jorrava dos ferimentos que lhe haviam sido feito na cabeça. Joaquim, cheio de alegria pelo êxito alcançado, remou a canoa para a beirada e, inclinando-se da proa, pegou o réptil pela cauda e por uma das patas, começando a puxá-lo para dentro da embarcação. A metade do animal já estava quase dentro do barco quando êle, surprêso, percebeu que o animal começava a dar sinais de vida, sacudindo a cauda de tal maneira que êle, não podendo continuar a segurá-la, largou-a. Pôde, contudo, reter a pata, que havia dobrado por cima da amurada da canoa, com o fim de anular a fôrça do animal que procurava fugir.

Entretanto, tangida pelos movimento do réptil, a canoa afastou-se, pouco a pouco, para um perau onde, de volta ao seu elemento, o jacaré começou a fazer fôrça com fúria crescente, como se o sangue frio e preguiçoso estivesse se tornando mais quente e mais ativo, devido ao esfôrço da luta que travava.

Dois homens, no acampamento, observando a situação periclitante de Joaquim, pegaram outra canoa e remaram para o local. Porém, antes que lhes fôsse possível chegar a um ponto onde pudessem auxiliá-lo, o jacaré, percebendo que era inútil continuar aquela luta direta (pois o homem tanto era valente como forte), mudou de tática: levantando sùbitamente a cabeça para trás, agarrou na beira da amurada da canoa com as suas poderosas queixadas, ameaçando arrancar-lhe um pedaço. Êste movimento súbito da parte do jacaré fêz virar a frágil embarcação e, logo a seguir, vi, do ponto de onde eu apreciava tudo, na margem do rio, o homem e o réptil desaparecerem na água. Joaquim subiu logo à superfície, sendo retirado

da água para dentro da canoa que chegava agora ao local da luta. O jacaré, entretanto, não mais apareceu. O coitado do Joaquim teve de sofrer, portanto, além da derrota, a perda de sua garrucha, que foi para o fundo do rio, onde desapareceu definitivamente. Não foram poucas, também, as zombarias e troças que dêle fizeram os companheiros.

O jacaré nunca mais apareceu no seu antigo retiro. Ou morreu, ou então, desgostoso com o péssimo tratamento que recebera, abandonou o lugar.

Se os gatos têm nove vidas, os jacarés, com tôda certeza, têm vinte. E' quase impossível matá-los por meios comuns. Uma vez eu dei um tiro, bem de perto, com uma **Snider** grande, na parte posterior da cabeça de um dêles, e o único efeito aparente da bala foi fazer jorrar o sangue do bruto, enquanto êle nadava em grande velocidade, de um lado para outro, na superfície da água, até que, recebendo um golpe da vara de remar, foi para o fundo. Em outra feita, encontrei um jacaré, não muito grande, adormecido numa coroa de areia. Para fazê-lo abandonar qualquer tentativa de reação tive de dar-lhe nada menos de três tiros de revólver na cabeça. Apesar dêsse número de tiros, ainda deu sinal de vida durante umas quatro horas.

Foi pouco tempo depois da pugna que Joaquim travara com o jacaré, que êle se distinguiu num ato de bravura que me conquistou o coração.

Estávamos caçando no rio, quando vimos pular n'água uma anta que havia sido levantada, pelos cachorros, no interior da floresta. Depois de feri-la gravemente, vi-me impedido de continuar atirando, porque um cartucho emperrou no cano da espingarda. Não podendo tirá-lo, não mais me foi possível utilizar a arma. Prosseguimos, entretanto na caçada, com o fim de cançar o animal e depois matá-lo a golpes de facão. A caçada tornou-se bem animada e estávamos no firme propósito de não permitir que a anta escapasse, pois ela ainda estava nadando e mergulhando, enquanto fazíamos o possível para evitar que saísse da água. Caso isto acontecesse e ela conseguisse apanhar-se na floresta, jamais a pegaríamos. Parecendo, por fim, adivinhar o nosso pensamento, ela dirigiu-se para a margem, com o propósito de atingir a terra firme. Aproximou-se tanto da terra, que nem tentou mergulhar quando a proa da nossa canoa tocou-lhe o dorso. Senti a água espirrar atrás de mim. Ao olhar, vi Joaquim já dentro d'água, agarrando com uma das mãos, a anta pela orelha e dando-lhe com a outra, uma facada no pescoço. O animal mergulhou imediatamente, levando-o para o fundo. Em poucos segundos os dois reapareceram, continuando Joaquim agarrado, como um cachorro «bull-dog», à orelha da anta. O sangue coloria a água em volta dêles, mas se êsse sangue era apenas do animal, eu não saberia dizer. Ainda de posse do seu longo facão, vi o homem dar mais uma facada no pescoço de couro grosso da anta que, imediatamente, mergulhou. Depois de alguns segundos, voltaram os dois à tona mas, antes que eu tivesse tempo de aproximar dêles a canoa, desapareceram mais uma vez. Isto se repetiu por umas quatro vêzes, sem que Joaquim soltasse a sua prêsa, na qual cruzava incessantemente a faca, tôdas as vêzes que vinham à superfície, pois era quando o seu braço podia ficar livre para golpear. O animal, ficando por fim exausto pela perda de sangue, não mergulhou mais. Estava terminada a luta. A anta havia sido vencido em seu próprio elemento. Quando consegui aproximar-me dêles novamente o animal estava quase morto, mal podendo agüentar-se na superfície. Joaquim continuou a segurá-lo até que eu chegasse perto, ocasião em que amarramos o animal moribundo à corda da canoa, para evitar que fôsse ao fundo.

Joaquim pulou para dentro do barco e arrastamos a anta para a margem, onde chegou já morta.

Embora uma anta nunca ataque um homem sem ser antes ameaçada, não é adversário que desprese quando perseguido e cercado. Não foram poucos os cachorros que, em várias ocasiões, foram mutilados e até mortos em tais circunstâncias. O ponto particularmente mais notável neste caso era a maneira como o homem continuava pegado ao animal, enquanto êste mergulhava, e como o trazia tão ràpidament à suprfíci. Êle me explicou a tática que empregara. Quando pressentia que a anta chegava ao fundo do rio, dava-lhe uma espetadela com a faca na barriga, o que a obrigava a fugir para a superfície, na suposição de haver outro inimigo seu em baixo d'água. Não fôra essa sua presença de espírito, e êle não teria, ainda mesmo com tôda sua bravura, conseguido realizar tal feito.

Esta caçada à unha não durou mais de dois minutos, desde que Joaquim pulou na água nas costas da anta, até voltar a bordo, sendo uma das caçadas mais agitadas e interessantes em que tomei parte.

Tentei uma vez, sòzinho, pegar um veado vivo no rio, agarrando-o pelos cornos quando êle nadava. Achei que, como uma anta podia ser dominada pela orelha, o veado, com uma décima parte da fôrça daquele animal, também o poderia ser. Nunca mais tentei fazer repetir tal façanha, pois o animal quase me arrancou a mão com um safanão repentino, dado com o pescoço. Em conseqüência disso, fiquei várias semanas com o pulso mais ou menos deslocado.

Uma noite, quando eu ainda morava no pequeno alojamento perto do qual Joaquim tivera sua aventura com o jacaré, fomos visitado por um exército de formigas pretas de perigoso ferrão. Eu estava dormindo na rêde que, como as dos empregados, ficava pendurada no interior de um rancho grande, com capacidade para nos acomodar a todos, quando fui despertado por umas comichões em diferentes partes do corpo. A princípio, julguei que fôssem as pulgas que tivessem vindo nos fazer uma visita no novo acampamento, mas logo senti que a coceira que era mais intensa do que a produzida por estas diminutas criaturas e, no momento em que mudei de posição na rêde, elas se manifestaram em maior número e com mais violência. Olhando ao redor do rancho, vi que todos os brasileiros estavam acordados e alguns agachados em volta do braseiro, que estava aceso dentro do rancho. Da extremidade onde se encontravam, chegavam aos meus ouvidos expressões como «formiga do diabo» e «formiga danada», o que explicava a natureza dos perturbadores da nossa paz.

(Continua no próximo número)

A PUPILA RUBRA

Por ANTHONY WYNNE

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Jack Derwick, advogado residente em Londres, era noivo de Miss Estele Armand, filha do jurista Sir William Armand, homem de fortuna e com excelente casa acastelada em Calthorpe, perto da praia. Um dia, com surprêsa, Miss Estele comunica ao noivo que Sir William não queria mais o casamento. Jack procura indagar dos motivos de tão insólita decisão, mas a jovem, contristada, lhe responde que nada pode mais adiantar, e que êle considerasse o caso encerrado. Estava disposto a regressar a Londres, quando, naquela mesma noite, foi notado o desaparecimento de Sir William Armand. Entregue o mistério ao detective Biles, êste embarca em direção a Calthorpe a fim de entrevistar Miss Estele. Há suspeitas de que Jack esteja envolvido no caso, embora haja também uma terceira personagem, Mr. Sawyer, que, na tarde do desaparecimento de Sir William, mantivera com êste uma conferência no albergue local. O comissário Robson está procurando ajudar o enviado da Scotland Yard, mas ainda não se manifestou um indício capaz de produzir uma pista.

A estrada, agora, estava deserta e era preciso ir com maior precaução. O médico guardou, simplesmente, sua prêsa à vista. Parou no meio da rampa, prevendo um alto de Blunder, inevitável, na estação de Tube. O *coupé* cinzento seguiu por Finchley Road. A partir dêsse momento, aumentou sua velocidade para Barnet onde a grande estrada do norte, passando por Hatfield, foi a que escolheu. O médico percebeu que precisaria de tôda a sua habilidade para manter a marcha.

Em Hatfield, acreditou haver perdido a partida. Quando atingiu a curva, que traça a estrada na direção da cidade, viu diante de si o caminho deserto. Mas avistou o rastro do farol, desaparecendo na estrada de Hertford. Parou, fêz marcha-à-ré e virou. A luz vermelha desaparecera completamente. Calcou o acelerador e abriu todo o gás. A estrada se encurtou à sua frente ao mesmo tempo que se estreitava e, por pouco, numa curva, abalroou uma bela *limousine*.

Essa experiência o acalmou um pouco; mas, sem diminuir a sua resolução de rever o *coupé* antes do mesmo atingir Hertford, continuou em marcha veloz e descobriu tudo o que significa para um veículo rápido um avanço de dois minutos.

Porém foi recompensado; na base da ladeira acentuada que conduz aos arredores da cidade, avistou um instante uma luz vermelha. Viu-a novamente, quando atingia os primeiros bicos de gás. Tinha que ser precavido, agora, para o caso de Blunder se deter para jantar num dos hotéis. Um minuto depois, como o *coupé* parasse no Stag's Head, o médico se felicitou por ter agido com prudência.

Seguiu, ràpidamente até White Bear, onde já se encontrava outro veículo.

Do bar do hotel seu olhar dominava tôda a rua; pôde então, com calma, tomar um *whisky*, sempre conservando um olhar atento para o *coupé* cinzento. Blunder devia estar muito apressado, pois que ao fim de sòmente vinte minutos reaparecia. Imediatamente tomou a direção de Ware.

A noite estava muito escura e começara a nevar. As estradas tornavam-se, assim, bastante perigosas. Entretanto, o *coupé* manteve a mesma velocidade de antes, segundo indicava o velocímetro do médico. Seguiram o desvio até à entrada de Ware numa velocidade vertiginosa e subiram a encosta na direção de Bishop's Stotford.

A região era inteiramente desconhecida para o Dr. Hiley, que, como londrino, pouco conhecia o condado de Essex e as estradas que para lá conduzem. Duas curvas, bruscas, quase lhe cortaram a respiração. Uma vez pensou que bateria violentamente contra o barranco e outra julgou que capotaria.

Êsse fato pôde levar Blunder, que parecia conhecer muito bem a região, a seguir por um novo desvio, que partia da aldeia de Muchadam e encurtava o caminho para atingir a grande estrada de Stortford. Seu perseguidor teve a impressão de que ela desaparecera, repentinamente no muro de uma casa, tanto a estrada quebrava de modo brusco. Quando chegou, por sua vez, a essa curva, hesitou um momento, pois os faróis revelavam uma estrada em péssimo estado. Mas decidiu-se, finalmente, a prosseguir. Um minuto depois seu automóvel abria caminho através de uma estrada frondosa e pouco depois se encontrava no centro de uma clareira, formada pelas águas alagadiças de um riacho.

Felizmente, a água não era profunda, mas o só fato do perseguido haver escolhido êsse caminho, alarmava um pouco o Dr. Hailey e sua inquietação aumentou quando, poucos instantes depois, chegou novamente à grande estrada e leu, no poste indicador que êsse desvio poupava menos de uma milha e cruzava o riacho. Evidentemente o perseguido o estava *experimentando!*

Seguiu-o, por isso, um pouco mais dis-

tanciado, durante outras duas milhas, até que acreditou estarem ambos próximos de Bishop's Stortford. Então tratou de se aproximar um pouco mais.

Blunder pouco diminuiu a sua velocidade; atravessou a aldeia para alcançar a estrada de Cambridge-New Market, que seguiu, passando por Standstead-Mountfitchet e Newport. Imediatamente ao sair dessa aldeia, obliquou completamente para a direita, para Saffron Walden. O Dr. Hailey verificou que haviam já então percorrido mais de quarenta milhas.

Saffron Walden foi franqueado sem que o freio fôsse sequer roçado com o pé. Não eram ainda nove horas, mas êsse pequenino bairro estava deserto como se fôsse meia-noite. A estrada que seguiam os afastava para leste, para êsse sombrio platô, quase sem plantação denominado *Alturas do Essex*, onde nada menos de quatro pequeninos rios têm suas nascentes.

A neve cessara de cair e a lua, no seu segundo quarto, brilhava entre as nuvens esparsas. O Dr. Hailey, com esfôrço, podia perceber os vastos campos desertos e os grandes espaços encharcados de água parada. A estrada coberta de lama estava apesar de tudo extremamente dura. Subiram sempre durante uma ou duas milhas depois desceram em ladeira forte para uma pequena aldeia que era dominada por um pequenino templo central. A seguir, a estrada corria em linha reta durante uma curta distância.

O médico não sabia onde se encontrava, porém quanto mais se prolongava essa corrida, mais crescia a sua esperança. Essa região mais que outra qualquer parecia prestar-se aos segredos. Os habitantes dessas aldeias não se interessam pelos negócios que não sejam absolutamente locais. Parecem dormir quando o sol se deita, abandonando por tôda a noite o seu pequenino mundo para quem o queira apanhar. Hailey ouvira dizer que o famoso Dick Turpin nascera numa aldeia assim. Essa circunstância, pensou êle com um sorriso ligeiro, explicava o seu temperamento aventureiro.

Êsse pensamento errava ainda em seu espírito, quando, de repente, fazendo outra curva brusca, percebeu o *coupé* cinzento, para no centro da estrada, ali, bem à sua frente!

Tinha uma probabilidade só, entre cem, para evitar choque.

CAPÍTULO XIV

O hóspede de Mr. Blunder

Não pôde, mais tarde, recordar o que fêz. Não tivera mais que uma fração de segundo para agir. Tudo quanto podia recordar era uma terrível guinada, capaz de causar vertigem, uma freada violenta e o espetáculo do automóvel saltando sob os seus pés, como um cavalo fogoso.

Um gemido de freio e, depois, com um grito entre explosões e solução, findo o qual seu motor parou. Suas mãos empunhavam ainda o volante, depois, com movimento rápido, palpou as próprias pernas — "Seria possível que não estivesse ferido?"

O veículo trepara para a rampa da direita. Não capotara porque as rodas dianteiras se haviam enterrado no fôsso, mas a *carrosserie* encolhera de tal forma que êle se sentia como sentado no interior de um acordeon. Tentou a porta da direita mas não pôde torcer o trinco. Empurrou-a com fôrça e ela cedeu, pois saltara dos batentes. Desceu e contemplou a causa do desastre.

O *coupé* cinzento não se movera. Como suas idéias se tornavam claras depressa pôde compreender como ocorrera o acidente. O médico percebeu que o veículo causador do desastre sofrera pequenos arranhões.

O primeiro instinto de todo *chauffeur*, que é o de evitar o obstáculo a todo custo, produzira efeito. A colisão tinha sido evitada. Viu então um espetáculo extraordinário. Blunder estava de pé, à retaguarda do seu automóvel, considerando friamente o desastre que havia causado. Viram-se quase ao mesmo tempo, um ao outro. O advogado levantou os braços e começou a gritar, como se estivesse vendo alguém que voltasse do outro mundo. Atravessou a estrada, correndo, parecendo, sôbre as pernas curtas, um ganso patinhando num alagado.

— Meu caro senhor, oh! Meu caro senhor. Graças a Deus, está são e salvo!

O Dr. Hailey guardou a vantagem da sua posição. Conteve o desejo de descer e estrangular o miserável com as próprias mãos.

— Foi por um triz! — declarou êle com voz grave — Esta foi uma boa lição, se assim posso dizer, sôbre o perigo de parar dessa maneira, no centro da estrada, logo após uma curva brusca...

— Sim... sim... Tem razão.

O médico não perdera a calma inteiramente, ao ponto de não perceber que Blunder não se inquietava de nenhuma maneira por saber se outras pessoas se encontravam no automóvel acidentado. Certamente sabia que só transportava um passageiro e, também, *quem era o passageiro*. Mas nada deixou transparecer. Ao contrário, depois de se aproximar do fôsso, voltou a afirmar quanto lamentava o acidente, repetindo seus pedidos de desculpa.

— Nessa parte do Essex, nunca imaginamos que outra pessoa tenha automóvel. Não creio ter visto uma dúzia dêles nesta

estrada, depois de seis da tarde, desde que aqui vim pela primeira vez, há dez anos!

O médico se voltara para examinar os estragos do seu automóvel, procurando encontrar uma solução para o seu novo problema. Recordou-se de que Colchester ficava em algum lugar nessa direção e resolveu ir para lá. Declarou haver perdido o seu caminho em Bishop's Stortford, mas contava encontrá-lo ao atingir a estrada Colchester-Cambridge.

— Oh, meu caro senhor! — disse Blunder — Ela fica a muitas milhas daqui!

Pareceu refletir um momento; depois, em tom mais cordial:

— Espero que me permita reparar, tanto quanto possível, a minha culpa, aceitando a minha hospitalidade por esta noite. Tenho uma casa, a menos de milha e meia daqui, na aldeia de Hemstead. Minha espôsa ficará encantada de o receber e amanhã meu *chauffeur* o levará onde desejar.

Essas palavras quase fizeram Hailey perder o fôlego. De fato Hailey estava convencido de que Blunder sabia quem êle era; no entanto êsse convite ousado, essa palavra audaciosa: "minha espôsa"... A despeito de tudo, sentia-se atraído para um homem que — segundo acreditava — combinava fàcilmente o crime com o instinto prático e a habilidade profissional mais espantosa.

Aceitou imediatamente o convite, a despeito do perigo evidente que representava.

— Espero que não esteja ferido — disse Blunder, quando, juntos, desceram a rampa para a estrada. — O choque foi terrível!

— Não... Nada sofri...

Chegavam à luz dos faróis do *coupé* cinzento. Blunder se voltou com ar curioso e bem representado, que revelava ser bom comediante. Então exclamou:

— Como! E' o Dr. Hailey?

— E o senhor Mr. Blunder... — disse o médico com a voz mais natural dêste mundo.

O solicitador se estendeu sôbre a natureza dessa coincidência extraordinária. Seu companheiro o interrompeu sem cerimônia, perguntando se o seu veículo havia sofrido alguma coisa. Blunder respondeu depois de ir inspecionar a retaguarda do automóvel. O pára-lama esquerdo estava ligeiramente amassado. Hailey lançou um olhar para a frente e viu que a estrada, nesse local, começava a se alargar, sendo aquêle local como o gargalo de uma garrafa. Tinha sido escolhido com uma finalidade criminosa. Qualquer outro chauffeur teria passado pelo mau momento que êle próprio tivera. As probabilidades eram tôdas a favor de uma catástrofe muito séria. No entanto, voltou a sentir admiração pela inteligência que havia concebido e executado êsse plano. Lamentou apenas que Blunder não tivesse revelado suficiente sangue-frio para permanecer diante do volante. O fato de haver descido do veículo diminuía um pouco o seu ato que, mesmo assim, permanecia notabilíssimo. Subiram para o automóvel de Blunder e o solicitador logo ligou o motor. O *coupé* desceu suavemente entre as árvores da estrada. O Dr. Hailey procurava, em seu espírito, se o seu vizinho quisera realmente matá-lo ou, simplesmente, pô-lo fora de combate. Inclinava-se mais para esta última hipótese, embora não pudesse ter a certeza. Provàvelmente, nesse momento, a publicidade de um inquérito policial sôbre a vítima de um tal acidente seria perigoso.

O automóvel diminuiu e virou para uma avenida larga, passando um gradil de aparência banal. Um instante depois, parava diante de uma casa comprida, de um só andar, cuja fachada estava totalmente coberta pela hera. Blunder abriu a porta e desceu. Logo a seguir precipitou-se para ajudar seu companheiro de viagem a fazer o mesmo.

— Levarei, depois, o automóvel para a garage — disse êle — Antes, permita-me cuidar do seu confôrto, doutor.

Com movimentos apressados, subiu uma pequena escada e abriu a porta com uma chave que extraiu do bôlso do colete. Caminhou quatro ou cinco passos pelo vestíbulo e com voz forte chamou, duas vêzes:

— "Maria! Maria!"

Uma porta se abriu, inundando de luz o vestíbulo.

Foi então que o Dr. Hailey sofreu uma das maiores surprêsas da sua vida. Viu uma senhora de certa idade, com aspecto matronal, surgir dessa porta.



— Não, obrigada. Para mim chega! Meu marido tem que dirigir o automóvel!

— Oh! — exclamou ela — E' seu pai!

Essa informação, evidentemente, era para sua filha, que não tardou a aparecer no vestíbulo, com uma expressão visível de prazer, estampada no rostinho bonito. O médico que se mantivera atrás do solicitador, quase abriu a bôca, surpreendido. O que contava ver e o que estava vendo eram coisas realmente muito diferentes.

— Maria — disse Blunder — Aqui está um senhor que, por um descuido lamentável, quase matei, na estrada. Êle mesmo contará como foi, enquanto vou guardar o automóvel. Peço que cuide quanto antes de que esteja bastante confortável.

Seu rosto parecia mais que nunca com maçã temporã, dessas que não coram nem mesmo quando ficam maduras. Dirigiu-se com seu caminhar gigante, para a porta por onde entrara. A Sra. Blunder e a filha ajudaram o visitante a retirar o sobretudo e o *cache-col*, conduzindo-o depois para um salão confortável.

O mobiliário agradou particularmente ao Dr. Hailey, logo à primeira vista. Tudo era de bom gôsto e confortável. Seu olhar passeou de um pequenino relógio "Rainha Ana", colocado sôbre a chaminé para as poltronas Chesterfield. Aprovou tudo com entusiasmo.

— Que podemos oferecer-lhe, doutor? — perguntou a anfitriã com voz tímida e desalentada, que dava a impressão de um combate desigual, abandonado desde há muito. — James tem o hábito de comer carne fria e queijo, mas será muito fácil esquentar uma sopa...

— Obrigado — disse o médico — Comerei com prazer essa carne fria. Não tenho fome.

— Menina — disse a mãe à linda filha — Apanhe a garrafa de *whisky* e o sifon. Tenho a certeza de que o doutor...

— Dr. Hailey.

— Que o Dr. Hailey está precisando de um bom estimulante. — concluiu. Depois, noutro tom, continuou: — *Estou convencida de que James foi o culpado. Dirige o automóvel com imprudência. Mal posso sair com êle, pois sempre que viajo fico arrepiada de mêdo...*

A vozinha enfraquecida denotava alguma censura, dando a entender que, embora vencida, a Sra. Blunder não estava inteiramente reconciliada com a própria sorte. O médico a observou atentamente, enquanto descrevia o acidente. Notou que as exclamações que saíram da garganta da Sra. Blunder, enquanto discorria, eram puramente *pro-forma*. Aquela criatura vivia, segundo ouvira, certa vez, um norte-americano dizer, "*a uma légua dentro de si mesma*". Concluiu que o mobiliário daquela casa não era obra dela. As mulheres dêsse gênero são de natureza negligente.

Miss Blunder lembrava mais o pai. Foi ela quem serviu o *whisky* sem lhe pedir licença e juntou sifon com a habilidade de um *garçon* de bar. Hailey sentia que aquela beldade não estava num quadro próprio — a menos que se casasse com um castelão apaixonado pelas caçadas ou algum outro cavalheiro, que a soubesse dominar. Não inspirava, como no caso de sua mãe, piedade. Possuía até uma qualidade negativa — falta de elegância, de *finesse*...

Isso era estranho, pois o salão em que deviam passar a maior parte do dia, estava cheio de encantos que mal podiam ser definidos. As duas mulheres viviam como estranhas dentro daquela casa. Com uma nitidez brusca, o médico compreendeu tôda a tragédia da vida de Blunder. E, pela primeira vez, sentiu piedade. "*Não é a perversidade da espôsa, no sentido em que a entendemos comumente,* — pensou êle — *que leva o marido a arruinar essa vida. E' o vazio do seu espírito.*" Levantou o copo, inclinando-se diante das duas mulheres. A Sra. Blunder relatava à filha os detalhes do acidente e voltava a repetir seu pensamento: "*O pai teria um fim prematuro*". Havia em sua voz — ao pronunciar essas palavras — qualquer coisa de pensado e pesado, que não deixava de ter qualquer significação. Acrescentava, voltando-se para Hailey.

"— *Mas a minha filha não é melhor que êle!*"

Blunder entrou, pouco depois, esfregando as mãos, como se quisesse libertar-se do frio que apanhara fora. Entraram para a sala de jantar — outra peça impressionante — onde foi servido o ligeiro jantar. Blunder deu ordem ao criado para que lhe trouxesse o seu "pôrto" de 1900.

— Uma maravilha, caro doutor — declarou êle — da qual só me restam, infelizmente, poucas garrafas!

A palestra que então iniciou, sôbre vinhos, revelou conhecimentos superficiais e gôsto duvidoso. O médico desviou a palestra para o mobiliário e foi imediatamente recompensado por sua manobra. O solicitador era um verdadeiro colecionador, mais ainda: um dos raros indivíduos que sabem colecionar com habilidade. À medida que falava, era evidente o seu prazer. Os móveis são, talvez, os únicos objetos a propósito dos quais podemos dar curso à sensualidade sem qualquer freio.

Quando voltaram ao salão, a Sra. Blunder estava sentada diante de uma enorme cafeteira e imediatamente entrou a encher as xícaras. Miss Blunder as distribuía; a seguir trouxe o açucareiro e os gestos que fêz, provocaram um tintalhar das suas múltiplas pulseiras. O Dr. Hailey saboreou a beberagem e, a seguir, voltando-se para Blunder, disse com a sua voz mais doce:

— Meu caro senhor, sei que toca admiràvelmente o violoncelo. Poderia solicitar...

Blunder estremeceu ligeiramente:

— Como pôde o senhor saber isso? — exclamou verdadeiramente estupefacto.

— Simplesmente adivinhei! Se me permite adivinhar mais um pouco, direi que o seu autor favorito é Gounod.

O solicitador vincou a fronte. "Aquêle homem, por algum meio desconhecido, lia os seus pensamentos". Não podia ficar satisfeito.

A "Ave Maria" por exemplo?...

— Oh! Sim, papai toca-a admiràvelmente! E' tão delicioso, o senhor não acha?

Ali estava! Havia traços de profunda semelhança entre pai e filha! Mas, *vilania e sensibilidade andam sempre juntas... para o crime!*

O violoncelo foi retirado da caixa pela filha, que o levou para o pai. Êste o acariciou à maneira dos amadores. Momentos depois a doçura esmagadora da "Ave Maria" espalhava seus soluços pelo salão. O médico cerrou os olhos. Aquêle homem sabia tocar! Logo começou a imaginar o retrato de Poppy de Vere. Ela devia parecer com uma irmã de caridade... Isso mesmo, uma irmã!

Estava seguro de que, terminada a música, a Sra. Blunder se retiraria do salão, para dormir. As mulheres dêsse gênero sempre se retiram cedo, logo que termina a última refeição do dia. Tinham igualmente um sentimento de mal-estar, pensando em levantar cedo, para preparar o primeiro almôço. Aborrecimento que já pode ser notado no seu "boa-noite", antes de ir dormir. Embora outras pessoas tenham o direito de acordar mais tarde, é preciso atender ao mundo, sempre em marcha. Segunda vaga de piedade inundou o coração do Dr. Hailey.

Miss Blunder acompanhou a mãe, mas sem o mesmo ar triste. Blunder, então, apontou para a garrafa sôbre a mesa de chá. Evidentemente, desejava tocar mais um pouco. Desta vez, executou "Saluto D'Amour", findo o qual, tornou a guardar o violoncelo e acendeu um charuto.

— Com que, então, prenderam o jovem Derwick! — disse êle em tom absolutamente calmo.

— Foi o que ouvi dizer...

— Parece-me que essa foi uma medida... talvez prematura, o senhor não acha? Principalmente porque ainda não conseguiram encontrar a sua noiva. O senhor não conhece, creio, Estelle Armand?

— Não. Não conheço nenhuma das pessoas envolvidas no caso, segundo penso; salvo o inspetor Biles! E' um dos meus clientes e, algumas vêzes, aproveita a minha paixão de detective amador, pedindo minha ajuda. Foi ao meu consultório, esta tarde. Parece convencido de poder conseguir a condenação.

Novamente Blunder vincou a fronte. Porém seu visitante, apesar de tudo, notou no olhar um ligeiro brilho de satisfação.

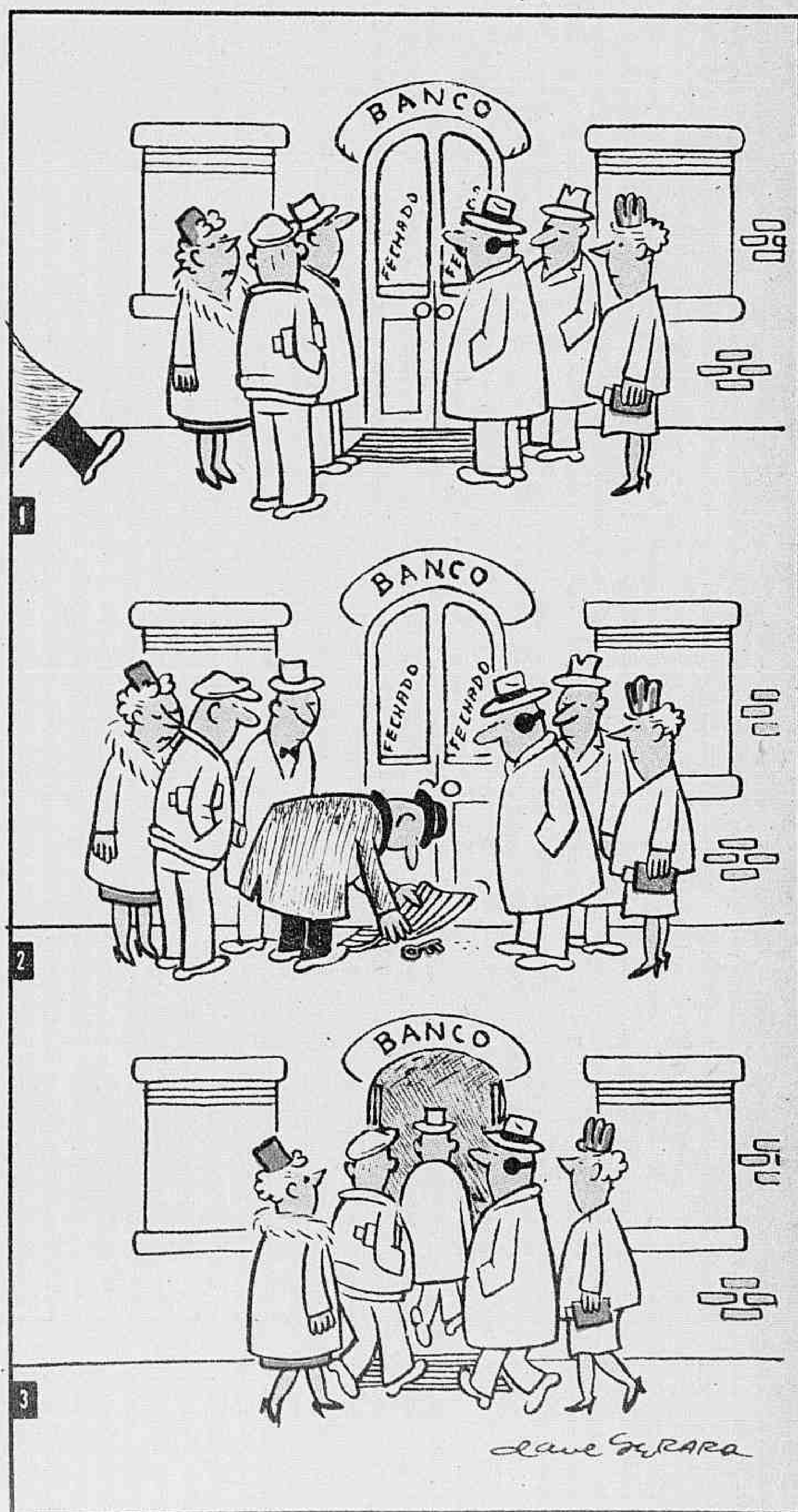
— Que está o senhor dizendo? Mas, talvez, existam provas que os jornais não revelaram. Confesso, porém, que tôda essa história me parece complicada... e muito difícil. Armand, pode acreditar, era homem delicado, afável mesmo... E homem honrado estava ali! Ah! Não haja dúvida! Não posso entender como podia ter, assim, algum inimigo tão rancoroso.

O médico não respondeu. Bebeu o seu *whisky* pensativamente, esperando que a conversação abandonasse um assunto tão desagradável.

Blunder perguntou-lhe, bruscamente, se desejava repousar, afirmando que encontraria pijama e todo o necessário para a barba à sua disposição, no quarto que lhe fôra reservado.

Era evidente que também êle desejava dormir. Levou o médico até ao quarto, no primeiro pavimento, no fundo da casa, afastado do salão e da garage.

— O criado levará o chá ao seu quarto, pela manhã — disse êle — Mas poderá



pedir-lhe, querendo, o almôço, que poderá também ser levado lá. Em nossa casa, a liberdade acima de tudo! E'o que sempre digo. Quando recebemos algum amigo, não exigimos nem queremos cerimônia. Melhor seria se estivéssemos sós, mas não posso despachar minha mulher e a filha, que chegaram ontem, no Ford, que minha filha dirige muito bem. Pretendem ficar até ao Natal.

Já quase desaparecendo junto da porta, parou e disse:

— "O senhor sabe? Foi nesta aldeia de Hempstead que nasceu Dick Turpin!"

Quando, finalmente, se retirou, reinou o grande silêncio próprio das casas campestres, principalmente no inverno. Hailey se levantou, foi abrir a janela e viu que a neve voltara a cair. Tôdas as estradas e campos estavam cobertos pelo lençol branco, que escondia a paisagem e até mesmo o som abafava... Ficou um instante de pé, no centro do quarto, tentando compreender a própria situação, mas um grande cansaço o invadiu. Sentou-se num divã, ao pé do leito, depois, deitando-se ali mesmo, adormeceu.

Duas horas depois foi despertado em sobressalto e procurou aguçar o ouvido.

CAPÍTULO XV

Um grito na Noite

O que acabara de ouvir, era a campainha do telefone. Consultou seu relógio. Marcava um pouco mais de uma hora. Então, levantando-se, caminhou cautelosamente até à porta, que abriu vagarosamente. A campainha chamou outra vez, no fundo do corredor. Pareceu-lhe ouvir passos, descendo os poucos degraus que separavam os dormitórios do salão, mas não podia ter a certeza. Repentinamente ouviu a voz de Blunder, sem que pudesse distinguir o que dizia.

Esgueirou-se pelo corredor, fracamente iluminado pela claridade coada por uma janela. Avançou sem fazer ruído para a escada e chegou a tempo de ouvir o solicitador dizer:

— Muito bem. Irei imediatamente.

O receptor foi desligado com ruído sêco. O médico se apressou a voltar para o seu quarto e fechou a porta. Sentado no leito, tentou ligar os fatos.

Era evidente que Blunder iria sair incontinente, *para algum lugar!* Não seria, por certo, para algum caso vulgar, a menos que algum dos seus clientes desejasse fazer um testamento de urgência, coisa improvável. O pai e a mãe de Blunder tinham morrido muitos anos antes; não tinha irmã nem irmão; podia-se, portanto, afastar qualquer razão de família.

Repentinamente tôda a verdade surgiu em seu espírito... Hailey ficou arquejante de emoção. Fôsse Blunder para onde fôsse, *tinha que segui-lo!* Nem podia haver perigo, pois o solicitador acreditaria ter o seu "caçador" dormindo em sua própria casa!

Como poderia, porém, fazer a viagem juntamente com Blunder, sem ser notado? Impossível, sim... porque o "coupé" era bem pequenino. Mesmo que conseguisse se esconder atrás do banco dianteiro, seu pêso influiria sôbre o manejo do veículo e logo seria descoberto. Se ao menos estivessem mais próximos de Saffron Walden, poderia alugar um automóvel, mas não podia pensar em ir a pé, mesmo partindo uma hora antes do solicitador. Além do mais como poderia adivinhar a direção que êste seguiria?

Levantou-se e foi até à janela. Já ia levantar a guilhotina, quando se lembrou de que, assim fazendo, poderia ser notado por Blunder, que ficaria sabendo estar o seu hóspede acordado.

Apagou a luz e olhou para fora... O jardim estava coberto de neve; o céu, porém, clareara. Podia ver uma grande extensão de terreno. Resolveu sair, a todo risco, de casa e empregar todos os meios que surgissem para se afastar, também êle, daquela região.

Repentinamente, lembrou-se do Ford no qual, segundo Blunder, sua espôsa e sua filha haviam chegado, viajando desde Londres. O veículo devia estar na garage...

Ansiosamente, esperou junto da porta até que a do solicitador se abrisse. Desta vez os passos de Blunder soaram pesadamente na velha escadinha de madeira, que gemeu sob o seu pêso.

O Dr. Hailey deixou então o seu quarto e, caminhando sôbre as pontas dos pés, chegou até à escada. Ouviu a chave da porta dos fundos girando na fechadura e o guincho do trinco, manobrado por mão febril. Desceu suavemente, dirigindo-se para o que julgou ser o quarto dos criados.

Blunder saiu e fechou a porta, sem todavia usar a chave, porque talvez só existisse uma e o mêdo de vir a ser roubado era mínimo. O médico chegou junto da porta poucos segundos depois e prestou atenção aos ruídos, fora de casa.

Notou porém uma pequena porta, talvez de uma despensa, abrindo para o corredor e com uma janela que devia abrir para o quintal, pois uma réstea de luar penetrava pela vidraça. Abriu-a, entrou e fechou novamente a porta.

Um segundo depois felicitou-se pela precaução tomada, pois que Blunder, devendo ter esquecido qualquer coisa, voltou. Quase roçou pelo médico, ao passar, mas continuou seu caminho, com seu andar pesado, perdendo-se na sombra do corredor. O médico esperou que morresse o ruído dos seus passos e, então, abrindo a porta que ficara simplesmente encostada, saiu para o quintal.

A casa, segundo parecia, fôra antes alguma pensão, pois havia uma série de pequenos quartos e banheiros ao longo do muro que fechava o terreno. Um dêles fôra transformado em garage. Os demais pareciam vazios. Escolheu o mais sombrio e nêle penetrou. Era espaçoso e devia ser aproveitado pelo jardineiro, pois estava entulhado de objetos de jardinagem: caixas com sementes, ancinhos, enxós, etc. Escondeu-se o melhor que pôde e vigiou a porta, banhada pela claridade lunar.

Pouco depois Blunder reapareceu. Vestira um espêsso casaco e enrolara no pescoço um grande *cache-nez* que escondia totalmente a parte inferior do seu rosto... Tinha uma chave na mão — provàvelmente o objeto que havia esquecido. Quando atravessou o quintal, Hailey o perdeu de vista, mas ouviu-o, quando, já na garage, enchia o tanque de gasolina. Pouco depois ouviu ser aberta a porta da garage, bater a portinhola do *coupé* e êste iniciar a marcha. Depois de levar o veículo até ao centro do quintal, Blunder parou, desceu do automóvel e foi fechar a porta da garage. Depois, tranqüilamente, voltou para o interior do veículo.

Não havia um instante a perder. O médico já empunhara uma barra de ferro que encontrara junto de uma barrica. Saiu apressado e sem hesitar agiu conforme os ladrões de garages. Um só esfôrço com a poderosa alavanca e a fechadura saltou, abrindo a porta.

Quase não pôde conter um grito de alegria, à vista do Ford se oferecendo ao seu olhar. Em poucos segundos, encontrou o botão de arranco. Havia bastante gasolina, porém para maior cautela, Hailey colocou mais uma lata na "mala". Pouco depois iniciava a perseguição.

Era um automóvel novo e o motor funcionava esplêndidamente. Já havia dirigido outros Fords e não temia qualquer embaraço. Cinco minutos não haviam decorrido desde a partida de Blunder e já êle o perseguia. Blunder tinha regular avanço e ainda a grande vantagem de conhecer bem aquelas estradas. Além do mais Hailey estava proibido de usar os faróis, ao menos no início da perseguição. A lua seria a sua única auxiliar para o guiar e proteger.

Felizmente, a neve registrava fielmente as marcas das rodas do *coupé*. Estas revelavam que Blunder tomara o caminho de Londres.

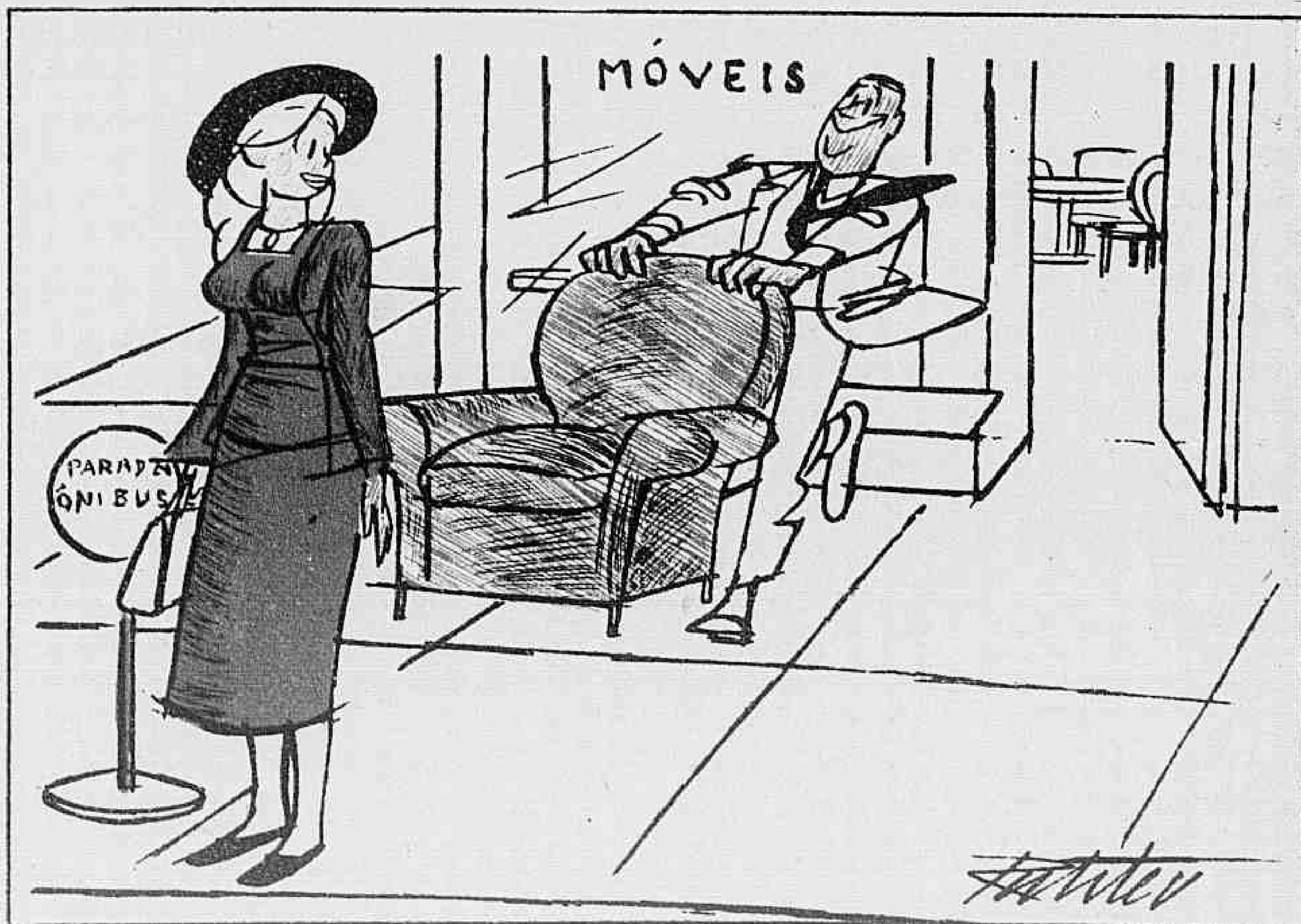
O Ford corria depressa e bem. Em poucos minutos atingiu o local do acidente da véspera. Pôde ver seu próprio automóvel inutilizado, sempre tombado no fôsso, e agora coberto pela neve.

As marcas dos pneumáticos de Blunder seguiam diretamente para Saffron Walden. Não estavam cortadas pelas marcas de nenhum outro veículo. Hailey calcou o acelerador e com o motor roncando fortemente atingiu Stanstead em velocidade muito superior à recomendada pela prudência. Ao se aproximar de uma aldeia, entreviu a luz trazeira do *coupé*.

Blunder passou por Epping para se dirigir a Londres. Como se aproximasse dessa cidade, a dificuldade de não perder a caça de vista aumentou consideràvelmente, tendo Hailey quase desanimado de sua emprêsa. No entanto, ao atingir o Strand, não havia perdido a pista. O *coupé* subiu para o Haymarket, virou em Piccadilly, seguiu pela rua Fulham, chegou à ponte de Putney, enveredando pela estrada de Portsmouth. Ainda ali a neve era espêssa e estava intacta. Uma vez ultrapassado Kingston, a perseguição foi mais fácil. Hailey se felicitava de seu êxito, quando, repentinamente, o seu automóvel parou, sem fôrças. Logo reconheceu o que acontecia. O tanque de gasolina estava vazio! Saltou do veículo e isso o fêz sentir como fazia frio e como êle próprio estava engurgitado. Mesmo tendo as luvas de lã, sentia os dedos gelados. Com os braços, abrindo e fechando, conseguiu um pouco mais de confôrto e foi abrir as duas latas que tivera a precaução de trazer.

Só ao fim de um quarto de hora pôde reiniciar a marcha, mas não encontrou qualquer dificuldade em seguir as marcas da roda do *coupé*, que o levaram até Guilford. Ali, porém, surgira a marca de outro veículo, para complicar o caso, pois enquanto uma pista seguia a estrada de Portsmouth, a outra subia pela de Hog's Back.

Desceu para examinar essas marcas de pneus; infelizmente não olhara com o de-



vido cuidado as marcas do *coupé*. O único partido a tomar era voltar até a entrada da cidade, até ao ponto em que só havia a marca do veículo de Blunder.

Perdeu, assim, mais de meia hora, mas pôde, com absoluta certeza, escolher a estrada: a de Portsmouth! Seguiu a tôda velocidade pela parte escarpada da cidade onde quase sempre os motoristas são multados por excesso de velocidade.

Não ocorreu nenhum outro contratempo e pôde atingir depressa o ponto em que a estrada de Hazlemere se separa da grande via de comunicação. Era essa a seguida por Blunder! Manteve o veículo em boa velocidade e a pista o levou, lisa e reta, até às alturas de Blockdown. Instantes depois, o Dr. Hailey chegava ao gradil de uma grande casa particular, cujo portão estava aberto.

Era aquêle o seu destino.

Levou o automóvel um pouco mais além, deixando-o parado longe da vista de quem surgisse no portão da residência. Então desceu e voltou a pé, numa caminhada de reconhecimento. Não era coisa fácil, pois a lua desaparecera e tudo estava muito escuro.

A casa, aparentemente, ficava bem ao fundo, entre árvores imensas, pois, de onde se achava, nada podia ver. Cruzou o gradil e caminhou sob as árvores, ajudado por uma pequena lanterna elétrica, a fim de seguir o contôrno da pista, sem contudo sair da sombra das árvores. O caminho subia; uma ou duas vêzes estêve para cair, escorregando no cimento molhado. Alguns metros adiante descobriu a casa e também uma réstea de luz, surgindo de uma janela do térreo.

Avançou com maior cautela, agora tendo apagado a luz da lâmpada. Um largo gramado cercava a casa, abafando os seus passos. Quando chegou diante da fachada pôde perceber os contornos da residência, recortada no céu estrelado.

Era, de fato, uma grande casa. Além disso, embora pudesse ser uma simples impressão, causada pela escuridão, pareceu-lhe ser um dêsses casarões abandonados, tais como os castelos entregues à guarda de caseiros. Uma rápida inspeção do solo permitiu verificar que Blunder seguira o caminho que levava à parte visivelmente destinada ao serviço. Continuou a avançar e chegou a uma parede que fechava uma espécie de páteo interno.

Tateando ao longo do mesmo pôde encontrar a entrada. Prudentemente lançou um olhar para o interior. A luz vermelha da retaguarda do *coupé*, brilhava a poucos metros de distância.

Esperou um minuto, para o caso do homem perseguido ainda não haver entrado na casa. Porém o pátio estava silencioso. Caminhou com mais decisão e chegou à retaguarda do veículo. Os faróis principais estavam apagados, mas os da retaguarda continuavam brilhando. A pouca distância, à esquerda, estava uma janela fracamente iluminada. Caminhou para ela e com os polegares tentou abrir o chasis. Êste resistiu. Com a ajuda da lanterna verificou que o fecho estava descido. Rebuscou em suas algibeiras e pôde achar uma faca e, com uma ligeireza que muito teria surpreendido aos seus clientes, inseriu a ponta da lâmina entre as duas partes do chassis e com um ligeiro empurrão pôde abri-las.

Esperou ansiosamente, temendo que o estalido embora ligeiro tivesse chamado a atenção dos que se achavam no interior. A seguir, levantando a guilhotina externa saltou para dentro da casa.

O compartimento em que se achava era uma espécie de despensa, pois logo sentiu o cheiro de alimentos — e, segundo pensou — de alimentos velhos. Uma espécie de umidade mofada, bastante desagradável, enchia a atmosfera. Caminhou para o local onde, segundo imaginou, devia estar a porta. Estava fechada. Acendeu a lanterna por um segundo.

Numerosos ganchos, naturalmente para o presunto ou a caça, estavam fixados à parede. Alguns sacos se abriam pelo chão. Fora êsses detalhes, o compartimento estava vazio.

Felizmente a porta não estava fechada a chave. Torceu o trinco e se viu num corredor. Depois, repentinamente, fêz meia-volta, para retirar o pesado sobretudo; a seguir, curvando-se, retirou os sapatos e enterrou a mão direita no bôlso exterior do paletó, onde colocara o revólver antes de sair de sua própria casa.

Vencido o corredor, chegou a uma porta coberta por um reposteiro de veludo verde. Abriu-a e se encontrou no vestíbulo principal da casa. Estava tudo sombrio, mas pôde entrever um pouco de luz em qualquer parte acima da sua cabeça.

Então, repentinamente, um grito terrível, que lhe gelou o sangue nas veias, ecoou pela casa, quebrando violentamente o pesado silêncio da noite de inverno.

CAPÍTULO XVI

As explicações de Blunder

O grito se repetiu.

De pé, na escuridão, pareceu ao Dr. Hailey não haver jamais ouvido grito mais emocionante, lembrando ao mesmo tempo o de uma criança, prêsa de pesadelo e os uivos de um animal ferido.

Não eram, entretanto, os gritos de alguém apavorado. Êsse gênero de grito, fàcilmente distinguido por qualquer ouvido, estava ausente das modulações agudas.

(*Continua no próximo número*)

A CIÊNCIA E A ALIMENTAÇÃO

"A civilização poderá ser esmagada pela fome, a não ser que a ciência possa aumentar, imediatamente, a produção mundial de alimentos".

Esta previsão foi externada, recentemente, pela maior autoridade em problemas de alimentação mundial — Sir John Boyd Orr, Diretor Aposentado da Organização Alimentar e Agrícola das Nações Unidas. Se as nações do mundo desejam evitar a catástrofe, deverão orientar os seus esforços para um movimento generalizado, cujo escopo seja a máxima produção de alimentos.

Os fatos, segundo Sir John ponderou, são simples. Atualmente, o mundo possui 150.000.000 de habitantes a mais que em 1938 e, não obstante, a guerra devastou uma grande proporção das áreas em estado potencial de produção. Nos anos antecedentes a 1939, só a Europa produzia cêrca de 61 milhões de toneladas de trigo e centeio, anualmente. Após o terrível inverno de 1946-7 essa cifra baixou para 36 milhões de toneladas. De acôrdo com os estudos realizados nesse setor, a produção mundial de alimentos terá que ser duplicada nos próximos 25 anos — mas a perda de fertilidade, devido à séria erosão da terra já explorada constitui um grave obstáculo e faz com que se torne difícil manter o presente e inadequado nível de produção.

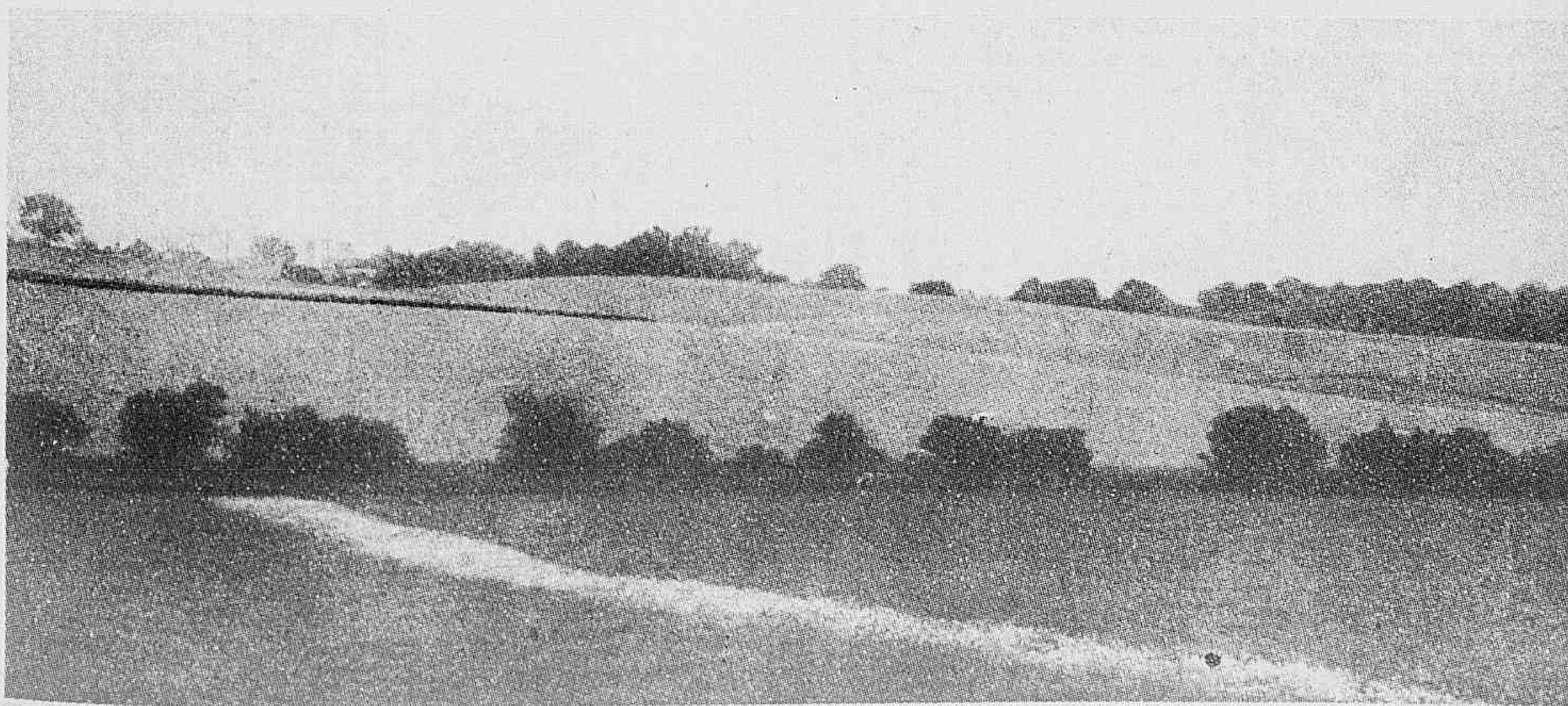
Sir John Boyd afirmou que, em sua opinião, a tragédia final pode ser evitada, se forem tomadas providências rápidas e enérgicas. "Se a ciência fôr aplicada com bastante presteza, a perda de fertilidade poderá ser detida e a produção aumentará, numa proporção mais elevada que o possível potencial do acréscimo da população".

A CRISE DE NITROGÊNIO

Os apelos aos cientistas para que combatam a fome iminente não constitui novidade. Precisamente há 50 anos atrás, a agricultura teve que enfrentar semelhante ameaça. A crise foi originada pelo rápido esgotamento dos campos de nitrato do Chile, a mais importante fonte de fertilizantes azotados, naquela época. Para manter os resultados das safras num elevado nível de produção, proporcionando alimentos a uma população que crescia ràpidamente, os fertilizantes azotados constituíam um fator de capital importância, pois o nitrogênio representa um dos três elementos mais valiosos das plantas, sendo que os outros são: fósforo e potássio. A importância do nitrogênio para o mundo faminto representa um valor essencial, pois através do seu emprêgo correto e adequado as safras poderão ser duplicadas, ou mesmo triplicadas.

A atmosfera contém nitrogênio em quantidades ilimitadas, porém, até o século

Um campo de cereais tratado com fungicida e com "faixa-testemunha" da praga.





Estação experimental de Fernhurst, Sussex.

dezenove não se conhecia nenhum método econômico para a sua conversão em adubo. Em 1898, Sir William Crookes, presidente da Associação Britânica, e um dos mais eminentes cientistas de sua época, começou a dedicar maior atenção à solução dêsse problema. "A fixação do nitrogênio é vital para o progresso da humanidade civilizada". Felizmente, o cabedal de conhecimento científico daquela época estava à altura do problema em questão. Poucos anos após era obtido o nitrogênio da atmosfera.

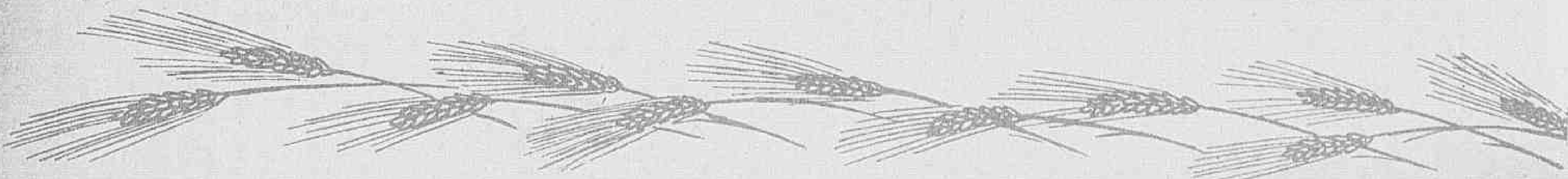
Atualmente, 75% dos fertilizantes azotados do mundo têm a sua origem nos processos para a fixação do nitrogênio atmosférico. A manutenção dessa produção é vital para os povos de tôdas as nações. Uma alimentação adequada é para muitos milhões de europeus e asiáticos apenas um sonho, mas, mesmo assim, seus atuais "standards" de alimentação só se tornam possíveis pela pronta disponibilidade do azôto extraído do ar.

Os fertilizantes ainda são escassos, em muitos países, mas o mundo já não encara a carência do nitrogênio como um problema insolúvel.

A CIÊNCIA, A AGRICULTURA E A INDÚSTRIA QUÍMICA

O extraordinário desenvolvimento da produção e do emprêgo de fertilizantes azotados constituem um dos maiores progressos jamais realizados em prol da agricultura. E', também, um dos exemplos mais frisantes da inter-dependência da agricultura e da indústria química, bem como da vital importância que, para ambas, assume a pesquisa científica.

A fascinante história das atividades agrícolas, nos últimos 100 anos, encerra muitos exemplos da obtenção de novos produtos químicos aplicados com sucesso à agricultura, com o conseqüente aparecimento de novas áreas no mundo destinadas à lavoura, relegando-se assim ao esquecimento os antigos preconceitos dos agricultores. Os novos fertilizantes não seriam usados pelos fazendeiros se a indústria química não achasse um meio de produzi-los econômicamente. Uma nova droga para o combate das moléstias dos animais, também não produziu efeito persuasivo até que a mesma pudesse ser lançada no mercado, por preço acessível e que



os fazendeiros aprendessem a compreender a sua utilidade. Ainda mais, um novo medicamento pôde possibilitar aos sêres humanos, a capacidade de transformar uma zona selvagem, dominada pela febre, numa área salubre e altamente produtiva.

E' óbvio, portanto, que a agricultura, a ciência e os fatôres econômicos não podem ser considerados separadamente, o que foi constatado pelas indústrias que suprem as necessidades das atividades agrícolas.

Por conseguinte, não é de surpreender que alguns dos maiores centros de pesquisa agrícola de todo o mundo tivessem sido fundados pela indústria química.

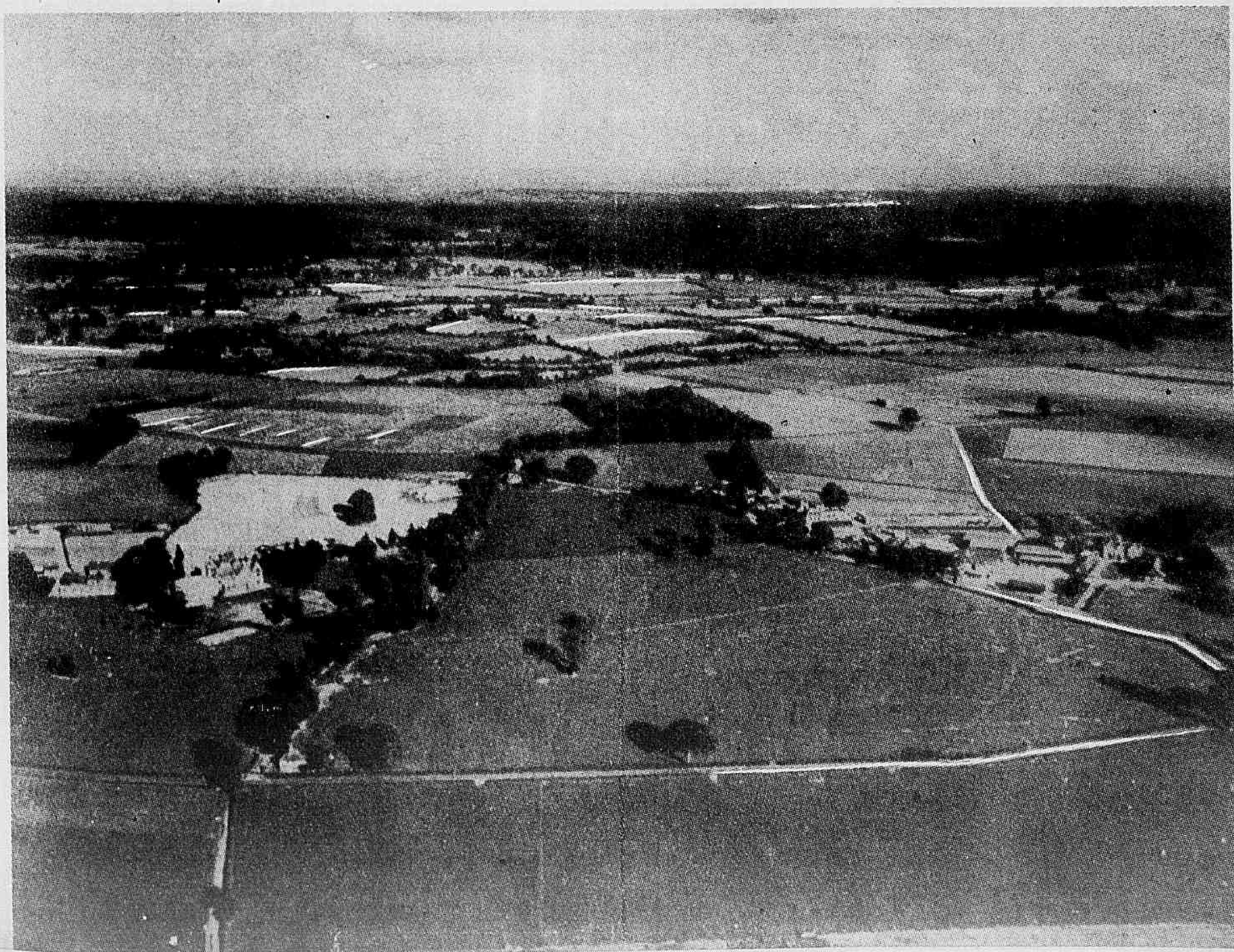
O mais complett centro de pesquisas agrícolas do Império Britânico, foi aquêle que a Imperial Chemical Industries Ltd. — o maior fabricante britânico de produtos químicos — elaborou e construiu.

Ésse centro executa a função vital de fornecer fertilizantes, ervicidas, drogas e produtos químicos, de tôdas as espécies, à quase totalidade dos países do mundo. As drogas veterinárias aperfeiçoadas por êsses laboratórios para a erradicação de vermes dos carneiros e do gado vacum — estão sendo empregadas, com êxito, em tôdas as partes do universo, contribuindo assim para uma produção maior de alimentos. A importância dessas drogas pode ser avaliada pelo fato de que, sòmente na Grã-Bretanha, 50.000 carneiros e ovelhas morrem, anualmente, devido à infestação de vermes. Em média, 5% de carneiros perecem dêsse mal e outros 25% ficam sèriamente afetados. Outros produtos reduzem as perdas ocasionadas às safras, pelas ervas daninhas, de modo radical. Tais danos, muitas vêzes, representam uma percentagem que atinge 20 a 100%.

O gafanhoto, o maior inimigo dos agricultores, em muitos países do mundo, foi completamente eliminado, em algumas zonas, pelo emprêgo do "Gammexane". Entre os inseticidas conhecidos, êste é o de maior potência contra o maior número de insetos. Consegue-se a destruição total dos gafanhotos com a aplicação de quantidades tão pequenas, como, por exemplo, 2 libras para cada acre de terra, sendo que o contrôle completo poderá ser obtido num tempo, cuja duração varia de 1 a 24 horas.

A malária é outro inimigo mortal da produção de alimentos. Além de ser a mais mortífera dentre as moléstias, produz um efeito devastador e incalculável sôbre o esfôrço e o caráter humanos. A notável e recente droga anti-malárica, a "Paludrine", poderá, muito bem, vir banir a malária da face da terra.

Vista aérea, mostrando, à esquerda, os laboratórios de Hawthordale e a Estação Experimental de Jeallot's Hill, onde os novos produtos químicos são submetidos a experiência





Polvilhamento de uma plantação de cana de açúcar em Trindade, com fungicida.

A relação de tais produtos químicos é ilimitada. Certamente, o seu aperfeiçoamento e a sua produção econômica só se tornam possíveis, quando elaborados em conjunto com uma organização de pesquisa eficiente, cujo perfeito serviço de informações ministre aos agricultores os ensinamentos sôbre o melhor meio de se utilizar os seus produtos. Êsse serviço único — de fabricação, pesquisas e informações tem as suas raízes em companhias que hoje fazem parte da história, porquanto, muitas dessas firmas que mais tarde se amalgamaram para formar a I.C.I. foram pioneiras na fabricação de produtos químicos — cal, sal, explosivos, desinfetantes e de outros elementos valiosos, de emprêgo indispensável na lavoura.

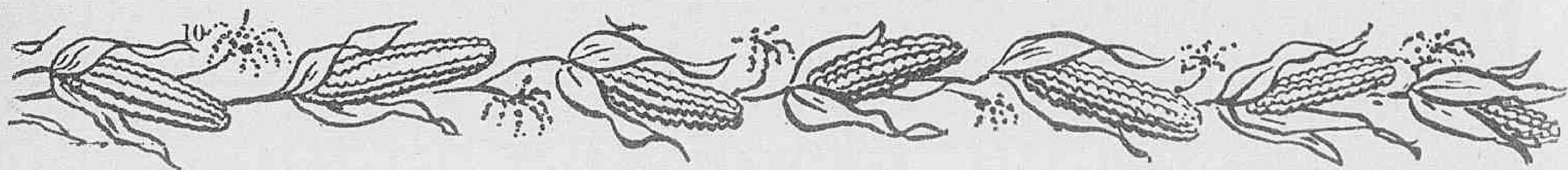
Para aumentar tais conhecimentos, a I.C.I. iniciou, imediatamente, um extensivo programa de pesquisa que, desde então, tem exercido um efeito marcante sôbre as práticas da agricultura, em inúmeros países.

NITROGÊNIO — PONTO DE PARTIDA

Hoje em dia, o escopo das pesquisas agrícolas se ampliou consideràvelmente. Entretanto, era inevitável que muito do trabalho original — levado a efeito na primeira das estações experimentais de Jealott's Hill — fôsse baseado na fabricação e emprêgo de fertilizantes azotados. Êstes são produzidos em grande escala, em Billingham, atualmente o maior conjunto manufatureiro da indústria química do Império Britânico e o segundo do mundo, em tamanho.

Partindo do trabalho original sôbre fertilizantes, essa estação experimental expandiu ràpidamente suas atividades. Do acêrvo de suas realizações consta o trabalho de incentivo e de interêsse, efetuado entre a classe dos agricultores, visando a melhor utilização e administração das pastagens. Para a Grã-Bretanha, êste ponto é de importância capital, porquanto, a produção de forragens constitui a principal colheita da nação.

Outra linha de investigação que obteve grande êxito foi a que se orientou no sentido da preparação e emprêgo adequado do capim sêco, cujo valor, em nossos dias, é de elevada importância, devido à carência mundial de concentrados para animais. O capim sêco poderá, eventualmente, exercer um efeito considerável no abastecimento do leite e da carne, pois essa forragem representa uma fonte de supri-



mento de proteína, substância tão essencial para os animais como para o gênero humano.

Mas, as pesquisas não têm fronteiras. Logo a seguir, tornou-se indispensável organizar um centro de combate às pragas, através de um programa de estudo para o contrôle de insetos, fungos e outras doenças. A indústria química produz inúmeros medicamentos teis para a destruição das pragas e o valor de cada um dêles só poderá ser aquilatado se os agentes causadores dos males correspondentes se encontrarem a mão. Em nossos dias, o Centro de Contrôle de Pragas, em Hawthorndale, mantém criações de muitas espécies de insetos e até possui o único enxame de gafanhotos criados em cativeiro na Grã-Bretanha.

Êsse estabelecimento, pioneiro no seu gênero, tem sido o berço de incontáveis produtos, que vêm prestando auxílio inestimável aos agricultores em todo o mundo.

Enquanto as pesquisas de caráter intensamente agrícola se desenvolviam em Jeallot's Hill, a enorme fábrica de Billingham expandiu seus interêsses no setor agrícola, através da produção de um novo e benéfico fertilizante. Êste produto é a combinação do nitrato de amônio com o carbonato de cálcio. Graças à sua facilidade de aplicação, quer seja manual ou por meio de máquinas, os agricultores consideram-no um produto ideal para as suas lavouras. O nitrato de amônio, contido no mesmo, é mais rápido na sua ação que o sulfato de amônio e o seu conteúdo em cal anula a acidez do solo.

Outro relevante serviço prestado à comunidade agrícola Britânica, foi o lançamento de um outro fertilizante concentrado completo, tendo como base o fosfato de amônio. Tais tipos de fertilizantes contêm nitrogênio, fósforo e potássio e, por conseguinte, constituem um suprimento dos principais elementos minerais de nutrição, de que tanto necessitam as colheitas comuns. A significação dessas contribuições para a ciência agrícola pode ser hoje apreciada em suas proporções exatas. O recente relatório do Conselho Alimentar e Agrícola da ONU, insiste, ainda, na necessidade do aumento de produção. Sòmentes através da produção de safras maiores é que o suprimento mundial de alimente através da produção de safras maiogrande proporção, êsse aumento depende da capacidade de produção dos fertilizantes, e, conseqüentemente, da indústria química.

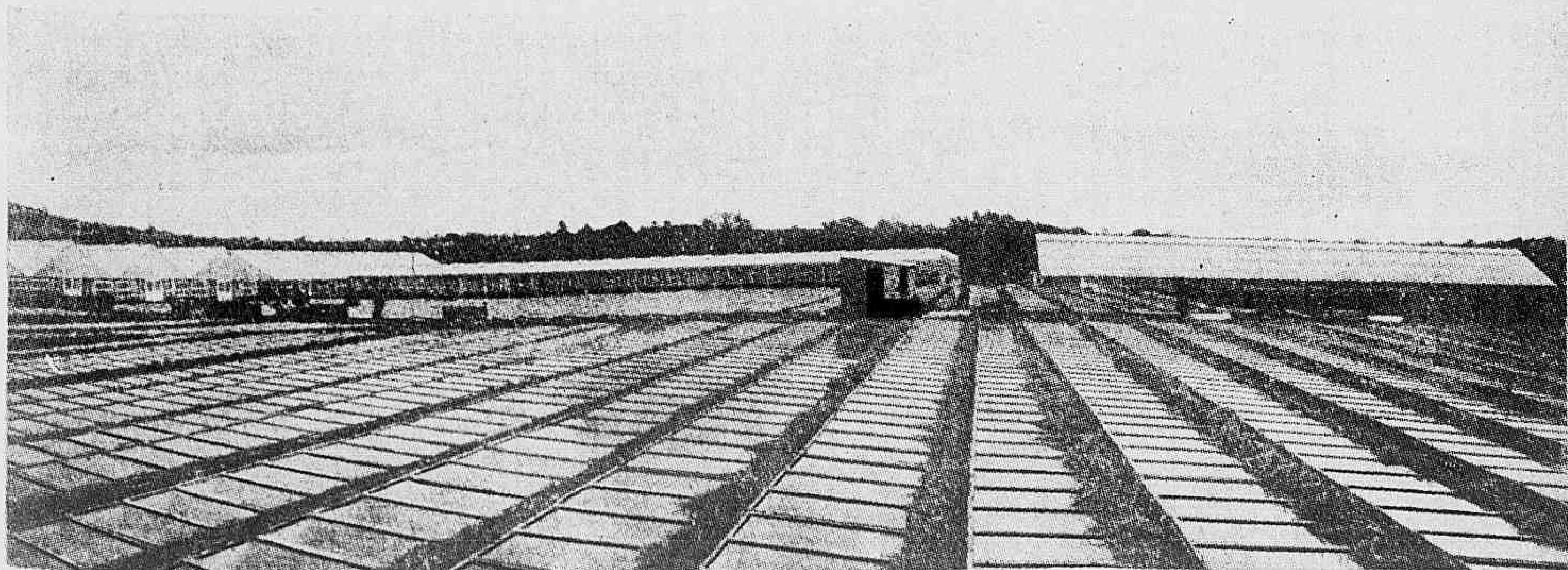
ERVAS DANINHAS

Colheitas abundantes dependem de muitos outros fatôres e um dêles consiste no contrôle eficaz das ervas daninhas. Nesse setor as pesquisas já realizadas produziram resultados brilhantes.

Desde as primeiras épocas da prática da agricultura, os lavradores sempre estiveram à procura de um composto que não prejudicasse suas culturas e, ao mesmo tempo, exterminasse as ervas daninhas. Socorridos pela ciência, os agricultores de nossos dias têm ao seu alcance vários produtos químicos, que atuam por um princípio inteiramente novo e de ação seletiva. Matam a maioria das plantas que começam a sua vida com duas fôlhas (dicotiledôneas), mas não têm poder sôbre as gramíneas, ou cereais, os quais iniciam sua vida com uma única fôlha.

As ervas daninhas mais comuns na Grã-Bretanha, são quase tôdas dicotiledôneas; por conseguinte, os produtos espalhados em campos de trigo, exterminarão muitas ervas de importância comercial, deixando as culturas ilesas e na única posse dos campos.

A descoberta dêsse princípio seletivo surgiu de trabalhos sôbre hormônios sintéticos. Nas plantas como nos animais, os hormônios controlam o crescimento, mas foi observado que alguns hormônios sin-



Conjunto de estufas da Seção de Horticultura, de Feernhurst, Inglaterra.



O bicho-arame, causador de enormes prejuízos à lavoura, de tamanho aumentado.

téticos, ao invés de auxiliar, impedem o crescimento ou desenvolvimento de determinadas plantas.

Conseqüentemente, foi descoberta a ação seletiva dêsses hormônios e avaliado o seu alcance.

A produção, distribuição e armazenagem dos alimentos pressupõem uma grande luta contra milhares de pragas de tôdas as espécies. O relatório da Organização Alimentar das Nações Unidas chamou a atenção de todos os países no sentido de evitar as enormes perdas atuais, acarretadas pelos insetos roedores e outras pestes. Naturalmente, êste é um problema, para cuja solução o Centro de Contrôle de Pragas, de Hawthorndale, está muito bem equipado e desempenham papel preponderante numa das mais dramáticas descobertas que vieram à luz do conhecimento humano, nestes últimos anos, com relação ao contrôle das pragas: a evolução de um inseticida mortal para quase tôdas as espécies de insetos, mas, pràticamente, inofensivo para o homem e para os animais. Mata grande número de insetos que outros inseticidas deixam imunes e pode ser empregado sob a forma de pó, na conservação de alimentos, sem prejudicá-los. Deduz-se que, devido à sua ação eficaz no combate ao "bicho-arame", poderá salvar, só na Grã-Bretanha, 50.000 toneladas de cereais, anualmente.

No Brasil o hexacloreto de benzeno (BHC), está sendo empregado com grande sucesso, no combate à broca do café e às pragas do algodoeiro.

Nos Estados Unidos da América do Norte, na África, no Oriente Próximo e na América do Sul, tem destruído nuvens de milhões de gafanhotos. A vitória dêsse produto sôbre a grande invasão de gafanhotos na Sardenha, em 1946, marcou época na história. A UNRRA solicitou urgentes suprimentos do mesmo e dentro de poucos dias o flagelo foi completamente dominado. Recentemente, na Índia, fêz cessar uma grave ameaça ao suprimento de cereais que estavam sendo danificados, ràpidamente, nos armazéns, pelos gorgulhos e na África do Sul a ameaça do *Carrapato Azul* tem sido combatida com resultados amplamente satisfatórios.

O triunfo mais recente do produto teve como teatro a América do Sul, onde ficou comprovado que pode exterminar o "barbeiro", portador da moléstia de Chagas, cujos efeitos mortais atingem grande número de habitantes dêste continente. Até então, o "barbeiro" tinha resistido a todos os inseticidas conhecidos.

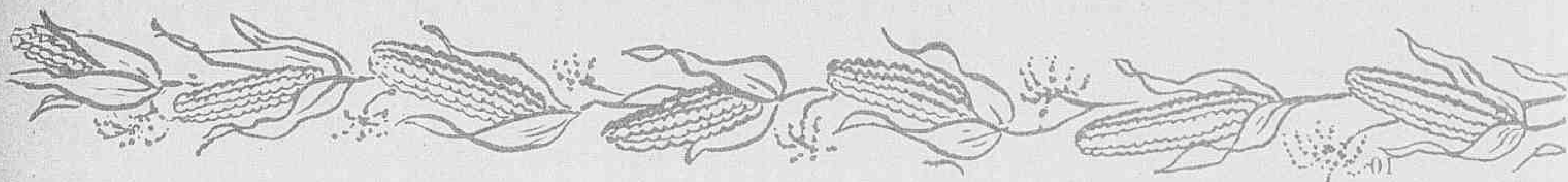
A capacidade de pesquisa e produção auxilia os agricultores de todos os recantos do mundo, direta ou indiretamente, na solução do problema vital da produção de maior quantidade de alimentos, numa mesma área de cultivo e na do problema correlato de incorporar maior superfície de terra para o cultivo com igual eficiência.

Os produtos destinados à melhoria das colheitas evitam as moléstias das plantas e dos animais, aumentam a eficiência das safras e, no armazenamento dos cereais, protegem contra o ataque dos insetos, reduzindo, também, os efeitos das moléstias nos trabalhadores rurais — fatôres que exercem um efeito direto sôbre a situação de alimentos, sob todos os seus aspectos.

Não constitui surprêsa dizer-se que atrás de todos êsses produtos e do aperfeiçoamento técnico que possibilitou a sua fabricação, está uma única organização. Essa organização, trabalhando dentro do quadro da Imperial Chemical Industries Ltd., é conhecida por Centro de Contrôle Agrícola, a qual é responsável pela orientação e execução das pesquisas. A função de maior alcance dessa Organização consiste na investigação dos problemas agrícolas mundiais e na utilização dos mais modernos conhecimentos científicos em prol da lavoura em geral.

Os especialistas do Centro de Contrôle Agrícola estão estudando o problema da alimentação em diversos países e, de acôrdo com o meio, estão sendo efetuados testes de contrôle na África e na América do Sul. As moléstias que atacam as colheitas na Índia estão sendo objeto de acurado estudo, bem como os problemas de nutrição das plantas e o contrôle das pragas na China Oriental.

O Centro de Contrôle Agrícola e a Indústria química britânica constituem uma fôrça de enorme potência na luta que se trava atualmente. Não uma luta entre nações, mas de tôdas as nações contra o seu mais antigo inimigo comum — A FOME.





A "BOA RESPOSTA" DO MÊS

UMA senhora da mais alta aristocracia de Boston certa vez cumprimentou friamente o Dr. Johnson e, indagada sôbre a razão dessa atitude, censurou severamente o famoso lexicógrafo norte-americano "por ter o mesmo incluído em seu dicionário inúmeras palavras que a dama julgava imprópria e terrìvelmente condenáveis."

— Não tem o senhor algum senso de decência? — trovejou ela — Ou está procurando corromper todos os que têm a má sorte de ler o seu dicionário? Não sabe, então, que certas palavras nunca deveriam ser impressas?

— Minha senhora — respondeu, polidamente, o Dr. Johnson — Por certo a senhora mesma não se ofenderia, se já não as conhecesse...

CONSELHOS AOS AGRICULTORES

CUIDADO COM AS AVES DOMÉSTICAS

O leitor já teve ocasião de provar um ôvo com um ligeiro sabor de alguma substância química? Provàvelmente isso já lhe aconteceu, pois o fato é bem comum. A responsabilidade de tão desagradável fato cabe aos desinfetantes usados pelos avicultores para a limpeza dos galinheiros. As soluções muito fortes afetam, fatalmente, os ovos frescos. O aconselhável, portanto, é usar-se uma solução de soda cáustica, pois é um remédio leve e sem cheiro.

A soda cáustica deve ser misturada na proporção de uma vasilha para dez galões de água. A solução é, em seguida, espalhada por todos os pontos onde as galinhas podem andar, depois de serem bem raspados todos os detritos e impurezas. Para isso pode-se usar qualquer escôva velha e basta fazer essa limpeza uma vez por mês.

PREJUÍZOS CAUSADOS PELOS INSETOS

Os prejuízos causados, no sul dos Estados Unidos, pelas devastações provocadas por oito espécies diferentes de lagartas que atacam as plantações de algodão, montam, por ano, a cêrca de 600 milhões de dólares, segundo se calcula. Imagine-se o total do prejuízo causado pelos insetos em todos os países produtores de algodão do mundo. Só no Estado do Texas, os prejuízos foram calculados, durante o ano de 1950, em 107 milhões de dólares. E o mais triste de tudo é que tais prejuízos são inteiramente desnecessários, pois não faltam, nos Estados Unidos inseticidas capazes de debelarem a praga.

Os principais inimigos das plantações de algodão são o "boll weevill" e o "bollworm". Seguem-se o pulgão, a vespa vermelha, o "fleahopper", "tramishe plant bug", "rapid plant bug" e os lagartos das fôlhas de algodoeiros.

Os melhores inseticidas para o combate a essas pragas são os seguintes: para o "boll weevill", "bollworm", e lagartos das fôlhas de algodoeiro, o arseniato de cálcio e o BHC (hexacloreto de benzina); para os pulgões, "fleahopper", "tarnished plant bug" e "rapid plant bug", combinações de BHC e DDT.

★

★ E' possível alimentar-se, satisfatòriamente, o gado embora o feno não seja de boa qualidade, juntando-se a êle óleo de soja e óleo de fígado.

★ Um bom meio para se escolher um porco de boa engorda é verificar se sua cauda é lisa e sem protuberâncias.

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

JOSE' RICARDO NETO

Um sistema ortográfico, para se impor ao uso comum, deve corresponder tanto quanto possível, à prosódia atual, respeitando, ao mesmo tempo, as razões decorrentes da tradição.

JOSE' RICARDO NETO

A ORTOGRAFIA SIMPLIFICADA

O sistema ortográfico vigente, em suas linhas gerais, não merece refutação, porque tem bases científicas.

Os fenômenos de evolução fonética repetem-se com maior ou menor uniformidade, donde as leis correspondentes, isto é, as leis fonéticas, que condensam fatos glóticos populares. A palavra evolve porque o povo deturpa a sua pronúncia; ora, variando a pronúncia, conseqüentemente há de variar o modo de escrever. Não se admitiria que escrevêssemos *mensa*, forma primitiva do atual vocábulo *mesa*, quando a prosódia aconselha esta última, que é a usada. O mesmo se deu com *defensa*, de que resultou *defesa*. Andou bem, portanto, a comissão elaboradora da reforma, quando eliminou as consoantes insonoras. Os latinos escreviam *promptus* porque pronunciavam tôdas as letras. Nós, hoje, dizemos *pronto* e outra não deve ser a representação gráfica: *pronto*. Tem-se o antigo grupo *mp* reduzido a *n*.

E' razoável escrever *ciência* sem o *s* inicial, embora o vocábulo proceda de *scientiam*. Já se não escrevia *centelha*, de *scintilla*? Julgamos que a redução do grupo *sc* a *c* não deveria ocorrer apenas no início (*cetro, cena, cisão*) mas também no meio das palavras. Grafaríamos *crecer*, *nacer*, etc., obedecendo à prosódia e à história da língua.

A conservação do *h*, aconselhado pela etimologia, é inteligente: repugnaria grafar *omem, oje, onesto*, uma vez que as fontes respectivas são *hominem, hodie, honestum*. No futuro, será viável tal simplificação. Convém deixar que a vista se habitue com as demais simplificações introduzidas. Entretanto, o étimo aconselha *ontem, ombro* e *Espanha*: *ontem*, de *ad+noctem*; *ombro*, de *umerum* (segundo Bréal, Walde e Antoine) e não de *humerus*, inexistente; *Espanha*, de *Spania*. Quanto a *húmido*, também se pode escrever *úmido*, conforme nos reportemos ao latim *humidus* ou *umidus*. Melhor seria consagrar apenas *úmido*.

O emprêgo do *s* e do *z* acha-se perfeitamente regularizado: cada uma dessas letras está no lugar que lhe compete pela história da língua (*). Sabe-se que o grupo *ns* latino dá *s*, em português. Daí *asa*, de *ansa*, *mês*, *de mense*. Os grupos *ce* e *ci* dão *z*: *facere* → *fazer*; *fecit* → *fêz*. E' certo que o povo não conhece a origem das palavras: aprenderá a escrita pela memória visual, assim como aprendeu que *hoje* se escreve com *j* e não com *g*.

A acentuação é que, — apesar de racional — apresenta incoerências para quem busca simplificar. E' certo que o acento grave e o trema registram modalidades prosódicas: há *freqüentar* e *aquecer*, *argüir* e *seguir*. Mas essas inovações, se contribuem distinções fonéticas, muito se afastam da facilidade. Acresce que aquela distinção já se fazia: pronunciava-se o *u* de *freqüentar* e não se pronunciava o de *aquecer*. Também é impertinente o trema para dissociar vogais: *saüdade, saïmento, ruïnar*. Bastaria a indicação do hiato em vocábulos que tais: *saúde, ruína, ruído*. Dois sinais apenas poderiam desempenhar as funções de acentuação: o acento agudo e o acento circunflexo. Aquêle usado sôbre as vogais *a, e* (aberto), *i, o* (aberto), *u*, êste sôbre as vogais *a, e, o* (fechadas). Acentuar-se-iam as palavras tônicas: *tímpano, pêssego, Níquel, fútil, cônsul, café*.

A diferenciação dos homônimos é desnecessária, às vêzes tola. Acentua-se *tôda* (para diferenciação de *toda*, nome de pássaro), porém *todo* não leva acento; *refrêsco* (v.); porém *refrescos*, pl., não. Essas filigranas geram confusão e desânimo.

Fora dos limites da acentuação, é difícil argumentar contra o sistema gráfico vigente. Êle tem raízes na reforma de 1911, elaborada em Portugal, por um grupo de filólogos eminente, onze a princípio, dez, depois, pelo afastamento de Epifânio Dias: Adolfo Coelho, Leite de Vasconcelos, Cândido de Figueiredo, Gonçalves Viana, J. J. Nunes, Borges Grainha, Calorina Michaelis, Júlio Moreira, Ribeiro de Vasconcelos e Gonçalves Guimarães. Os mais modernos conhecimentos de glotologia, adquiridos por Bréal, Bourciez, Grandgent, Meyer Lübke, Niedermann, Walde e outros, foram invocados por essa plêiade magnífica de estudiosos portuguêses.

(*) Uma das dificuldades que o sistema ortográfico vigente não pôde afastar é o do emprêgo do *s* e do *z*. Para os incipientes é estranhável que tais consoantes apareçam em vocábulos como *analisar, finalizar, avisar, mesa, avareza, defesa, justeza*, onde pensam existir analogia de desinência. E surgem, em nome da propalada simplificação, uma regra prática, que preconize, por exemplo: entre vogais só se emprega **z**. Teríamos, então: defeza, meza, avizar...

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM JUNHO DE 1952

1 — DOMINGO

Contrariando as determinações do Parlamento, o Presidente Rhee continua no firme propósito de não pôr em liberdade os deputados presos como conspiradores nem suspender a lei marcial. — Um relatório divulgado em Londres revela que está apresentando acentuada melhora o algodão brasileiro. — O "Journal of Commerce" ocupa-se das negociações em curso para a concessão de um empréstimo do Banco de Importação e Exportação ao Brasil. Declara-se que a operação está sendo dificultada pelo decreto do govêrno brasileiro que restringe o retôrno de capitais. — E' confirmada a sentença de morte imposta ao nacionalista portorriquenho Oscar Collazo. — Falece, em Belo Horizonte, o Professor Nelson de Sena, ex-deputado federal.

2 — SEGUNDA-FEIRA

O Vice-Presidente do Senado Federal, Sr. Marcondes Filho, é recebido pelo Papa Pio XII e pelo Presidente Ernaudi. — Com a presença do General Franco realiza-se a sessão de encerramento do Congresso Eucarístico Internacional efetuado em Barcelona. O Papa enviou fervorosa mensagem aos congressistas. — O General Mark Clark resolve intervir na disputa entre o legislativo e o executivo da Coréia do Sul, tendo conferenciado longamente a respeito com o Sr. Rhee. — A Côrte Suprema Norte-americana confirma a decisão que considera ilegal a encampação governamental dos estabelecimentos siderúrgicos. Em conseqüência dessa resolução é imediatamente convocada uma greve nacional dos trabalhadores naquela indústria. — O Govêrno brasileiro reconhece o govêrno estabelecido na Bolívia.

3 — TÊRÇA FEIRA

Tropas inglêsas, auxiliadas por policiais alemães, isolam completamente o edifício onde funciona uma emissora soviética, situada no setor inglês de Berlim. Os russos, por sua vez, restringem mais ainda o tráfego entre a capital alemã e a zona ocidental. Enviada uma nota de protesto soviético contra o bloqueio estabelecido pelos britânicos. — O govêrno francês toma severas providências para enfrentar a situação criada com a convocação da greve geral pelos comunistas. Os servidores públicos são advertidos de que serão punidos com demissão se participarem da citada greve. — O govêrno Pinay consegue nova vitória na Assembléia Nacional, obtendo um voto de confiança sôbre a questão do salário. — Continuava sem solução a crise entre o Presidente Syngnman Rhee e os membros oposicionistas da Assembléia Nacional. — O Presidente Truman, em nota dirigida ao Presidente Rhee, faz uma advertência a propósito da gravidade que poderá assumir a crise política reinante na Coréia do Sul. — Festivamente recebido em Washington o Sr. Walter Moreira Sales. O novo embaixador brasileiro junto ao govêrno norte-americano concede uma entrevista à imprensa focalizando as relações entre o Brasil e os Estados Unidos. — Noticia-se que os resultados apurados nas eleições realizadas no Equador favoreceram, por larga maioria, o candidato independente Velasco Ibarra. O candidato conservador, Alarcon, declara que pretendem prejudicá-lo mediante fraude. — Chuvas torrenciais causam graves inundações na capital me-

Racé

O pêlo nas pernas, braços e axilas compromete a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

A venda nas boas perfumarias.

Laboratórios VINDOBONA

Rua Uruguaiana n. 104 - 5.º - Rio

O perfeito destruidor do pêlo

Racé

LABORATORIOS VINDOBONA BRASIL

Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório «Racé».

NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....

E.S.T. — R-

xicana. — O govêrno boliviano estabelece o monopólio estatal das exportações de minérios. — O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando o Sr. Denis Malta Ferraz, Diretor do Hospital de Neuro Psiquniatria Infantil. — Apresenta credenciais ao Sr. Presidente da República o novo Embaixador da Índia.

4 — QUARTA-FEIRA

Um comunicado do Gabinete do Presidente do Conselho de Ministros diz que o govêrno francês mantém e continuará mantendo a ordem em todo o país, e acrescenta que os trabalhadores franceses demonstraram, de forma concludente, sua desaprovação aos métodos estrangeiros dos políticos comunistas. — O Sr. Segadas Viana, Ministro do Trabalho, é eleito, por unanimidade, Presidente da XXXV Conferência Geral da Organização Internacional do Trabalho. O Dr. Segadas Viana é proposto para presidente pelo delegado venezuelano Victor Montoya — O General Juan Domingo Peron presta juramento como Presidente da República da Argentina inaugurando o novo período, para o qual foi reeleito recentemente. — No Palácio Itamarati, realiza-se a troca de notas destinadas a consubstanciar o Acôrdo Comercial entre o Brasil e a Itália, tendo falado o Sr. Ministro João Neves da Fontoura e o Encarregado de Negócios da Itália. — Os comunistas orientais alemães colocam barreiras ou postam gaurdas em tôdas as ruas que conduzem da Berlim Ocidental para a Oriental, e mostram-se indignados pelo fato de os britânicos haverem bloqueado a rádio de Berlim controlada pelos vermelhos. Pelo segundo dia consecutivo, as tropas britânicas mantêm o cêrco à Rádio Berlim, a qual constitui "um corpo estranho" no seu setor, impedindo que os empregados da mesma ali penetrassem. — O Senador Robert A. Taft leva uma vantagem de quase mil votos sôbre o General Dwight D. Eisenhower, ficando sòmente 175 mesas ainda por apurar, nas eleições primárias de South Dakota. As fôrças de Eisenhower não se dão contudo por vencidas. A contagem até agora, é: Taft, 63.196; Eisenhower, 62.201. — As tropas norte-americanas entram novamente em ação para restabelecer a ordem em diversas seções do campo de prisioneiros da ilha de Koje. Apoiados pelos tanques e pelos lança-chamas, os soldados norte-americanos derrubam todos os mastros de bandeiras e cartazes. — O Sr. Senador Marcondes Filho é recebido pelo Presidente do Senado da Itália, durante a sua estada em Roma. — O Papa Pio XII é acometido de ligeiro ataque de influenza. Tôdas as audiências são suspensas. Os médicos de Sua Santidade recomendam-lhe repouso completo, mas que poderá receber esta semana o Cardeal Spellman, de Nova York.

CORPO ESBELTO E FACEIRO!

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

À venda nas boas Farmácias.

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravòs, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a marca BISCUIT)

MULTIFARMA

Rua Direita, 191 — 6º andar

SÃO PAULO
Remessas pelo Reembôlso.

5 — QUINTA-FEIRA

Fracassa na França o movimento grevista articulado pela Confederação Geral do Trabalho. Mesmo nos locais em que é tida como prestigiosa a influência comunista, os operários retornaram ao trabalho. — Jacques Duclos dirige uma carta ao Presidente da Assembléia Nacional, Sr. Herriot. — O General Eisenhower critica a política externa do govêrno Truman, culpando-a pela ocupação da China pelos comunistas. — Truman concede uma entrevista à imprensa na qual se refere à situação internacional, tendo ocasião de dizer que não espera o irrompimento de uma guerra neste verão. — Inalterada a crise política na Coréia do Sul, mantendo suas posições o Presidente Rhee e os membros oposicionistas do Parlamento. — O Embaixador norte-americano está sendo aguardado em Pusan com uma mensagem do Presidente Truman. — Anuncia-se que o Chefe do Govêrno sul-coreano ameaça retirar suas tropas do "front" caso aumente a pressão estrangeira. — O Embaixador Walter Moreira Sales declara que o Chanceler Dean Acheson visitará o Brasil na primeira semana de julho próximo. — A oficialidade do "Almirante Saldanha" é homenageada pela Marinha portuguêsa. — O govêrno britânico restringe as facilidades financeiras aos exportadores inglêses interessados no mercado brasileiro. — No Bureau de Crédito Estrangeiro de Nova York é abordada a questão da dívida comercial do Brasil aos exportadores norte-americanos.

6 — SEXTA-FEIRA

A polícia popular abre de manhã uma passagem para ciclistas e pedestres na barreira que há vários dias cortava o caminho que liga a parte ocidental encravada em Steinstucken ao setor norte-americano de Berlim-Zehlendorf, através de 600 metros na zona soviética. Por outro lado, soldados soviéticos e policiais populares cortam parte oriental do domínio agrícola municipal de Grossglionicke. A fronteira do setor britânico de Berlim e da zona oriental passa através dêsse domínio. — Segundo declarações feitas ao representante da France Presse por um porta-voz governamental, o Presidente Synghman Rhee não dissolverá a Assembléia Nacional sul-coreana. — Seis "MIG" comunistas são abatidos e outros dois danificados, no transcurso de dois encontros aéreos, com os aparelhos "Sabre", anuncia um comunicado da Quinta Fôrça Aérea Aliada. Acrescenta o comunicado que os aviões tentavam interceptar os caças e bombardeiros aliados. — Fontes do Vaticano dizem que o Papa Pio XII está completamente restabelecido de seu resfriado, tendo oficiado missa e concedido audiências. Sua Santidade receberá o Cardeal Francis Spellman, de Nova York, em audiência especial. — Informam de Paris que o Rei Talai da Jordânia, que havia resolvido regressar a Amman, adiou a viagem. Atribui-se essa decisão à notícia da próxima chegada à capital francesa de Naar Ben Jamil, irmão da rainha, que foi comunicar ao rei a decisão do Parlamento jordânio de designar um conselho de regência durante a sua ausência. — A União Soviética chama seu embaixador nos Estados Unidos, Alexandre Panyuskyn, o qual anunciou que partirá de Washington domingo próximo, para assumir um "novo cargo" em Moscou. — O Embaixador do Brasil, Sr. Rubens Ferreira de Melo, oferece uma recepção na embaixada em Madrid ao Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Jaime de Barros Câmara, da qual participam os peregrinos brasileiros que assistiram ao XXXV Congresso Eucarístico de Barcelona. — No Palácio Marquês de Viana, o Ministro das Relações Exteriores espanhol, Martin Artajo, oferece um almôço em homenagem ao cardeal brasileiro. — Desaba sôbre diversos subúrbios e bairros desta capital forte temporal acompanhado de granizo, causando acidentes e danos.

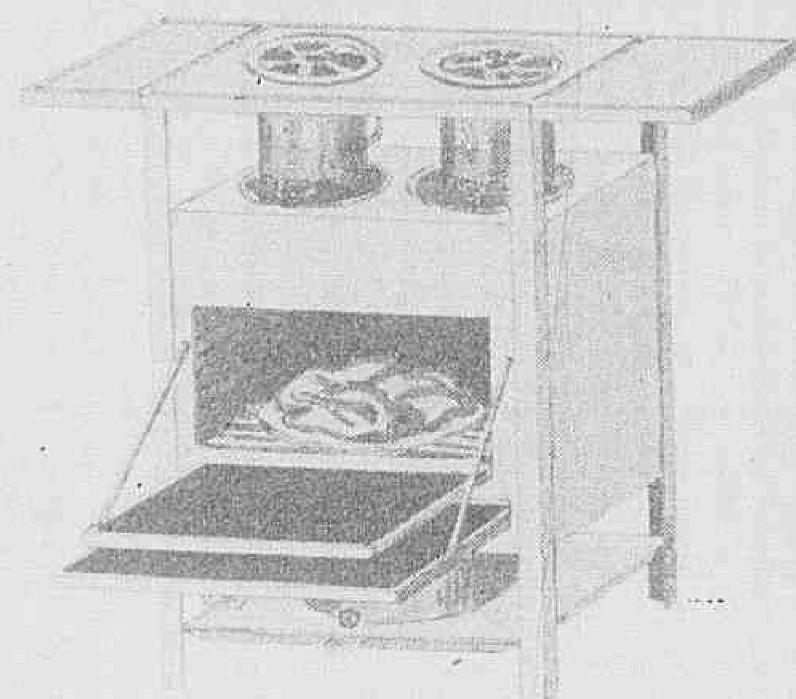
7 — SÁBADO

Munida de mandato expedido pela Côrte Naval de Toulon, a polícia efetua diligência, na sede da Confederação Sindical de Brest, liderada pelos comunistas. Círculos ligados ao Ministério do Interior da França dizem que durante a busca realizada na sede da Confederação, em Toulon, encontraram importante documento que "ameaçava a segurança do Estado". A polícia vareja também os escritórios de uma firma comercial que transaciona com a Europa Oriental e a livraria comunista na área leste de Paris. — O Presidente Truman adverte o mundo contra "novas Coréias" arquitetadas pela Rússia, e diz que o Kremlin talvez esteja planejando novas e maiores ações bélicas contra as democracias ocidentais. Por outro lado, nega a assertiva de que a Rússia tem atualmente superioridade aérea sôbre a Coréia ao afirmar que os aviões norte-americanos podem ferir ao seu arbítrio em qualquer parte no território comunista do Extremo Oriente. — Apesar do rádio e da televisão, os britânicos souberam, por meio de informações medievais, que a Rainha Elizabeth será coroada a 2 de junho de 1953. Mais uma vez a tradição saiu das páginas dos livros de História em suntuosos e velhos uniformes, e títulos singulares com sabor de francês antiquado, que outrora constituiam o garbo das côrtes reais da Grã-Bretanha. Cinco cavaleiros, precedidos de arautos e acompanhados de guardas uniformizados com a pompa tradicional, percorreram a cidade de Londres em deslumbrante cavalgada. — Os trinta e dois republicanos do Estado de Indiana à Convenção dêsse Partido, que se realizará em Chicago no mês de julho próximo, votarão a favor do Senador Robert Taft, como foi decidido hoje no Congresso Republicano de Indiana. O total dos votos, segundo cálculo oficioso, de que disporia em Chicago o Senador Taft sobe assim atualmente a 464 contra 388 ao General Eisenhower. — O General Eisenhower concordaria em se encontrar com Stalin, se tal encontro pudesse servir os interêsses da paz. Essa declaração foi feita numa entrevista à imprensa em Nova York, pelo antigo comandante supremo das fôrças aliadas na Europa.

8 — DOMINGO

O alto comando comunista pede às Nações Unidas que voltem à mesa de conferências e façam "um esfôrço decisivo" para solucionar a questão dos prisioneiros de guerra e conseguir a paz na Coréia. Abalados pela decisão da ONU de suspender por três dias

FOGÕES E FOGAREIROS
o gás de óleo cru ou querosene
REI



À venda nas boas casas do ramo
INDÚSTRIAS "REI"
RUA DAS MARRECAS, 5
Fabricantes do afamado
CHUVEIRO ELÉTRICO "REI"

as negociações de trégua, os vermelhos dirigem ao Comandante Supremo da ONU, General Mark Clark uma nota assinada pelo Primeiro Ministro e Comandante Supremo coreano do norte, General Nam Il e pelo comandante dos "voluntários" chineses General Peng Teh Huai. — Notícias sem confirmação dizem que a espôsa e o filho do Rei Talal, da Jordânia, se escondem para fugir a êle, em meio aos rumores de que o filho possìvelmente o sucederá em breve no trono. Talal tem estado submetido a tratamento por desarranjos mentais durante a maior parte do tempo, desde que sucedeu ao seu pai, o Rei Abdullah, que foi assassinado no ano passado. — O Presidente da Coréia do Sul, Sr. Syngman Rhee, declara que esperará alguns dias ainda antes de dissolver a Assembléia Nacional, na esperança de "alguma solução razoável" para a crise política coreana. — Os sinais de calma registrados em Pusan não suprimiram a inquietação que reina nos círculos das Nações Unidas a propósito do desenvolvimento da atual crise política na Coréia do Sul.

9 — SEGUNDA-FEIRA

Na Comissão de Convênios e Recomendações, em face dos debates entre o representante operário da Índia e o delegado governamental belga, sôbre as condições de vida dos trabalhadores nas colônias belgas, o delegado brasileiro Humberto Grande defende a O.I.T. e afirma que a paz exige compreensão, boa vontade, tolerância e alto espírito de colaboração. Acentua que o Brasil procura conscientemente pôr em prática as convenções e recomendações ratificadas, cooperando, dêsse modo, na obra construtiva da O.I.T. — Em entrevista exclusiva concedida à Agência Holandesa de Informação (A. N. P.) o filho do Dr. Mossadegh, a quem acompanha em suas viagens na qualidade de médico pessoal, declara que se a Côrte Internacional de Justiça se declarasse competente no litígio anglo-iraniano, esta decisão poderia ter repercussões desfavoráveis aos interêsses ocidentais no Oriente Próximo. O Dr. Mossadegh filho recorda que seu país não estava em luta contra a Inglaterra, mas ùnicamente contra a A.I.O.C. — O juiz de instrução que dirige o inquérito sôbre a descoberta, em Toulon, de uma rêde de espionagem, cujo centro local era a Bôlsa do Trabalho, manda recolher ao xadrez, hoje, Marcel Mayen, empregado da Sociedade Nacional das Estradas de Ferro, em Saint Raphael. O prêso reconheceu ter transmitido regularmente à união departamental da Confederação Geral do Trabalho, informações detalhadas sôbre os movimentos de tropas por via férrea. — O Presidente do Conselho de Ministro, Antoine Pinay, falando na inauguração da Feira do Vinho, declara que os métodos mais singelos de economia são os melhores para conduzir um país para a prosperidade. Afirmou a seguir: "Quando meu govêrno assumiu o poder há três meses, o preço livre do dólar em moeda papel era de 493 francos e o preço do ouro francês amoedado era de cinco mil francos. Agora, o dólar está sob o nível de 400 francos (o preço legal é de 350 francos por dólar) e o ouro francês cunhado vale quatro mil francos."

Senhora!
Na toilette diária nunca deve ser esquecida a sua HIGIENE ÍNTIMA
Metrolina
ANTISSÉPTICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA

10 — TÊRÇA-FEIRA

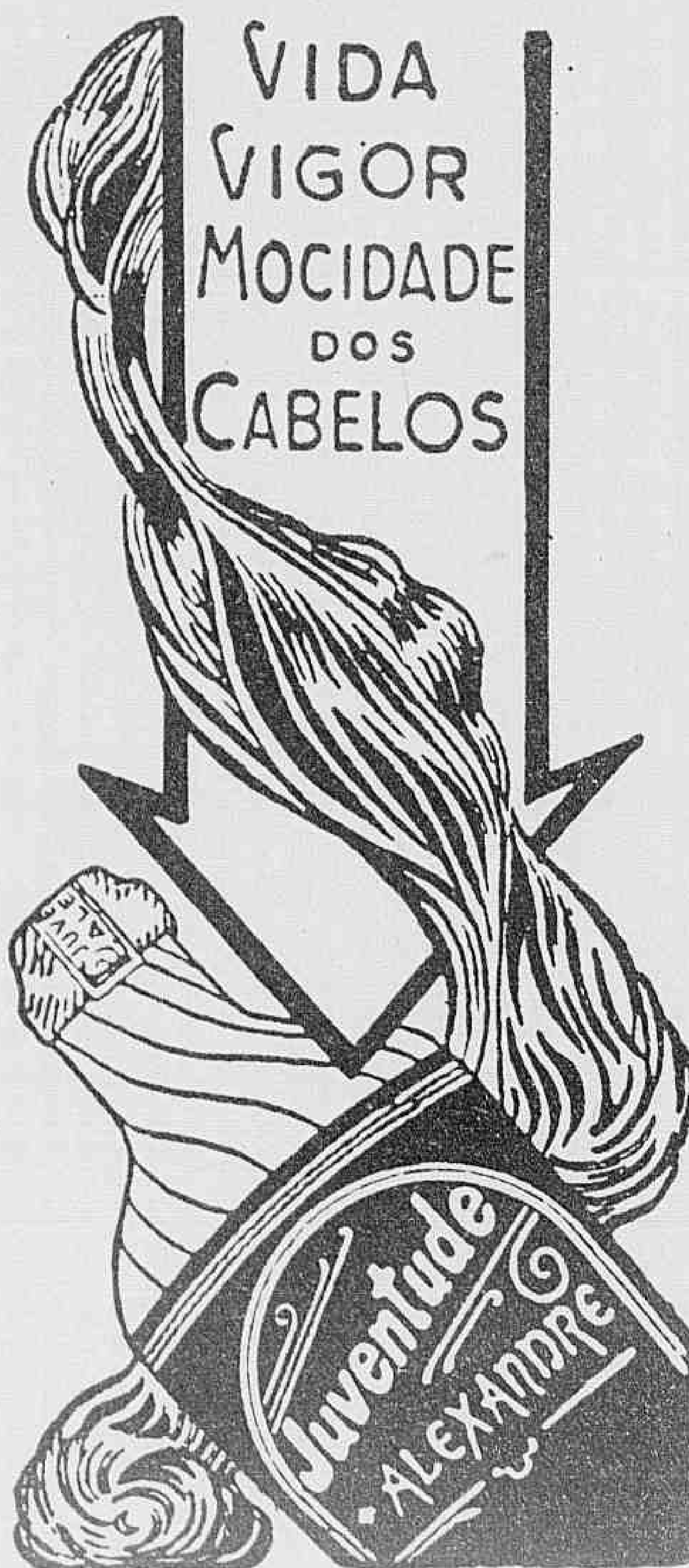
As tropas aliadas entram em ação para evacuar um dos blocos do campo de prisioneiros comunistas de Koje. Nas escaramuças verificadas, em conseqüência da resistência dos comunistas, 30 dêsses foram mortos, perecendo também um soldado norte-americano. — O Sr. Anthony Eden fala, perante a Câmara dos Comuns sôbre o objetivo dos Convênios assinados em Bonn. — O Sr. Dean Acheson também pede ao Congresso a pronta ratificação dos acordos. — O Presidente Truman comparece a uma reunião conjunta das duas Casas do Congresso para solicitar uma lei que permitisse ao govêrno a ocupação da indústria siderúrgica. — O Senado, logo após, rejeita o pedido de Truman, exigindo que o Presidente aplique a lei Taft-Hartley. — Proibida totalmente a exportação de aço para o exterior. — O Chanceler da Bélgica, Sr. Van Zeeland, pronuncia em Paris uma conferência sob o tema "A pesquisa da paz". — Divulgado em Nova York que foi sensìvelmente reduzida a dívida comercial do Brasil com os Estados Unidos. — O Sr. Paul Reynaud é convidado a visitar o Brasil — Chega a Buenos Aires uma delegação de técnicos financeiros que participarão das negociações para o novo Convênio Comercial entre o Brasil e a Argentina.

11 — QUARTA-FEIRA

O Primeiro Ministro Winston Churchill adverte os britânicos de que devem precaver-se

contra a possível perda "de tudo quanto possuimos", e acrescentou que a Grã-Bretanha, econòmicamente, apenas pode manter-se a si própria. "Temos a cabeça fora d'água, porém, isso não basta para flutuar. Temos que nadar. E nadar contra a corrente. Se não houver uma intensa compreensão nacional de nossa posição econômica, por todos os partidos e por tôdas as classes, teremos muita dificuldade em chegar a essa segurança, sem a qual tudo que logramos, tudo o que possuimos e tôdas as nossas glórias poderiam ràpidamente converter-se em nada". — O govêrno francês é favorável a uma discussão a quatro, limitada a questões precisas de interêsse imediato, relativo à unificação das duas Alemanhas, a Ocidental e a Oriental. — O Sr. Artur Pires, Delegado patronal do Brasil a XXXV Conferência Internacional do Trabalho, declara que os empregadores viam com fundado receio a instituição dos "comités" de emprêsa, enquanto os trabalhadores deveriam encarar nesses órgãos verdadeiros concorrentes na ação sindical, traduzindo o enfraquecimento dos sindicatos operários. — O General Mark Clark, Comandante Supremo das Nações Unidas na Coréia, declara aos comunistas, que as Nações Unidas estarão sempre dispostas a discutir quaisquer meios honrosos que possam assegurar, que nenhum prisioneiro de guerra, dêste ou daquele lado, será repatriado à fôrça contra seu desêlo. — A escolha do General Mac Arthur para pronunciar o "key note speech" na Convenção Republicana de Chicago, suscitou a maior satisfação nos meios democratas, onde se considera que com essa decisão a dissenção atinge o seu máximo no seio do Partido Republicano. Designando o General Mac Arthur, a "máquina republicana" com efeito, toma partido pela "velha guarda" conservadora, isolacionista e encastelada em tôrno do Senador Taft. — O pânico que se apoderou dos habitantes de San Juan é indescritível, ante a violência e a duração do novo abalo sísmico, que se fêz sentir por quase meio minuto, fazendo com que todos os moradores, homens, mulheres e crianças, abandonassem seus lares em busca de abrigos em lugares abertos.



JUVENTUDE
ALEXANDRE


12 — QUINTA-FEIRA

Os chanceleres das potências ocidentais estão estudando a possibilidade de uma conferência com a Rússia para tratar do problema alemão. Enquanto isso, anuncia-se que os Altos Comissários da Inglaterra, França e Estados Unidos na Alemanha preparam-se para enfrentar o novo bloqueio soviético. — O govêrno nipônico nega-se a reconhecer a necessidade de permanência em Tóquio, da missão soviética. A referida missão manifestara a intenção de continuar a funcionar normalmente no país. — Personalidades inglêsas, entre as quais Lord Alexander, Ministro da Defesa, mantiveram conversações com o govêrno nipônico acêrca das relações futuras entre a Inglaterra e o Japão. — O Sr. René Pleven revela à Assembléia Nacional que armamentos no valor de 150 milhões de dólares serão enviados pelos Estados Unidos à França, permitindo a êsse país cumprir a promessa de armar 12 divisões e 27 grupos aéreos, até o fim do ano corrente. — Falece o Cardeal D. Miguel Faulhaber, Arcebispo de Munique, que se destacou sobremaneira na reação à campanha nazista contra a Igreja Católica. — Truman nega-se a fazer qualquer declaração sôbre a próxima visita de Dean Acheson ao Brasil. — Inaugura-se em Lisboa o Instituto Luso-Brasileiro. — Entrega credenciais o Sr. Walter Moreira Sales, novo embaixador do Brasil nos Estados Unidos. — O Sr. Presidente da República assina decreto elevando à categoria de Consulado Geral o Consulado de carreira do Brasil em Marselha.

13 — SEXTA-FEIRA

Discurso do Ministro da Fazenda britânico, R. A. Butler, na Câmara dos Comuns, causa inquietação nos círculos comerciais franceses, que temem que as "novas medidas" aludidas pelo ministro inglês signifiquem futuras restrições, maiores que as presentes, à importação de mercadorias procedentes do continente europeu, especialmente de artigos de luxo franceses. — O Marechal de Campo Lord Alexander visita a Coréia, em companhia do Supremo Comandante da ONU, General Mark Clark, após

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Aquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

uma estada de dois dias em Tóquio. Em Seoul, manteve conversação com o General William Harrison, Chefe da Delegação da ONU nas conversações de armistício, que ali foi ter após a sessão matinal dos delegados em Pan Mun Jom, que durou apenas 15 minutos. — O Sr. Jacques Duclos, deputado comunista prêso por ocasião da manifestação comunista do dia 28 de maio último, foi conduzido ao Palácio da Justiça, a fim de ser interrogado pelo juiz de instrução encarregado da informação aberta por atentado contra a segurança interna da França. Depois de assistir à abertura dos selos colocados nos objetos apreendidos no seu automóvel (uma pasta contendo documentos, uma pistola e um cacete), o Sr. Duclos fêz uma longa declaração. — O Sr. Dean Acheson, Secretário de Estado norte-americano, agindo pessoalmente, pôs em guarda os Embaixadores da França e Grã-Bretanha contra os perigos que poderiam advir para os respectivos governos a aceitação do oferecimento feito pela União Soviética de participar de uma Conferência de Quatro Potências para discutir a situação da Alemanha. — Estão perdidas tôdas as esperanças de encontrar-se os dez membros desaparecidos da equipagem de onze pessoas pertencentes à uma super-fortaleza voadora que caiu a 138 quilômetros ao largo da ilha da Kwajalein, no Pacífico.

14 — SÁBADO

O Presidente Truman revela que os Estados Unidos já têm quase concluído um motor para um submarino atômico cujo custo será de 40 milhões de dólares. Acrescentou que êsse motor breve estará pronto para ser submetido a provas. — O Ministério do Exterior da Venezuela anuncia oficialmente o rompimento de relações diplomáticas com a União Soviética, por considerar insultuosa a recusa soviética em aceitar a nota venezuelana protestando contra o comportamento de diplomatas russos, no aeroporto de Malquetia, durante os incidentes de 7 de junho, quando dois cidadãos soviéticos foram impedidos de entrar no país. — A polícia italiana prende em Florença 6 homens que cobriam paredes e muros com cartazes e "slogans" contra a visita do General Ridgway, Supremo Comandante do Pacto do Atlântico Norte, à Itália. A polícia acusa os 6 homens de colocarem cartazes não autorizados, a fim de prejudicar a ordem pública. O govêrno está tomando severas medidas para impedir que os comunistas e seus aliados realizem manifestações contra o General Ridgway. Cumprindo ordens do Ministro do Interior, a polícia, armada de rifles automáticos e bombas de gás, patrulha as ruas da cidade. — O Presidente Synghman Rhee pede aos parlamentares que "votem imediatamente e sem reserva o projeto de emendas constitucionais que visa instituir eleições presidenciais diretas e um sistema parlamentar de duas Câmaras". — Anuncia-se em fonte autorizada que o govêrno britânico deu o seu "agreement" à nomeação do Sr. Andrei Gromyko para o pôsto de Embaixador da União Soviética em Londres. — Em longo artigo publicado na sua edição o "Times" afirma, entre outras coisas, que, o comércio e a influência cultural da Grã-Bretanha no Brasil estão declinando porque "a Grã-Bretanha está prestando muito pouca atenção à república sul-americana". — O vespertino "Washington Post" salienta com referência às relações americano-brasileiras: "Paralelamente à chegada aos Estados Unidos do novo embaixador brasileiro, Sr. Walter Moreira Sales, as relações dos Estados Unidos com o seu vizinho sul-americano tomam um rumo cheio de promessas. Em parte a melhora de situação pode ser resultado dos novos empréstimos concedidos ao Brasil pelo Banco de Exportação e Importação. Mas êsses empréstimos representam apenas o símbolo do trabalho em profundidade, realizado para reparar e cimentar a amizade entre os dois aliados. — O Tribunal de Lisboa condena quatro membros do "Movimento Nacional Democrático" (Movimento da oposição da esquerda) a penas de prisão diversas, por terem protestado contra a adesão de Portugal ao Pacto do Atlântico.

15 — DOMINGO

A Rússia pede uma reunião do Conselho de Segurança para apreciar as suas acusações contra o emprêgo da guerra bacteriológica pelos aliados na Coréia. Círculos da ONU declaram que os ocidentais não atenderão à solicitação soviética. — O Ministro da Defesa da Inglaterra conferencia com o Presidente Rhee com quem trata da crise política sul-coreana. — Nova e infrutífera reunião realizou a Comissão de Armistício. — Sob forte proteção das fôrças policiais italianas chega a Roma, para iniciar sua visita à Itália, o General Ridway. Todos os pontos da cidade foram fortemente guardados para evitar qualquer manifestação de hostilidade ao Supremo Comandante das Fôrças do Atlântico. — Um porta-voz do Ministério do Interior informa que a polícia francesa praticou novas inspeções em um centro comunista que se encontra próximo de Paris, assim como na zona da Base Naval Mediterânea de Toulon. — "Le

Monde", referindo-se à situação econômica britânica, diz: "Embora o govêrno britânico possa estar muito orgulhoso de seus êxitos, ser-lhes-á muito difícil alcançar a meta fixada pela Conferência da Comunidade Britânica, isto é, equilibrar o comércio estrangeiro da nação antes de Dezembro.

16 — SEGUNDA-FEIRA

O govêrno soviético em nota aos Estados Unidos propôs o reinício das negociações sôbre as suas dívidas de guerra. — O govêrno argentino respondeu às declarações do Chanceler João Neves da Fontoura sôbre os incidentes verificados na fronteira entre o Brasil e a Argentina. A resposta atribui a contrabandistas a responsabilidade pelos incidentes. — Sob a presidência do Sr. Ministro das Relações Exteriores, instalou-se a Comissão Organizadora da VIII Assembléia da Comissão Inter-Americana de Mulheres. — Um aparelho da Fôrça Aérea Sueca foi perseguido e metralhado por aviões de caça russos, caindo em seguida no Mar Báltico. O fato provocou imediata reação do govêrno e do povo suecos, tendo sido realizadas manifestações de protesto diante da embaixada da Rússia em Estocolmo. — As conversações da Conferência de Armistício não apresentaram progresso algum. Os delegados separaram-se depois de uma sessão de 26 minutos. — A polícia de tôda a França está à procura de Henri Tourtin, Secretário Geral da Confederação dos Sindicatos (comunista) no Departamento de Var, depois da suposta descoberta de documentos militares no galinheiro da casa de um comunista de Toulon. Tourtin desapareceu na semana passada e a polícia crê que êle se acha reunido agora aos elementos subterrâneos.



Um GUIA GRATIS para SUCESSOS CULINÁRIOS!

• É o novo livro de Receitas "OS MAGOS DA CULINÁRIA" onde encontrará 65 receitas variadas, saborosas e para todos os paladares.

O NOVO PACOTE É MAIS PRÁTICO, HIGIÊNICO E MAIS BARATO!

AMIDO DE MILHO MAIZENA DURYEA MARCAS REGISTRADAS





A "MAIZENA DURYEA" 50
Caixa Postal, 8006 — São Paulo E 52
Peço enviar-me, GRATIS, o livro
"OS MAGOS DA CULINÁRIA"
NOME
RUA
CIDADE ESTADO

o Colar da "Ordem de Mahomed Ali", que lhe foi conferida pelo Rei Farouk I do Egito. — Vários parlamentares visitam os cruzadores "Tamandaré" e "Barroso", recentemente adquiridos pela Marinha.

17 — TÊRÇA-FEIRA

Tornam-se mais tensas as relações entre Estocolmo e Moscou com o ataque de aviões russos contra um aparelho militar sueco. A Rússia protestou contra a violação de seu espaço aéreo por aviões militares suecos. — O Supremo Comandante das Fôrças do Atlântico fala à imprensa italiana tendo repelido as acusações comunistas de que teria empregado a guerra bacteriológica na Coréia. — O govêrno francês aprova o programa que prevê a despesa de 37 bilhões de francos para a investigação atômica durante os próximos 5 anos. — O Sr. De Nicola, Presidente do Senado italiano, apresenta sua renúncia por se ter julgado atingido pelas críticas à repressão às atividades neo-fascistas. O pedido do Sr. De Nicola, porém, é rejeitado unânemente. — Na França, o Presidente da Assembléia Nacional declara inaceitável o pedido de interpelação do líder comunista Jacques Duclos, que se encontra detido. — O Ministro do Interior presta esclarecimentos ao gabinete sôbre a marcha do inquérito relativo à conspiração comunista. — Pelo Sr. Presidente da República é assinado decreto nomeando Presidente do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários o Sr. Alonso José Coelho César. — Em solenidade realizada no Palácio do Catete é entregue ao Sr. Presidente da República

18 — QUARTA-FEIRA

Em Estocolmo continua a tensão causada pelo ataque contra um avião sueco por aviões soviéticos. O govêrno sueco rejeita a nota de protesto da Rússia. Em Moscou as embaixadas ocidentais apresentam extraordinário movimento. — O Sr. Eden declara que a situação em Berlim, no momento, é satisfatória. — O Ministro do Interior, Sr. Charles Brune, declara que o govêrno pleiteará leis que não permitam aos comunistas exercer quarquer cargo público de importância na França. — O Chanceler Adenauer protesta contra as medidas de evacuação usadas pelos russos ao longo da linha de demarcação, assim como a fixação de uma "zona proibida" nas proximidades da mesma linha. — O govêrno da Alemanha Oriental apresenta um adendo ao orçamento destinado à constituição de um exército comunista. — O General Eisenhower responde aos ataques do Senador Taft, provocando extraordinário júbilo entre os seus partidários. — O Sr. Averell Harriman, que concorre à candidatura pelos democratas defende a política externa governamental. — O Brasil defende a regulamentação internacional para o trabalho de menores nas minas. — A delegação brasileira apresenta proposta para a criação de Universidades do Trabalho. — Delegados de diversos países usam da palavra

durante a sessão plenária. — Anuncia-se que onze membros do parlamento acusados de conspiração contra o govêrno vão ser submetidos a uma junta militar. Os ocidentais são convidados a enviar observadores ao julgamento. — "La Nacion" tece comentários em tôrno dos incidentes na fronteira brasileiro-argentina. — O Embeixador Luzardo estêve em conferência com o Ministro do Interior da Argentina. — E' recebido pelo Chanceler Eden o Embaixador Moniz de Aragão. — Chega a Dusseldorf o Sr. Ademar de Barros. — Segue para Paris o Sr. Ministro da Aeronáutica.

19 — QUINTA-FEIRA

Ocupa-se a Assembléia Nacional francesa do caso da Tunísia, tendo o Chanceler Robert Schuman, Ministro das Relações Exteriores proposto um plano para solucionar as divergências políticas entre a França e a Tunísia. — O líder vermelho Etiene Fajon declara numa reunião de comunistas em Grennevilliers que houve um grande êrro na orientação do movimento contra o govêrno francês denunciando os seus dirigentes como apressados e oportunistas. — Falando à imprensa, em Washington, o Presidente Truman declara não ter preferência por nenhum candidato à sucessão presidencial. — A Suécia declara oficialmente que não tolerará ataques a navios e aviões em ou sôbre as águas internacionais do Báltico. — O General Mattew Ridgway, Supremo Comandante das Fôrças do Pacto do Atlântico Norte, passa em revista 10 mil soldados italianos, em Risano, na área de defesa ao longo das fronteiras com a Iugoslávia e Ástria. — O último grupo de prisioneiros comunistas fanáticos do recinto 85 são separados sem dificuldades. Ao efetuar-se a divisão 300 prisioneiros separam-se de seus companheiros e pedem proteção aos guardas da ONU. Os 5.600 prisioneiros do dito recinto são conduzidos para recintos menores e isolados uns dos outros. — O julgamento militar secreto para parlamentares da Coréia do Sul tem início sendo cada um acusado de conspiração comunista contra o govêrno. O julgamento é secreto para todos os observadores exceto para dois observadores de cada uma das nações unidas, do Oitavo Exército, das embaixadas americana e chinesa e das legações inglêsa e francesa. — Chega ao pôrto desta Capital, um grupo-tarefa da Marinha de Guerra dos Estados Unidos, constituído pelo porta-aviões

Não chore!
POLVILHO ANTISSÉPTICO
acaba com as Brotoejas
GRANADO
JOÃO FREY

"Oriskany", pelo navio-tanque "Niobrara" e pelos contra-torpedeiros "William C. Lawe" e "Power".

20 — SEXTA-FEIRA

O grupo parlamentar do Agrupamento do Povo Francês (degaulista) apresenta à Assembléia, na conclusão dos debates a respeito da Tunísia uma moção de desconfiança com referência ao Sr. Robert Schuman. Por 274 votos contra 227 é rejeitada a moção de desconfiança apresentada pelos degaulistas. — Chega a Paris o Sr. Ministro Nero Moura, chefe da delegação brasileira às cerimônias que se realizarão na capital francesa em comemoração ao 50.° aniversário das experiências feitas por Santos Dumont da dirigibilidade aérea. — O Sr. Carlos Moniz, delegado do Brasil, usando da palavra no Conselho de Segurança, da ONU, que examina a proposta soviética de convidar tôdas as Nações a ratificar o protocolo de Genebra de 1925, proibindo o uso de armas bacterianas, opina que não havia urgência particular na questão, para que ela fôsse imediatamente tratada pelo Conselho. — Os Ministros da Alemanha Ocidental estabelecem os têrmos de uma declaração sôbre os acordos de Bonn e o Tratado de Paris. — O comando do Brigadeiro General Haydon Boatner, a cujo cargo estão todos os acampamentos de prisioneiros de guerra da ilha de Koje, anuncia que foram ultimadas tôdas as transferências importantes de prisioneiros comunistas — O acôrdo luso-americano de 6 de setembro do ano passado sôbre a utilização dos Açores pelas fôrças americanas é publicado em Lisboa, após a aprovação pelo govêrno de Portugal. — O Sr. Presidente da República vai a bordo do porta-aviões "Oriskany", tendo assistido, fora da barra, a manobras dos navios norte-americanos.

21 — SÁBADO

Um comunicado publicado pelo Quartel-General das fôrças americanas na Coréia, anuncia que novos combates se desenrolam a Este de Kumsong, onde as tropas chinesas tentam, desde quarta-feira à noite, reocupar uma posição avançada arrebatada pelas fôrças das Nações Unidas no início da semana. Quatro grupos de combate inimigos, e uma companhia com efetivos reforçados, atacam essa posição, um pouco antes da meia-noite de quinta-feira. Desde quarta-feira à noite até sexta-

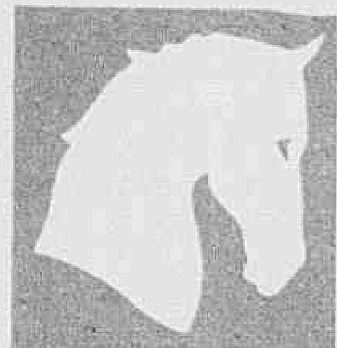
feira pela manhã, os atacantes chineses disparam cêrca de 5.300 obuses de morteiro e artilharia contra essa posição. — Feita em Paris uma cópia do avião que Santos Dumont utilizou em 1906 para realizar o primeiro vôo sôbre uma distância relativamente grande registrada na época na história da Aeronáutica. Um aviador francês repetirá em tôrno da Tôrre Eiffel o vôo realizado pelo inventor brasileiro. — O substitutivo apresentado pelo delegado brasileiro, Sr. Arnaldo Sussekind, proibindo o trabalho de menores nas minas, foi aprovado por 21 votos contra 20. — O General Eisenhower aspirante à candidatura presidencial pelo Partido Republicano é objeto de uma entusiástica recepção ao visitar sua cidade natal, de Denison, Estado do Texas. — Informa-se que os Estados Unidos, Inglaterra e França propuseram para a semana vindoura a redação da resposta à última demanda soviética para que se celebre uma conferência entre os Quatro Grandes, sôbre a Unificação e um tratado de paz para a Alemanha. — O rádio de Praga anuncia que a Tchecoslováquia e a Venezuela romperam relações diplomáticas, depois que os funcionários da legação tcheca em Caracas "deram passos para salvaguardar as vidas e bens dos funcionários soviéticos, a pedido da Rússia e o govêrno de Praga tomou igual medida, assim que teve ciência da decisão da Venezuela". — O Sr. Presidente da República segue para a Bahia, em visita oficial ao Estado.

22 — DOMINGO

Quinhentos bombardeiros aliados efetuam o que se chamou a maior operação aérea da guerra na Coréia. Nesse violento ataque são destruídas cinco importantes usinas hidrelétricas que serviam à Coréia do Norte e à Mandchúria. — O ex-Ministro de Estrangeiros, El Din Pasha declara que um pacto de navegação com a Rússia em nada auxiliará a causa nacional egípcia. — Noticia-se que amanhã serão realizadas as eleições legislativas na Holanda. — Em Londres divulga-se que é grave o estado de saúde da Sra. Eva Peron. — Na cidade italiana de Nocera Tirinza irrompe uma epidemia de febre tifóide. — Chega a Moscou o ex-embaixador em Londres, Sr. Zarulein. — O embaixador Batista Luzardo declara que não houve nenhum incidente entre êle e um ajudante de ordens do Presidente Peron. — O Sr. Acheson faz declarações sôbre a sua próxima visita ao Brasil. — A Assembléia sul-coreana, funcionando com a presença de 93 membros, dirige nova advertência aos 52 parlamentares partidários do Presidente Synghman Rhee que recusam a assistir às sessões.

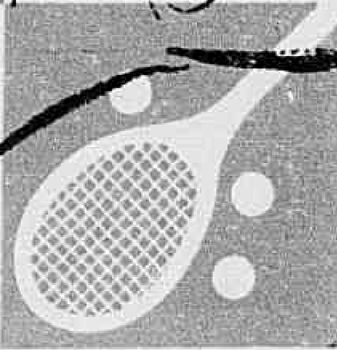
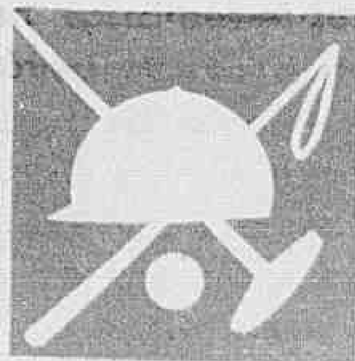
23 — SEGUNDA-FEIRA

Noticia-se que em conseqüência do ataque grande parte da Mandchúria ficou completamente às escuras. — Círculos aliados manifestam-se pessimistas quanto aos resultados das conversações de armistício. — A Rússia insiste na presença de delegados comunistas coreanos e chineses nos debates em tôrno das acusações contra o emprêgo da guerra bacteriológica na Coréia. — Os ocidentais respondem à nota soviética sôbre a circulação de patrulhas aliadas em Berlim. — O Senado dos Estados Unidos aprova e envia à Câmara um projeto que recomenda medidas para investigar a discriminação com que estão sendo tratados, em alguns pontos, os navios mercantes norte-


o mais procurado em sua classe!

O prestígio dos cigarros Hollywood é o resultado da consagração das pessoas de bom gôsto...




cigarros
Hollywood
uma tradição de bom gosto

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H - 88.093

americanos. — O Sr. Presidente da República visita os poços petrolíferos, tendo proferido um discurso em Candeias, na Bahia. — Eleitos Presidente e Vice-Presidente do Tribunal de Recursos os Srs. Ministros Sampaio Costa e Cunha Vasconcelos. — Parte para os Estados Unidos o Embaixador especial do Egito Mohamed Hassan Youssef Pacha. — Deixam o pôrto desta Capital o grupo-tarefa norte-americano e uma Fôrça Naval brasileira para manobras combinadas, ao longo da costa.

24 — TÊRÇA-FEIRA

Em Paris prosseguem as festividades em homenagem a Santos Dumont. A delegação brasileira é recebida pelo Presidente Auriol, tendo nessa ocasião sido trocadas saudações entre o Presidente e o Ministro da Aeronáutica do Brasil. — O Ministro Nero Moura é condecorado com a Legião de Honra. — Divulgado um comunicado segundo o qual os chanceleres Acheson, atualmente em Londres, e Eden, passaram em revista assuntos atinentes à situação européia e ao Oriente Médio. — Na Câmara dos Comuns há protesto contra o terrível bombardeio das usinas hidrelétricas do rio Ialu, que atingiu em cheio o abastecimento de fôrça de grande parte da Coréia do Norte e da Mandchúria. — O Secretário da Defesa norte-americano declara que se tratava de uma decisão puramente militar e que não modificava em nada, a política das Nações Unidas. — Em Washington o Ministro da Defesa da Inglaterra realiza conversações sôbre a campanha da Coréia. — Quando realizava um vôo de instrução na Inglaterra, cai, incendiando-se, uma Super-Fortaleza Voadora, ocasionando a morte de 11 oficiais norte-americanos. — A Câmara dos Deputados chilena aprova o convênio militar assinado com os Estados Unidos. — O govêrno boliviano condena os maltratos infligidos a um engenheiro norte-americano numa das minas de Huanussi. — Ocorre uma rebelião na penitenciária da cidade argentina de Posadas.

25 — QUARTA-FEIRA

Em diversas localidades do Japão, principalmente em Tóquio e Osaka, realizam-se turbulentas manifestações anti-norte-americanas, em comemoração ao segundo aniversário da guerra coreana. Naquela última cidade um general norte-americano é ferido. — O Sr. Trygve Lie declara que a ONU não é responsável pela continuação da luta na Coréia. — Fontes aliadas de Tóquio tecem comentários em tôrno dos efeitos do terrível bombardeio aéreo das centrais elétricas comunistas que abasteciam parte da Coréia do Norte e da Mandchúria. — Círculos comunistas declaram que se trata de nova provocação aliada. — O Comandante da Fôrça Aérea Aliada no Extremo Oriente declara que aquêle bombardeio foi apenas uma amostra do que poderá realizar a aviação das Nações Unidas. — Na Câmara dos Comuns travam-se debates acêrca do violento bombardeio aéreo das usinas hidrelétricas do rio Ialu. O Sr. Eden, respondendo às interpelações da oposição, declara que o govêrno britânico não foi informado do referido bombardeio, mas estava de acôrdo com a decisão do Comando Aliado. — O Sr. Bevan pede a demissão do Secretário de Defesa, Marechal Alexander. — O Sr. Synghman Rhee é alvejado a tiros quando pronunciava um discurso num comício público, não tendo sido atingido. O criminoso é imediatamente prêso. — O Govêrno de Bonn pede aos aliados proteção militar para impedir a repetição dos incidentes na fronteira com a zona dominada pelos soviéticos. — O Chefe do Escritório Comercial do Brasil em Nova York fala sôbre as possibilidades da colocação de madeiras do Brasil no mercado norte-americano. — Regressam ao pôrto desta capital as unidades navais brasileiras que participaram de exercícios conjuntos, em alto-mar, com a fôrça-tarefa norte-americana. — O Sr. Presidente da República e sua comitiva regressam da visita oficial ao Estado da Bahia.

26 — QUINTA-FEIRA

O Gabinete britânico examina, por sugestão do Ministro da Defesa, Marechal Lord Alexander, a nomeação de um oficial superior britânico para servir como adjunto do Comandante Supremo Aliado na Coréia, General Mark Clark. Aprovada essa sugestão, o govêrno britânico fará "demarches" junto aos Estados Unidos para que aceite a nomeação. O representante britânico, que provàvelmente será um general, servirá de elemento de ligação entre o Comando na Coréia e o Govêrno da Grã-Bretanha, particularmente nos casos em que medidas militares tomadas pelo Comando Supremo possam se revestir de aspecto político. — Foi aprovado o projeto de convenção sôbre as férias dos trabalhadores rurais. O Conselho do Govêrno uruguaio aprova por maioria o



Juntas rijos e inchadas, torturadas pelo reumatismo, são sintomas de rins debilitados. As dores que estes males provocam, são insuportáveis, deixando o doente desanimado, a passar as noites em claro, sem forças para o trabalho ou disposição para gozar a vida. Milhares de pessoas sofrem essas dores, quando poderiam evitar, de vez, tais padecimentos, tomando as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Especialmente preparadas para combater os distúrbios renais, as Pilulas De Witt aliviam as dores prontamente, restaurando o vigor e a vitalidade ao organismo, graças à sua magnifica ação tonificante

Pilulas
DE WITT
para os Rins e a Bexiga
Em vidros de 40 e 100 pilulas
O grande é mais econômico

projeto entre os Estados Unidos e o Uruguai. — Realiza-se, na Ópera de Paris, uma noite de gala em homenagem ao Sr. Brigadeiro Nero Moura, Ministro da Aeronáutica, tendo comparecido o Presidente Auriol e demais membros do Govêrno francês, representantes diplomáticos, parlamentares e figuras de destaque da sociedade parisiense. — O Partido do Trabalho (Socialista), conquista a vitória nas eleições legislativas holandesas, seguido de perto pelo Partido Católico. Nos meios políticos do país pergunta-se se a Holanda vai ser governada novamente por um gabinete bi-partido, e qual será o chefe do mesmo. — Novos incidentes verificam-se na fronteira argentino-brasileira. — Os Srs. Senadores Marcondes Filho, João Vilasboas, Vitorino Freire e Deputados Lima Cavalcante, Afonso Arinos e Dioclécio Duarte visitam a Assembléia Nacional Francesa. — O Sr. Presidente da pública confere a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul ao Monsenhor Valério Valeri e Monsenhor José de Castro, ambos do Vaticano. — Toma posse a nova diretoria do Clube Militar.

27 — SEXTA-FEIRA

O comandante supremo das fôrças da ONU na Coréia, General Mark Clark, revela que os Estados Unidos e seus aliados estão aumentando suas fôrças na Coréia tão ativamente quanto os comunistas. Afirma que a ONU aumentou seu poderio em tal medida que os vermelhos "o lamentarão", se empreenderem outra ofensiva. O general declara também que prosseguirão os ataques aéreos às centrais hidrelétricas do Ialu, ataques que suscitaram grande controvérsia na Inglaterra. Fala pouco depois que 150 caças e bombardeiros norte-americanos, australianos e sul-africanos levam a efeito o terceiro devastador ataque às ditas centrais. — Os três ministros do Exterior das principais potências ocidentais reunidos em Londres chegam a completo acôrdo quanto ao texto da resposta a dar à última nota soviética sôbre a Alemanha. Os Srs. Eden, Acheson e Schuman estabelecem êsse acôrdo na reunião da Conferência anglo-franco-americana, que logo após se encerrou. — O Sr. Ministro da Aeronáutica do Brasil, Brigadeiro Nero Moura, é recebido no Conselho Nacional de Paris, pelo Prefeito Paul Coirre, presidente do Conselho Municipal. Acompanham o titular da pasta da Aeronáutica, todos os conselheiros da delegação do Brasil, o Embaixador do Brasil, Sr. Ouro Prêto e os Brigadeiros Henrique Fleiuss e Henrique Fontenelle. O Presidente do Conselho, Sr. Paul Coirre refere-se à personalidade de Santos Dumont que fêz, em Paris, os primeiros vôos consagrados à humanidade. — Pedida à Côrte de Justiça da França a libertação do líder comunista Jacques Duclos, pelos seus advogados. — No gabinete do Sr. Ministro da Educação é assinado um acôrdo de cooperação educacional entre o govêrno brasileiro e o Institute of Inter-American Affairs.

28 — SÁBADO

O Banco Internacional de construção e Desenvolvimento de Washington, anuncia que concedeu ao Brasil dois empréstimos totalizando 37.500.000 dólares e destinados a contribuir para o financiamento de projetos de desenvolvimento da produção da energia elétrica, no Estado do Rio Grande do Sul e modernização da rêde ferroviária da Estrada de Ferro Central do Brasil. — Fôrças da ONU bombardeiam pela quarta vez as usinas hidrelétricas de Chosin. — O Sr. Robert Schuman, Ministro das Relações Exteriores da França declara que as potências ocidentais chegaram a acôrdo a respeito da situação da Alemanha, e que concluíram a resposta que será encaminhada a Moscou a êsse respeito. — O Ministro Nero Moura, titular da Aeronáutica, almoça no Quai d'Orsay em companhia do Sr. Maurice Schuman, Secretário de Estado das Relações Exteriores. Ao almôço encontram-se também presentes outros Ministros, altos funcionários do Ministério das Relações Exteriores, membros da Delegação brasileira, Embaixador Carlos Ouro Prêto, Ministro Nemésio Dutra, Brigadeiro Henrique Fontenelle, adido aeronáutico da Embaixada do Brasil. O Sr. Maurice Schuman levanta um brinde ao Presidente Getúlio Vargas e à grandeza da nação brasileira, tendo o Ministro Nero Moura retribuído com uma saudação ao Presidente Vincent Auriol e ao povo francês. — A XXXV Conferência Internacional do Trabalho termina depois de 3 semanas de sessão, durante a qual 6 acordos internacionais, 3 conven-





ções e 3 recomendações são aprovadas. À conferência assistiram mais de 650 representantes dos governos, empregados e empregadores de 68 Estados membros da I.L.O. São as seguintes as convenções aprovadas: 1, Aplicação de certos padrões mínimos de segurança e proteção sociais; 2, Licença de maternidade de pelo menos 12 semanas e outras formas de proteção à maternidade; 3, férias anuais pagas aos agricultores que prestem um período contínuo de serviços ao mesmo empregador. — O Secretário de Estado norte-americano Dean Acheson, chega a Berlim em visita de dois dias, sendo recebido com salvas de artilharia.

29 — DOMINGO

O Sr. Dean Acheson, atualmente em Berlim, faz declarações dizendo que o problema alemão já estaria solucionado se houvesse boa vontade por parte da Rússia. Disse o Secretário de Estado que em relação à Alemanha, havia perfeita unidade de vistas entre as nações aliadas. — Enérgico protesto fazem os aliados contra as novas medidas de restrições ao tráfego inter-zonal na Alemanha. Entre outras coisas, diz o protesto que a Rússia tem em mira a completa divisão do território alemão. Outro protesto contra a prisão de militares inglêses na zona soviética. — O Supremo Comandante aliado chega a Oslo para conferenciar sôbre a defesa do Ocidente.

30 — SEGUNDA-FEIRA

O Presidente Synghman Rhee declara que vai dissolver a Assembléia Nacional, porque a mesma não se mostra disposta a aprovar o projeto que modifica a Constituição. — Na Câmara dos Comuns travam-se debates sôbre a questão coreana e a crise política na Coréia do Sul, havendo protestos contra a atitude do Presidente Synghman Rhee. — O Generalíssimo Franco condecora com o "Gran Colar da Ordem de Isabel, a Católica", o Presidente Getúlio Vargas. — Chega a Málaga o navio brasileiro "Duque de Caxias" que conduz uma turma de guardas-marinha. — O Banco de Exportação e Importação anuncia que autorizou a concessão de um empréstimo de 41.140.000 dólares a sete emprêsas de serviços elétricos do Brasil, para apoiar o programa de expansão elétrica.

CARTOMANCIA

TINOCA (Minas Gerais) — Pela disposição das cartas em seu mapa, noto que a consulente deve se acautelar com os inflamáveis. A seu lado aparece um homem de farda que lhe dará ajuda.

CAÇULINHA (Minas Gerais) — Noto a aproximação de alguém com boas notícias. Em futuro próximo, alcançará vitórias merecidas. Durante um passeio, seu nome será elogiado. Por intermédio de uma carta, saberá de importantes acontecimentos.

MARIA IMACULADA (Pelotas, R. Grande do Sul) — Noto a aproximação de alguém, que lhe trará aborrecimentos. Uma criança de sua família, receberá um prêmio merecido. Um senhor de destaque, ficará a seu lado num caso de intriga. Haverá uma reunião onde seu nome será comentado. Vida longa e venturosa.

EU MESMO — (D. Federal) — As cartas em seu mapa, revelam que no futuro verá seus sonhos realizados, embora, tenha que lutar um pouco. Será convidado para um negócio onde obterá lucros financeiros. Encontro sinais de uma pequena e proveitosa viagem. Cuidado com os tóxicos.

JOSE' J. D. OLIVEIRA (Distrito Federal) — Em primeiro plano noto uma intriga envolvendo alguém de sua amizade. Um amigo lhe dará provas de sinceridade. Encontro indícios claros de êxitos numa emprêsa que surgirá. Uma mulher lhe dará bons conselhos.

NICE MARIA (Campos, Estado do Rio) — Noto que a consulente será prêsa de pequena enfermidade, que requererá cuidados. Brevemente um casamento feliz alegrará esta casa. Uma pessoa de sua amizade se ausentará, para tratar de negócio lucrativo. Terá vida longa

GIANA CAVALE (Rio de Janeiro) — Ao seu lado encontro alguém que deseja envolver seu nome numa intriga. Um objeto de valor estimativo será perdido e depois achado, em circunstâncias estranhas. Uma de suas amigas lhe dará provas num caso de amor. Terá existência longa e ditosa.

SONHO DE AMOR (S. Paulo) — Pela combinação das cartas em seu mapa, vejo que a consulente será homenageada numa festa íntima. Um jovem lhe fará agradáveis revelações. Noto um homem de farda intervindo numa questão de justiça. A caminhos vagarosos vem uma importante notícia.

APAIXONADA (Barra Mansa, Estado do Rio) — Em primeiro plano noto uma intriga, urdida contra a consulente, por uma mulher invejosa. Uma pessoa de sua família, tomará parte em importante reunião. Vejo um homem de elevada estatura, lhe prestando valioso auxílio. Seus dias futuros serão amenos.

SAMONDE (Santa Teresa, Rio de Janeiro) — Durante um passeio, ouvirá sinceros elogios. Aparece um plano de viagem, sendo sempre adiado, por questões monetárias. Uma mulher de bom coração, a ajudará num caso de amor. Noto pequeno acidente em criança morena. Seus dias propícios são os pares.

ROSANGELA (Minas Gerais) — Noto a aproximação de alguém, que lhe trará boas surprêsas. Uma criança de sua família sofrerá ligeiro acidente. Encontro a seu lado, um homem de bom coração, dando-lhe conselhos sensatos. Um documento há muito extraviado, será agora encontrado. Terá futuro calmo. Use de preferência, roupas claras.

MINEIRINHA ESPERANÇOSA (Barra Mansa, Estado do Rio) — A combinação de cartas em seu mapa revela: porvir venturoso, vida longa. Uma mulher morena lhe prestará auxílio durante pequena viagem. Uma emprêsa lucrativa ficará paralisada devido a mal-entendidos. Será convidada para uma festa, onde seu nome será muito comentado. Seus dias propícios serão as têrças-feiras e sábados.

QUEBRA CABEÇAS

Diretor: DR. LAVRUD — Secretário: DABLIÚ — ANO XXXVI — Nº 3 AGÔSTO — 1952
Dicionários adotados nesta seção: Simões da Fonseca — Hildebrando — Gustavo Barroso, Pequeno Brasileiro, 5ª edição — Papyrassu, Monossílabos — Sylvio Alves, Breviário — Dicionário de Nomes Próprios, de Lidaci — Provérbios Originais, do Dr. Lavrud.
Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Visconde de Maranguape, 15 — e endereçada ao redator desta seção.

3º TORNEIO

JULHO - SETEMBRO

LOGOGRIFO — 55

Sou *infeliz,* não lamento — 4-9-1-7-6-11
embora o queira fazer,
pois vejo, a cada momento,
um sonho quase a nascer...

Procurando um *belo* ser — 3-2-10-7-6-11-12-9
Caminhei sempre sedento... — 8-5-4
Corri mundo sem saber
que estava contra o vento.

E agora, que te encontrei,
eu me *empolo* de alegria — 5-6-1-3-9
depois que tanto lutei...

Eu te adoro! Tu me amas?
A resposta bem se via
em seus olhos que *lançam* [*chamas*...

K.T.Q.Z. (S. Paulo)

*

CHARADAS NOVÍSSIMAS

56 — Uma-duas — Ainda hoje, *entre nós,* os *professôres* ensinam o *tipo de sologismo da segunda figura aristotélica.*

Sotnas (Rio Grande)

57 — Uma-três — Não é uma *enfermidade* de efeito *transitório* a *epilepsia.*

Sertanejo II (Lavras)

58 — Duas-uma — O *alimento* sem vitaminas é uma *lástima* para quem é *magro.*

Seamva (Santos)

59 — Duas-duas — A *chuva* não impediu o homem de *caráter* de ir à *festa.*

Sertaneja (Rio)

60 — Uma-duas — *Netuno* além de *ruivo* era *patife.*

Velo-Vela (Rio)





61 — Três-duas — O saltimbanco *muda* de direção e dá um *giro,* fazendo difícil *pirueta.*

Zytho (Rio)

62 — Uma-duas — A *velha* mulher, quando *dissimula* sua idade, prova que está *gasta.*

Dr. Zinho (Taubaté)

63 — Uma-duas — Por *duas vêzes* eu disse àquela *mulher encantadora* que o seu único defeito era o *mau hálito.*

Edur Gomes Monteiro (Cuiabá)

64 — Duas-uma — Qualquer *namorado* ridículo tem um *jeito* especial para *cortejar* as mulheres.

Levon (S. Paulo)

65 — Duas-duas — No *ardor* da contenda, desferiu um forte golpe na *espinha dorsal* daquele *estroina.*

66 — Duas-uma-uma — Caro *companheiro, pague* os *dez cruzeiros* que deves ao *pobre zambeta.*

Malba Tantan (Santos)

67 — Três-uma — O *negro* africano herdou de sua *"geração"*, a mania dos *trejeitos.*

N. Nuno (Feira de Santana, Ba.)

68 — Duas-uma — Dá-se o nome de *bêbedo* ao homem que vive *afastado do convívio social* e *que se embriaga frequentemente.*

Eva Dio (Rio)

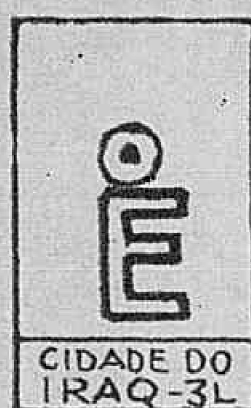
69 — Duas-duas — *Seduz* a todos quando o *gaulês* emprega *certa maneira de atar a cauda do cavalo.*

Segon (Rio)

70 — Duas-duas — Na *fazenda,* perto da *corrente de água* fica a *reunião de quintais* das casas dos colonos.

Iza Abel (Rio)

ENIGMA PITORESCO — 108









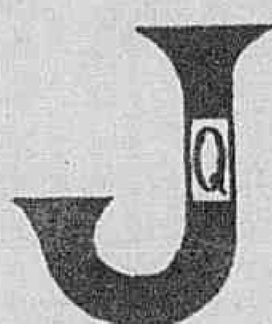






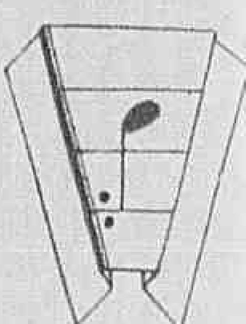
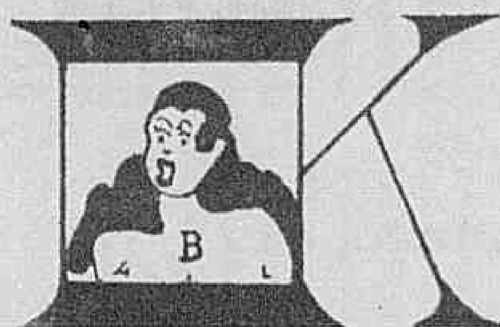
Sefton (Rio)

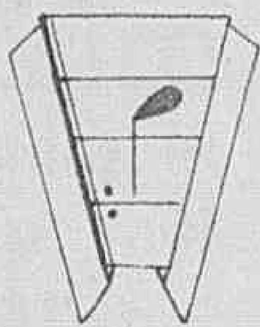
ENIGMA PITORESCO — 109









Sotnas (Rio Grande)

ENIGMAS

— 71 —

Pra minguar a carestia,
Que aumenta cada dia,
A sardenta com a *valente*
Fizeram uma combinação:
De uma só andar descalça,
E outra de pé no chão.
Sertanejo II (Lavras)

— 72 —

Que tua mão não seja certeira,
No tiro que deres, para a *ave*
[matar,
Pois todos temos direito à vida,
para gozar e amar!
Onde?
Sotnas (Rio Grande)

Ao Atenas:

— 73 —

O homem junto à riqueza
Se transforma incontinente,
De um simples *camponês*
A um ricaço exigente.
Cydar, Q.N. (Belém, Pará)

— 74 —

Mariposa, mariposa,
Dourada, voa três vêzes,
Sem os precisos cuidados,
Em tôrno dum lampião.
Mariposa desditosa,
Ideais de luz são reveses,
E os sonhos são anulados
Pela doida *agitação*.
R. Kurban (T.B., S. Paulo)

75 — Eu vi lá dentro do vaso,
Uma rosa, era um primor!
Quedei-me *silencioso*,
Ante a beleza da flor.
Heliotrópio (Pôrto Alegre)

*

CHARADAS SINCOPADAS

76 — Três (duas) — O *povo da Índia Meridional* obriga os professôres a castigarem severamente o aluno e perguntar: por que *deixas de comparecer à aula* sem motivo justificado?
N. Nuno (Feira de Santana)

77 — Três (duas) — Muito me *preocupa* a falta de espaço para guardar meus *cacaréus*.
Roazo (Maranhão)

78 — Três (duas) — Já ao *fim* da viagem, consegui alcançar o *grupo*.
Tony (Campo Florido, M.G.)

79 — Três (duas) — Na *parte reentrante da cornija em quarto de circulo, procuro* com atenção qualquer defeito.
Zoraco

80 — Três (duas) — Falou a *bofetada*, depois da *bebedeira*.
Acobar (Maceió)

81 — Três (duas) — Causa sempre pesar a *morte de alguem*, seja *homem* ou mulher.
Agalves (Bento Simões, Arará)

82 — Três (duas) — *Enganar* o próximo é *viver* infeliz.
Dr. Jofran (Fortaleza, Ceará)

83 — Três (duas) — Quem é casado com *mulher feia, de cara muito larga*, não tem receio de *perseguição* de outro homem.
Farani (Salvador)

84 — Três (duas) — A *alcoviteira* ainda guarda um antigo marco alemão, encontrado na *fronteira*.
Fusinho (Bangu, Rio)

85 — Três (duas) — A sua *fôrça fisica* despertou-lhe *vocação* para o esporte.
Gumercindo Leite (João Pessoa)

86 — Três (duas) — Ninguém come a *espécie de qui-*



Alivio rápido para

HEMORROIDES

Man-Zan é a pomada que alivia, na hora, as dôres e os pruridos causados pelas hemorroides. Man-Zan acalma e refresca. MAIS ATÉ: Man-Zan é antisséptico suave para os tecidos, mortal para as bactérias. Por isso, Man-Zan também previne as infecções e outros graves males consequentes das hemorroides.
Um produto De Witt - à venda em tôdas as farmácias.
Coadjuvante para Hemorroides

Pomada ManZan

Aprovado pelo Depto. Nacional de Saúde, sob n. 77, em 12/2/41.

tute sem primeiro beber um pouco de *cachaça*.
Dr. Barreto Cardoso (Maceió)

Para o "feroz" Dr. Zepanta, com um abraço:

87 — Três (duas) — As *vinganças* afastam a *presença* da razão.
Gomes Júnior (Maceió)

---

88 — Três (duas) — O *sapateiro* zangou-se por uma *coisa insignificante*, durante a caçada.
Gil Virio (Andradina)

---

89 — Três (duas) — O *homem corajoso* mata a onça, o *poeta* canta o feito.
Jayreis (Salvador, Bahia)

Ao eminente charadista e amigo Ed Vep:

90 — Três (duas) — Dos amigos que conheço, é o mais *juvenil* e *alegre*.
Jorge de Guimarães (Maceió)

★

CHARADAS ANTIGAS

— 91 —

Não posso contrafazer
meu sensível coração
Ao sentir uma emoção
soluço, chôro sentido! — 2
Fico mudo, fico quedo,
numa *tristeza profunda* — 2
que o meu ser inunda
no estertor de um gemido!

Neste viver espinhoso,
ninguém escapa ao enrêdo
seja embora — *virtuoso*.
Nerffe (Bahia)

Ao Nomisio Nuno:

— 92 —

Nunca me deste *cuidado*, — 2
Porém eu tenho passado
De um modo dificultoso.
E' que vivendo *sòzinho*, — 1
Já não tenho o teu carinho
Tão terno e tão *cuidadoso*.
Euclides Vilar (C. Grande)

★

CHARADAS CASAIS

93 — Três — Êste *tecido de lã* é de bom *jaez*.
O Sineiro, GCN-CEC (Santos)

---

94 — Três — Desejo-te *boas-festas* e rogo a Deus que te conceda muitos *anos de idade*.
Plá (Rio)

---

95 — Duas — De 500 metros de *ourela de pano* fiz um fato para a *solenidade civil*.
Naná (Rio)

— 96 —

Eu, quando *me encolerizo*,
Armo terrível chinfrim.
Pobre do que, sem aviso,
Provoca o meu *gênio* ruim. —2
R. Kurban, T. B. (S. Paulo)

---

97 — Quatro — Motivo *imperioso* determinou a liberdade *incondicional*.
Simplicia-Simplória (Recife)

Ao Frei Paulino:

98 — Três — Senhores, não é a *democracia* que *fomenta* no mundo o *germe de revoluções*.
Sam (Rio)

---

99 — Três — Depois de trabalhar na *aradura*, o roceiro está *esfomeado*.
Ueniri (Rio)

---

100 — Quatro — Lá vai o gaúcho em louca *arremetida* no *galope do cavalo*.
Aló Tropina, H.C. (Rio)

---

101 — Três — *Causa espanto* a todos a fôrça *descomunial* dêste gigante.
Adolfo Tuchman (Rio)

---

102 — Quatro — Em direito canônico, dá-se o nome de *colegiada a cada uma das lições curtas do Breviário*.
Conselheiro (S. João de Mipibu)

---

103 — Que menino *incorrigível!* Solta *piada* a cada instante.
Donatila Borba (Creciúma)

---

104 — Três — *Apura* quem ordenou o *recuo*.
Dr. Zepanta (Coruripe ,Al.)

---

105 — Quatro — Fiquei *desgostoso* ao verificar que a *maçã* estava *quase podre*.
El Principe (Uberaba)

---

106 — Três — *Refrea* tuas vaidades, sêde *modesto* em tuas maneiras e terás vencido grande parte de tua vida.
Emidlej, A.C.C.B. (Salvador)

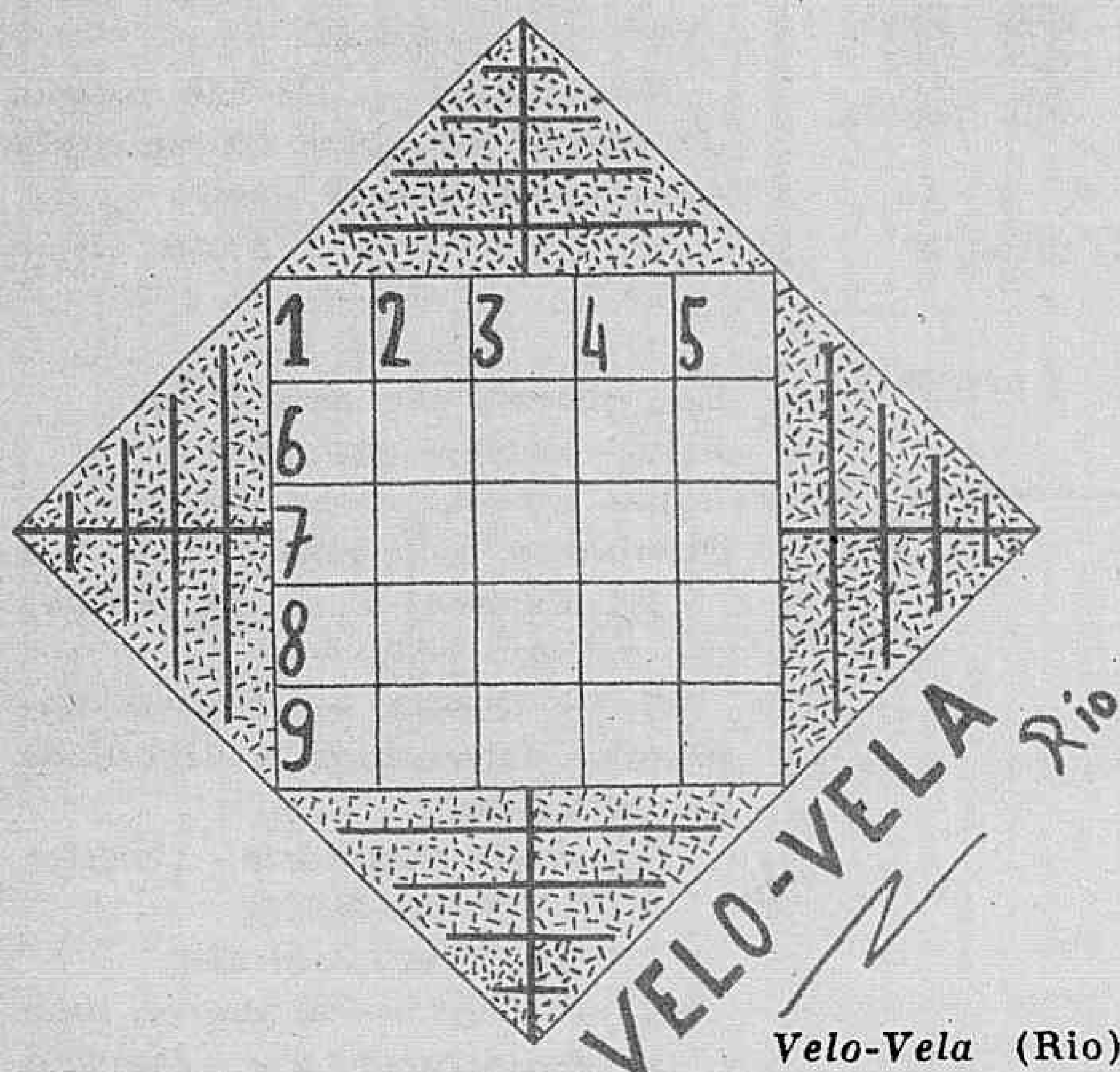
AGORA
sou o "craque" do meu time!

E não era, não senhor! Tratavam-me até de "molenga" e diziam que eu gostava de "moleza". Um dia aconselharam minha mãe a que me desse Emulsão de Scott que enriquece o sangue, combatendo a anemia e a debilidade. E hoje estou corado, forte e robusto. E o medo da fraqueza desapareceu. E agora sou o primeiro a ser convidado para todos os esportes. O apelido ficou para trás e às refeições nunca me falta a colherinha de Emulsão de Scott!



PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 3

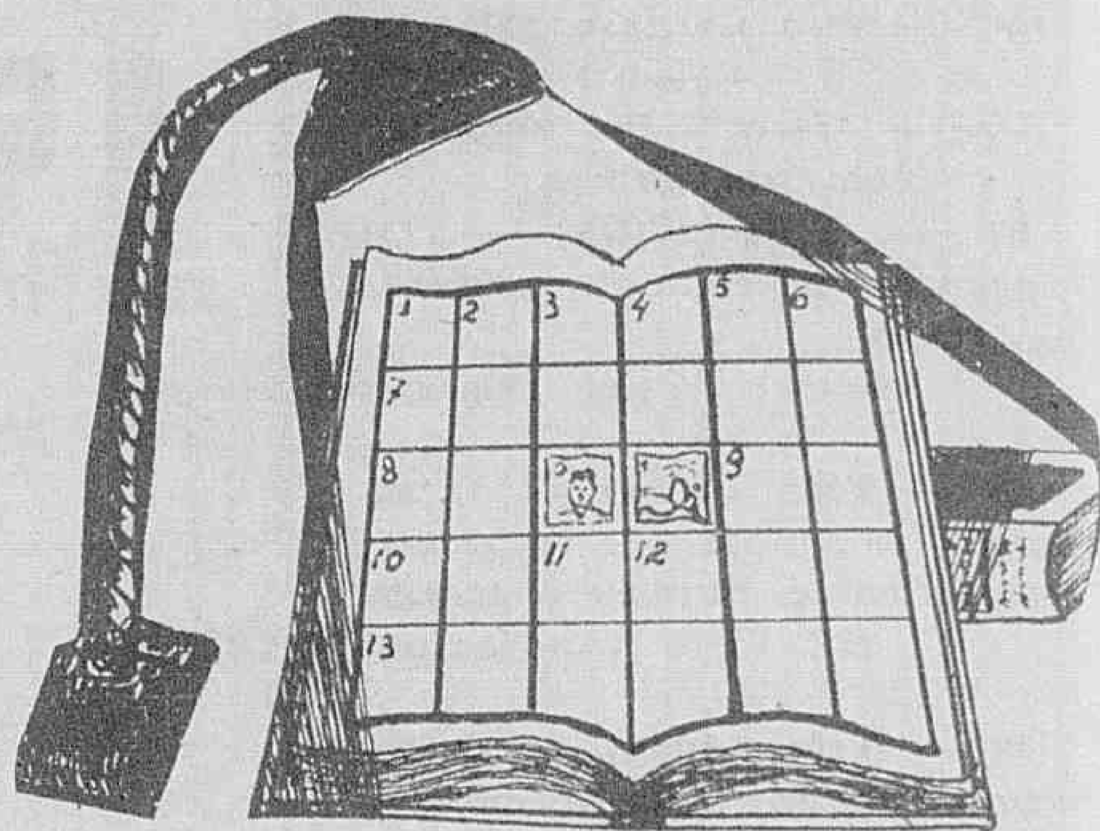


Velo-Vela (Rio)

Horizontais: 1 — Indigena dos afluentes do Xingu; 6 — Coaxar; 7 — Fragmento de qualquer objeto que se debasta; 8 — Abafar; 9 — Nome de uma formiga.

Verticais: 1 — Nome dado a pescada amarela, Bahia; 2 — Escanboar; 3 — Agacha-se; 4 — Marcar vasilhas,, saco, etc., a fogo, a tinta com o pêso da tara; 5 — Ave aquática do Rio Grande do Sul.

PROBLEMA Nº 4



A. Fernandes (Rio)

Horizontais: 1 — Serra no Estado de São Paulo; 7 — Mancha de qualquer substância entornada ou espalhada; 8 — Rio da Sibéria; 9 — Lingua falada na idade-média no Loire; 10 — Respeito; 13 — Pôrto do Marrocos, no Atlântico.

Verticais: 1 — Indivíduo que numa sociedade está reduzido ao último grau de abjeção ou ignorância; 2 — Peneira de sêda; 3 — Parecença; 4 — Chega!; 5 — Imagem fantasiada; 6 — Tirar; 11 — Quarta letra do alfabeto turco; 12 — Disso.

107 — Três — Não *brigo* mediante indireta e *debique*.

Fiote (Cuiabá)

———

108 — Todo *patife* vive na *vadiagem*.

Gato Prêto (Alagoinhas, Ba.)

SOLUÇÕES DO 4º TORNEIO 1951

OUTUBRO A DEZEMBRO

1 — Nhato; 2 — Retrincado; 3 — Féria; 4 — Pedrado; 5 — Pega-mão; 6 — Acomia; 7 — Ladroeira; 8 — Sestroso; 9 — Rebotalho; 10 — Alimento; 11 — Sanguessuga; 12 — Queima-campo; 13 — Tem-tem; 14 — Parlapasada; 15 — Mama-em-onça; 16 — Contra-sinal; 17 — Devolver; 18 — Cesura; 19 — Loquete; 20 — Velilho; 21 — Morrente; 22 — Mucudo; 23 — Monarca; 24 — Roido; 25 — Condutar; 26 — Corveta; 27 — Galana; 28 — Cadeira; 29 — Concerta; 30 — Querela; 31 — Emboca; 32 — Notição; 33 — Orcar; 34 — Jarreto; 35 — Macaco; 36 — Encostado; 37 — Fraudulenta; 38 — Amantético; 39 — Indulto; 40 — Garabulha; 41 — Policio; 42 — Desengraçado; 43 — Moça; 44 — Pura; 45 — Sécio; 46 — Político; 47 — Pantufa; 48 — Môsca; 49 — Forragaitas; 50 — Mimoso; 51 — O relógio do amor pára cedo; 52 — Branco Lutercio, Nilva, Plá, Zytho, Ziul, Bacamarte, Debrito, Gomercindo, Leite, Emidlej, Bigi ou prêto, mulato nunca; 53 — Rachapé; 54 — Comédia; 55 — Alimária; 56 — Chiado; 57 — Sobrecenho; 58 — Valia; 59 — Achadão; 60 — Saca-metal;

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de rítmos modernos pelo Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

61 — Regêlo; 62 — Contrabaixo; 63 — Arquete; 64 — Escaldadura; 65 — Mascabo; 66 — Esmolento; 67 — Esgargala; 68 — Bálsamo; 69 — Mordedura; 70 — Quadrela; 71 — Lunêta; 72 — Taboca; 73 — Movido; 74 — Motivo; 75 — Nolição; 76 — Cornicho; 77 — Treloso; 78 — Lôbrego; 79 — Camacho; 80 — Caíva; 81 — Lânguida; 82 — Macota; 83 — Vereda; 84 — Deambulatório; 85 — Pensa; 86 — Dissipada; 87 — Escuso; 88 — Finto; 89 — Lépida; 90 — Salto; 91 — Estúrdia; 92 — Últimos; 93 — Nato; 94 — Farrusco; 95 — Peta; 96 — Monteiro; 97 — Bucha; 98 — Dúbia; 99 — Melindroso; 100 — Cerrado; 101 — Galucho; 102 — Guilho; 103 — Passo; 104 — Nada com pres à noite; 105 — Justo que peca não é justo; 106 — Capuaba; 107 — Marreco; 108 — Abarbarado; 109 — Alice; 110 — Remoela; 111 — Mal-estar; 112 — Lavabo; 113 — Linhagem; 114 — Manjaleco; 115 — Mamão; 116 — Cantata; 117 — Calvário; 118 — Bordadura; 119 — Remate; 120 — Escrevedura; 121 — Banca rôta; 122 — Gaiola; 123 — Lenha; 124 — Salteada; 125 — Quadrelo; 126 — Gargarejo; 127 — Enfesta; 128 — Espeja; 129 — Cafango; 130 — Cevo; 131 — Borralha; 132 — Muda; 133 — Jando; 134 — Conservo; 135 — Galgo; 136 — Prático; 137 — Limo; 138 — Ramada; 139 — Gadanho; 140 — Anca; 141 — Purificar; 142 — Passado; 143 — Igualha; 144 — Repôlho; 145 — Mandato; 146 — Verdade; 147 — Forame; 148 — Matungo; 149 — Maninhas; 150 — Mamote; 151 — Avanço; 152 — Corincho; 153 — Galinha; 154 — Morteiro; 155 — Libração; 156 — A sogra logra a cobra; 157 — Com padre ou sem padre o compadre é compadre.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 1 — *Horizontais*: 1 — Carito; 2 — Abadir; 3 — Neto; 4 — T; 5 — Tmese. — *Verticais*: 1 — Cant; 6 — Abem; 7 — Rate; 8 — Idos; 9 — Ti; 10 — E; 11 — Ort.

PROBLEMA Nº 2 — *Horizontais*: 1 — Intróito; 9 — Ce; 10 — Um; 11 — Ar; 12 — Ar; 13 — Mi; 14 — Ta; 15 — Ri;

FUME

MANTENHA, PORÉM, SEUS DENTES LIVRES DAS ANTI-ESTÉTICAS MANCHAS DE NICOTINA

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas de nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Noã contém pedra pomes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas. Nicotan, creme dental especial para fumantes apresentado em dois tipos: branco e vermelho.

NICOTAN

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
GUILHERME KLOTZ
AV. BRIG. LUIZ ANTÔNIO, 4289 - S. PAULO
Peça prospectos

Realce a sua graça natural
cuidando de sua pelle

mantendo-a eternamente fresca e juvenil. Colo e mãos formosos, rosto sem rugosos, cravos, espinhas, sardas, panos, acnes, e poros dilatados, graças ao uso dêste bálsamo da cútis.
Dist. Araújo Freitas
Rio



Agua de Junquilho
A FONTE DA BELEZA

16 — An; 17 — Um; 18 — Osfresia. — *Verticais*: 1 — Ícaro; 2 — Néris; 3 — T; 4 — Rumar; 5 — Omine; 6 — I; 7 — Tatuí; 8 — Orama; 19 — F; 20 — S.

PROBLEMA Nº 3 — *Horizontais*: 1 — A aca; 5 — Idear; 9 — Ratadas; 11 — Mó; 13 — Lotar; 14 — Al; 15 — Aro; 17 — Ras; 18 — Ama; 19 — Rapa; 21 — Amar; 22 — Cela; 23 — Apar; 24 — Muro; 26 — Oral; 28 — Ela; 29 — Dor; 31 — Ode; 32 — Só; 33 — Palor; 35 — Om; 36 — Patifes; 38 — Arara; 39 — Osaka. — *Verticais*: 1 — Armar; 2 — Ar; 3 — Cal; 4 — Ator; 5 — Idas; 6 — Dar; 7 — És; 8 — Ralar; 10 — Atar; 12 — Oráculo; 14 — Amarado; 16 — Amaro; 20 — Aló; 21 — Apo; 23 — A; 24 — Meloa; 25 — Poli; 27 — Sempa; 29 — Data; 30 — Rofo; 33 — Par; 36 — Pá 37 — Sa.

PROBLEMA Nº 4 — *Horizontais e verticais*: 1 — Acapna; 2 — Carear; 3 — Arcote; 4 — Peonia; 5 — Natio; 6 — Arêa.

PROBLEMA Nº 5 — Anaca — Idear — R — Ratada — A — Mo — Lotar — Al — Aro — Ras — Ama — Rapa — R — Amar — Cela — Apar — Muro — P — Oral — Ela — Dor — Ode — Lo — Palor — OM — O — Patifes — P — Arara — Osaka.

PROBLEMA Nº 6 — Acapna — Carear — Arcote — Peonia — Natio — Area.



4º TORNEIO DE 1951

APURAÇÃO FINAL

Janota, Julião Riminot, Oicaroh, Don Roal, Durmel, Irahydes, O Sineiro, Nostradamus, Lurercio, Nilva, Ilá, Zytho, Ziul, Major Agá, Sertanejo II, Arpetra, Oidaleh, Lupe, Seamva, Pompeu Júnior, Ronega, Buridan, Sam, Milon, Debrito, Seu Teixeira, Centauro; Carlino, El Principe, Farani, Cantagalo, K. Brito, Toberal, Alguém, Antero, Édipo, Jocati, Dick, Lujoca, Envergonhado, Varetas, Ordisi, El Campeador, K. Nivete, Gorgonhe, Dr. Zinho, Ed Vep, Gil Virio, Mambira da Jiquitaia, Conde de la Fere, Cysneirense, Jayreis, Violeta, Bisilva, Edpim, Caboclo, Jotoracio, Malba Tan-

tan, Aufergo, Kinsos, Alvasco, Dopasso, Alô Tropina, Chico Bacamarte, Sam, Debrito, Gomercindo, Leite, Emidlej, Bigi Neto, Pele Vermelha, Raul Petrocelli, R. Kurban, Paco, Viviani, Spartaco, Júpiter, Zepenha, Binastro, Segon, Iza Abel, Paulistinha, Eva Dio — 157 pontos; Botucarahy — 155; Roama — 154; Sefton, Lord — 153; Edur Gomes Monteiro — 152; Heliotrópio — 151; Heron Silpes — 149; Lord Windsor — 146; Sphynx, Plutarco, Donatila Borba — 145; Gato Prêto — 144; Nomisio Nuno — 143; Levon — 134; Íris — 111; Rei Peratompes, Black Rose, Dr. Barreto Cardoso — 105; KTQZ — 60.



CORRESPONDÊNCIA

Paco (S. Paulo — Feita a modificação de sua residência. Gratos.

Edur Gomes Monteiro (Cuiabá) — Logogrifos só em versos, que devem ser originais.

Heron Silpes (Canavieiras) — Gratos pela gentileza de sua carta.

Malba Tantan (Santos) — Recebemos listas e colaboração. Gratos.

Sertanejo II (Lavras) — Gratos pela gentileza.

Nomisio Nuno (Feira de Santana) — Recebemos listas e trabalhos.

Cydar (Belém — Pará) — Escrevemos.

Filatelista (Rio) — O endereço da Revista Filatélica Brasileira é: rua Maria Angélica n. 356, Jardim Botânico e não como saiu.

R.A.C.H.A. (Capital) — Tomamos nota do seu novo endereço; o suplemento do dicionário de Agenor Costa, só com o autor, à Avenida Marechal Floriano, 96, sobrado.

Principe Ante (S. Paulo) — O Dicionário do Charadista, de Antônio M. de Souza, há muito está esgotado; O Pequeno Brasileiro, em qualquer livraria; quanto ao suplemento do grande dicionário de sinônimos de Agenor Costa, estamos autorizados a dizer que o mesmo sairá por todo êste mês. E' uma obra que muito auxiliará o charadismo, deve ter cêrca de 250 páginas e não custará mais de cento e trinta cruzeiros; foram utilizados para a confecção da obra os seguintes dicionários: Jayme Seguier; Pequeno Brasileiro, 9ª edição; Dicionário de Expressões e Modismo, de Cristóvão Maurício; O meu dicionário de têrmos da Amazônia, de Raymundo Moraes.



ERRATA

Os clichês dos PITORESCOS do mês de julho estão trocados; o de *Sertaneja* é o que tem o globo e homens.



A IDADE DOS MILAGRES

Em Dartford, Inglaterra, um trabalhador, depois de ser atropelado por um trator de duas toneladas, que passou sôbre metade do seu corpo, levantou-se depressa e exclamou: "Irra! que coisa pesada!"



Em Franklin, Pa., o chefe de polícia, no seu relatório para 1950, mencionava: "Automóveis roubados, 23; automóveis recuperados, 25".



Em Orange, Nova Jersey, um inquilino forçou seu proprietário, ao qual alugava um quarto no mesmo domicílio, a abandonar o mesmo. Quer dizer, expulsou o proprietário, como indesejável.



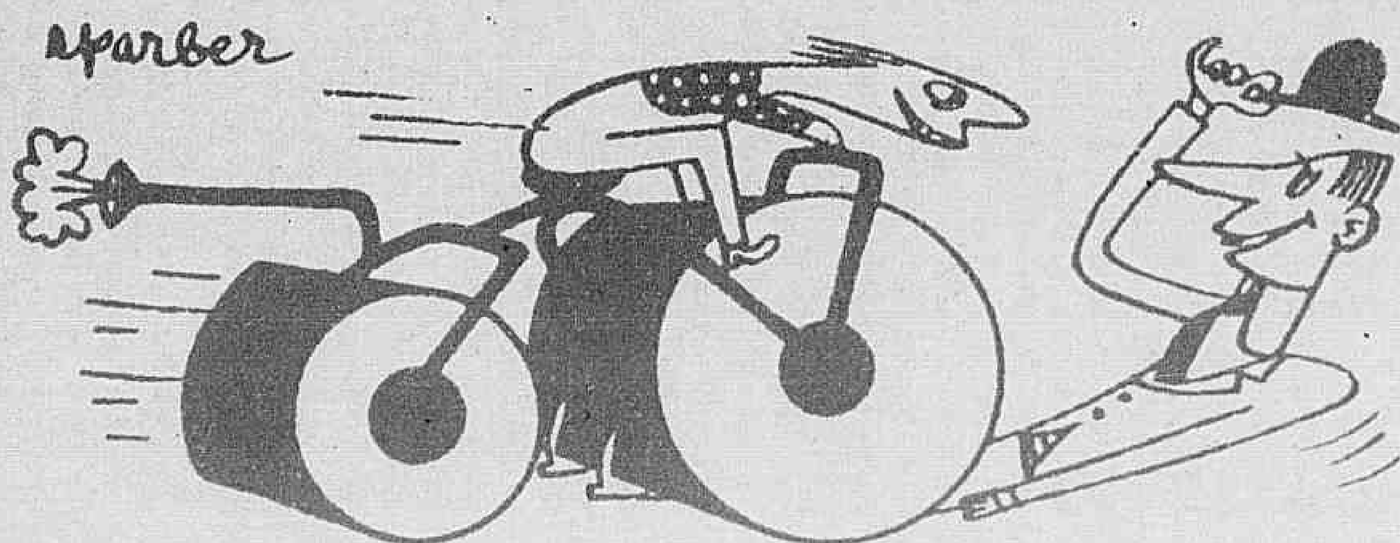
Em Chicago, um homem que buscava teimosamente um apartamento, enviou uma carta solicitando o que desejava para diferentes nomes, ao acaso, encontrados na lista telefônica. Resultado: obteve onze respostas... e um apartamento.



Em Newark, uma mulher que comemorava o seu centésimo terceiro aniversário natalício, declarou aos repórteres que não tinha nenhuma receita de longevidade para oferecer aos seus leitores.



Em Chicago, um proprietário de fábrica, instalou um bar na mesma, para os seus trabalhadores. Nenhum porém apareceu ali, preferindo ir beber... em casa.



JÁ VIU? NÃO!

Vá correndo ao mais próximo jornaleiro e veja

Quantos assuntos interessantes

APRESENTA

O ANUÁRIO ESPORTE ILUSTRADO de 1952

Página 3 — Levy Kleiman fala aos desportistas de todo o Brasil. ★ Páginas, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10 — Todos os times do futebol carioca que disputaram o campeonato de 1951, em côres, com as respectivas campanhas e os jogadores que tomaram parte nos jogos. ★ Página 10 — Todos os escores dos clássicos: Flamengo x Botafogo e Vasco x América. ★ Da página 11 a 35 — Os gráficos de todos os "goals" do campeonato carioca de futebol de 1951, jôgo por jôgo, da primeira à última rodada. Uma documentação completa. ★ Página 36 — Todos os escores de todos os jogos do campeonato carioca de futebol de 1951, com os respectivos campos e rendas. ★ Página 37 — Sinopse do campeonato carioca de 51 e a Taça Eficiência. ★ Página 38 — Os artilheiros, os goleiros vazados e os juízes que apitaram ★ Página 39 — Os "penalties", os expulsos de campo, os "placards" registrados e os artilheiros negativos. ★ Página 40 — Os amistosos dos clubes cariocas em 1951 (Estatística completa). O primeiro campeonato da juventude amadorista, com os resultados de todos os jogos, locais e rendas. Estatística completa do campeonato carioca de profissionais. ★ Página 41 — Campeonatos de juvenis e aspirantes de 1951. ★ Página 42 — Os internacionais dos clubes brasileiros em 1951. (Estatística completa). ★ Página 43 — O Rio-São Paulo de 1951 (Estatística completa). ★ Páginas 45 e 46 — Torneio Municipal de 51 (Estatística completa). ★ Página 47 — Torneio Início de 51 — O histórico do Torneio Início, com os times campeões e respectivos jogadores. ★ Páginas 48, 49 e 50 — Copa Rio de 51 (Estatística completa). ★ Páginas 51 a 58 — Todos os "goals" da "Copa Rio" de 51, jôgo por jôgo, em gráficos cinematográficos. ★ Páginas 59, 60 e 61 — Atletismo. ★ Página 62 — Automobilismo. ★ Página 63 — Hipismo e Polo. ★ Páginas 64 e 65 — Natação, Saltos e Water-polo. ★ Página 66 — Pugilismo (Box, jiu-jitsu e luta-livre). ★ Páginas 67 e 68 — Voleibol (Campeonatos carioca, brasileiro e sul-americano). ★ Página 69 — Remo e Tênis-de-mesa. ★ Páginas 70 e 71 — Basquetebol (Campeonatos carioca, brasileiro, pan-americano e jogos internacionais). ★ Página 72 — Iatismo, Tiro ao alvo, Esgrima e Ciclismo. ★ Página 73 — Tênis.

76 PÁGINAS CR$ 10,00

Nº 423 DO ANO XXXVI **EU SEI TUDO** Nº 3 — 1952 AGÔSTO

SUMÁRIO:

A Casa ideal para a mulher que trabalha 4
Dinheiro Congelado (Conto) 7
A mão de Deus (Episódio real) 11
A Pedra Mágica (Novela) 12
O Egito pode temer um segundo Canal de Suez 16
Esteja em dia com o Mundo 19
Polícia Sideral para reforçar a paz mundial 19
Notícias dignas de meditação 24
O submarino atômico terá a velocidade do torpedo! (Seu raio de ação será pràticamente ilimitado) .. 25
Veja o leitor a fotografia do... magnetismo! 30
Evitem êsses suicídios! 31
Seja polido... sem ser ridículo 36
O laço da justiça (Episódio real) 40
Do pretendido meio clínico para acabar com as guerras 41
A galinha dos ovos de... prata 44
A tatuagem ganha terreno 45
O Coração de Luísa (Romance — continuação) 47
Os bons velhos tempos 55
A verdade sôbre o canibalismo 56
Bôlso errado (episódio real) 61
O Mêdo, outro personagem do drama 62
Sermão sob mira (Episódio real) 63
Os grandes erros judiciários (III) O martírio de João Francisco Lesnier 64
Definição de um bom discurso 67
O Intermediário (Novela) 68
Explorando o Brasil Meridional (Continuação) 71
A Pupila Rubra (Romance — continuação) 79
A Ciência e a Alimentação — A crise de nitrogênio — A ciência, a agricultura e a indústria química — Nitrogênio, ponto de partida — Ervas daninhas 87
A "Boa Resposta" do mês 93
Conselhos aos agricultores — Cuidado com as aves domésticas — Prejuízos causados pelos insetos .. 93
Nos domínios da Gramática 94
Olhando o mundo há sessenta dias — Memento de EU SEI TUDO — Junho de 1952 95
Cartomancia 106
Quebra-Cabeças, charadas, etc. 107



A CAPA — Foguetes, pires, pratos, discos... Tudo isso tem andado preocupando o mundo nestes últimos anos. Entretanto, já há um plano completo para a imediata construção de um veículo sideral que será pilotado por uma polícia encarregada de garantir a paz mundial. Tudo o que se relaciona com o prodigioso projeto é encontrado à página dezenove da presente edição.

CORRESPONDÊNCIA



Albano Soares — Rua Domingos Ferreira, 10 — Distrito Federal — Agradecemos o seu interêsse, lamentando porém informar que o assunto já foi largamente comentado em nossa edição de maio último. Servirá, entretanto, para futuro próximo, pois há sempre novas idéias a respeito.

Albino Henriques da Costa Lima — S. João da Madeira — Agradecemos os selos e as utilíssimas informações. Tudo será aproveitado, sem dúvida.

Maristela Carnaval — Santa Bárbara — Minas Gerais — Se respondêssemos ao que pede, simplesmente estaríamos roubando todo o interêsse, não acha? Aguarde com paciência os próximos capítulos do romance.

João Elias Sade — Vitória — Espírito Santo — Recebemos os originais. Lamentamos informar que o assunto está condenado, de início. EU SEI TUDO não pode fugir ao seu programa de publicação noticiosa e instrutiva, própria para o lar.



O preço desta revista em todo o Brasil, é CINCO CRUZEIROS (Cr$ 5,00). Os agentes recebem a revista com um grande desconto para vender pelo preço acima indicado com lucro.